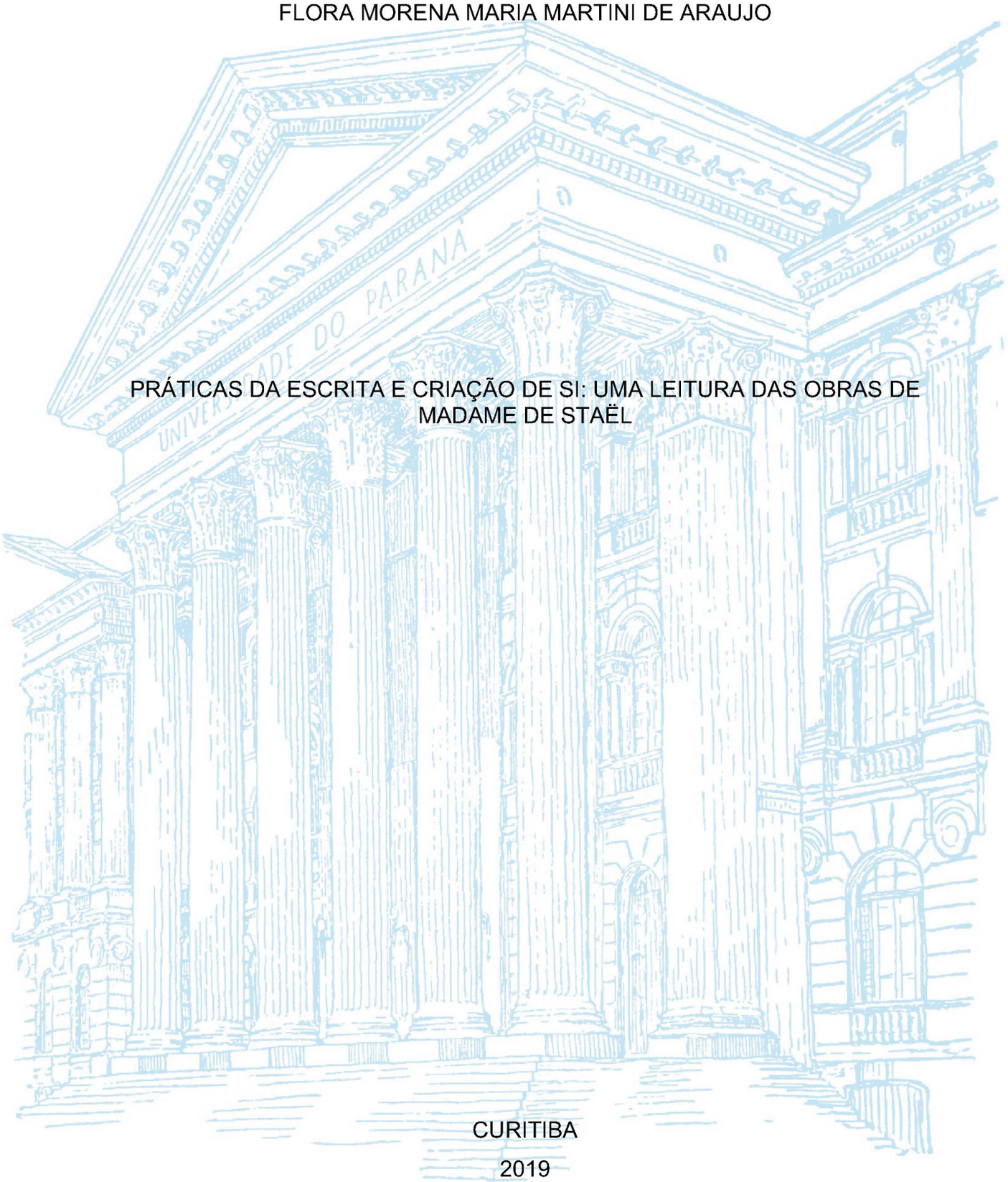
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FLORA MORENA MARIA MARTINI DE ARAUJO



PRÁTICAS DA ESCRITA E CRIAÇÃO DE SI: UMA LEITURA DAS OBRAS DE MADAME DE STAËL

CURITIBA

2019

FLORA MORENA MARIA MARTINI DE ARAUJO

PRÁTICAS DA ESCRITA E CRIAÇÃO DE SI: UMA LEITURA DAS OBRAS DE MADAME DE STAËL

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2019

.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Araujo, Flora Morena Maria Martini de
Práticas da escrita e criação de si : uma leitura das obras de Madame de Staël. / Flora Morena Maria Martini de Araujo. – Curitiba, 2019.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora : Profª. Drª. Ana Paula Vosne Martins

1. Staël (Anne-Louise-Germaine), Madame de, 1766 - 1817 – Crítica e interpretação. 2. Mulheres na Literatura. 3. Escritoras francesas – História. 4. Iluminismo. 5. Escrita – História. I. Martins, Ana Paula Vosne. II. Título.

CDD – 840.092

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA - 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **FLORA MORENA MARIA MARTINI DE ARAUJO**, intitulada: **PRÁTICAS DA ESCRITA E CRIAÇÃO DE SI: UMA LEITURA DAS OBRAS DE MADAME DE STAËL**, sob orientação da Profa. Dra. ANA PAULA VOSNE MARTINS, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 13 de Setembro de 2019.

ANA PAULA VOSNE MARTINS
Presidente da Banca Examinadora

BEATRIZ POLIDORI ZECHLINSKI
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

MARCELLA LOPES GUIMARÃES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO
Universidade Federal do Paraná
MEC

À minha mãe, Márcia, e ao meu marido, Felipe. Meus amores que me inspiram e que me apoiam. Que me fazem todo dia acordar acreditando num mundo melhor... Com mais cor, com mais amor e com mais sabedoria. Sem eles muita coisa não seria possível, inclusive esta tese.

.

AGRADECIMENTOS

Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
O meu país
É meu lugar de fala
Mil nações
Moldaram minha cara
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz
É força que me embala
O meu país
É meu lugar de fala

(Elza Soares)

Essa tese poderia ser lida da maneira tradicional, onde sua autora é definida, suas contribuições elencadas e seu público leitor avaliado. Contudo, proponho pensá-la de outra maneira, uma escrita aberta a múltiplas direções, composta por múltiplas vozes e discursos que se conectam e formam novos caules que, por sua vez, conectam-se a outros e formam novamente novas possibilidades. Interações formadas por causalidades, por necessidades, por conexões, afinidades e discrepâncias; diálogos que nascem da necessidade ou mesmo que surgem inesperados, que brotam em desertos áridos, onde achávamos que nenhuma cor iria desabrochar, mas que provoca a eclosão de novas histórias e poéticas que também são parte destes, bem como, de outras histórias.

Assim, ao invés de ser um processo unitário e finalizado, nossa tese deve ser entendida como algo que não se fecha em si, mas como uma composição de inúmeros elementos que o atravessam em múltiplas direções e possibilitam pulsões, conexões e que floresce em todas as possibilidades. Assim, ela não é um *começo* ou um *fim*. Ela é parte, ou melhor seria dizer, partes – no plural. Parte da historiadora que se transformou pela pesquisa que desenvolveu, da historiografia, dos espaços em que esteve presente e daqueles que entraram ou ainda entrarão em contato com ela. É parte do mundo em movimento, da transformação dos saberes e abertura para a emergência de novas possibilidades de existência. Assim, mais do que pensar *quem* devo agradecer por essa conquista, o que importa aqui é *apresentar* alguns dos elementos que propiciaram as múltiplas linhas que o atravessam.

Assim, entendemos que produzir nossa tese é muito mais que escrever. É um processo que pode ser entendido como a chegada ao cume de uma montanha durante uma longa jornada. Ali, felizes por termos conseguido superar as dificuldades e inebriados por alcançar aquela árdua conquista, aopasso que contemplamos o caminho percorrido, ao nos virarmos vislumbramoso caminho que ainda está por ser aberto, o que causa um certo temor.

Finalizar a escrita de uma tese é assim, uma sensação de satisfação por concretizar algo que foi sonhado durante mais de uma década e de olhar em direção ao futuro e temer pelo desconhecido. Mas, para mim, talvez o que mais vai marcar destes quatro anos de doutorado, são as mãos que produziram este trabalho e que por conta disto, fazem parte de mim e assim, desta tese. A todxs elxs deixo meu amor e meu agradecimento.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha orientadora, a Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins, aquela que não apenas me mostrou a História de um jeito apaixonante, mas também que dedicação e amor pelo conhecimento são lindos e tornam uma pessoa luminosa. Agradeço por ter me apresentado à Madame de Staël em 2009; por desde então me acompanhar por esta jornada intensa que é a vida acadêmica e por partilhar um pouco do seu conhecimento comigo.

Agradeço também aos meus outros professores e professoras que também me passaram um pouco do seu amor pelo conhecimento, da sua sabedoria. À Maria Rita César, por me mostrar que a universidade tem um papel muito importante de acolhimento e responsabilidade social; que nossos debates devem sair da teoria para transformar a vida das pessoas. Às professoras Roseli Terezinha Boshilia, Miriam Adelman, Karina Kosiki Belloti e ao professor Luiz Carlos Ribeiro, muito obrigada pelas aulas, debates e por me instigar, me mostrar, cada um à sua maneira, que a História é fascinante. Agradeço também ao professor Renan Frigheto, pela compreensão e ajuda num dos momentos mais críticos da minha profissão e por me mostrar que, às vezes, a mão amiga vem de onde a gente menos espera. Aos membros da banca avaliadora por suas contribuições e disponibilidade por contribuir com a tese. Agradeço a todos e todas por me mostrar que apesar das dificuldades que vivemos atualmente, ser professor é uma profissão linda e que o conhecimento é arrebatador.

Agradeço também à Maria Cristina Parzwski, secretária do PPGHIS-UFPR, um exemplo de funcionária pública que não apenas realizou suas atribuições profissionais com exímio, mas, que foi além. Foi uma guia pelo mundo dos papéis e

dos carimbos e uma conselheira em muitas horas difíceis. Quem diria que aquela bolada de 2008 iria garantir tantas coisas boas? Obrigada, Cris!

Agradeço também a cada funcionário da UFPR que dia após dia estiveram lá contribuindo para que aquele não fosse apenas uma instituição de ensino, mas uma oportunidade para a transformação individual. Um espaço que proporciona experiências incríveis e inesquecíveis que fazem parte de mim e que espero que possam fazer parte de muitas pessoas. Todxs são essenciais para nossa universidade, obrigada a todxs!

Aqui, aproveito também para agradecer o governo do ex-presidente Lula, um homem que, entre seus erros e acertos, ousou lutar pelos pobres e pela educação desse país e que, por conta disso, hoje é um preso político. E à ex-presidenta Dilma, um exemplo de força e amor pela política. Agradeço a ambos por ter sido agraciada com uma educação pública, gratuita e de qualidade desde o ensino médio, onde tive o privilégio de estudar no CEFET/SC- Uned SJ, passando pela graduação e pós-graduação na UFPR e usufruindo também de um estágio de quatro meses em Paris. Educação com excelência acadêmica e voltada à formação humana totalmente custeada pelo governo federal.

Hoje como professora e cidadã minha luta é para que o ensino público e a universidade continuem se expandindo com qualidade. Que jovens e adultos de todas as classes e regiões tenham a oportunidade de viver essas experiências. Que sejam tocados pelo amor pelo conhecimento e que com isto, transformem sua vida e ajudem a construir um Brasil cada vez melhor com igualdade social, com valorização e preservação do meio ambiente e livre de violência de todos os tipos.

Agradeço também à minha irmã de vida, a senhora Clara Lume (ou seria Clara Morena?). Amor da minha vida, amiga de outras vidas, irmã de alma que esteve desde o primeiro dia do curso de História ao meu lado e estará para o resto da vida. Agradeço também a minha amiga de alma e parceira acadêmica Flávia da Rosa Melo. Agradeço pelas festas, pelas madrugadas cheias de cafeínas e trabalhos acadêmicos (como não lembrar daquela saga das "nove semanas e meia de artigos"?), acampamentos, festas muito loucas, crises existenciais, comilanças e tudo o que a gente já viveu e ainda vai viver. Uma amiga que me ensinou o poder do perdão e da empatia. Que foi minha mão direito nessa tese. Corrigiu todos os textos, deu ideias e que riu comigo das coisas mais aleatórias durante as aulas e análise de fontes. Obrigada pela vida

partilhada, *Flóvia*. Por me fazer rir, me ensinar e encontrar uma irmã tão diferente, mas tão igual!

Agradeço também ao Ivan Koltun Rebutini, meu companheiro de vida parisiense, amigo que não apenas abriu as portas do seu apartamento para que eu pudesse fazer meu estágio no exterior, mas também que foi um guia maravilhoso pelos cantinhos mais fofos de Paris e pelos pontos turísticos mais clichês. Um parceiro que me mostrou o quanto é lindo ter alguém disposto a se doar, a partilhar uma vida – mesmo que isso te faça dormir no chão e acabe com seu conforto por algum tempo. Agradeço por tudo isso e muito mais. Muito obrigada por nossas jantas na escrivaninha, pelas tardes tomando cerveja. Só um pouco menos de gratidão pelas vezes que me obrigou a falar francês com as pessoas "por que eu tinha que perder a vergonha". Valeu, Bob. Tamo junto pra sempre!

Agradeço também ao Matheus Machado Vieira amigo de tantas horas, de tretas no trabalho, de tardes estourando o cartão de crédito e depois de desespero com as dívidas. De debates políticos de muitos cafés e reuniões. Obrigada por partilhar essa vida comigo, meu amigo. Agradeço também ao Gustavo Glodes-Blum pela parceria e pelo quer bem. Por me ensinar sobre ser quem queremos e que sempre estar disposto a aprender, conquistar e dividir. Pelos nossos debates acadêmicos, pelos nossos programas miados, pelos acampamentos animados e pelas jantasdeliciosas.

À Monah, minha Hermione psicanalista (e artilheira) que está sempre ao meu lado. Me ouvindo, me ensinando e me mostrando que caminhar juntas é sempre melhor. por me ensinar sobre confiança e sobre ser maravilhosa de muitas maneiras. Ao Evander Ruthieri meu amigo de muitas horas, quem eu admiro muito por sua erudição e sensibilidade. Um amigo generoso e muito perspicaz para indicar as melhores séries e filmes; que sempre está pronto pra dividir um cigarro e tomar um café enquanto te ouve. Te quero, sempre, amigo.

Agradeço também ao Thiago Possiede, Antônio Fontoura, Talita Cristina Rugeri, Ticiane Molin, André (Ronaldo) Pupo, Ruanita da Silva, Tamara Molin, Marcelo Villegas, Carlos Magno (Charlinho), Julia Scuissiatto, Salim, Douglas Arruda e Caroline Gonzaga pela parceria em todos os momentos e por cada um à sua maneira, contribuir para os dias serem mais iluminados e a vida fique mais leve.Um super obrigada a todxs estxs *amigues*, companheirxs, que me mostram que família é também aquela que seu coração escolhe. Que fazem minha vida, cada um à sua

maneira, um pouquinho melhor nesse mundo caótico e difícil que vivemos. Obrigado por me inspirarem e me acalantarem. Por me ensinarem tanto, me trazerem aventura e loucuragens para minha vida! Com certeza eu não seria a mesma sem o carinho, companheirismo e ensinamentos de vocês. Minha vida seria muito mais monótona e difícil sem vocês, nossas conversas, nossos debates políticos e acadêmicos, nossas discussões historiográficas, nossos planos malucos sobre kombis, resgates e comunidades alternativas, brigas em karaoquês, churrascos, jantas, nossos dias com o cooler do lado, nossos acampis e os psicodálias!!! Que venham mais muitos anos!! Muito obrigada, camaradas!

Agradeço também minha família, aqueles que estiveram comigo desde o início e que estarão até o fim. Meu pai, Athos, por tudo que faz por todos nós; que me ensinou sobre música, caráter e idoneidade. Que é meu amor e tem o maior abraço desse mundo. À minha madrastra Gladis, por todos os momentos de parceria e amor, por me mostrar que família não definida por código genético. Obrigada pela força e por me ouvir! Amo vocês! Agradeço também aos melhores primos do mundo, Kenya de Araujo Host, Mari Bethânia de Domênico Araújo, Ana Claúdia de Domêmico Araujo e demais primxs por serem tão maravilhosxs, sábixs e inteligentes. Por serem primos, amigos de rolês, parceiros de debates e atos políticos e por estarem ao meu lado e sempre dispostos a estender a mão ou tomar uma bera. Amo vocês e fazer parte dessa família de gente tão maravilhosa e treteira.

Agradeço também as duas pessoas mais importantes daminha vida, aquelas a quem dedico esta tese e que são meus companheiros e amores da vida. Agradeço a minha mãe pela força. Por ter me criado com muito suor e força numa sociedade capitalista e patriarcal. Lutando muitas vezes sozinha para fazer deste, um mundo melhor não só para mim, mas para todos. Agradeço por ela ter me ensinado sobre responsabilidade social, sobre empatia, sobre o amor e sobre valorizar as coisas simples da vida. Minha mãe, minha luz e minha inspiração, agradeço pela lutas diárias e pelos cuidados mesmo estando de longe. Por ser tão minha quanto sou dela e me mostrar que amor incondicional existe. Obrigado por estar ao meu lado, pela ajuda financeira que foi fundamental nesse ano, por todas ascomidinhas, por me incentivar e me ver de um jeito que eu jamais conseguirei compreender como consegue. Espero um dia ser metade daquilo que você acredita que eu sou. Nunca terei como colocar em palavra tudo que você é pra mim, um infinito de amor e admiração.

Agradeço também ao Felipe, meu companheiro de vida e sonhos. Meu melhor amigo, meu marido, meu eterno namorado. Agradeço por ter estado ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida e nos mais felizes, por ter cuidado de mim, se preocupado e me ensinado tanto. Agradeço pela parceria e amizade, pelas nossas vidas compartilhadas com muito amor e bem querer. Por me mostrar que a rotina pode ser uma delícia, queo casamento pode ser muito além do que contam pra gente e que uma relação pode ser marcada pela liberdade para ser quem somos e queremos ser e ainda sim ser extremamente feliz. Obrigada por me mostrar que liberdade e felicidade caminham juntas e que nossa família é perfeita do jeito que ela é... Cheia de amor, carinho, loucuras, gritos, risadas e amor e sinceridade profundas. Obrigada por caminhar ao meu lado e trazer mais cor aos meus dias. Obrigada por me ajudar na tese, por compartilhar o amor pela História e a luta política. Pelas festas, bebedeiras, acampamentos e tudo aquilo que nos faz tão feliz.

Agradeço ao Judith e ao Sabrino, meus parceirinhos de quatro patas que me fazem companhia e acompanharam cada crise e cada vitória dessa tese. Que às vezes dormem um sono profundo enquanto eu escrevo, outras exigem carinho ou outras ainda corem por tudo e jogam todos os livros no chão. Obrigada por me mostrar como nós humanos temos muito a aprender com os animais. E que nossa família só está completa quando está cheia de*ronrons*.

Interestelar é o codinome que eu vou te dar
Pra que ninguém descubra
Que teu olho é minha fuga nesses dias nublados
Interestelar é codinome que eu vou te dar
A caso resolva lhe dedicar uma canção

(Mulamba)

Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

(Francisco, el Hombre)

.

RESUMO

Anne Louise Germaine Necker, que passou a ser conhecida como Madame de Staël após o casamento, foi uma *salonnière*, pensadora e escritora que desde menina dava mostras de suas aptidões literárias. Nascida em uma rica família, desde pequena foi incentivada a seguir pelo caminho do esmero intelectual e não tardou para que começasse a se dedicar à escrita. Contudo, foi sua paixão pela política que garantiu grande fama às vésperas da Revolução Francesa. Por suas ideias liberais epor proferir inúmeras críticas aNapoleão Bonaparte, Madame de Staël teve que se exilar da França. Apesar de extremamente delicado, tal período foi muito profícuo para seu amadurecimento intelectual, bem como para sua produção escrita. Quando faleceu, em 1817, ela era reconhecida em vários países da Europa e com vasta produção. A autora demonstra vasta erudição ao abordar os mais variados assuntos com conhecimento, como literatura, questão feminina, costumes, história, política, entre outros. Ao pegar a pena para si, como muitas de suas contemporâneas, Madame de Staël passou a ser criadora. Delineou um espaço de criação de si que estava aberto às várias dimensões *dos possíveis,* tendo a oportunidade de esboçar a si mesma, registrar seus sentimentos e suas reflexões; imprimindo marcas de sua subjetividade e, com isto, subvertendo a ordem patriarcal que impunha silêncio e modéstia às mulheres. À luz destas questões esta tese trata da sua produção escrita. A partir da leitura e análise das fontes primárias e secundárias, observamos que esta foi uma prática que a acompanhou ao longo da vida e se tornou espaço para a reflexão sobre si, para o registro de suas ideias, anseios e sentimentos; um espaço ímpar para o seu *fazer-se.* Assim, partindo dos estudos de gênero e da crítica literária feminista, buscamos problematizar a cultura e a escrita, bem como o próprio fazer historiográfico, com o objetivo de problematizar as naturalizações e evidenciar a historicidade de práticas e discursos, sujeitos à mudança.

Palavras-chave: Madame de Staël; Iluminismo; Escrita; Autoria feminina

ABSTRACT

Anne Louise Germaine Necker, whom after her marriage became known as Madame de Stâel, was a salonniere, a scholar and a writer. Born to a wealthy family, since her childhood she was encouraged to follow the intellectual path and did not take long to devote herself to writing. However, it was her passion for politics that guaranteed her fame on the eve of the French Revolution. Because of her liberal ideas and her criticism to Napoleon Bonaparte, Madame de Stael was exiled from France. Although extremely delicate, this time was very proficuous for her intellectual maturation, as well as for her writing. When she passed away, in 1817, she was already known in many European countries for her extensive production, after all the content of her works are considered particularly critic. The Authoress shows utter erudition approaching a wide range of matters, as literature, feelings, the feminine question, behaviors, history, politics, among others. Disrupting the silence and picking the feather to herself as much as others women fromsuch time, Madame de Stael went from creature to creator. She designed a creation space of herself opened to many possible dimensions. She had then the opportunity to sketch herself, registering her feelings and thoughts; printing impressions of her subjectivities and therefore subverting the patriarchal order that imposed silence and modesty to women. Enlightened by those concerns, in our research we study her writing career. Starting from reading and analyzing primary and secondary sources, we noticed that this experience followed her through all her life and became a space of reflection about herself. That's where she recorded her ideas, wishes and feelings; in other words, a unique space to *self create*. Thus, coming from Gender Studies and Critical Feminist Theory, on this thesis we seek to study the culture and the writing, as well as the historiographical practice itself, to question values taken as natural or eternals. We aim to show the historicity of discourse as a way to denaturalize such discourses and show that both themselves and subjectivities are liable to change.

Keywords: Madame de Stael, Enlightnement, Critical Feminist Theory

RESUMÉ

Anne Louise Germaine Necker, connue comme Madame de Staël depuis son mariage, fut une *salonnière*, philosophe et écrivante qui faisait preuve de ses capacités littéraires depuis son enfance. D'origine nantie, elle avait été encouragée à suivre le chemin du travail intellectuel et très vite elle se dédia à l'écrite. Et pourtant c'est sa passion du politique qui lui assura sa grande célébrité peu avant la Révolution Française. En raison de ses idées libérales et de ses innombrables critiques envers Napoléon Bonaparte elle dut s'exiler de la France. Et malgré les controverses de la période, l'exil lui fut important pour son murissement intellectuel ainsi que celui de sa production écrite. En 1817, l'an de sa mort, elle était déjà célèbre en plusieurs pays européens et possédait une grande œuvre. L'écrivante fait preuve de sa vaste connaissance en traitant plusieurs sujets, tels que la littérature, la vie des femmes, les mœurs, l'histoire, la politique etc. Ainsi comme autres écrivantes de son époque, Mme. De Staël s'empara de la plume pour devenir créatrice. Elle composa un espace de création de soi ouvert à diverses dimensions *de possibilités* et où elle aurait aussi la chance d'esquisser soi-même et d'enregistrer ses sentiments et ses réflexions. En imprimant les marques de sa subjectivité, elle renversa l'ordre de la culture patriarcale qui imposait aux femmes le silence et la modestie. Au clair de ces questions, cette thèse discute sa production écrite. D'après la discussion de documents primaires et secondaires, nous constatons que cette pratique l'a suivi toute sa vie jusqu'à devenir un espace de réflexion de soi, où elle enregistrait ses idées, ses sentiments et ses troubles : l'écrite est devenue un espace unique de sa *création de soi*. Munis d'instruments des études du genre et de la critique littéraire féministe, nous cherchons à discuter la culture et l'écriture, ainsi que la pratique historiographique; notre but est de que questionner les naturalisations et montrer l'historicité des pratiques, des discours : des sujets en changeant.

Mots-clefs : Madame de Staël, Lumières, Écriture, Écriture féminine

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - ANTIQUE MAP OF LAKE OF GENEVA

FIGURA 02 - GERMAINE NECKER À L'ÂGE DE QUATORZE ANS

FIGURA 03 - MADAME DE STAËL ET SA FILLE

FUGURA 04 - MADAME DE STAËL

FUGURA 05 – MADAME DE STAËL EM CORINNE AU CAP MISÈNE

FIGURA 06 – MADAME DE STAËL EN CORINNE

FIGURA 07 - CONFÉRENCE DE MADAME DE STAËL

FIGURA08 - 4º ÉVÉNEMENT DU 5 8BRE 1789/ LES FEMMES PARISIENNES SÈGEANT À L'ASSEMBLÉE NATIONALE AU MILIEU DES DÉPUTÉS

FIGURA 09 - GERMANY AND ITALY IN 1803

FIGURA 10 - ITALY IN 1803

FIGURA 11 - EUROPE CENTRAL IN 1803

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 19

2. DO EFETIVO AO AFETIVO: FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E AMIZADES NA COMPOSIÇÃO DE SI 42

2.1LA PETITE *MINETTE*: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DE UMA MENINA DAS LUZES 44
2.2 TECENDO SONHOS: A BUSCA PELA INDIVIDUALIDADE E AUTONOMIA 75
2.3 INTERCÂMBIOS E COMPOSIÇÕES: ESCRITA, SOCIABILIDADES E AMIZADES 93

3. A LIBERDADE É UMA QUIMERA E O DESTERRO UM HORIZONTE: ESCRITA, VIOLÊNCIA E AÇÃO POLÍTICA 121

3.1 NAS FRONTEIRAS DA HISTÓRIA: A REVOLUÇÃO FRANCESA, VIOLÊNCIA E A BUSCA PELA LIBERDADE 125
3.2 A ESCRITA COMO (RE)EXISTÊNCIA: DESTERRO E A PRODUÇÃO DE SI 156

4. EXPERIMENTAÇÕES POSSÍVEIS: A FICÇÃO DA MADAME DE STAËL 196

4.1 FICÇÃO E (DES)TERRITORIALIDADE: A IMAGINAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR 199
4.2 *DELPHINE* E *CORINNE* E AS POÉTICAS DA EXISTÊNCIA 221

CONSIDERAÇÕES FINAIS 247

REFERÊNCIAS 254

ANEXOS 267

AVISO

Todas as traduções são livres, exceto quando indicado em nota de rodapé o contrário. Mesmo que para a produção da tese tenhamos utilizado as fontes produzidas por Madame de Staël em seu idioma original, optamos por apresentar também traduções feitas por profissionais afim dar visibilidade às pesquisas sobre a vida e obra de Madame de Staël no Brasil.

1. INTRODUÇÃO

> L'étude des mathématiques, habituant à la certitude, irrite contre tous les opinions opposées à la nôtre; tandis que ce qu'il y a de plus importante pour la conduite de ce monde, c'est d'apprendre les autres, c'est-à-dire de concevoir tout ce qui les porte à penser et à sentir autrement que nous.[1]
>
> O estudo da matemática, acostumando-nos à certeza, irrita-nos contra todas as opiniões opostas à nossa; mas o que há de mais importante para a condução deste mundo é aprender os outros, isto é, conceber tudo o que os leva a pensar e sentir diferentemente de nós.
>
> (Madame de Staël)[2]

A trajetória desta pesquisa se iniciou ainda na graduação de História, com a monografia *Entre mãe e filha: memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Germaine de Staël,*[3] quando tive a oportunidade de tratar da história da concepção de maternidade e do amor materno por meio da relação entre Suzanne Necker e Madame de Staël, duas importantes mulheres na cena política e ilustrada da França no final do século XVIII. Apesar de ter sido uma pesquisa com escopo mais reduzido, muitas questões surgiram ao investigar trajetórias de mulheres das quais tinha pouco conhecimento ou mesmo que não estavam nos livros de História que costumava ler.

Percebi também que embora tivesse lido muitas obras literárias do período moderno, antes da pesquisa não conhecia nenhuma escritora daquela época. Comecei a questionar cada vez mais a predominância da autoria masculina na Literatura e na História, bem como a perceber que quando as mulheres apareciam no cânone literário ou artístico, eram descritas, pintadas ou desenhadas por homens, sempre representadas e poucas vezes como produtoras da cultura literária e artística. Mesmo sem eu saber ao certo por que as coisas ocorreram daquela maneira e não

---

[1] STAËL, Madame. ***De l'Allemagne*** [S.l.: s.n.], 1810[?], p.162.

[2] Tradução: CAETANO, Luísa Duarte In: CAETANO, Luísa Duarte. **A ficção entre duas épocas:** tradução comentada do *Essai sur les fictions* e das *Trois Nouvelles* de Madame de Staël. 245f (Dissertação de Mestrado), Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2018, p. 11. Disponível http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/142/browse?value=Luiza+Duarte+Caetano&type=author Acesso mar 2019.

[3] Trabalho monográfico realizado sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins. ARAÚJO, Flora Morena M. M. **Entre mãe e filha: Memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Madame de Staël**. 96 f. Trabalho de Graduação (Licenciatura e Bacharelado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Pesquisa realizada com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

de outra, estas questões me instigaram, o que me levou a dar continuidade à pesquisa histórica. Continuei com o estudo das trajetórias de Madame de Staël e Madame d'Épinay à luz da crítica feminista e dos estudos de gênero na pesquisa de mestrado intitulada *Para além de Sophie: a construção dos modelos femininos nas obras Les conversations d'Émilie, de Madame d'Épinay e Corinne, de Madame de Staël.*[4]

No mestrado me voltei ao processo de naturalização dos discursos acerca da "natureza feminina" elaborado no século XVIII por médicos e filósofos – entre eles, principalmente, Jean-Jacques Rousseau. Apesar da negligência historiográfica até a segunda metade do século XX, atentamos ao fato de que muitas mulheres tiveram acesso à educação e atuaram na esfera pública, participando ativamente, inclusive, dos círculos ilustrados. Muitas delas elaboraram um discurso crítico à sua sociedade e cultura, e por meio da formação recebida, tiveram a oportunidade de debater sobre diferentes assuntos com os homens do seu tempo.

Até a dissertação, um mar de novas ideias e perspectivas sobre a constituição da sociedade - e de mim mesma enquanto indivíduo - já havia provocado uma revolução em minha forma de pensar. Mas, com certeza, foram os as oportunidades reflexivas do doutorado e, sobretudo, a experiência do estágio no exterior como bolsista[5] que foram decisivos para minha pesquisa.

Em 2017, passei quatro meses imersa na cultura e historiografia francesa. Andei por todos os cantos de Paris, conheci lugares históricos, museus e bibliotecas, o que me ajudou muito na composição de algo tão caro ao historiador, aquilo que Michel de Certeau denomina de "imaginação histórica". Fiquei sob a supervisão do Prof. Dr. Antoine Lilti, que me recebeu com muita atenção e me colocou em contato não apenas com novas leituras, mas me orientou a buscar acervos e fontes documentais. Nesta viagem, tive oportunidade de conhecer locais que aparecem nas minhas fontes primárias e que fizeram parte da vida e da memória de Madame de Staël. Entre eles, com certeza destaca-se o Palácio de Coppet, sua residência na Suíça, localizada junto ao lago Léman; propriedade que preserva a memória da família

---

[4] Dissertação de mestrado realizado sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins. ARAÚJO, Flora Morena M. M. **Para além de Sophie: A construção do modelo feminino nas obras Les Conversations d'Emilie, de Madame d'Épinay, e Corinne, de Madame d'Épinay, e Corinne, de Madame de Staël**. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Pesquisa realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[5] Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PSDE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Necker e abriga grupos de estudos e eventos sobre a vida e obra de Madame de Staël e sua família, bem como do Grupo de Coppet.

Esta tese é resultado, portanto, de anos de trabalho. Nela procuramos reunir experiências e aprendizados que podem contribuir para uma melhor compreensão do tempo presente através de novas interpretações do passado. Também pode ser um instrumento para outras pesquisas e ampliação da História do Feminismo, História das Mulheres e História Moderna e Contemporânea. Problematizando o fazer historiográfico, resgatando trajetórias e produção femininas, bem como desnaturalizando discursos e conceitos, esta tese busca também contribuir para a ampliação das experiências e sujeitos do passado.

Após termos por anos investigado a vida e obra de Madame de Staël, nesta pesquisa optamos por analisar a relação da escrita com sua formação subjetiva. Afinal, esta era uma inquietação que surgia a cada nova leitura e análise de fonte, nas quais ficávamos instigadas sobre as maneiras do fazer-se de uma mulher com anseios, predicados e traços tão pouco comuns em seu contexto. E que, ao que nos parecia, tinha a escrita não apenas como uma atividade intelectual ou "exteriorização" do seu "eu" interior, mas sim, como uma prática de si; meio para a reflexão, para se conhecer e fazer conhecida.

Além de ser uma indagação particular nascida a partir de outras pesquisas, esta problemática nos instigou porque apesar da imensa quantidade de obras consultadas sobre Madame de Staël, sua biografia, obras e escrita, a relação entre escrita e subjetividade, até onde verificamos, não foi trabalhada por nenhum pesquisador ou pesquisadora no Brasil ou no exterior. Assim, à luz destas questões, esta pesquisa tem como objetivo analisar a produção escrita de Madame de Staël, prática que a acompanhou ao longo da vida e se tornou espaço para a reflexão sobre si, para o registro de suas ideias, anseios e sentimentos, sendo um lugar ímpar para o registro do tempo e do fazer-se.

A partir destas questões, esta tese se fundamenta na teoria crítica feminista e nos estudos culturais, ferramentas teóricas e conceituais que permitem entender os processos históricos da educação feminina no século XVIII, os entraves e as possibilidades para as mulheres que ambicionavam se dedicar à escrita e as possibilidades abertas às experiências e sentimentos femininos naquele período. Ainda, são referências teóricas que permitem identificar as formas de subjetivação e

os caminhos de (re)existência dos indivíduos que ousaram enfrentar os limites e os obstáculos sociais e criar novas possibilidades de existência.

Partindo da concepção de que o estudo do passado não pode estar desvinculado das perspectivas políticas do presente - das quais é parte constitutiva – busca-se contribuir para a problematização da cultura, do cânone ocidental e da historiografia. A pesquisa visa, a partir do questionamento de elementos tidos como naturais ou mesmo eternos, evidenciar a historicidade de determinados valores e discursos e com isso desnaturalizá-los, demonstrando que eles e as próprias subjetividades são passíveis de mudança.

Assim, partindo das problematizações do feminismo contemporâneo, olhamos para o passado para compreender as barreiras de gênero que tinham a pretensão de impedir que as mulheres se dedicassem à escrita e adentrassem na esfera pública como indivíduos plenamente capazes, bem como para analisar os caminhos encontrados por aquelas que ambicionavam ser reconhecidas por suas capacidades intelectuais. Compreendemos, assim, a trajetória percorrida por mulheres na busca por sua emancipação, bem como, a desnaturalização de alguns dos pressupostos de gênero que ainda são arraigados em nosso imaginário e reforçados por discursos culturais que são fonte da manutenção dos preconceitos e da violência contra as mulheres.

Ao realizarmos uma reflexão sobre o feminismo,[6] é importante destacar como Margareth Rago faz, que os feminismos têm mostrado que as mulheres foram e ainda são vilipendiadas em seus direitos, ações e em espaços de poder. Silenciadas pela História, "foram alocadas na figura da passividade, do silêncio da sombra na esfera valorizada do privado".[7] Assim, a crítica feminista tem denunciado os padrões e métodos da narrativa histórica, "mostrado as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes".[8] Com isto, não apenas produziu crítica às formas

---

[6] Conforme citado, o feminismo não é um movimento unitário e homogêneo. Por ser uma crítica cultural, filosófica e epistemológica, ele é plural, diz respeito a muitos grupos idetitários e combate as diversas formas de opressões a qual as mulheres estão submetidas. Por conta disso é impossível ser simplificado sem recairmos no erro. Contudo ao atentarmos para as diferenças, precisamos atentar que também há semelhanças, pontos incomuns que formam o elo entre as várias vertentes do movimento. Aqui nos referenciarmos ao "feminismo" no singular no porquê neguemos sua pluralidade, mas por abarcarmos o movimento como um todo.

[7] RAGO, Margareth L. "Adeus ao feminismo. Feminismo e (Pós)Modernidade no Brasil". **Cadernos AEL**, n. 3/4, p. 1-33, 1995/1996, p. 15. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf. Acesso mai 2017.

[8] Ibidem.

hegemônicas de produção da História – e do conhecimento ocidental em geral -, como também criou novos percursos de análise e de produção dos saberes.

Este foi o caso do Iluminismo e da Revolução Francesa. Fatos históricos que são entendidos como de suma importância para a historiografia ocidental e que, por conta disto, têm mobilizado historiadoras e historiadores nos últimos dois séculos. Contudo, embora haja uma imensa literatura acadêmica dedicada a tais objetos, a partir dos Estudos de Gênero e da crítica pós-estruturalista, eles ganharam novas interpretações. Ao invés de enfocar nos discursos normalizadores impostos às mulheres, os pesquisadores e pesquisadoras passaram a se dedicar também à problematização das práticas, atentando para como as mulheres encontraram maneiras de se inserir em ambientes que muitas vezes lhes eram hostis, por exemplo.

Seguindo este percurso analítico, nesta tese não buscamos atentar para as limitações impostas às mulheres no século XVIII, mas para as possibilidades e caminhos encontrados por aquelas que ambicionavam mais do que as barreiras tradicionais de gênero lhes permitiam. Ao analisarmos as subjetividades, experiências e escritas das mulheres no período setecentista, propomos ir além dos discursos dos homens de letras, médicos ou pedagogos ao problematizar o acesso das mulheres à educação, cultura letrada, cânone literário e espaços de sociabilidades no século XVIII. Pensando como as mulheres elaboraram agenciamentos e deslocamentos entre as malhas do poder e através disto se constituíram enquanto sujeitos que experienciaram novas maneirar de ser, sentir e amar e que com isto, criaram novas *poéticas da existência*.

Tendo em vista tais problematizações, fez-se necessário atentar como a organização cultural foi determinante para a compreensão acerca dos gêneros e para as delimitações nas subjetividades e atuação de homens e mulheres. Também desnaturalizar as hierarquias culturais que, apesar de se declararem neutras, eram marcadamente masculinistas e elitistas. Procedimentos que serão possíveis através da operacionalização conceitual oferecida pelos Estudos Culturais,[9] área interdisciplinar que oferece importante aporte teórico e metodológico para a

---

[9] Linha de estudos interdisciplinar formada na década de 1960 na Inglaterra em torno do conceito de cultura. Suas reflexões fundamentavam-se em Cultura e Sociedade (1958) de Raymond Williams, Usos da Literatura (1957) de Richard Hoggart e A formação da classe Operária Inglesa (1963) de E. P. Thompson, contando também com a importante contribuição de Stuart Hall. ECOSTEGUY, Ana Carolina D. "Uma introdução aos Estudos Culturais". In Revista **FAMECOS**, nº 06. Porto Alegre. 1998.

compreensão das aproximações entre cultura, história e sociedade. Que transforma o conceito de cultura, o amplia.

Para os Estudos Culturais, a cultura não é manifestação presente apenas na "alta cultura" (cultura das elites) - o que promove uma fratura na concepção de hierarquias e dicotomias culturais, como no caso da popular/erudita e masculina/feminina.[10] A cultura passa a ser entendida como uma produção funcional, modo de vida particular de cada sociedade; manifestação das significações presentes nas atividades cotidianas. O que torna possível, através da análise da cultura de uma sociedade, compreendê-la a partir de suas manifestações, das práticas e representações[11] dos indivíduos e dos grupos sociais.

Desta forma, assim como a crítica feminista, os Estudos Culturais buscam desnaturalizar práticas e ideias, visto que a cultura é compreendida como carregada de historicidade, portanto, uma produção humana passível de transformações.[12] Além disso, os Estudos Culturais incluem na História grupos que, via de regra, foram ignorados pela historiografia – os trabalhadores, camponeses, operários, por exemplo. Operações estas que, segundo Raymond Williams, se opõem às conceitualizações dominantes que impedem de ver as relações entre produção de significados e manutenção da ordem.[13]

Esta perspectiva sobre a cultura é muito importante nesta pesquisa porque permite entendê-la como agente das configurações e práticas sociais, da organização

---

[10] Desta forma, assim como a linguagem, a cultura só existe a partir de estruturas que são partilhadas pelos indivíduos/grupos da sociedade, que a usam de acordo com suas prerrogativas, por processos que são construídos no cotidiano e por conta disto estão em constante transformação. WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave**: Um Vocabulário de Cultura e Sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

[11] Roger Chartier defende que devemos atentar para a complexidade das práticas culturais cotidianas, pois embora na teoria existam abismos intransponíveis entre a cultura das elites e das camadas populares, na prática eles não conseguem se manter. É preciso considerar então que "existe espaço entre a norma e o vivido, entre injunção e a prática, entre o sentido visado e o sentido produzido, um espaço onde se pode insinuar-se reformulações e deturpações". Ademais, este conceito nos permite perceber práticas silenciosas, processos de articulações através do qual se estabelece uma acepção do real. Como assinala Chartier, a "representação" não é uma cópia fiel da realidade. Uma reconstituição feita a partir de signos que formam o *habitus*, a maneira que os indivíduos dão significado à sociedade. Ademais, elas são sempre "determinadas pelos interesses de grupos que os forjam". Não são neutros. Tanto os bem simbólicos, como as práticas culturais são objetos de lutas sociais. Estas práticas constroem identidades sociais, uma maneira própria que indivíduos e grupos sociais estabelecem maneiras de estar no mundo e se reconhecer nele. CHARTIER, Roger. "A história cultural: entre práticas e representações: In CHARTIER, R. **A beira da falésia.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

[12] Desta forma, assim como a linguagem, a cultura só existe a partir de estruturas que são partilhadas pelos indivíduos/grupos da sociedade, que a usam de acordo com suas prerrogativas, por processos que são construídos no cotidiano e por conta disto estão em constante transformação.

[13] WILLIAMS, op. cit., p.14.

das instituições – tal qual as academias de letras, por exemplo -, dos símbolos e produtos culturais, bem como da formação subjetiva dos indivíduos. Possibilita compreender como o meio cultural foi central para as formas encontradas para a inserção social e expressão das mulheres no século XVIII. E ainda permite atentar para os entremeios da rede que formam os discursos culturais, perceber seus limites e tensões para, por fim, compreender como foi possível que indivíduos encontrassem as intersecções compostas por cada um dos nós desta trama ou mesmo as pontas já rotas, desfiadas, dos fios que compõem a malha cultural e produzissem novas forma de existência.

Outra problematização de Williams, que nos é muito cara à compreensão das relações de gênero na cultura letrada, refere-se a sua perspectiva de que por ser "fundamental ao funcionamento e manutenção do sistema" a cultura é um "campo de batalha", ou seja, um meio onde os indivíduos e grupos sociais exercem seus poderes e através deles buscam delimitá-la e restringi-la de acordo com seus valores – por mais que muitas vezes o façam em nome da moral, da natureza ou mesmo da tradição.[14]

Conforme aponta a historiadora Joan DeJean, nos séculos XVII e XVIII[15] o espaço cultural francês foi palco de tensões sociais e políticas, dentre as quais destacou-se a *Querela dos Antigos e Modernos* que, devido a sua amplitude, foi símbolo das disputas políticas e sociais que estavam em ebulição na França naquele momento e que propiciou o que DeJean denomina de "Guerras Culturais".[16] Nesta querela, tradicionalistas e progressistas se enquadravam como "Antigos" e "Modernos" e travavam batalhas intelectuais sobre questões tais como o assunto mais

---

[14] Ibidem, p. 13.

[15] Não podemos esquecer que entre os séculos XVII e XVIII, houve grande ampliação na taxa de alfabetização e, em decorrência disto, também do público leitor – que apesar de não ser a maioria da sociedade e não ter a extensão dos dias atuais teve um notável aumento no período. Concomitantemente, as novas formas de impressão, que desde o século XVI estavam ganhando crescente importância na disseminação da informação, se disseminaram por toda a Europa. Neste período houve um grande aumento no número de pedidos de permissões de monopólio, dos censores, livreiros, de editoras, entre outras atividades ligadas ao mercado literário. Com isto, as obras impressas ganharam cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas. Elas foram, segundo o historiador Robert Darnton, responsáveis, por exemplo, por fomentar a crítica pré-revolucionária. ARAUJO, 2014, op. cit.

[16] Segundo DeJean, apesar de terem outras querelas em diferentes momentos e locais, as guerras culturais do final do período moderno são muito especificas, já que elas ultrapassaram as fronteiras do universo acadêmico, se estenderam por toda a sociedade. Alcançaram uma ampla audiência que acompanhavam os debates através dos folhetins e periódicos franceses – e envolveu assuntos como noção de identidade nacional, raça, classe e gênero. DEJEAN, Joan. **Antigos contra Modernos:** as guerras culturais e a construção de um fin de siècle. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

apropriado a uma literatura digna de ser considerada grandiosa e o currículo literário mais adequado às necessidades do estudante contemporâneo. Criou-se um embate cultural em torno de muitas questões em voga naquele momento, como os direitos e o status das mulheres, até a ameaça inerente aos comportamentos induzidos por vícios - tanto por drogas, quanto causados por tabaco e chocolate, por exemplo.[17]

Desta forma, na esteira de Williams e DeJean, nesta pesquisa partimos da premissa de que as práticas culturais não são neutras, mas sim objetos de muitas lutas simbólicas, nas quais estão em jogo sua classificação e hierarquização. Ademais, os discursos acerca destas práticas estabelecem parâmetros, criam verdades e normatizações acerca dos seus espaços de circulação, como também buscam silenciar aquelas consideradas impróprias ou inferiores. Logo, assim como a cultura, as elaborações discursivas também são construídas a partir das redes de poder de cada sociedade.

No período moderno, houve muitos interditos à escrita feminina, e por isso as mulheres estavam marginalizadas dos espaços letrados e do universo literário. A questão torna-se perceptível pela precariedade da educação destinada às mulheres, pelas restrições à publicação de livros com a sua assinatura e pelos preconceitos e difamações que as autoras estavam submetidas[18].

A escrita era considerada uma atividade erudita, destinada aos homens e um produto da racionalidade. Por serem consideradas inaptas para participarem desta atividade, além de privadas de uma escolarização de qualidade compatível com a que era oferecida aos rapazes de sua classe social, as mulheres foram mantidas à margem, impedidas de entrar e de participar de instituições profissionais ou intelectuais. Para as mulheres a ambição era fator de instabilidade social, pois segundo o pensamento corrente na época, a mulher ambiciosa desejava mais do que a natureza tinha lhe oferecido. Ela almejava ocupar o lugar do homem na sociedade, adentrar em espaços que tradicionalmente eram de participação masculina, e isto significava uma inversão da ordem natural das coisas.[19]

Desta forma, em uma sociedade avessa à expressão intelectual feminina como a sociedade francesa do século XVIII, as mulheres eram afastadas do

---

[17] Ibidem.
[18] BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie**: a ambição feminina no século XVIII. São Paulo: Duna Dueto, 2003.
[19] Ibidem, pp. 21 – 24.

conhecimento e, sobretudo, da palavra escrita. Era considerado temerário que uma mulher aprendesse além de suas necessidades, que tivesse uma educação equiparada à masculina, e ainda mais que escrevesse, que passasse a difundir suas ideias e pensamentos acerca da sociedade, ciência e literatura.

Contudo, muitas delas não se resignaram a estas imposições. Embora os caminhos percorridos por uma mulher que almejasse ser escritora não fossem garantidos apenas por sua ambição e esmero intelectual, muitas delas não desistiram. Ousaram lutar com as armas de que dispunham contra estes sistemas de exclusão mesmo conscientes de que aquelas que ambicionavam o acesso à cultura e ao saber poderiam ser censuradas e mal afamadas. Apesar dos muitos entraves, tendo que romper paradigmas e preconceitos, muitas conseguiram sucesso intelectual, ainda que representassem considerável minoria, houve entre os séculos XVII e XVIII grande aumento no número de escritoras na França e em alguns outros países da Europa.

Várias mulheres escreveram e publicaram suas obras, e assim abriram caminho para aquelas que, como elas, desejavam se dedicar ao trabalho intelectual, ao exemplo de Mary Wollstonecraft, Madame d'Épinay e Madame du Châtelet. Com sua perseverança para ultrapassar os obstáculos sociais e culturais, aos poucos adentraram num ambiente tradicionalmente masculino e com isto transformaram sensivelmente não apenas o mundo das letras, mas também a cultura francesa e a história da literatura. Mesmo encontrando inúmeras dificuldades, sofrendo preconceitos e as mais variadas violências, escreveram e publicaram suas obras e assim abriram caminho para aquelas que como elas desejavam se dedicar ao trabalho intelectual, escrever e publicar suas obras, bem como obter respeito e reconhecimento por isto. Este foi o caso da *salonnière*, pensadora e escritora Madame de Staël.

Madame de Staël foi uma mulher com uma trajetória bastante peculiar. De origem burguesa, sua família ascendeu social e financeiramente ao elaborar um projeto firmado na retidão moral e no desenvolvimento do espírito. Ademais, por partilharem de muitos dos ideais ilustrados, seus pais, Suzanne e Jacques Necker, defendiam a necessidade de uma educação sólida para o progresso individual. Na contramão do que pregavam muitos dos seus contemporâneos, garantiram à única filha uma educação primorosa e bastante completa. Colocaram à sua disposição todas as ferramentas disponíveis para que se tornasse uma mulher íntegra, tocada pelas Luzes da razão, temente a Deus e admirada por seus pares.

Formada sob a égide das Luzes, Madame de Staël deu uma guinada na sua vidaapós seu casamento. Além de abrir seu próprio salão, ingressou na vida literária, conquistando autonomia pessoal e prestígio diante da elite intelectual e política às vésperas da Revolução Francesa, período muito fértil para sua produção escrita e atuação nos espaços letrados e políticos. Madame de Staël recorreu à escrita para conhecer a si mesma, o mundo e se fazer conhecer. Era uma prática diária, um espaço de individualidade e de construção do eu. Registrou no papel seus sentimentos e reflexões, muitas vezes produzindo duras críticas à cultura e sociedade de seu tempo, imprimindo a marca de sua subjetividade e subvertendo a ordem patriarcal que impunha silêncio e modéstia às mulheres.

Conforme crescia, adquiria mais conhecimentos e experiências, assim, sua escrita – que era sua companheira de longa data - também se transformou. Paulatinamente, perdeu a ingenuidade da juventude e se tornou mais analítica. Seus escritos abrigaram a reflexão teórica e crítica, registros de alguém que não desejava ser apenas expectadora dos debates intelectuais e acontecimentos do seu tempo, mas que almejava participar ativamente do mundo e ser reconhecida por isso. Assim, ao passo que atuava nos salões e demais locais de debates políticos, ela também usava a escrita para se manifestar publicamente, expondo suas ideias a fim de contribuir para a transformação da sociedade.

A partir destas questões, nesta tese problematizamos como Madame de Staël tomou para si a tarefa de registrar sua vida, de constituir-se através da escrita, visto que, seja nas missivas trocadas com os pais, maridos, amigos, prima e amantes ou mesmo na escrita literária, a prática da escrita exercida por ela fez parte da produção de si, do seu processo de *tornar-se* um indivíduo autônomo, uma mulher de letras.

Visto que ao irromper o silêncio e tomar a pena para si, como muitas de suas contemporâneas, Madame de Staël passou de criatura a criadora. Delineou um espaço de criação de si que estava aberto às várias dimensões *dos possíveis*. Já que ali tinha a oportunidade de esboçar a si mesma, registrar seus sentimentos e reflexões; imprimindo marcas de suas subjetividades e, com isto, subvertendo a ordem patriarcal que impunha silêncio e modéstia às mulheres.

À luz destas questões visamos problematizar tanto os interditos quanto as formas que as mulheres encontraram para participar dos círculos de debates letrados e do universo literário;intenciona-se entender como a cultura escrita não era um campo que se referia apenas aos debates sobre as técnicas ou estética, mas era – e

ainda é – erigido a partir de certos pressupostos de gênero, classe e raça. Por conta disto, suas delimitações teóricas, seus critérios de exclusão e valorização de obras e artistas, não são neutros. Para tal reflexão, buscaremos refletir acerca do conceito de poder e sua relação com a produção discursiva, em suma, sobre a dimensão social e políticado poder literário.

Importante contribuição para o debate foi a crítica à ideia de "gênio" criador empreendida por vários teóricos e teóricas – como, por exemplo, Raymond Williams,[20] Rita Felski, Griselda Pollock e Joan Dejean - ao defenderem que tanto a ideia de genialidade, como os parâmetros canônicos foram elaborados a partir de perspectivas masculinistas. Enquanto o primeiro foi pensando de acordo com os privilégios dados aos homens em nossa sociedade, o segundo construiu-se enfatizando qualidades culturalmente masculinas. Por conta disto, os homens foram considerados gênios, nunca as mulheres.[21] A concepção do escritor como um indivíduo dotado de talento inato, fechado em si e à espera da exteriorização da sua criatividade e talento, cede espaço para a ideia de alguém que está em um lugar social específico, que recebeu oportunidade de desenvolver suas aptidões, se dedicar à prática artística, bem como teve oportunidade de se inserir nos ambientes letrados.

A partir destes debates a literatura não é mais tida como uma área hermética, alheia dos padrões sociais, muito pelo contrário. Tais pesquisadoras e pesquisadores defendem que para uma compreensão ampla do universo literário não deve ser pensado dissociado da sociedade. Esta problematização acerca do "gênio criador" é muito importante para a crítica feminista e nesta pesquisa, visto que, em primeiro lugar, os valores associados às produções artísticas e literárias, como já citado, são erigidos tendo as marcas sociais e culturais como seus pilares - entre elas a de raça, classe e gênero - que devem ser problematizadas e desconstruídas. Em segundo, é

---

[20] Ao problematizar a relação da literatura com a cultura e sociedade, Raymond Williams, questiona a concepção do "gênio". Segundo ele, mesmo a poesia ou a literatura romântica - tidas como criações máximas do gênio artístico - têm relação com as experiências do artista; possui intrínseca relação com seu contexto de produção e circulação[20]. Ao abordar estas questões, Williams retoma escritores românticos do início do século XIX,[20] como Willian Blake e Lord Byron, que por mais que tenham privilegiado a ficção e poesia, produziram também obras de cunho político. Questão que, segundo ele, ao mesmo tempo demonstra o não isolamento entre o artista e seu contexto, como também resultado de uma "transformação radical nas ideias a propósito de arte, do artista e do lugar que lhes cabe na sociedade" ocorridas no final do período moderno na Europa. WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade:** de Cambridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 55.

[21] POLLOCK, Griselda. "A modernidade e os espaços de feminilidade" In: MACEDO, Ana Gabriela e RAYNER, Francesca (ORG). **Gênero, cultura visual e performance**: Antologia Crítica, 2011.

preciso atentar para que a valorização das obras produzidas por mulheres não contribua para a perpetuação desta falácia.

É preciso cautela e prudência para não exaltar a escrita de mulheres como se fosse obra de um espírito superior ou mesmo "à frente do seu tempo". Faz-se necessário mover esforços para que ao estudar artistas, escritoras, pesquisadoras que foram marginalizadas pelo cânone e pela História, não sejamos inebriados pela ideia da excepcionalidade. Temos que pensar, tal qual propõe Williams e a crítica feminista, as condições de produção das subjetividades, experiências e contexto cultural de tal indivíduo, bem como de suas contradições.

Interessante pontuarmos que os conceitos norteadores desta pesquisa, tal qual a educação e a escrita de mulheres, cultura escrita e literatura, articulam-se e entrecruzam-se na análise e são pensados em sua relação com os processos de fazer-se, de criação dos possíveis nas formas de ser e viver. Ou seja, são elementos que direta ou indiretamente se relacionam com nossa problematização de pesquisa e com a produção subjetiva, seja por conta dos processos normatizadores dos quais podem ser partes constituintes ou dos inovadores, que proporcionam novas possibilidades existenciais para homens e mulheres.

Ao atentar para tal questão, nesta pesquisa problematizamos as maneiras de constituição subjetiva no século XVIII. Atentando como os discursos e práticas normatizadoras tinham como pretensão delimitá-las segundo o que era entendido como adequado às prerrogativas sociais, econômicas ou mesmo, as religiosas e, sobretudo, para como o projeto ilustrado teve o gênero como um de seus alicerces. Afinal, teve a pretensão de imperar sobre os corpos e as subjetividades a partir do que os teóricos definiam como a "natureza dos sexos" - critério este que deveria ser a base da organização social por reaproximar o Homem do seu *estado de natureza*.

Assim, é importante retomarmos a questão da construção da subjetividade a partir dos Estudos de Gênero. Visto que o gênero é alicerce central na formação dos sujeitos, media a relação entre eles e a sociedade, já que é a partir do gênero que os indivíduos absorvem e articulam as representações culturais e sociais que farão parte constitutiva de si. Portanto, ser "homem" ou "mulher" não é natural ou a-histórico, mas,

construção discursiva que se inscreve anatomia dos corpos e edifica as relações – tanto íntimas como sociais.[22]

Contudo, este sistema binário sobre o qual se fundam tais teorizações, vem sendo questionado. Ao tratar o sexo como algo "natural" que ganha significados a partir da cultura, tais teorias são acusadas de cair no essencialisimo que tanto combatem. Ademais, partem do pressuposto que as identidades são estáveis e limitadas – ou se é homem, ou mulher -, o que também é questionado por teóricos e teóricas desconstrutivistas que promovem o tensionamento das barreiras estabelecidas pelo pensamento binário acerca das dicotomizações e com isto acenam para outras possibilidades de compreensão das múltiplas dimensões dos sujeitos, suas experiências e práticas culturais.[23]

Como afirma Michel Foucault, as formas que os indivíduos aprendem ser sujeitos, como se constituem como tal, partem de processos que duram toda a vida e que tem o sexo como um lugar privilegiado. Afinal, a literatura e a medicina gestaram o sujeito ao criar definição de certo e errado, de saúde e doença, e com isto criaram normatizações que deveriam ser incorporadas e vivenciadas - para isto, inclusive, criam palavras, terminologias que passaram a definir e fazer parte do vocabulário dos indivíduos.[24]

É interessante notar que a construção subjetiva, segundo Foucault, passa necessariamente pela sexualidade, pois são os discursos sobre ela que corroboram para a edificação de um "eu" encarnado. Desta forma, ao tratar sobre a subjetividade Foucault propõe duas novas questões. A primeira é que se retire a sexualidade do campo do natural, que seja considerada como algo construído e base de normatizações.[25]

A segunda é a defesa de que o discurso tem papel preponderante na formação dos sujeitos. Que é através dele que o mundo tal qual conhecemos, suas normatizações, verdades e silenciamentos, são elaborados, estabelecendo, inclusive,

---

[22] RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
[23] Idem. ***A aventura de contar-se*: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara**. Disponível em http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-A_aventura_de_contar_se.pdf Acesso 10 jun 2019.
[24] CARDOSO Jr., Hélio Rebello. Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. **Psicologia:** Reflexão e Crítica. vol. 18, núm. 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 343-349.
[25] FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. VOll. 2; O uso dos prazeres. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

o entendimento que os seres humanos têm de si mesmos - e com isto também o meio pelo qual se dão os processos de subjetivação.[26] Já que, não existe constituição do sujeito sem modos de subjetivação, ou seja, "toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência de si (subjetivação)".[27]

Partilhando dos mesmos alicerces epistemológicos de Foucault, Felix Guattari também defende a desnaturalização do sujeito – que segundo ele não deve ser entendido como essência, mas sim como subjetivação, agenciamento. Ou seja, como a linguagem, a subjetividade deve ser compreendida como encarnada continuamente.[28] Logo, para Guattari – assim como também para Foucault - o conceito de subjetivação trata de um processo contínuo que nunca está finalizado. *É o processo de "ser sujeito".*

É esta característica processual da subjetivação que garante aos indivíduos capacidade de transformação individual. Que permite que ao longo de sua vida ele estej*aaberto a mudanças*. Ademais, tais filósofos colocam que estas transformações no modo de ser nunca são estritamente individuais, se estabelecem em relação com processos sociais. A subjetividade se estabelece na relação com o mundo exterior: logo, estas teorias críticas afirmam que não existe uma essência masculina ou feminina, que mesmo a categoria sexo é discursiva, faz parte do um conjunto de significados aferidos aos corpos. Portanto, tanto a sexualidade, como o sexo e o gênero, são produtos de discursos e práticas cotidianas.

Segundo Judith Butler o processo de "encarnação" do gênero ocorre num corpo construído pela cultura, que lhe impõe significados, restrições e sanções – e, com isso, cria tabus, sentimento de vergonha e culpa. É modo de organização do corpo a partir de normas impostas, maneira que os indivíduos si situam no mundo e agem constantemente sobre si. É, portanto, um ato performático, em um eterno devir, já que ser homem ou mulher significa reproduzir, a sua maneira, códigos continuamente. Este processo promove as singularidades de cada sujeito, pois é através de agenciamentos e negociações que, por meio de consecutivas performances, os indivíduos moldam a si mesmos, a partir das possibilidades oferecidas culturalmente.

---

[26] Ibidem.
[27] CARDOSO Jr., op. cit., p. 345.
[28] ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

O que faz com que categorias sexuais e de gênero sejam, segundo Butler, imitadorasdas possibilidades de experiências e modo de ser plurais.

Margareth Rago defende que estas são problematizações caras ao feminismo, visto que "as discussões sobre as relações de gênerotêm sentido, como um modo de escapar da filosofia do sujeito e das armadilhas da afirmação das identidades, para entrar num novo campo epistemológico e político",[29] que promova a formulação de novas perguntas e respostas, que contribua para novas maneiras de se constituir enquanto sujeito e possibilitar novas formas de vida.

Apesar de não se afastarem das preocupações emancipatórias tradicionais do feminismo, a relação entre identidade, subjetividade e corpo está sendo muito discutida pelas teóricas na contemponeidade. Em diálogo com Foucault, estão num processo de revisão do conceito de sujeito que á tão caro à epistemologia ocidental. Defendem que a sua identidade não é fixa; buscam também pensá-la a partir da ideia de agenciamento, onde se forma a partir de colisões, conexões e afinidades. Logo, a identidade, assim como subjetividade, o sexo e o gênero, é entendida como um processo em andamento, não terminado, que da forma a indivíduos fluídos e flexíveis.[30]

Apesar desta compreensão de que o sujeito é entendido como formado na interação social, é importante atentar que tanto Foucault, como Guattari e Butler, não o concebem a partir da noção de passividade. Para eles a capacidade criativa que cada indivíduo traz consigo faz com que ele crie a partir de seus sentimentos, sensações, traumas e escolhas pessoais. Ambos concordam que o indivíduo é entendido como atravessado por inúmeras identidades (gênero, classe, raça, nacionalidade...) que formaram um indivíduo plural, e que devido a isto, identifica-se com mais de um grupo – mesmo que inconscientemente.

Para Foucault, o sujeito é receptor e aglutinador de discursos, como também produtor deles – a partir de suas reelaborações. Ele aglutina certos elementos, rejeita outros, enfim, faz agenciamentos muito particulares. Desta forma, por mais que haja incontáveis discursos normatizadores que buscam limitar e definir o sujeito, os poderes instituídos não conseguem dar conta da regulação dos processos de

---

[29] RAGO, Margareth. **A "mulher cordial":** feminismo e subjetividade. In: Verve, n. 6, 2004, p. 291.
[30] HITA, Maria Gabriela. Igualdade, identidade e diferença (s): feminismo na reinvenção de sujeitos. In: DE ALMEIDA, Heloisa Buarque; COSTA Rosely Gomes; RAMIREZ, Martha Célia; SOUZA Érica Renata de. (orga). **Gênero em matizes.** Bragança Paulista: CDAPH/Universidade São Francisco, 2002, p. 331.

subjetivação.[31] Já que por mais que "os saberes e os poderes de todos os tempos procuram domar os processos de subjetivação, mas estes lhes escapam perfazendo uma história da resistência relativa à vida".[32] Afinal, há resistências e lugares onde eles não chegam.

Então, subjetivação passa a ser entendido como um processo contínuo onde as múltiplas experiências são fontes para as múltiplas subjetividades. Que conforme vão se ocorrendo, vão contribuindo para a transformação dos sujeitos, como também para a agregação de novas "facetas subjetivas" passarão fazer parte de sua formação individual.[33] Formando assim um ser híbrido, que assume cada uma das suas facetas conforme as situações se apresentem ou conforme é submetido a novas experiências. Assim, ao analisarmos obras produzidas por mulheres precisamos ter em mente que apesar das mulheres trazerem consigo suas experiências, histórias e ponderações que fazem parte do universo feminino, elas são também "representantes" de outros grupos sociais, que participam de sua construção subjetiva.

Eleonor Arfuch também defende que ao se tratar dos indivíduos, de sua formação subjetiva, devemos pensá-lo em conjunto com o social. Afirma que a noção de indivíduo autônomo, com unicidade racional, é uma construção que deve ser abandonada. Isso porque além de a constituição do sujeito não ser fixa, ela também não está livre das intervenções do social, ou seja, faz parte de um processo dialógico entre indivíduo e sociedade.[34] Assim sendo, as trocas entre o individual e o social alteraram as subjetividades e por seguinte as relações sociais. Arfuch busca compreendê-lo não a partir da unicidade, da exclusão, do vazio, mas sim a partir da multiplicidade de experiências e subjetividades que garante a pluralidade de vozes, narrativas e identidades.

A partir destas ponderações, defendemos que a participação nos salões, as amizades e as trocas culturais contribuíram na transformação subjetiva de seus participantes, e desta forma, também nas relações sociais de gênero. A identificação com o outro, a afinidade, bem como o desejo pelo aperfeiçoamento pessoal acabava por transformar aqueles que ali estavam. A aproximação do universo feminino e o

---

[31] FOUCAULT, 2005, op. cit.
[32] CARDOSO Jr., op. cit., p. 344.
[33] BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos Nómades**. Corporización y diferencia sexual em la teoria feminista contemporânea. Buenos Aires, Barcelon, México: Paidós, 2000, p. 111.
[34] ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. RJ: EdUERJ, 2010, pp. 91 – 93.

masculino criou uma nova sensibilidade que transformou as subjetividades – que por sua vez contribuíram para a transformação social. Foi no ambiente dos salões que elas tiveram a oportunidade de pensar acerca da opressão feminina de sua sociedade. Sua participação nos salões Iluministas foi decisiva para a constituição de suas subjetividades e assim de suas obras. Afirmo isto porque, como já defendido anteriormente, não podemos desvincular a produção literária de seu escritor, já que a construção literária parte da forma de perceber e sentir o mundo ao seu redor. Assim, são as subjetividades de cada autor que vão moldar sua escrita.

Madame de Staël parte das suas experiências para compor suas obras, que apesar de não serem biografias, trazem muito da vida da autora. Ela expressa suas opiniões sobre a sociedade, política, costumes, entre outros temas; utiliza a escrita como maneira de exteriorizar seus afetos, sentimentos e desejos mais intensos. Logo, suas palavras são a impressão de suas subjetividades e sua escrita construção de si, parte do seu *fazer-se.* Defendemos que suas obras podem ser pensadas pelo viés das "narrativas do eu" proposto por Eleonor Arfuch, pois são expressões de si; de sua visão de mundo, ideias e experiências.[35] Ela ambiciona não ser apenas uma expectadora, mas agir no mundo por meio da escrita – maneira que considera a ideal para contribuir para a transformação social. E assim, contribui para a pluralidade de vozes sobre a realidade feminina na viragem do século XVIII para o XIX.

Elaine Showalter alerta para isto ao afirmar que a crítica feminista tem que ficar atenta para não inserir as mulheres numa lógica e em critérios canônicos. Defende que devemos pensá-las a partir de critérios e leituras feministas; interpretar e reinterpretar textos problematizando o processo e os contextos de escrita. Ademais, coloca que "não obstante, a obsessão feminista em corrigir, modificar, suplementar, revisar, humanizar ou mesmo atacar a teoria crítica masculina mantém-nos dependentes"[36] e com isto, retarda a crítica feminista em resolver seus problemas teóricos e metodológicos. É isto que foi feito em todas as páginas desta tese.

À luz das questões levantadas, a literatura é pensada nesta tese a partir da sua relação com a sociedade, pois, inserida em teias de poder, permite delimitar sua estética, temas, mercado, bem como as formas como os indivíduos se relacionam

---

[35] Ibidem.
[36] SHOWALTER, Elaine. "A crítica feminista em território selvagem". In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

com ela. Por conta disto, esta pesquisa não se pauta no cânone nem problematiza a escrita e as obras de Madame de Staël a partir de análises literárias tradicionais. A proposta é lançar um olhar crítico sobre o contexto histórico e se aproximar do objeto através da teoria e metodologia propostas pela crítica feminista e do campo analítico de gênero,levantando questões que tais áreas consideram pertinentes, bem como dialogando com pesquisadoras e pesquisadores que não utilizem de tais referenciais, e que contribuíram – e ainda contribuem – para as problematizações de tais áreas, bem como para a reflexão sobre a relação entre gênero e escrita.

No contexto em que conheceu a humilhação pública devido às perseguições no período do Terror e durante o Império Napoleônico, Madame de Staël teve que se afastar da França; sua presença e opiniões não eram bem-vindas durante aqueles governos autoritários. Por conta disto, foi silenciada da forma que ela considerava a mais cruel, o exílio. Assim, a escrita passou a ser a maneira de retomar para si – mesmo que de maneira simbólica – as rédeas de sua vida; de quebrar o silenciamento que lhe fora imposto. Foi a maneira de (re)existir à exclusão que estava lhe sendo imposta. Enfim, a escrita foi a forma encontrada para (re)existência que lhe permitia continuar sendo ouvida/lida, mesmo quando estava distante fisicamente.

Nesse sentido, entendemos que a escrita de Madame de Staël, como já comentado, representa resistência e criação. É um espaço de produção de si, onde consegue articular a produção de si na perspectiva de abrir-se ao mundo da maneira que quer ser vista e lembrada. Eternizando a si através da tinta e do papel, e em uma via de mão-dupla, formando a si própria por meio da escrita. Uma prática de produção da sua individualidade através da articulação entre o que se foi e o que se é, reunindo passado e presente na busca de encontrar a eternização através da escrita. De se colocar contra normatizações e resistir ao criar um espaço de atuação que lhe permitia existir, se fazer presente, mesmo quando era brutalmente silenciada pelo exílio ou censura.

Ao longo de sua vida ela escreveu milhares de epístolas, peças de teatro, ensaios, novelas, romances, panfletos, diários, notas de leitura, entre outros. Assim, ao analisarmos sua produção escrita, uma das nossas primeiras atividades de pesquisa foi a seleção das fontes que iríamos utilizar na pesquisa. O que demandou muito cuidado, visto que cada uma delas, por sua riqueza de temas complexidade, poderia ser abordada sobre diversos aspectos e através dos vários elementos que compõe seu conteúdo.

Como critério para seleção, utilizamos obras em que ela tenha construído um discurso racional (seja filosófico ou político) amalgamado com suas experiências e sentimentos; que são frutos de experiências marcantes e que entendemos que ocupam um espaço central para o seu forjar-se enquanto indivíduo. Entres elas estão epístolas trocadas com seus pais que, apesar de estarem todas na coletânea *Correspondence Générale de Madame de Staël* (em dez tomos) nós utilizamos as que foram publicadas por Georges Solovieff no "Selected Correpondance", por termos tido acesso a elas de maneira mais facilitada. Entre suas obras escritas selecionamos os ensaios "Considérations sur les événements de la Révolution Française" (1818), "Essai sur les fictions" (1795), "De la littérature considérée dans sés rapports avec les institutions sociales" (1800) e "De l'Allemagne"(1810[?]); o panfleto "Réflexions sur le procès de la reine" (1793); o diário de viagens "Dixaneés d'exil" (1821); e os romances "Corinne ou l'Italie" (1807) e "Delphine" (1807). Fontes que podem ser encontradas em diversos arquivos da Europa, como por exemplo, na Bibliothèque Nacionale de France, que as disponibiliza para consulta on line no site www.gallica.fr. Ademais, há inúmras versões digitais e impressas para venda e acesso gratuito de cada uma delas – embora no Brasil haja atualmente apenas edição em português da obra Da Alemanha de tradução de Edmir Míssio e publicada pela editora da UNESP.

Estas são fontes bastante plurais, mas que seguem um fio condutor único. São produções epistolares e literárias que nos permitem enxergar Madame de Staël no seu íntimo e atentar para suas subjetividades, seus medos, sentimentos e ideias sobre a sociedade, a filosofia, a política, entre outros. Ou seja, são obras onde ela não se deixa esvanecer frente à especulação racional. Ademais, nelas, ela aflora a si mesma. Num duplo movimento se abre ao mundo e volta-se para si. Interiorizando-se, mas também despindo-se aos olhos dos outros.

Para complementar nossa análise optamos por utilizar algumas fontes imagéticas, como retratos de Madame de Staël, uma outra pintura dela com Albertine – sua filha mais velha - e uma gravura dela em um espaço de sociabilidades. Com análise destes materiais, buscamos atentar para como a materialidade corpórea também foi usada por Madame de Staël para criação de si. Como ela elaborou uma estética, uma maneira de estar no mundo, própria; que dialogava com suas subjtividades e identidade pública.

A partir das problematizações, abordagens teóricas e metodológicas colocadas até aqui, ao longo da tese analisaremos obras escritas por Madame de Staël, afim de

compreender a relação que desde menina ela estabeleceu com a escrita, demonstrando como este foi um espaço privilegiado para a construção de si, atentando para como a escrita foi sua companheira ao longo da vida e como, se transformou a partir das experiências de Madame de Staël.

Para isto, no primeiro capítulo, abordamos a infância e juventude de Madame de Staël, buscando investigar a dinâmica familiar e as particularidades da família Necker, atentando para os privilégios que ela teve a oportunidade de desfrutar, bem como as tensões com os pais. Num segundo momento atentaremos para a inserção de Madame de Staël nos espaços de sociabilidades, procurando demonstrar como a inserção neste meio e a amizade estabelecidas naquele ambiente foram centrais para criação de si.

Para tal enfatizaremos como Madame de Staël tomou para si a tarefa de registrar sua vida, de constituir-se através da escrita, visto que, seja nas missivas trocadas com os pais, maridos, amigos, prima e amantes ou mesmo na escrita literária, a prática da escrita exercida por ela fez parte da produção de si, do seu processo de *tornar-se* um indivíduo autônomo, uma mulher de letras. Processo este que não promoveu apenas a transformação de si pela subversão das barreiras tradicionais impostas às mulheres, mas também um novo modelo de subjetividade e modos de existência que foram libertários para as mulheres que, assim como ela, desejavam mais do era então considerado pertinente e adequado às mulheres.

Já no segundo capítulo, analisaremos a participação de Madame de Staël na Revolução Francesa e o seu afastamento da França, refletindo sobre como a escrita se tornou espaço de automodelação,um lugar a partir do qual ela encontrou oportunidades não apenas para registrar fatos, opiniões, sentimentos, mas sobretudo, um lugar de criação literária e de si mesma. Pretendemos compreender como ela conseguiu, pela escrita, realizar o que lhe foi negado pelo arbítrio: fez de seus textos um lugar para a expressão de suas ideias e sentimentos através da elaboração de um discurso crítico, contestador e sofisticado.

Para tanto, num primeiro momento vamos nos deter no período revolucionário, para a participação das mulheres durante o processo revolucionário, bem como para as violências das quais elas foram alvo. Assim, poderemos compreender a trajetória de Madame de Staël, o espaço de atuação e a crítica staëliana durante a Revolução, analisando, sobretudo, como a escrita foi a maneira encontrada por ela para a ação política e quais foram as consequências por ter desafiado a ordem patriarcal e política.

Na sequência tratamos do período que Madame de Staël teve que se exilar da França. Vamos analisar o material produzido em suas viagens, os intercâmbios culturais e intelectuais e como estes elementos se mesclaram para que ela construísse novas formas de existência no período em que foi vítima da perseguição política. Por fim analisaremos a formação do *Grupo de Coppet*, na Suíça, e sua relação com as formas de (re)existência de Madame de Staël ainda no exílio.

Já o terceiro e último capítulo trata das obras ficcionais produzidas por Madame de Staël, visto que ela se dedicou também à ficção para dar forma à sua crítica. Ela acreditava que através da imaginação os autores poderiam levar aos leitores uma experiência de deleite ao mesmo em que tinham oportunidade de contribuir para sua formação moral. Na primeira parte deste capítulo, se analisa o *Essai sur les fictions* [Ensaio sobre as ficções] publicado em 1795, onde a autora defende o uso da ficção como meio difusão da filosofia moral. Na segunda parte foram analisadas as personagens principais dos romances *Delphine* [Delfina] (1802) e *Corinne ou l'Italie* [Corina ou a Itália] (1807).

São obras ficcionais com protagonistas mulheres que subvertem os padrões de gênero, que representam o progresso e o espírito das Luzes e que padecem frente a uma sociedade doente calcada em preconceitos. Embora haja muitas diferenças entre as personagens, entende-se que Madame de Staël não apenas advoga em prol da autonomia feminina por meio delas, mas também elabora uma crítica social ao apresentar as mazelas da sua sociedade – como por exemplo, as convenções sociais e a escravidão -, que impedem que a liberdade desabroche e que condenam os espíritos autênticos e virtuosos à miséria.

Entendemos que Madame de Staël utiliza a ficção, a criação literária, como um espaço para "criação dos possíveis", utilizando a imaginação para compor personagens que reúnem, cada uma à sua maneira, virtudes e traços subjetivos femininos que Madame de Staël acreditava serem admiráveis. Elabora enredos onde cria subjetividades e experiências. Demonstra sua crença na autonomia e valorização moral feminina, bem como o desejo de transgredir o modelo tradicional de feminilidade imposto às mulheres de sua época.

Pensando e fazendo pensar, reunindo prazer pessoal ao compromisso com as Luzes, seja pelo conteúdo de suas obras ou a partir da sua trajetória, Madame de Staël criou *linhas de fuga,* abriu a possibilidade para criação de novas maneiras de ser e viver. Logo, apesar de não reivindicar uma posição institucional para si e demais

mulheres, Madame de Staël advogou a favor da atuação delas na esfera pública. Ousou, através da crítica social e do uso da imaginação, criar novos modos de "ser mulher", contribuiu para o alargamento das fronteiras dos "possíveis" das mulheres.

Nesse sentido, entendemos que a escrita de Madame de Staël, como já comentado, é criação, é uma prática da liberdade onde consegue articular a produção de si às críticas e análises sobre o mundo à sua volta. Assim, num mesmo movimento, ela se volta para dentro - para si, seu foro íntimo - e se abre ao mundo através da articulação entre o que se foi e o que é, reunindo passado e presente na busca de encontrar a eternização através da escrita; de resistir ao criar um espaço de atuação que lhe permitia existir, se fazer presente, mesmo quando foi brutalmente silenciada pelo exílio ou censura. Este processo não promoveu apenas a transformação de si pela subversão das barreiras tradicionais impostas às mulheres, mas também para que aflorassem novas expressões das subjetividades e modos de existência que foram libertários para as mulheres que, assim como ela, desejavam mais do era então considerado pertinente e adequado às mulheres.

Madame de Staël operou no sentido de renovar o imaginário político e cultural de sua época. Em um momento histórico onde a formação discursiva masculina buscava circunscrever suas áreas de atuação, bem como definir suas subjetividades, através da prática da escrita e de sua trajetória – assim como muitas de suas contemporâneas –, de uma formação sólida e capacidade crítica aguçada, Madame de Staël tencionou as normas e convenções sociais. Assim, se é verdade que a linguagem e o discurso foram meios para a dominação cultural e delimitação dos próprios indivíduos, é preciso considerar também que, embora pretendessem ser uníssonos, historicamente houve muitas vozes e experiências dissonantes, não conformistas às possibilidades garantidas ao seu sexo, etnia ou classe.

Assim, nesta tese se busca contribuir para a crítica feminista ao problematizar as experiências do passado de mulheres que inventaram a si mesmas através de práticas de existência mais autônomas e livres. Foram experiências que demonstram que por mais que houvesse inúmeras barreiras, não conseguiram abafar a potência de vida de muitas mulheres. São histórias de experiências de agenciamentos e subjetivações que fizeram de sua vida uma prática da liberdade e de questionamento da ordem injusta. Elas ousaram desejar mais do que lhes era permitido, desejaram com isto transformar a si e a sociedade por acreditarem que de alguma forma, ao

questionarem ou subverterem a ordem imposta, contribuiriam para a construção de poéticas da existência.

2. DO EFETIVO AO AFETIVO: FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E AMIZADES NA COMPOSIÇÃO DE SI

> Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história. É na direção desta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir.
>
> (Michel Foucault)[37]

Desde muito jovem, Germaine frequentava o salão de sua mãe, participando ativamente das conversas, bem como se dedicando ao estudo diariamente. Desenvolvendo desde menina o gosto pela escrita, ao longo de sua infância e mocidade ela se dedicou à escrita epistolar, aos diários e pequenas peças de teatro. Ela acreditava que a vida era inseparável da escrita, registrando suas experiências, emoções e seus devaneios. Após o casamento, quando deu início à sua atividade de *salonnière* e ingressou no mercado editorial como escritora, assumiu sua personalidade literária.

Deixara de ser Germaine, a menina da família Necker, para ser Madame de Staël, mulher ambiciosa e com coragem para fazer suas escolhas e expressar suas ideias; que desejava ser conhecida não apenas pelo nome de família ou de seu marido, mas sobretudo, ser respeitada e conhecida por suas capacidades intelectuais. Assim, sua escrita ganhou novas dimensões. Se na juventude era uma escrita confessional, quando se firmou como escritora ampliou o gênero de sua escrita para novelas, ensaios, panfletos e, posteriormente, romances. Contudo, na maioria das vezes produziu uma *escrita de si*.

Madame de Staël recorreu à escrita para conhecer a si mesma, o mundo e se fazer conhecer. Era uma prática diária, um espaço de individualidade e de construção do "eu". Registou no papel seus sentimentos e reflexões – muitas vezes produzindo duras críticas à cultura e sociedade – imprimindo a marca de sua subjetividade e subvertendo a ordem patriarcal que impunha silêncio e modéstia às mulheres. Madame de Staël, assim como muitas de suas contemporâneas, passou de criatura a criadora. Contribuiu para edificar novas formas de ser e viver para as mulheres,

---

[37] FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003, p. 10.

fortalecidas pelas sociabilidades e amizades. Em um contexto que estimulava a conversação, polidez e as trocas intelectuais entre homens e mulheres, a amizade mista e a sensibilidade despontam como referências éticas fundamentais para o estabelecimento de relações menos hierarquizadas entre os gêneros. Em ambientes como os salões, homens e mulheres passaram a desfrutar de momentos nos quais as trocas mais igualitárias e a intimidade flexibilizavam as barreiras de gênero, aproximando as pessoas.

Marcado por um estilo confessional, a escrita epistolar se tornou muito importante neste contexto, podendo ser entendida como um prolongamento das sociabilidades, um espaço para que vínculos sentimentais fossem reafirmados e que as parcerias intelectuais permanecessem por meio da escrita. Representando uma extensão das conversações, o registro material das relações estabelecidas nos espaços de sociabilidades e dos sentimentos permitia a expressão dos pensamentos mais íntimos.

Neste capítulo abordamos a infância e juventude de Madame de Staël, buscando compreender a dinâmica familiar e as particularidades da família Necker, atentando para os privilégios que ela teve a oportunidade de desfrutar, bem como as tensões com os pais. Num segundo momento, atentaremos para a inserção de Madame de Staël nos espaços de sociabilidades, procurando demonstrar como seus itinerários neste meio e as amizades estabelecidas naquele ambiente foram centrais para criação de si.

Para tal, atentaremos às vias pelas quais Madame de Staël tomou para si a tarefa de registrar sua vida, de constituir-se através da escrita, visto que, seja nas missivas trocadas com os pais, maridos, amigos, prima e amantes ou mesmo na escrita literária, a prática da escrita exercida por Madame de Staël fez parte da produção de si, do seu processo de *tornar-se* um indivíduo autônomo, uma mulher de letras. Processo este que não promoveu apenas a transformação de si pela subversão das barreiras tradicionais impostas às mulheres, mas também um novo modelo de subjetividade e modos de existência que foram libertários para mulheres que, assim como ela, desejavam mais do que era então considerado pertinente e adequado às mulheres.

2.1 LA PETITE *MINETTE*: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DE UMA MENINA DAS LUZES

> That family of Madame de Staël's certainly is strange one - father, mother, and daughter all kneeling before one another in perpetual adoration, smoking one another out with reciprocal incense for the edification and mystification of the public. [38]
>
> [Essa família de Madame de Staël é certamente estranha. O pai, a mãe e a filha estão sempre enrolados uns nos outros em perpétua adoração, envolvendo-se mutuamente em uma fumaça para sua edificação e confusão do público.]
>
> (Napoleão Bonaparte)

Anne-Louise Germaine Necker teve uma infância e juventude bastante peculiares. Apesar de não ser de uma família da nobreza, seus pais eram membros da alta elite parisiense, e era, portanto, aristocrata. Possuíam uma posição social bastante distinta dentro da estrutura do Antigo Regime,[39] o que garantiu a ela que disfrutasse de muitos privilégios sociais.

Mesmo não sendo de famílias abastadas, seus pais, Suzanne e Jacques Necker, tinham sólida formação cultural para os padrões da época, bem como eram calvinistas, defendendo a austeridade moral, mas simpáticos aos debates ilustrados e liberais. Esta formação propiciou uma educação privilegiada à única filha, Germaine, que tinha uma rotina de estudos bastante rígida, participava ativamente das reuniões do salão de sua mãe, bem como se dedicava diariamente à escrita, atividade que ela considerava essencial não apenas para sua existência, mas também como um instrumento para o progresso moral e social, conforme afirmou mais tarde. Desde cedo se dedicou a escrever e o fez ao longo de todo sua vida, especialmente a *escrita de si*, uma reflexão discursiva que foi sua companheira desde a infância e seu acalento nos últimos e solitários dias de sua vida.

Historicamente, a escrita feminina não foi vista com bons olhos. Mesmo quando as taxas de alfabetização e crescimento do público leitor aumentaram na Europa dos séculos XVII e XVIII, a escrita praticada por mulheres continuava a ser condenada por muitos pais, pedagogos e religiosos, já que ao escrever, quebravam o silêncio que

---

[38] BONAPARTE, Napoleão apud HEROLD, J. Christopher. **Mistress to an age**: a life of Madame de Staël. New York: Grove Press, 1958, p. 01.

[39] Embora, conforme atestam Michel Vovelle e Carlos Guilhereme Mota, este termo tenha sido cunhado pejorativamente pelos revolucionários durante a Revolução Francesa, pois desejavam marcar uma ruptura histórica e política, utilizaremos este termo por ter sido adotado pela amplamente pela historiografia.

lhes era imposto, bem como era necessária uma educação mais aprimorada, algo considerado desnecessário para elas.[40] Ao escreverem, as mulheres tomavam para si a palavra, exteriorizavam seus sentimentos e desejos; desvelavam-se e se faziam agentes de si mesmas. Escrever também significava ter um tempo para si, deixando os afazeres com a casa e os outros, criando um mundo de intimidade - o que ia de encontro à ordem patriarcal vigente.[41] Assim, embora a sociedade francesa setecentista valorizasse a educação feminina, e a entendesse como signo de distinção social, além de ter possibilitado maior abertura para que as mulheres tivessem maior protagonismo social e cultural, a escritafeminina era vista com muitas ressalvas, visto que, se delineava um projeto de organização social que entendia que as mulheres deveriam se dedicar às atividades de mãe e esposa, enquanto os homens deveriam zelar pela gestão familiar e social.[42]

Esta situação constituiu o que historiadoras e historiadores denominam de "paradoxo do Iluminismo". Se por um lado as mulheres estavam em todos os lugares – nos salões, nas óperas e escolas para meninas, bem como eram objeto da atenção médica e personagens nas artes e na literatura – e sua participação nas Luzes tenha sido bastante significativa, como atestam as pesquisas de Natalie Zemon Davis, Arlette Farge e Dominique Godineau, por outro lado, embasados na filosofia natural, muitos filósofos e escritores defendiam que elas deveriam ficar protegidas em suas casas, desempenhando o papel de mães e esposas. Assim, o discurso ilustrado, fundado no ideal abstrato de sujeito e na defesa dos ideais de igualdade e liberdade, trazia muitas limitações, especialmente ao que seus porta vozes chamavam de "sexo feminino".

Este foi ponto flagrante de tensão na filosofia das Luzes. Ao mesmo tempo em que os filósofos advogavam pelo fim dos privilégios sociais e das distinções entre os

---

[40] Ao abordarmos questões como, por exemplo, educação, literatura, escrita de mulheres ou mesmo concepções médicas e filosóficas no século XVIII, não estamos corroborando para dicotomização acerca das experiências, subjetividades e atuação de homens e mulheres. Em nossa pesquisa buscamos justamente contribuir para a desconstrução das dicotomias como estas, bem como questionar catagoias herméticas e essencialistas. Contudo, entendemos que nosso objeto de análise requer alguns cuidados para que não recaiamos em generalizações ou mesmo em anacronismos. Por conta disto, nós optamos por trabalhar com as categorias Homem e Mulher de maneira essencializada e dicotomizada – tal qual eram entendidas no século XVIII. Ou seja, esta não é uma escolha teórica ou de reafirmação de categorias, mas sim um tratamento dado a tais questões ao historicizá-las.

[41] PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

[42] SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs). **História das mulheres no Ocidente.** Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

indivíduos, problematizando as hierarquias e abrindo caminho para uma reflexão mais aprofundada sobre as exclusões e preconceitos sociais, no que diz respeito ao gênero, muitos deles continuaram arraigados aos seus preconceitos.[43]

> Enquanto as Luzes declaram guerra aos preconceitos, inimigos da razão, os filósofos não pensam em libertar-se deles no que respeita às mulheres; e mesmo que se coloque no centro de seu discurso a noção de universal e o princípio de igualdade que se baseia no direito natural, defendem a ideia de uma "natureza feminina" separada e inferior. A crença na perfectibilidade da espécie humana é um dos pensamentos do espírito Iluminista: o progresso da razão constitui um dos motores da história. Mas as mulheres situam-se fora da história inteiramente determinadas pela sua fisiologia, sob o signo do imutável. A sua razão, suas funções, a sua "natureza" não evoluem. "Em todos os tempos", como repete Emílio, os seus deveres são os mesmos.[44]

Ao passo que filósofos como Kant e Hegel defendiam os ideais de igualdade, liberdade e que a razão conduziria os homens ao progresso do entendimento, possibilitando a autonomia individual e social, ao se referirem às mulheres muitos deles, inclusive o próprio Kant, afirmavam a inferioridade intelectual feminina, bem como buscavam delimitar sua existência ao circunscrever não apenas suas subjetividades, mas também seu lugar social – e em decorrência disto, o conhecimento que poderia ou deveria estar disponível a elas. Assim, o projeto social ilustrado teve o gênero como um de seus alicerces. Imperou sobre os corpos e as subjetividades a partir do que acreditavam ser as "inclinações naturais" dos indivíduos, critérios estes que deveriam ser a base da organização social por reaproximar o Homem do seu *estado de natureza*.

Assentada no ideal racionalista, a reflexão acerca da organização social ganhou proeminência nos meios ilustrados, já que era entendida como peça central para o progresso da sociedade. Para tanto, seria necessário um ser humano *novo* forjado pelas Luzes da razão, que não fosse escravo dos preconceitos e das superstições e que estivesse capacitado para agir numa sociedade que exigia novas habilidades técnicas, mas que, sobretudo, tivesse sua conduta alinhada às suas *funções naturais.*[45]

À luz destes debates separação entre as esferas pública e privada, questão central neste projeto ilustrado, foi calcada no que consideravam ser a diferença natural

---

[43] Ibidem.
[44] Ibidem, p. 315.
[45] IM HOF, Ulrich. **A Europa no século das Luzes.** Lisboa: Editorial Presença, 1995.

entre os gêneros. Este pensamento racionalista e naturalista vinculava os homens, por sua capacidade racional e de aperfeiçoamento físico e intelectual à esfera pública e as mulheres, por sua natureza débil e pela maternidade, às atividades domésticas.[46]

Apesar dos filósofos ilustrados declararem o contrário, uma análise mais cuidadosa de seus escritos permite notar o que muitas das mulheres e homens no século XVIII já denunciavam: foi sob a égide do preconceito que seus postulados sobre a mulher se basearam.[47]

Não seria correto, contudo, entendermos este processo a partir de uma perspectiva maniqueísta ou mesmo mal-intencionada, como se filósofos, pedagogos e médicos defendessem um projeto para a dominação masculina. É importante entendermos que, apesar de como foi dito, eles não terem se despido de seus preconceitos ao tratar das diferenças de gênero, ao compreenderem a mulher como mãe exclusivamente, responsável pela formação moral dos filhos, organização e suporte emocional da família, este não era um discurso de inferiorização da mulher para os padrões morais da época. Suas ideias, embora criticadas por muitos homens e mulheres, bem como por analistas posteriores, eram expressão de valorização da mulher por suas "qualidades naturais", traços que a tornava peça vital no projeto de organização social ilustrada.

A natureza feminina, que historicamente foi vista com desconfiança e teve sua representação por séculos associada ao mal e ao pecado, seja pela religião ou pela filosofia natural, ganhou um novo significado nos discursos ilustrados. Adquiriu um estatuto, um lugar de proeminência na organização social por sua capacidade reprodutiva ou como fêmea.[48]

Para os filósofos ilustrados, a natureza dos homens e das mulheres era fixa. O que podia e devia ser moldado era o espírito humano. Este devia ser aperfeiçoado pelas virtudes morais a fim de que os indivíduos desempenhassem com perfeição o que deles era esperado para a boa organização social, para que estivessem em sintonia, como as engrenagens de um relógio perfeitamente ajustado. Apenas assim se alcançaria o progresso social e os parâmetros civilizatórios almejados.

---

[46] PERROT, op. cit.
[47] GODINEAU, Dominique. A Mulher. In: VOLVELLE, Michel (Org). **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.
[48] CASBANET, Michèle Crampe-. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1999, p. 372.

Segundo Michel Vovelle, o papel chave que a pedagogia adquiriu naquele momento estava relacionado à importância do Homem no projeto ilustrado de progresso social. Os indivíduos seriam a garantia para o progresso da sociedade. Eles deveriam estar preparados para gerir a sociedade, bem como alargar os limites da civilização pela difusão das Luzes.[49]

Assim, a educação foi bastante valorizada e se tornou instrumento para o desenvolvimento das capacidades humanas e do aperfeiçoamento moral: "as Luzes acreditavam na pedagogia. É-lhe conferido o poder de moldar um ser social novo, despojado dos preconceitos antigos e revestido de novos princípios".[50] Logo, foi pelo seu caráter utilitarista, conforme aponta a historiadora Martine Sonnet, que se pautaram as discussões sobre a educação na França no século XVIII, quando as práticas pedagógicas passaram a seguir as linhas da diferenciação sexual.[51]

Na esteira deste debate, as aspirações e a educação formal, que até então era restrita a uma pequena parcela da população – sobretudo, aos homens das classes mais privilegiadas –, passaram paulatinamente a incluir jovens rapazes e meninas das classes médias. Com isto, os livros também se tornaram cada vez mais presentes no cotidiano e a cultura escrita participou das transformações nos hábitos.[52]

Ao abordarmos questões referentes à educação é preciso notar que ela fez parte de uma revolução que estava ocorrendo desde o século XVI, a *revolução do texto*, um processo cultural alavancado pela invenção da imprensa tipográfica no século XV, e que ampliou consideravelmente a reprodução dos textos, disponibilizando de maneira mais rápida e barata materiais impressos. Ademais, não se pode esquecer da relevância do impulso educacional na primeira Modernidade. Tanto os humanistas, como também os reformadores religiosos, defendiam o aperfeiçoamento individual pela educação, valorizando fortemente a leitura. Em decorrência destas mudanças tecnológicas, culturais e intelectuais, desenvolveu-se também um sólido mercado editorial na Europa Ocidental desde o século XVI.[53]

---

[49] VOVELLE, Michel. Introdução. In: VOLVELLE, Michel (Org). **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.
[50] SONNET, op. cit., p. 148.
[51] Ibidem.
[52] CHARTIER, Roger As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe (org.). **História da vida privada** - da Renascença ao século das luzes. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
[53] Ibidem.

Contudo, apesar da magnitude deste processo que transformou os Estados modernos, a religião cristã e as maneiras de ser e viver, não podemos pensá-lo como homogêneo, ou mesmo que todos as pessoas tiveram a mesmas oportunidades de educação e de acesso à cultura escrita. É importante lembrar que a proliferação dos impressos, da escrita e leitura, bem como da própria cultura escrita como um todo, não foi um fenômeno acessível a todos. Longe disso. As discrepâncias não existiram apenas entre diferentes países ou regiões, mas, sobretudo entre os grupos sociais. Entre os mais ricos, assim como entre os homens, o número de pessoas alfabetizadas[54] foi significativamente maior do que entre os indivíduos mais pobres e as mulheres.

Não é de se estranhar, portanto, que durante todo o período moderno a leitura[55] tenha ficado sob suspeição. Moralistas, religiosos e o próprio Estado buscavam distinguir a boa da má leitura, especialmente para as mulheres e as crianças:

> Os perigos da leitura de ficção, especialmente para as mulheres, eram usualmente discutidos por escritores homens a partir do início do século XVI. Como no caso do teatro, os romances eram temidos por seu poder de despertar emoções perigosas, como o amor. Alguns homens pensavam que as mulheres não deveriam aprender a ler, pois poderiam receber cartas de amor (...). Outros opinavam que as mulheres podiam ler um tanto, mas somente a Bíblia ou livros religiosos. Uns poucos bravos argumentavam que as mulheres de classe alta podiam ou deveriam ler os clássicos.[56]

Assim, além de levar em consideração os obstáculos impostos às mulheres que ambicionavam adquirir uma educação sólida, ao pensarmos sobre a educação feminina no período moderno é preciso atentar também para o fato de que o debate não se deu em mão única. Aqueles favoráveis e defensores de uma educação bem organizada para as mulheres não eram necessariamente uma minoria. Embora houvesse críticos à igualdade educacional entre os sexos, ao exemplo de Jean-Jacques Rousseau, como veremos mais adiante, houve também muitos defensores

---

[54] Na época moderna era comum separar as práticas de leitura e escrita. Assim, havia muitas pessoas que apesar de ler não sabiam escrever. Por a escrita ser considerada perigosa – principalmente às mulheres -, conforme assenta Roger Chartier, muitas eram apenas leitoras e não sabiam escrever.

[55] Paulatinamente, conforme defende Roger Chartier, com o crescimento das taxas de alfabetização, a leitura em voz alta que era então comum em locais com poucos leitores cedeu espaço para a leitura silenciosa. Com isto, gradualmente o que era uma prática coletiva tornou-se prática individual que proporcionava a reflexão solitária e a construção de um espaço do "fazer-se" – já que as impressões, sensações e interpretações que os textos causam, passam a estabelecer-se na solidão e na intimidade.

[56] BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; revisãotécnica: Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 70.

de uma educação feminina aprimorada e até mesmo equiparada à masculina desde a Idade Média.

Em 1673, Poulain de La Barre publicou o livro *De l'égalité des sexes* [Da igualdade dos sexos], trazendo importante contribuição ao debate acerca da educação feminina. Assim como Descartes, que apostava na igualdade da capacidade racional entre homens e mulheres, Poulain de la Barre defendia que a racionalidade era atributo de todos os seres humanos e, por conta disto, a educação de homens e mulheres não devia ser diferente. Ademais, ele via a diferença entre os sexos não como uma irredutibilidade natural, mas sim resultante dos preconceitos que só seriam superados a partir de uma educação igualitária, que oferecesse a homens e mulheres a oportunidade de exercer sua razão.[57]

Apesar do livro de Poulain de la Barre não ter obtido sucesso no momento de sua publicação ou mesmo de não representar o pensamento majoritário de sua época, ele representa, conforme afirma Godineau, uma contribuição importante para a querela das mulheres, além de inovar ao imputar às instituições a responsabilidade pela desigualdade entre os sexos.[58] Poulain de la Barre foi lido posteriormente por Condorcet, Helvétius e a escritora Mary Astell, que retomaram seus argumentos e, assim como ele, defenderam publicamente a igualdade entre homens e mulheres.[59]

Publicado em 1762, *Émile ou de l'Education* [Emílio ou da Educação], de Jean-Jacques Rousseau, foi um marco nos tratados de educação ilustrados. Não apenas exerceu profunda influência no pensamento ilustrado, mas foi responsável pela divulgação de um modelo de feminilidade altamente difundido na segunda metade do século XVIII e ao longo do século XIX. Nele, o autor defende que por terem naturezas separadas e irredutíveis, a educação de homens e mulheres devia seguir parâmetros igualmente distintos, e tece duras críticas aos "desvios das funções naturais da mulher" – que, segundo ele, além de ser parte da corrupção que imperava na sociedade francesa, era resultado do desejo das mulheres em ocupar o lugar dos homens na sociedade.[60]

Conforme analisamos em nossa dissertação de mestrado, Rousseau, partindo da filosofia natural, defendia que por terem sido forjados pela natureza para

---

[57] Ibidem.
[58] GODINEAU, op. cit.
[59] Ibidem.
[60] ARAÚJO, 2014, op. cit.

desempenharem papéis diferentes, homens e mulheres deveriam receber educação separada e diversa. A obsessão de Rousseau por uma educação voltada às inclinações naturais estava fundada na importância garantida pelo filósofo à natureza enquanto força ordenadora.[61] Como instância da estabilidade e da ordem, seus desígnios deveriam ser rigorosamente respeitados.

Apesar de se inserir no já citado debate da filosofia natural e de compartilhar muitos preceitos com seus colegas ilustrados, Rousseau era uma figura controversa no círculo ilustrado francês. Estabeleceu uma crítica aos seus principais pressupostos – como veremos nos capítulos adiante –, sendo inclusive, considerado um dos precursores das ideias românticas ou mesmo anti-ilustradas. Uma destas questões é sua concepção de civilização. Afastando-se do otimismo ilustrado em relação ao progresso, Rousseau estabeleceu uma relação bastante crítica em relação ao desenvolvimento da sociedade e da cultura, que segundo ele, afastaram, através da criação de hábitos artificiais, o homem da sua essência, de sua bondade natural. Assim, ao associar as sociedades e a cultura à corrupção humana, Rousseau estabeleceu uma visão pessimista sobre ambas, apontando como única possibilidade de superação da corrupção dos espíritos a formação de um *Homem novo*.

Este é o projeto de seu afamado tratado de educação, *Émile,* onde formulou um modelo de educação que reaproximasse os homens e as mulheres da sua condição natural a fim de "reaprenderem" a viver de acordo com suas inclinações naturais. Aperfeiçoados pela educação poderiam participar de um movimento de renovação social, tornando-se indivíduos prontos para viver em harmonia e em conformidade com as leis naturais.[62]

A partir da leitura de sua obra é possível afirmar que Rousseau reproduziu os pressupostos de gênero de sua época. Sua pedagogia é construída através da diferenciação entre os gêneros. Contudo, suas ponderações sobre a questão são bastante complexas. Mesmo valorizando a figura feminina e os traços que ele considerava serem da "natureza da mulher", elegendo aqueles que considerava serem os atributos femininos superiores aos masculinos, como a sensibilidade e a doçura, e não vendo a mulher pela lente somente da submissão ao homem, Rousseau também enfatizava a grande inferioridade intelectual. O filósofo chegou a afirmar que

---

[61] Ibidem.
[62] Ibidem.

as mulheres eram desprovidas de racionalidade e que qualquer movimento para atividades intelectuais representava um afastamento do seu "lugar natural". Sobre isto ele afirma:

> O império da mulher é o império da doçura, de habilidade e de complacência; suas ordens são os carinhos, suas ameaças são as lágrimas. (...) Neste sentido os lares mais felizes são em geral aqueles em que a mulher tem mais autoridade: mas quando ela despreza a voz do chefe, quando ela quer usurpar os direitos dele e mandar sozinha, o que resulta da desordem é a miséria, é escândalo, é desonra.[63]

Ao se referir à educação das mulheres, Rousseau defendia que a formação das meninas devia ser restrita às atividades "pertinentes ao seu sexo", pois se fossem superiores a elas, além de desviarem a atenção das atividades legítimas de seu sexo, poderiam ser prejudiciais ao seu equilíbrio físico, moral e intelectual. Ele acreditava que as leituras podiam ser extremamente nocivas se não fossem controladas, capazes de incutir na cabeça das mulheres ideias pouco pertinentes ao seu sexo:

> Mas, enquanto a leitura masculina é sinal de atividade intelectual, a leitora é facilmente considerada com uma pedante orgulhosa ou uma ociosa. Em ambos os casos, isso sucede porque a mulher surge menos no seu papel tradicional, porque quer ter acesso a um saber masculino, porque rouba o tempo que deveria dedicar ao governo da casa, ao marido ou aos filhos, porque cria entre si própria e o livro um espaço íntimo do qual o homem se vê excluído. A leitura feminina é perigosa.[64]

Logo, compreendida como um instrumento para o aperfeiçoamento intelectual, a leitura era entendida por Rousseau como uma ameaça ao progresso, caso não fosse corretamente conduzida. Por conta disto, ao discorrer sobre a introdução da leitura no cotidiano das crianças, Rousseau defendia que elas deveriam ser permitidas à medida que o espírito infantil fosse amadurecendo e aprendendo a lidar com seus conteúdos:

> (...) os instrumentos de sua maior desgraça, a saber, os livros. A leitura é o flagelo da infância, e quase a única ocupação que sabemos lhes dar. Aos doze anos, Emílio mal saberá o que é um livro. Mas, dir-se-á, é preciso que ele ao menos saiba ler. Estou de acordo; é preciso que ele saiba ler quando a leitura lhe for útil; até lá ela só serve para entediá-lo.[65]

---

[63] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**: ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, pp. 489 - 490.
[64] Ibidem, p. 490.
[65] Ibidem, p. 357.

Rousseau era extremamente crítico à presença feminina no meio letrado, afinal, para ele, a mulher tinha um déficit de racionalidade. Por conta disso, além do saber ser inútil a ela, era nocivo. Assim, as mulheres que ambicionavam adentrar nos ambientes letrados ou exercerem atividades intelectuais, foram rejeitadas e duramente criticadas por ele. Apesar de suas ideias terem sido um sucesso e muito bem recebidas, inclusive pelas mulheres - seja incorporando todos aqueles valores femininos defendidos por ele, ou educando seus filhos e filhas a partir daqueles pressupostos - Rousseau foi criticado, especialmente pelas mulheres escritoras.

Para uma compreensão mais aprofundada da realidade das mulheres – seja no século XVIII, ou em qualquer outro recorte histórico – precisamos ir além dos discursos como estes exemplificados em síntese no texto de Rousseau. Compreendemos que mesmo que as mulheres fossem definidas por muitos pensadores ilustrados como seres de pouca capacidade racional, com espírito frágil e destinadas ao cuidado maternal, ao problematizarmos a sociedade francesa setecentista é preciso ir além destes discursos. Por mais que estes indivíduos tenham adquirido prestígio e notoriedade, que suas obras tenham alcançado grande sucesso e que suas interpretações e proposições tenham predominado na historiografia do Iluminismo durante muito tempo, estes discursos não foram uníssonos. Muitos homens e mulheres os criticaram e a eles se opuseram.

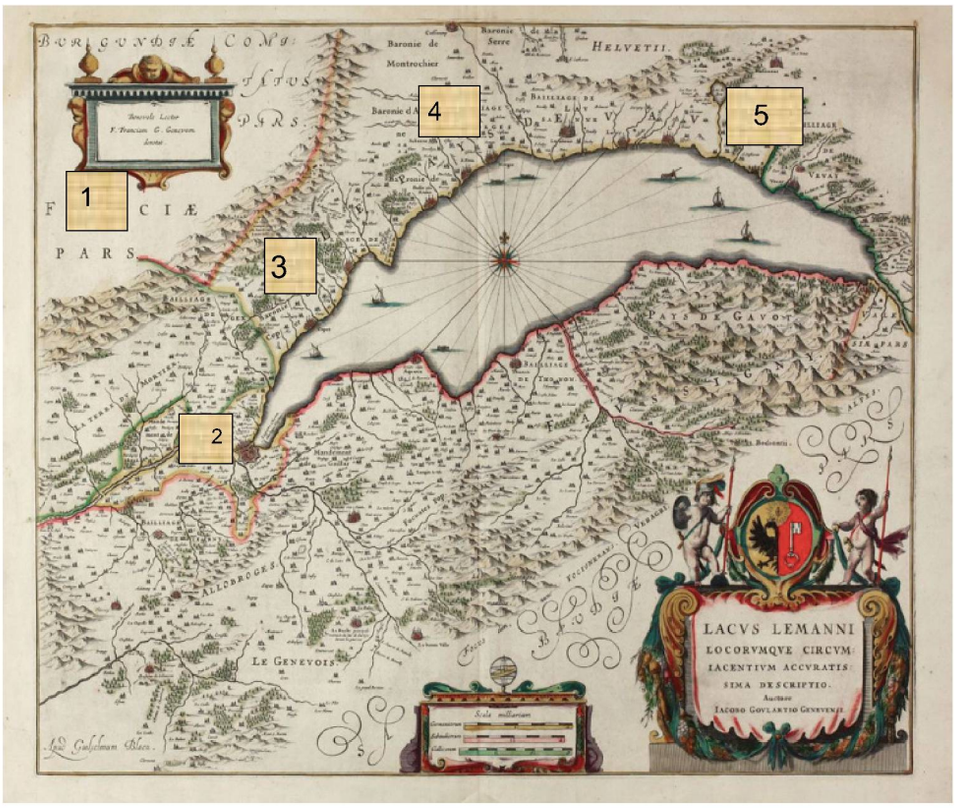
Este foi o caso de mulheres como Mary Wollstonecraft, Madame d'Épinay e Suzanne Necker, a mãe de Madame de Staël. Cada uma, à sua maneira, elaborou um pensamento crítico aos postulados do filósofo genebrino, porém, sem jamais negar a relevância de suas ideias. Suzanne Necker, por exemplo, apesar de se declarar admiradora de Rousseau e ter colocado em prática muitos de seus postulados, ressignificando-os ao seu próprio modo. Utilizou sua capacidade reflexiva e sensibilidade como motor da crítica pessoal que fez ao filósofo e às suas ideias, as adaptou tanto para as suas práticas pessoais de mãe educadora, como também na sua concepção de maternidade, conforme veremos adiante.

Suzanne Curchod, que após seu casamento adotou o nome de família do marido, foi a filha única da francesa Magdelaine d'Albert de Nasse e do suíço Louis-Antoine Curchod. Nascida em Genebra no ano de 1737, recebeu sólida formação religiosa desde menina. Seu pai, um pastor calvinista, e sua mãe, uma calvinista austera, garantiram a ela fortes e rigorosos valores morais. Contudo, sua educação não se restringiu aos limites colocados pela religião. Seus pais se preocuparam em

fornecer uma educação formal de qualidade. Conforme Christopher Herold afirma, “aos dezesseis anos, Suzanne era fluente no latim, sabia um pouco de grego, tinha boa formação em matemática e nas ciências naturais; tocava harpa e violino; e pintava”.[66] Estas capacidades se aliavam à comentada beleza e aos modos polidos que fizeram com que a jovem Suzanne se destacasse em sua cidade natal.

FIGURA 1 -ANTIQUE MAP OF LAKE OF GENEVA[67]

[Mapa antigo do lago de Genebra]



FONTE: Willem Janszoon Blaeu (Amsterdam, 1635).

LEGENDA: Os locais identificados no mapa são: 1. França, país de destino de Suzanne Necker após o falecimento da mãe e onde ela morou até sua morte em 1794. 2. Genebra. 3. Vila de Coppet que fica cerca de 20 km distante de Genebra, local onde a família Necker adquiriu o Palácio de Coppet e que foi palco de muitos acontecimentos familiares, principalmente durante os exílios de Jacques e Germaine. 4. Villa da Laussane, local de nascimento e residência familiar de Suzanne até a juventude.

[66] HEROLD, op. cit., pp. 11-12.

[67] Vintage Maps. Disponível em: <https://www.vintage-maps.com/en/antique-maps/europe/switzerland:::20?p=2> Acesso 20 de jan 2019.

Na juventude Suzanne teve a oportunidade de conhecer os círculos cosmopolitas da Suíça. Frequentemente fazia viagens a Laussane[68] (Figura 1), local de encontro das elites, onde os centros culturais calvinistas exerciam atração sobre jovens e adultos. Esta experiência foi muito importante para ela, que encontrou naqueles círculos de sociabilidades elegantes e respeitáveis as condições para a desenvoltura social. Ademais, ali teve sua primeira experiência amorosa. Começou a namorar o historiador inglês Edward Gibbon, mas logo teve que romper o namoro por desaprovação dos pais.

Em 1760, Louis-Antoine Curchod faleceu deixando uma pequena pensão à esposa. Assim, as necessidades econômicas levaram a jovem Suzanne a ministrar aulas particulares. Estes não foram tempos fáceis para ela e sua mãe. Além de todas as demandas geradas pela nova condição financeira e a dor pela perda do pai, sua relação com a mãe passou por sérios conflitos.[69]

Catherine Dubeau e Conte d'Hausoville, ambos estudiosos da biografia de Madame Necker, defendem que sua relação com a mãe foi bastante intensa e tumultuada, bem como a que futuramente estabeleceria com sua filha Germaine. Segundo os biógrafos, Magdelaine d'Albert era uma mulher inspiradora, mas bastante austera e controladora o que contribuiu para que sentimentos contraditórios permeassem a relação de mãe e filha.[70] Desta forma, a relação de Suzanne com sua mãe foi conflituosa, permeada por sentimentos intensos e até mesmo controversos que causaram muita consternação a ela. Tanto que, após a morte da mãe, por acreditar que não tinha reservado a ela cuidados e sentimentos dignos de uma filha, foi tomada pela culpa, sentimento que ela carregou por toda vida.[71]

Em 1780, mesmo após a maternidade e dezessete anos decorridos da morte de sua mãe, a dor e o sentimento de culpa ainda a acompanhavam, conforme registrou no diário:

---

[68] Cidade localizada à beira do lago Léman que faz parte do Cantão de Vaud na Suíça.
[69] DUBEAU, Catherine. **La lettre et la mère:** roman familial et écriture de la passion chez Suzanne Necker (1737-1794) et Germaine de Staël (1766-1817). Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2013.
[70] Ibidem, p. 57.
[71] Segundo Dubeau, Suzanne Necker teve muitos problemas de saúde ao longo da vida. Era uma mulher frágil, que segundo o médico da família Necker, Dr. Tronchin, se devia ao seu sofrimento emocional. A morte do pai, o relacionamento difícil com a mãe e os sentimentos de remorso e culpa foram as raízes de uma dor emocional tão intensa, que segundo ele, se converteram num mal físico crônico. Ibidem.

> Oh! ma mère, toi dont l'âme pure et sensible erre sans doute autour de moi, image chérie, sans cesse présente à mon cœur désolé, toi qui me donnas l'exemple de tous les sacrifices. pourquoi suis-je rentrée dans cette ingrate patrie dont tu t'étois arrachée? Tu fus victime du fanatisme, je le suis d'une stupide insensibilité; on a blessé profondément ce cœur qui t'adoroit. En vain je voudrois confier mes peines: qui m'entendra? Je cherche à te rappeller dans l'illusion du sommeil, je crois te voir, je te parle; mon âme s'épanche dans ton sein; le sein d'une mère, où est-il? Ah! Dieu, je cherche à me tromper, (...) je les avois contre toi, parce que tu étois la source de toute ma félicité sur la terre; je m'en prenois à toi de toutes les contrariétés de ma vie, parce que de toi seule dépendoit mon bonheur; mais, qu'elle qu'ait été la cause de ces propos d'humeur si criminels, puisqu'ils s'adressoient à toi, mon ange tutélaire, ne fixe plus ton attention sur des mouvements où le cœur n'eut jamais de part, vois mon désespoir après ta perte, vois cet ennui de la vie qui m'a dévoré et qui me dévore encore; les barbares, en me reprochant ces instants de ma vie où l'espoir de soutenir ta vieillesse me donna la force de fouler aux pieds des dégoûts de tout genre, ils n'ont pas su toutes les playes qu'ils alloient rouvrir (…).[72]
>
> [Oh! minha mãe, você cuja alma pura e sensível, sem dúvida, vaga ao meu redor, querida imagem, incessantemente presente ao meu triste coração, você que me deu o exemplo de todos os sacrifícios. Porque voltei para aquele país ingrato do qual você foi rasgado. Você foi vítima do fanatismo, eu sou estupidamente insensível; você magoa profundamente aquele coração que te adorava. Em vão gostaria de confidenciar minhas tristezas; quem vai me ouvir? Eu tento lembrar de você na ilusão do sono, acho que vejo você, falo; minha alma é derramada em seu peito; o peito de uma mãe, onde está? Ah! Deus, eu tento me enganar (...) Eu os tinha contra você, porque eu era a fonte de toda a minha felicidade na terra, eu tirei todos os aborrecimentos da minha vida de você porque só a minha felicidade dependia de você; mas que ela foi a causa dessas observações de humor tão criminoso, já que elas se dirigiram a você, meu anjo tutelar, não fixa mais sua atenção seguindo movimentos onde o coração não nunca parti, vejo meu desespero depois de sua perda, veja esse tédio da vida que me devorou (...).]

Nota-se neste registro que mesmo após mais de uma década do falecimento da mãe, a culpa e o sofrimento ainda acompanhavam Suzanne. Além de fazer referência aos seus sentimentosquando se refere a ela, notamos ainda um tom bastante afetuoso. Como, por exemplo, quando escreve “querida imagem” [image chérie]. Outro termo que aparece é “anjo tutelar” [Angel tutelaire] que, segundo Dubeau, faz referência à ambiguidade da figura materna. Uma presença angelical, mas que transita entre a proteção e a severidade inflexível. Ademais, Suzanne deixa evidente sua admiração pelos cuidados dispensados a ela por sua mãe ao afirmar “você que me deu o exemplo de todos os sacrifícios” [toi qui me donas l'exemple de tous les sacrifices] e “minha alma é derramada em seu peito” [mon âme s'épanche dans ton sein]. Evidenciando

---

[72] NECKER, Suzanne apud Haussonville, Viconte d'. **Le salon de Madame Necker**. Paris: Calmann Lévy, 1882, v. 1, pp. 87-88. Disponível em: <https://archive.org/details/lesalondemadamen01hausuoft/page/n8 Acesso 10 set 2017.

não apenas o imenso afeto que sentia pela mãe, mas também a admiração e respeito que tinha por ela.

Frente ao intransponível, Suzanne apela a Deus, questiona "quem vai me ouvir?" [qui m'entendra?], e se desculpa seus erros. Termos como culpa, redenção, sacrifício e desespero demonstram o remorso em sua alma. O que Catherine Dubeau defende ser uma obsessão com culpa,

> (...) et le désir de rendre hommage aux parents disparus, non seulement occupera continuellement la pensée de l'auteure, mais modèlera son œuvre et dirigera sa vie, devenant le moteur d'une entreprise de rachat misant exclusivement sur le respect scrupuleux de la vertu et des devoirs.[73]
>
> [(...) Nossa hipótese é que a obsessão com culpa e o desejo de homenagear os pais desaparecidos não apenas ocuparão os pensamentos do autor continuamente, mas moldarão seu trabalho e direcionarão sua vida, tornando-se a força motriz por trás de um empreendimento de redenção.]

Outro ponto interessante é a referência que Suzanne faz à França e à perseguição protestante naquele país. Segundo Dubeau é à França que Suzanne se refere ao citar "país ingrato" [ingrate patrie]. Sua referência é a perseguição que os protestantes foram vítimas ao longo do reinado de Luís XIV na França, motivo pelo qual a família de Madame d'Albert fugiu do país e se refugiou na Suíça.[74] Pode-se ver mais um indício de culpa? Provavelmente sim, já que o país da perseguição que tornou seus antepassados "vítimas do fanatismo" [Tu fus victime de fanatisme] foi o mesmo que ela escolheu para ser seu lar. Acreditamos que aí apareça mais uma vez a culpa e o receio por uma possível desaprovação da mãe.[75]

O medo de não ser ouvida e/ou não ser perdoada também é bastante evidenciado e são frutos de apelos emocionados de Susanne, o quedemonstra que, embora fosse um escrito íntimo que apenas ela teria acesso - pelo menos até sua morte -, apelava por ser ouvida. Sua fé talvez a fizesse acreditar que suas palavras seriam ouvidas por sua mãe. Seria uma esperança transcendental ou um recurso retórico? Isto jamais saberemos, mas com certeza podemos perceber a escrita como uma prática de olhar para dentro de si, examinar seu passado e transbordá-lo em palavras.

---

[73] DUBEAU, op. cit., p. 66.
[74] Ibidem.
[75] Ibidem.

Esta escrita de Suzanne é uma evidência do que ficou conhecido na Modernidade como "exame de consciência". Inicialmente incentivados pelos reformadores religiosos um meio de reflexão e controle sobre si, aos poucos difundiu-se como uma prática cotidiana onde os autores desnudavam-se, como se fossem ao mesmo tempo réu e juiz. Assim, nos diários íntimos, os indivíduos adquiriram o hábito de derramarem sua alma, criando um espaço de intimidade e construção de si.

Por ter o gênero como marca de sua autoria e visto que, como já extensamente citado, via de regra, as mulheres estavam mais presentes no ambiente doméstico, nos diários este ambiente foi demasiadamente abordado, se constituindo como um espaço de registro da memória familiar e feminina, já que "os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade".[76]

O trecho acima foi extraído de um dos diários de Suzanne, que após a sua morte foram editados por Jacques Necker e publicados sob os títulos de *Melánges* e *Nouveaux Mélanges*. Suzanne foi uma ávida escritora. Segundo seus biógrafos, além dos extensos volumes que constituem seus diários, ao longo da vida ela compôs mais de dez mil missivas. Logo, a prática da escrita foi sua consorte, prática que encontrou suporte na retidão moral calvinista.[77]

Com a morte dos pais, Suzanne se viu sozinha e sem recursos. Mas, com a chegada da jovem viúva Madame Vermenoux à sua cidade, novas possibilidades surgiram em sua vida. Ela convidou Suzanne para ir a Paris trabalhar como acompanhante e governanta em sua residência. Suzanne aceitou o convite e em 1764 mudou-se para a França. Lá, começou a fazer parte dos círculos elegantes parisienses, mesmo que ainda sem reconhecimento e prestígio.[78]

Conforme aponta Balayé, mesmo não sendo de uma família rica e não tendo adquirido os costumes das elites parisienses, Suzanne soube aliar à sua formação de qualidade uma conduta ilibada fundada em modos simples, mas polidos, o que chamava favoravelmente a atenção. Conquistou um espaço que não tinha sido garantido pela tradição familiar, mas que foi ocupado graças ao seu esforço pessoal.[79]

---

[76] PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, pp.9 - 18, 1989.
[77] ARAUJO, 2011, op. cit.
[78] BALAYÉ, Simone. **Madame de Staël Lumières et liberté**. Paris: Klincksieck, 1979.
[79] Ibidem.

Foi então que conheceu aquele que viria a ser seu marido, um jovem banqueiro que assim como ela, vinha de uma família protestante e suíça.

Jacques Necker era filho de Karl Frédéric Necker, um genebrino de uma família protestante que havia ascendido socialmente pelo trabalho. Embora não fosse de família da elite, "nascer ao seio de uma família de um pastor brandeburguês ou pomerano não lhe garantia o acesso à riqueza, mas oferecia certas possibilidades, sempre que apresentava certos talentos".[80] Seu pai, advogado formado, atuou como tutor e companheiro de viagem do conde Bernstorff, filho do primeiro ministro de Hanover.[81]

Com a ascensão do ministro ao trono da Inglaterra como rei Jorge I, Karl Necker foi bastante favorecido. Foi agraciado com uma pensão de duzentas libras ao ano como pagamento por dirigir um colégio para jovens ingleses em Genebra. Ademais, assumiu o cargo de professor de direito público na Academia de Genebra. Em 1726, Karl se casou com Jeanne Gautier, filha de Pierre Gautier, primeiro administrador de República de Genebra. Com ela teve dois filhos, Louis e Jacques. O mais velho, Louis, dedicou-se à matemática, entrou para a vida acadêmica, mas foi nas finanças que encontrou sucesso e acumulou grande fortuna, assim como o irmão caçula, Jacques.[82]

Com quinze anos, Jacques deixou a escola e foi trabalhar num banco com Issac Vernet. Suas habilidades nas finanças permitiram que, em pouco tempo, além de ter se tornado sócio do banco – que tinha sede em Paris e Londres –, acumulasse grande fortuna. Christopher Herold destaca que Jacques nunca foi um *bon vivant*. Sua personalidade fazia que não se interessasse por frivolidades ou distrações mundanas mesmo em seus anos de juventude, já que "as mesas de jogo, os camarins das atrizes, o Palais-Royal e outros lugares de perigosas delícias não conseguiram atraí-lo, da mesma maneira, seu pensamento tampouco tendia ao amor ou matrimônio".[83]

Assim, nos seus primeiros anos em Paris, não frequentava os círculos elitizados, vestia-se com modéstia e embora já tivesse alcançado sucesso no mundo das finanças, era uma "nulidade social". Tudo começou a mudar em 1764, ano em que Jacques conheceu Suzanne, senhorita de origem modesta, mas com virtudes que

---

[80] HEROLD, op. cit., p. 12.
[81] Ibidem.
[82] Ibidem.
[83] Ibidem, p. 14.

considerava admiráveis, alguém que assim como ele era calvinista e se pautava pela retidão moral e disciplina como motores para o progresso pessoal.[84]

Após o casamento com Necker, apesar de não ter sido recebida com entusiasmo pela alta sociedade parisiense, Suzanne abriu um salão em sua casa com o intuito de convidar pessoas de renome e importância social.[85] Assim, todas as sextas-feiras ela abria as portas de sua residência, o *Hotel Le Blanc*, para as reuniões e debates sobre questões culturais, filosóficas e políticas. Aos poucos o salão de Suzanne Necker foi conquistando seu espaço entre as damas da sociedade e adquiriu prestígio.[86]

Vários historiadores concordam que a grande motivação de Suzanne neste empreendimento foi alavancar a carreira do seu marido. Parece que seu objetivo foi constituir, naquele ambiente, uma rede de influências que pudesse alçar sua família ao reconhecimento e prestígio social, bem como garantir um cargo político proeminente ao seu marido:

> Pour l'aider, et parce qu'elle se plaît dans le monde et parmi les écrivains, même si leurs idées ne lui conviennent pas toutes (elle est très attachée à la religion reformée), Mme Necker réussit à attirer chez elle les "philosophes" et fait rapidement de sa Maison le dernier des grands salons littéraires de ce siècle. Aux dîners du vendredi où se rend toute "l'église", Mme Necker reçoit les Encyclopédistes, Diderot et d'Alembert, Helvétius, Buffon et lepoète Thomas, ses deux meilleurs amis; Mme Geoffrin, Mme du Deffand, Mlle de Lespinasse, la comtesse d'Houdetot, Marmontel, Suard, Mably, Raynal, Bernardin de Saint-Pierre.[87]
>
> [Para pensá-lo, e porque gostava desse mundo e dos escritores, mesmo que não concordasse com todas as ideias destes (ela é muito apegada à religião reformada), a Sra. Necker consegue atrair para a sua casa os "filósofos" e rapidamente fez da sua casa o último dos grandes salões literários daquele século. Nos jantares das sextas-feiras, do qual participa "igreja", a Sra. Necker recebe os Enciclopedistas, Diderot e d'Alembert, Helvetius, Buffon e o poeta Thomas, suas duas melhores amigas; Madame Geoffrin, Madame du Deffand, Mademoiselle de Lespinasse, a condessa deHoudetot, Marmontel, Suard, Mably, Raynal e Bernardin de Saint-Pierre].

A este respeito, o historiador Antoine Lilti é decisivo em suas considerações. Para ele, o salão de Suzanne Necker fez parte da estratégia política de Jacques

---

[84] Ibidem.
[85] Suzanne Necker também se dedicou à caridade e à escrita. Ela se tornou notável pensadora e apesar de seus textos serem menos conhecidos ou revolucionários do que os de sua filha, sua produção foi muito valiosa. Em suas obras ela tratou da condição e das sociabilidades femininas no século XVIII e de temas polêmicos à época, como a abolição da escravidão e o divórcio.
[86] ARAUJO, 2011, op. cit.
[87] BALAYÉ, op. cit., p. 12.

Necker. Defende que em um primeiro momento, foi fundamental para a sua inserção, um banqueiro genebrino recém-chegado na França, nos círculos da boa sociedade parisiense:

> Le salon des Necker leur permet donc d'intégrer la bonne société et de s'y créer de solides appuis politiques, sans mettre tropen avant la fortune du banquier, mais enjouant au contraire la carte du prestige littéraire et de la réputation mondaine. Parallèlement, Necker s'appuie aussi sur les hommes des lettres qui fréquentent sa maison pour se façonner une image d'homme cultivé, intéressé à la fois par l'administration et les lettres.[88]
>
> [O Salão dos Necker oferece-lhes a oportunidade de integrarem-se à boa sociedade e de criar bases políticas sólidas, sem dar demasiada ênfase à fortuna do banqueiro, mas, pelo contrário, dando ênfase ao prestígio literário e a reputação mundana. Ao mesmo tempo, Necker também se apoia nos homens de letras que frequentam a Casa para moldar a imagem de homem cultivado, interessado ao mesmo tempo pela administração e pelas letras (no sentido de Literatura.]

Desta forma, o *Hotel Le Blanc* foi peça fundamental para a ascensão política de Necker, se constituindo como um espaço onde se estabeleciam vínculos e redes de influência. Foi este esforço e trabalho para a construção da distinção social e de sua residência como um espaço de sociabilidade elevado que permitiu que o salão de Suzanne Necker se tornasse um importante espaço de discussão política às vésperas da Revolução, onde se reuniam homens de letras, políticos, embaixadores, altos funcionários públicos, entre outros, constituindo-se assim, num importante espaço político.[89]

O *Hotel Le Blanc* representava, conforme assenta Lilti, uma nova forma de fazer política. Necker foi um dos primeiros homens e utilizar a opinião pública como força propulsora para a ascensão política.[90]

> Si l'on rouvre le dossier, on contraste qu'il est impossible de séparer le "salon de Mme Necker" de la carrière politique de "M. Necker". D'une part, le salon était largement perçu comme celui des Necker, voire de Necker lui-même, que ce fût par Mme Du Deffand ou par les inspecteurs du contrôle des étrangers. D'autre part, Mme Necker s'identifie pleinement à l'oeuvre politique de son mari, qu'elle ne cesse de vanter et de défendre.[91]

---

[88] LILTI, Antoine. **Le monde des salons:** Sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIeme siècle. Paris: Fayard, 2005, p. 372.
[89] Ibidem.
[90] Por conta desta inovação, Lilti destaca que há muitos pesquisadores que na atualidade de vem garantindo lugar importante para Jacques Necker nos estudos sobre a opinião pública. Ibidem.
[91] Ibidem, p. 370.

> [Se reabrimos o registro, conclui-se que é impossível separar o "salão da Sra. Necker" da carreira política do "Sr. Necker". Por um lado, o salão era amplamente percebido como sendo dos Neckers, ou até mesmo do próprio Sr. Necker, fosse por Madame Du Deffand ou pelos inspetores do controle de estrangeiros. Por outro lado, Mme Necker indentifica-se plenamente com o trabalho político de seu marido, que ela não cessa devangloriar e defender.]

O Salão funcionava como uma vitrine, portanto, onde todos os membros da família Necker tinham a oportunidade de exibir suas virtudes e talentos, com isto conseguindo alavancar o nome e o prestígio da família. Foi um importante fator para a visibilidade e sucesso político de Jacques Necker, de sua esposa e posteriormente de sua filha Germaine.[92]

Ao fazermos uma análise mais pormenorizada da família Necker, compreendemos que ela tem uma dinâmica muito particular, que representa um ideal de família burguesa que floresceu no século XIX, mas que na segunda metade do século XVIII já começava a ser esboçado.

Segundo Carlos Guilherme Mota, o século XVIII foi um período onde a tensão social estava tomando proporções calamitosas por conta da crise econômica que arrastou muitos indivíduos à miséria e também por conta das transformações econômicas propiciadas pelo crescimento do poder econômico da burguesia. Tratava-se de um grupo social do terceiro estado, responsável pelo pagamento de impostos, desprovido de privilégios de nascimento e impedidos de ocupar determinados cargos da estrutura política e administrativa, mas que, em contrapartida, tinha acumulado fortuna, adquirido prestígio social e poder financeiro, abalando a rígida organização da sociedade de ordens.[93]

Adquirindo poder econômico no reino e sendo responsável por muitos dos prósperos negócios que garantiam a manutenção do estilo luxuoso da corte, os burgueses passaram não apenas a comprar títulos de nobreza, mas também a ocupar cargos na estrutura administrativa do reino. Isto desagradou muitos nobres, que acreditavam estar perdendo seus privilégios, mas, em contrapartida, foi motivo de satisfação de muitos plebeus que se consideravam merecedores de sua própria ascensão.[94] Muitos, inclusive, ao exemplo de Jacques Necker, lucravam com a crise

---

[92] Ibidem.
[93] MOTA. Carlos Guilherme. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Ática, 1989.
[94] VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa (1789-1799)**. São Paulo: UNESP, 2012.

do Estado francês, fazendo empréstimos ao reino, financiando guerras ou mesmo investindo no comércio colonial.[95]

A alta burguesia financeira – que em boa parte era composta por estrangeiros – dominava o mundo dos negócios. Enquanto a crise econômica que assolava a França contribuía para o empobrecimento de muitos nobres, tornava os financistas mais prósperos. Muitos deles tiveram mais poder e foram mais abastados que parte da nobreza, formando o que Mota denomina de uma "aristocracia burguesa".[96]

Jacques Necker é um exemplo ímpar deste grupo elitário. Como mencionado anteriormente, nascera na austera Suíça calvinista, o que contribuiu para que se tornasse um homem avesso a extravagâncias. Nos negócios, Necker agia como um exímio financista. Investiu em muitas transações de sucesso, chegando inclusive a emprestar dinheiro para coroa – valor reavido apenas em 1815, após anos de apelos de seu neto, Auguste de Staël, junto a Napoleão Bonaparte. Assim, embora tivesse nascido em família com poucos recursos em um pequeno vilarejo na Suíça, ao falecer era dono de uma das maiores fortunas da época.

Suzanne foi a esposa que atuou em conjunto com este homem de negócios. Teve a perspicácia de compreender a importância de forjar a imagem pública de Necker – e por conseguinte de toda a família –, dedicando-se às obras de caridade, aos cuidados de sua filha, zelando pelo progresso profissional do seu marido e pela retidão moral de sua família.[97]

Embora alguns biógrafos defendam que Suzanne e Jacques talvez não tenham nutrido paixão romântica um pelo outro, em suas missivas ela constantemente declarava um amor profundo ao seu marido. Após o casamento, ela escreveu a um amigo:

> Tu t'attends, mon ange, à un tableau fidèle de mon état qui, je le sais, fait une partie essentielle du tien. J'ai épousé, ma chère, un homme qui est à mes yeux le plus aimable des mortels, et je t'assure que je ne suis pas la seule à en juger ainsi. J'ai eu du penchant pour lui dès que j'ai commencé à le connoître, et je te l'aurois dit, si j'eusse été près de toi, mais je n'osois te l'écrire. A présent, je ne vois plus que mon mari dans tout ela nature; tous mês goûts, tous mês sentiments se rapportent à lui. (...) Les attentions de mon mari sont incroyables; mais je ne suis sensible à rien qu'à son attachement, et le mien pour lui a pris tant de force, que je ne vois que lui dans la compagnie

---

[95] MOTA, op. cit.
[96] Ibidem.
[97] LILTI, op. cit.

> la plus agréable e qu'un homme pour qui j'avois eu qualque gout ne m'étoit qu'ennuyeux loin de mon cher mari.[98]
>
> [Você deve estar esperando, meu anjo, que eu deveria lhe dar uma visão verdadeira da minha forma de pensar, a qual eu reconheço fazer parte não essencial da sua própria. Minha querida, eu casei com um homem que é, aos meus olhos, o mais amável dos mortais, e eu asseguro não ser a única mulher a pensar assim. Eu o tenho amado desde a primeira vez que o conheci. Eu teria lhe dito, se eu tivesse estado contigo, mas não arrisquei esperar. No presente, a única coisa que eu vejo em todo o mundo é o meu marido. Todos os meus gostos e todos os meus sentimentos estão ligados a ele. (...) As atenções do meu marido são para mim sem limites. Me parece que nada me importa além do amor do meu marido por mim; e meu amor por ele é forte que eu apenas o vejo, mesmo que eu esteja na mais agradável das companhias.]

Nesta passagem, são evidentes os sentimentos ternos que Suzanne nutria por seu esposo e a satisfação que sentia em sua companhia e a felicidade pelo casamento. Assim, consideramos que a união entre eles foi permeada por muito respeito e afeto, além de ser bastante frutífera para os padrões da época. Juntos galgaram o sucesso financeiro e o prestígio social. Ademais, ambos zelaram – cada um à sua maneira – pela formação de sua única filha. Talvez tenha sido a cumplicidade entre Jacques e Germaine que desestabilizou a relação entre os três, como veremos.

A partir destas informações biográficas, defendemos que Suzanne e Jacques elaboraram um projeto familiar calcado no respeito e nos sentimentos ternos, buscando igualmente o prestígio edificado sobre uma ampla visibilidade, bem como na construção da imagem pública da família e de Necker. Contudo, apesar desta aparente igualdade de gênero no casamento, podemos afirmar que apesar de ser uma relação bastante igualitária e até certo ponto progressista para a época, este acordo ainda trazia consigo as marcas das hierarquias.

Apesar de Suzanne Necker ter tido uma atuação bastante considerável no seu salão, até mesmo posicionando-se publicamente em favor do divórcio e contra a escravidão - temas bastante debatidos na época - não podemos deixar de considerar que esta era uma família patriarcal. O cabeça e protagonista da família era o homem. Era para o sucesso do marido que Suzanne trabalhava socialmente. Logo, apesar de não negarmos o interesse e a satisfação pessoal de Suzanne ao participar deste

---

[98] NECKER, Suzanne apud Haussonville, op. cit., p. 112.

arranjo, acreditamos que é importante atentar que não se pode pensar num projeto de autonomia pessoal por parte dela.

Era uma nova roupagem, atualizada em tons mais progressistas, à velha premissa de que cabia às mulheres dar o apoio necessário para que seus maridos conquistassem uma carreira sólida e de prestígio social.

> Tout dans le salon de Mme Necker travaille à la gloire de son époux, du grand homme toujours un peu lointain, mais dont le prestige, la force et la puissance de réalisation s'éprouvent jusque dans la vie quotidienne. L'ombre de son père est partout présent, symbole de l'amour protecteur, de la grandeur et de la gloire.[99]
>
> [Tudo no salão da Sra. Necker funciona para a glória de seu marido, o grande homem sempre um pouco distante, mas cujo prestígio, força e poder realizador são sentidos mesmo na vida cotidiana. A sombra de seu pai está presente em toda parte, símbolo de amor protetor, de grandeza e glória.]

Jacques Necker foi um homem bastante progressista no que dizia respeito à educação e inserção das mulheres nos ambientes de sociabilidades e debates políticos, mas não foi um defensor de ideias mais radicais sobre a emancipação das mulheres. Como muitos de seus contemporâneos, defendia que cada sexo tinha suas atribuições diferentes na sociedade. A escrita profissional – aquela destinada à publicação -, por exemplo, era tida por ele como atividade masculina.[100] Não via com bons olhos que as mulheres exercessem esta atividade e por conta disto não foi favorável que a escrita para fins públicos fosse praticada por sua mulher e sua filha. Não foi por mero acaso, portanto, que Madame de Staël se dedicou seriamente à atividade de escritora somente depois do casamento, como veremos adiante e que a sua mãe tivesse se dedicado à escrita de natureza mais intimista.

Anne-Louise Germaine Necker, única filha do casamento de Jacques e Suzanne Necker, e carinhosamente chamada por seus pais de "Minette", veio ao mundo na primavera de 1766. Desde menina, Germaine foi incentivada e seguir pelo caminho do esmero intelectual e da retidão moral calvinista. Foi direcionada para seguir os passos dos seus pais, afinal, ela era uma Necker e precisava saber agir como tal. Recebeu educação primorosa.[101]

---

[99] BALAYÉ, op. cit., p. 17.
[100] OZOUF, Mona. **Les Mots des Femmes.** France: Gallimard, 1999.
[101] ARAÚJO, 2011, op. cit.

Isto era uma inovação na concepção de maternidade, visto que, até o século XVII, a relação entre mães e filhos não era definida a partir do que chamamos na contemporaneidade de *amor materno.* Principalmente nas classes mais altas, onde o poder econômico garantia a possibilidade da contratação das amas-de-leite, governantas e preceptores, o contato entre mães e filhos era bastante restrito. Na maioria dos casos, as crianças eram entregues às amas-de-leite nos primeiros dias – ou mesmo horas – de vida e só retornavam ao convívio familiar quando já tinham cerca de quatro ou cinco anos. Mesmo quando os serviçais se dedicavam aos cuidados com as crianças na residência familiar, o contato diário entre mãe e filhos se resumia a pequenos encontros com poucas trocas de palavras e de afetos.[102]

É importante lembrar que as mulheres das elites consideravam pouco elegante se dedicar à atividade tão insignificante quanto o cuidado de crianças. Ademais, a amamentação era considerada atividade pouco adequada às mulheres refinadas e de estirpe, o que fazia com que muitas damas das altas sociedades rejeitassem esta atividade. Sobre isto, Badinter afirma que:

> Para explicar esse ato antinatural, as mulheres dos meios abastados invocaram certo número de argumentos que tinham por finalidade menos justificar sua ação do que desculpar a sua inação. Outras, não obstante, dirão claramente as coisas, ou seja: isto me aborrece e tenho coisa melhor a fazer.[103]

Desta forma, cuidar dos filhos pequenos foi uma atividade que de maneira geral não atraía as mulheres da aristocracia, e por muito tempo não houve incentivos para a ela se dedicarem. Das nobres e aristocratas se esperava que preferissem se dedicar às atividades mundanas, como os salões, a ópera e o teatro. Estar em contato com seus pares em espaços de sociabilidades, festas ou dedicando-se a jogos e outros entretenimentos era o que constituía a vida social para aquelas mulheres, enquanto os cuidados com as crianças estavam associados às atividades servis.[104]

Porém, com a divulgação do ideal ilustrado de sociedade e de natureza, muitos médicos e escritores passaram a argumentar que a natureza feminina foi forjada para a função maternal, contribuindo para a transformação no ideal de maternidade. Ainda

---

[102] BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado***:* O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
[103] Ibidem.
[104] Ibidem.

de acordo com Elisabeth Badinter, eles "(...) impõem à mulher, a obrigação de serem mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho".[105]

Este foi o grande mote de Rousseau na já citada obra *Émile*: chamar as mulheres às suas atividades naturais de mãe e esposa, dedicando-se à amamentação, bem como aos cuidados dos filhos.[106] Embora seu tratado tenha feito imenso sucesso, nem todas as mulheres estavam dispostas a segui-lo. A vontade em desempenhar outras atividades, de adentrar em ambientes que não eram de tradicional presença feminina, mesmo com a valorização social da maternidade, ainda atraía muitas mulheres que ansiavam pela autonomia.[107] Contudo, apesar das resistências, formou-se com solidez a nova imagem materna no século XVIII e paulatinamente as mulheres foram adequando seus interesses e ambições para atender aos apelos morais, médicos e religiosos em prol da saúde e educação dos filhos.

As reações a este novo discurso sobre a maternidade foram variadas. Ao mesmo tempo em que muitas mulheres defendiam que o corpo feminino era fonte de escravização, e assim, não desejavam se dedicar aos filhos e às atividades maternas, outras aceitaram de bom grado desempenhar tal atividade, sentindo-se lisonjeadas pela valorização de suas "atividades naturais".

Também houve aquelas que acreditavam que conciliar a educação de seus filhos às suas atividades mundanas seria perfeitamente possível. E também as que, assim como Madame d'Épinay, sem negar a importância da maternidade e dos cuidados com os filhos, buscaram ir além dos discursos masculinos e fizeram sua própria leitura sobre a educação exercida pelas mães, ou a maternidade filosófica.[108] Esta foi a linha adotada por Suzanne Necker, que elaborou pessoalmente um plano para uma educação bastante primorosa e audaciosa para sua filha Germaine.

Seguindo a cartilha rousseauísta, Suzanne decidiu cuidar pessoalmente da sua filha desde o nascimento, pois "acreditava que apenas ela poderia garantir formação adequada à filha; somente ela sabia quais eram as necessidades educacionais, bem como as virtudes que deveriam ser cultivadas para que Germaine se tornasse uma

---

[105] Ibidem, p. 145.
[106] Idem, 2003.
[107] ARAÚJO, 2011, op. cit., p. 57.
[108] Ibidem, p. 14.

mulher digna".[109] Por conta disso, dispensou as amas de leite e apesar da dificuldade, buscou amamentar sua filha. Pelo fracasso em desempenhar tal função, foi novamente acometida pela culpa.[110] Procurou estabelecer uma relação próxima com a pequena Germaine e estar atenta a todos os detalhes de sua educação.

Com isto Suzanne estava mais uma vez se colocando ao lado das mudanças propiciadas pelos debates ilustrados, já que, tanto a educação, como também o ideal de maternidade, foram resignificados neste período e por muitos dos filósofos das Luzes. O plano de estudos era bastante completo. Nele, constavam lições de francês, latim e inglês, dança, música e ciências que eram exercitados dentro de um rígido plano de estudos. Germaine escrevia e lia diariamente, tendo uma rotina bastante intensa.

> C'est probablement vers douze ans que Germaine Necker commença à lire Montesquieu, Rousseau, Voltaire et d'autres qui seront ses maîtres et ses inspirateurs. On ignore à quel âge elle fût admise dans le salon de sa mére. Quand Catherine Rillet devient sa compagne de jeu – Germaine avait onze ans – elle vit avec étonnement le cerc le qui se formait au tor de son amie, les hommes graves qui discutaient sérieusement avec une si jeune fille, laquelle conversait de la manière la plus naturelle du monde.[111]
>
> [É provavelmente por volta de doze anos que Germaine Necker começou a ler Montesquieu, Rousseau, Voltaire e outros que serão seus mestres e inspiradores. Não se sabe com que idade ela foi admitida no salão de sua mãe. Quando Catherine Rillet se tornou uma companheira de brincadeiras – Germaine tinha onze anos de idade – ela viu com espanto o círculo que se formou ao redor de sua amiga, homens sérios que estavam discutiam seriamente com uma menina tão jovem, que retorquida??? maneira mais natural do mundo.]

Em nossa pesquisa de iniciação científica, *Entre mãe e filha: memórias e experiências da maternidade da escrita epistolar da Suzanne Necker e Madame de Staël*, tivemos a oportunidade de tratar com mais vagar a relação entre mãe e filha. Ao analisar as cartas que trocaram, observamos o carinho e o cuidado que Suzanne dispensava à pequena Minette. Como citado anteriormente, suas ideias sobre maternidade e educação foram elaboradas no momento de transição da nova concepção de relação materno-filial no século XVIII fundada no amor materno.[112]

---

[109] Ibidem, p. 70.
[110] BALAYÉ, op. cit.
[111] Ibidem.
[112] ARAUJO, 2011, op. cit., pp. 60 - 61.

Logo, mesmo que tenha havido ruídos e estranhamentos nesta relação, defendemos que Suzanne, por acreditar que a maternidade não se restringia às funções biológicas, buscou fazer parte deste movimento de renovação. Pesquisou nos livros as diretrizes educacionais que pudessem servir de base para a formação da sua filha. Contudo, mesmo com esta busca, Suzanne não se manteve presa às ideias de Rousseau e demais escritores. Através da sua sensibilidade e crítica pessoal selecionou o que considerava pertinente e descartou o que considerava inadequado para a educação da filha.[113] Assim, fez uma releitura muito particular de *Émile*, semelhante àquela que Madame d'Épinay também dedicou à sua neta Emília, conforme veremos.

Suzanne Necker ofereceu à filha uma educação completa e de qualidade, tal qual Rousseau defendia ser adequada somente para meninos – já que para as mulheres além de inútil, era nociva. Apesar de não romper totalmente com o ideal setecentista de natureza feminina, defendemos que tanto para Suzanne, como para Jacques Necker, a mulher devia se desenvolver intelectualmente, bem como estar inserida nos debates da época.

Por conta disso, além de prestimosa educação e do acesso livre à biblioteca da família, Germaine frequentava desde menina o salão de sua mãe e não apenas como ouvinte, mas, sobretudo, participando ativamente dos debates e conversações, atraindo com isto a admiração de muitos dos frequentadores que a consideravam uma menina brilhante.[114] Na gravura abaixo, produzida por Louis Carrogis Carmontelle, Germaine foi retratada aos quatorze anos vestida à moda da época:

---

[113] Ibidem, p. 69.
[114] HEROLD, op. cit.

FIGURA 2 -GERMAINE NECKER À L'ÂGE DE QUATORZE ANS

[Germaine Necker aos 14 anos][115]



FONTE: Louis Carrogis Carmontelle (1780)

Conforme foi possível observar a partir da troca epistolar deste período, foi um momento bastante difícil para a família Necker. Era a primeira vez que Germaine, que era muito apegada aos pais, se afastava do convívio familiar. Ademais, a culpa e o sentimento de inadequação frente às expectativas maternas foram registrados nas missivas enviadas à mãe.

Assim, ao problematizarmos a relação entre mãe e filha, demos atenção especial à manifestação de seus sentimentos e do vínculo materno-filial em suas cartas. Foi por meio da escrita epistolar que mãe e filha tiveram a oportunidade de se expressar, e foi a partir de tais cartas que um estranhamento na relação começou a se mostrar de forma mais nítida. Sobre esta separação, Germaine escreveu à mãe:

> This temporary separation has made me shudder for my destiny. My dear Mamma, you find numerous consolations within yourself, but within myself, I find nothing but you. There in lies my reason, my courage, and I feel that yours lessons have taught me look upon you the very virtue in which you instruct me.[116]

---

[115] Disponível em: https://gallica.bnf.fr/blog/28122017/madame-de-stael-1766-1817 Acesso 10 out 2018.

[116] Carta de Madame de Staël. Saint Ouen, começo de 1778/1779 apud SOLOVIEFF, Georges. **Madame de Staël:** Selected Correspondence. Kluwer Academic Publishers: Dordrecht, 2000, pp. 01 – 02.

> [Esta pequena separação tem me feito temer pelo meu destino. Minha querida mamãe, você encontra inúmeras consolações dentro de si mesma, mas dentro de mim, não encontro nada além de você. É em você que reside minha razão, minha coragem e sinto que suas lições me ensinaram a ver em você a virtude com o qual me instruiu.]

Conforme observamos, Germaine ficou consternada com a separação. Teve que se afastar dos pais e da vida com a qual estava habituada, o que gerou muita insegurança e o sentimento de solidão. Ademais, como citado anteriormente, ela se culpava por seu estado de saúde. Considerava-se fraca, indigna dos cuidados dispensados pela mãe:

> It is only with pain that I decide to write to you. Had I felt worthy of you, worthy of yours lessons, I would joyously and rapturously pay you homage on account of my progress and thank you every day; but since I can offer you only the shame and confusion of committing the same faults over and over again, the pen drops from my hand, and I give way to discouragement and sadness. (...) I feel it would be impossible for me to say everything, I would blush at not being able to talk to you about anything but my faults; Why can I not relate to you the victories I have won over myself? Oh, Mamma, my dear mamma, correct me.
>
> Good-bye, my dear Mamma. Permit me to embrace you.
>
> Your very respectful and obedient daughter,
>
> Minette Necker[117]
>
> [É com grande dor que eu resolvi escrever para você [mamãe]. Tivesse eu me sentido digna de você, digna de suas lições, eu teria com alegria e entusiasmo lhe prestado conta do meu progresso e agradecido todos os dias; mas como o que eu posso lhe oferecer é apenas a vergonha e a confusão de cometer os mesmos erros sempre, a pena cai da minha mão, e cedo lugar ao desânimo e tristeza. (...) Eu sinto que seria impossível para mim dizer tudo, eu iria enrubescer por não ser capaz de dizer para você algo que não seja sobre meus erros. Por que eu não posso vincular a você as vitórias que obtive por mim mesma? Oh querida mamãe, corrija-me.
>
> Adeus, querida mamãe. Permita-me vos abraçar.
>
> Sua muitíssima respeitosa e obediente filha
>
> Minette Necker]

Notamos o esmero de Germaine na produção de suas missivas. Através da escrita ela criou um terreno fértil onde seus sentimentos mais profundos podiam aflorar. Assim, em suas cartas, além declarar o amor e a admiração pela mãe,

---

[117] Carta de Madame de Staël. Saint Ouen, primavera ou verão de 1778/1779 apud Ibidem, p. 02.

exteriorizava sua angústia e o sentimento de inadequação em relação a ela, afinal,

> se culpava por acreditar ser fraca, incapaz de acertar ou mesmo de guiar-se sozinha. Culpando-se por estas falhas Germaine se colocava como indigna das lições e dos cuidados maternos, bem como se colocava numa posição de subalternidade frente à figura materna.[118]

Já Suzanne, uma mulher austera, revelava um tom bastante diferente em suas cartas. O cuidado e amor se manifestavam através dos conselhos com a educação e saúde da filha. Não escrevia com o tom açucarado e melodramático que tanto criticava na menina.[119] Demonstrava certa aspereza que contrastava com a sensibilidade que Suzanne buscava moldar na filha. Por diversas vezes ela admoestava Germaine por seu tom nas cartas:

> Do not go out of your way so much to praise and caress me. It is a fault in taste which is quite common at your age. When we have more experience, we realize that the real way of pleasing and talking an interest is by expressing our thoughts exactly without encumbering or exaggerating them; (…) Good-bye, my dear child, tell me that you love me, and prove it to me by improving your heart and mind every day, by constantly making sacrifices for the sake of your character, by elevating your soul through religion and by contributing to the happiness of all those persons to whom you are connected, in order to contribute to mine in an essential way(…).[120]
>
> [Não saia tanto do seu estilo para me elogiar e agradar. Isso é uma falha de gosto que é totalmente comum na sua idade. Quando temos mais experiência percebemos que a maneira autêntica de agradar e atrair interesse é expressar exatamente nossos pensamentos, sem obstruí-los ou exagerá-los (...) Adeus minha querida criança, diga que você me ama e prove isto para mim melhorando seu coração e sua mente a cada dia, fazendo constantes sacrifícios para o bem de seu caráter, elevando sua alma através da religião e contribuindo para a felicidade de todas aquelas pessoas a quem você está ligada, para assim contribuir para a minha de uma forma essencial.]

Já em outra missiva assenta:

> Listen attentively, my child, to the last advice and last commands of your mother. Belive me, they have a character which ought to make them almost sacred. (…) Oh, my child! Your character is not yet formed; your mind often errs, accept religion as your guide and your character.[121]
>
> [Escute atenciosamente, minha criança, ao último conselho e últimas lições de sua mãe, acredite em mim, elas são de um caráter que os faz quase sagrados. (...). Oh minha criança! Seu caráter ainda não está formado; sua mente frequentemente erra, aceite a religião como sua guia e seu caráter.]

---

[118] ARAUJO, 2011, op. cit., p.76.
[119] Ibidem.
[120] Carta de Suzanne Necker. Paris 15 de maio 1779 apud SOLIVIEFF, op. cit., pp. 03 – 04.
[121] Carta de Suzanne Necker. Paris, janeiro de 1786 apud Ibidem, pp. 12 - 13.

Nas cartas percebemos que por meio dos conselhos com a saúde, a preocupação com a edificação do seu caráter, a retidão religiosa e os progressos educacionais Suzanne expressava seu amor à filha. Como afirma Herold,

> Duty and sacrifice were the great words in Madame Necker´s vocabulary. So was Love. But one suspects that to her the three words were synonymous. As a result, her manifestations of maternal affection were indistinguishable from icy showers. She not only restrained her own affection for her daughter but also – and this was worse – her daughter´s affection for her.[122]
>
> [Dever e sacrifício eram as grandes palavras no vocabulário de Madame Necker. Assim como o amor. Mas há suspeitas que as três palavras eram sinônimas. Como resultado, suas manifestações de amor fraterno eram indistinguíveis da frieza. Ela não apenas restringiu sua afeição pela filha, mas também – e isso foi pior – restringiu a afeição da filha por ela.]

Suas cartas tinham também um tom áspero, suas palavras e críticas eram bastante duras. Fazia parte da postura materna calvinista que Suzanne havia herdado de sua mãe. Mesmo que tenha se proposto ser diferente, tal forma de pensar e lidar com os sentimentos ainda influenciava sua postura como mãe. Logo, defendemos que assim como Suzanne era adepta do modelo de maternidade *rousseauísta*, participando da formação e cuidando de perto de sua filha, o temperava com a rigidez calvinista.

Assim, indo ao encontro dos postulados de Herold e Balayé, defendemos que a discrepância de personalidades – onde a mãe era encarnação das noções de obrigação e austeridade protestantes e a filha demonstrando inclinação para a espontaneidade e imaginação – talvez tenha sido a grande causa da distância que foi paulatinamente sendo construída entre elas. Suzanne e Germaine tinham personalidades opostas. Enquanto Suzanne prezava pela retidão moral como forma de construção da sua reputação, Germaine conquistava a todos com seu carisma, presença de espírito e graciosidade.

Ademais, corroboramos com as interpretações daqueles historiadores que defendem a hipótese de que talvez tenha se estabelecido entre mãe e filha uma relação de concorrência, pois nem mesmo Jacques Necker escondia sua predileção pela filha. Ele sempre demonstrou respeito e amor à esposa, mas era à filha que

---

[122] HEROLD, op. cit., p. 30.

destinava todo seu afeto e sua atenção – e em contrapartida, ela nunca escondeu a paixão que sentia por ele, seu grande ídolo. Seguindo os passos de seu pai e suas ideias políticas, ela não apenas nutria admiração ao sistema político inglês e o constitucionalismo monárquico, como também se tornou uma grande pensadora e ativista política de grande importância dentro e fora da França.

Contudo, apesar de Necker ter proporcionado a Germaine uma educação esmerada e equiparada aos jovens mais ilustrados de sua época, ele não foi favorável a que as mulheres se dedicassem à escrita, ou mais especificamente, à atividade de escritora. Em suas obras, ao refletir sobre a prática da escrita, a própria Madame de Staël reconheceu que a atividade literária exercida por mulheres era estigmatizada pelos homens no século XVIII. Em muitos dos casos, esta era uma situação enfrentada pelas mulheres dentro da sua própria casa. Ademais, Germaine afirmava que muitos pais, ao terem em suas mãos o controle sobre a vida de suas esposas e filhas, lhes restringiam esta atividade.

Sugerimos que partindo de sua experiência pessoal, Germaine estivesse fazendo uma análise da inserção das mulheres no universo literário. Segundo Balayé, Necker chegou a proibir sua esposa a se dedicar à atividade literária e tratava com condescendência aquilo que considerava uma diversão de sua filha.

Foi apenas após seu casamento que Germaine passou a se dedicar com esmero e ambição à vida literária. Antes, apesar de escrever peças, ensaios, cartas e diários, não tomava a escrita como uma atividade importante ou considerava que suas obras merecessem ser publicadas. Pelo contrário, em 1775 ela registrou em seu diário que as mulheres não deviam oferecer seus talentos para quem não os soubessem amar. Os escritos deviam permanecer ocultos e na intimidade e que as mulheres de superioridade intelectual não tinham necessidade de se expor. Acreditamos que por sua admiração incondicional ao pai e por naquele momento não ter tido forças e/ou maturidade para olhar criticamente para os ideais defendidos por seus pais – ou mesmo de separar sua identidade da deles – Germaine acabou reproduzindo alguns dos pressupostos paternos. Foi somente com a maturidade e o afastamento do círculo familiar mais restrito que ela encontrou forças para se posicionar sobre seus desejos, e começou a forjar novos traçados de identidade, mesmo que tenha ido contra aos pressupostos dos Necker, como veremos adiante.

Desta forma, mesmo que os Necker representassem um modelo de família formado pelos laços sentimentais e na partilha da intimidade e que Germaine tenha

encontrado no ambiente familiar local propício para o desabrochar de seus talentos – bem como para a aquisição de conhecimentos –, não podemos desconsiderar os conflitos, pois foi o desejo de emancipação que a empurrou para o casamento.

Apesar da adoração que sentia pelo pai, aos vinte anos, tendo negado veementemente casar-se com o pretendente que seus pais haviam escolhido para ela, Germaine se casou com o barão Eric Magnus Staël von Holstein, homem de origem protestante, muito mais velho que ela e que, apesar de não ser objeto de sua paixão, representava o enlace ideal.

O casamento representou um momento de ruptura para Germaine. A filha talentosa da família Necker, formada para ter todas as virtudes, iria caminhar sozinha depois do casamento com um homem que "permitiria" a ela ser como desejasse. Apesar do carinho e admiração pelos pais, foi a partir da sua entrada na vida adulta que desabrocharam seus talentos ainda adormecidos, tendo a oportunidade de ousar, de se guiar por suas paixões e sensibilidades, traçando assim, uma belíssima carreira literária e trilhando também pelo perigoso terreno da política. Mesmo enfrentando inúmeras batalhas e muitos obstáculos, conseguiu obter reconhecimento, demonstrando que nem sempre as mulheres foram obedientes e passivas. Muitas, como ela, ousaram e puderam ser mais do que as normas sociais prescreviam, produzindo suas próprias ideias ao se posicionar publicamente acerca das injustiças

2.2 TECENDO SONHOS: A BUSCA PELA INDIVIDUALIDADE E AUTONOMIA

> Il vanta la grâce et la gaîté de Corinne, cette gaîte qui ne tenait en rien à la moquerie, mais seulement à la vivavité d'esprit, à la fraîcheur de l'imagination, il essaya de louer as sensibilité; mais on pouvait aisément devenir qu'un regret personnel se mêlait à ce qu'il em disait. Il se plaignit de la dificulté qu'éprouvait une femme supérieure à recontrer l'objet dont elle s'est fait une image ideale, une image revêtue de tous les dons que le coeur et le génie peuvent souhaiter. Il se complut cependant, à peindre la sensibilité passionnée qui inspirait la poésie de Corinne et l'art qu'elle avait de saisir des rapports touchans entre les beautés de la nature et les impressions les plus intimes de l'ame. (...) Il parla de son éloquence comme d'une force toute-puissante qui devait d'autant plus entraîner ceux qui l'écoutaient, qu'ils avaient en eux-mêmes plus d'esprit et de sensibilité vétitables. "Corrine, dit-il, est sans doute la femme "la plus célebre de notre pays.[123]
>
> [Passou depois a elogiar a graça e a jovialidade de Corina, essa jovialidade que nada tinha de satírica e que somente nascia da vivacidade do espírito e da frescura da imaginação. Tentou louvar também sua sensibilidade, mas claramente se percebia que um profundo desgosto se misturava às suas

[123] STAËL, Madame de. **Corinne ou l'Italie**. Paris: La Librarie Stéréotipe, 1807, pp. 47 - 48.

> expressões. Lastimando a dificuldade que experimenta uma mulher superior, em achar o objeto do qual se tem feito uma imagem ideal, uma imagem ideal, uma imagem revestida de todos os dotes que o coração e o gênio podem desejar. Ele se comprazia, contudo, em descrever a sensibilidade apaixonada que inspirava a poesia de Corinne e a arte com que ela tão a propósito lançava mão das mais tocantes relações entre as belezas da natureza e as impressões íntimas. (...) Falando de sua eloquência, ele a tratou de uma força poderosíssima que tanto mais atraía as pessoas que a escutavam quanto mais estas pessoas eram dotadas de verdadeiro espírito e sensualidade. Corinne, dizia ele, "é sem dúvida a mulher mais célebre do nosso país.]

Esta é a descrição de Corinne, personagem título do romance publicado em 1807 por Madame de Staël no período em que esteve exilada na França. Tendo alcançado sucesso estrondoso, poucos anos após a publicação o livro já havia sido publicado em diversas línguas – entre elas inglês, italiano e espanhol – e consolidado sua autora como uma escritora reconhecida por toda a Europa. Há biógrafos, inclusive, que afirmam que este foi o romance de maior sucesso em sua época, o que garantiu à Madame de Staël o epíteto de "a autora de Corinne".[124]

Por meio da voz de um outro personagem – neste caso, o príncipe de Castel-Fort – Madame de Staël descreve sua heroína; atribui quais seriam os principais talentos e predicados da sua alma e como eles influíam em seus atos. Tais características são reveladas, por exemplo, na sabedoria de Corinne, em seus gestos, sensibilidade e desenvoltura na arte da conversação, como veremos mais detalhadamente a seguir.

Madame de Staël era apaixonada pela arte da conversação e a escrita. Um de seus biógrafos afirma que "después de amar y ser amada (a su manera, claro está), nada la apasionaba como conversar"[125] [depois de amar e ser amada (a sua maneira, é claro), a conversação era sua grande paixão]. Estas eram atividades que, embora já fossem exercidas por ela desde a infância, após adquirir autonomia – propiciada, por um casamento bastante liberal e estabilidade financeira – passaram a ser primordiais em sua vida. Staël encontrou nestas atividades cotidianas um espaço para a construção de si, registro do seu tempo e exposição de suas ideias e emoções.

Como dito, em 1786, após seu casamento, Madame de Staël abriu seu salão, que seguindo a tradição familiar foi utilizado para

> (…) profit de son pére pour multiplier ses partisans dans les sociétes littéraires et politiques réunies chez elle dès son mariage. Elle Parle, elle fait parler les

---

[124] FERRER, Xavier Roca-. **La Baroneza de la liberdad**. Madrid: Berenice, 2015.
[125] Ibidem.

> autres et fait briller leurs idées et les siennes. La conversation est instrument en sa menjoue merveilleusenment pour séduire. Joie spontanée de la création sans travail et sans peine, qui resssemble à improvisation poétique, (...).[126]
>
> [(...) benefício de seu pai para multiplicar seus apoiadores junto às associações literárias e políticas que se reuniam em sua casa. Ela fala, ela dá voz aos outros e faz brilhar suas ideias e as deles. A conversa é como um instrumento, que ela toca maravilhosamente afim de encantar. Alegria espontânea para/por criar, sem esforço e sem sofrimento, como se fosse uma improvisação poética, (...)]

Também foi nesta época que se seguiu ao casamento e à abertura de seu salão que Madame de Staël tomou coragem e se contrapôs ao pai, ingressando no mercado editorial. O início da sua trajetória como escritora foi marcada pela publicação de *Lettres sur les écrits de J.J. Rousseau* [Carta sobre os escritos de J. J Rousseau] (1786), tratado no qual fez uma extensa análise da obra de Rousseau; e das peças *Jane Gray* [Jane Gray] (1788) e *Sophie ou les sentiments secrets* [Sofia, ou os sentimentos secretos] (1790). Contudo, com a convocação dos Estados Gerais e a agitação política tomando conta da França, Madame de Staël voltou suas energias aos debates políticos e também se dedicou à vida pessoal: entre 1787 e 1790 ela deu à luz aos seus dois primeiros filhos, a menina Édwige-Gustavine, e que faleceu antes de completar dois anos, e o menino Auguste.[127]

Christopher Herold, importante biógrafo de Madame de Staël, nos dá a dimensão da profunda ruptura que o casamento representou para Germaine:

> She entered marriage and life most inadequately prepared. She was wealthy, the daughter of a famous man, acclaimed for liveliness and brilliance of her conversation and intelligence; she had begun to write and, as though as yet unpublished, had been praised by the most influential critics. On the other hand, she was not pretty (some said ugly); she possessed little solid learning, despite all her mother's lessons; she knew life mainly through literature; and she had no manners whatsoever. Between Rousseau and her mother, she had received a singular education and grown up a savage in a drawing room. Scarcely released from her mother's oppressive domination, she was to throw herself into everything she undertook with a domineering impetuousness that astonished the world. Life had to be lived with ever-burning intensity, and the "proud and noble passions (a recurring phrase in her writings) were to be her supreme law.[128]
>
> [Ela [Madame de Staël] entrou no casamento e na vida sem preparação alguma. Era rica, filha de um homem famoso, reconhecida pela vivacidade e brilho na sua conversação e inteligência. Ela tinha iniciado a escrever e mesmo sem ter algo publicado, já tinha sido elogiada pelos críticos mais influentes. Por outro lado, não era bonita (alguns a consideravam feia);

---

[126] Ibidem.
[127] HEROLD, op. cit.
[128] Ibidem, pp. 51-52.

> possuía dificuldades de aprendizado, apesar de todas as lições de sua mãe; conhecia a vida principalmente através da literatura; e carecia em absoluto de boas maneiras. Entre Rousseau e sua mãe, tinha recebido uma educação singular e crescido em um salão. Quando havia se libertado da opressão materna, se lançou em todos seus empreendimentos com vigorosa impetuosidade que deixou o mundo atônito. A vida tinha que ser vivida com uma perpétua e ardente intensidade, e as "orgulhosas e nobres paixões" (uma reiterada frase em seus escritos) eram sua lei suprema.]

Como citado anteriormente, Madame de Staël não esperava obter grandes emoções ou felicidades no casamento, pois encarava-o como um acordo de onde tiraria algumas vantagens. A principal delas seria a emancipação do controle materno. Assim, no caso de Germaine, o casamento representou a garantia de uma posição social privilegiada onde poderia usufruir de seus privilégios para atuar no mundo das letras e da política, se emancipando da tutela dos pais. O casamento garantia ainda a possibilidade de viver em Paris e frequentar os ambientes que tanto gostava.[129]

O barão de Staël era, ademais, um homem mais velho com uma posição social respeitável, com significativa influência no meio político – mesmo que muito inferior à dos Necker – e que não iria criar obstáculos para as ambições pessoais de Germaine. Para uma mulher como ela, pouco adiantaria se livrar da dominação familiar para ser submissa ao marido.

Ao escrever sobre seu futuro marido, Staël registrou em seu diário: "Ele é um homem perfeitamente honesto, incapaz de dizer ou de fazer tolices, mas estéril e sem destaque;ele me fará infeliz por não contribuir para minha felicidade e não por a atrapalhá-la" ["C'est un homme parfaitement honnête, incapable de dire ni de faire um sottise, mais stérile et sans ressort; il ne peut [me] rendre malheureuse que parce qu'il n'ajoutera pas au bonheur et non parce qu'il le troublera].[130]

Já em missiva no final de 1785, pouco meses antes de casar, Germaine escreveu ao futuro marido:

> No one has proved more than I, Monsieur, the esteem one owes you character: I have entrusted my life's happiness to it. I could give you a greater sign of confidence? (...) I am hoping for a happy outcome of meeting. If my fate is to be linked to yours, do believe that I shall preserve as idea which is necessary to me; it is that you would have to make a sacrifice not to behave in a way so little in keeping with the sensibility I had fancied.

---

[129] BALAYÉ, op. cit.
[130] Carta de Madame de Staël de 1785, apud Ibidem, p. 22.

> I am grieved about the state of your health. I hope tomorrow the messenger I send you will bring me better news of it[131].
>
> [Ninguém demonstrou mais do que eu, Monsieur, a estima que alguém reserva ao seu caráter: eu confiei a felicidade da minha vida a isso. Poderia eu lhe dar um maior sinal de confiança? (...) Estou esperando por um jubiloso encontro. Se meu destino ao vosso está vinculado, acredite que eu preservarei como um ideal qual seja necessária para mim; que é que você teria que fazer um sacrifício de não agir de uma forma tão pequena para manter a sensibilidade que eu outrora apreciei.
>
> Lamento pelo estado de vossa saúde. Eu espero que amanhã o mensageiro que lhe enviei traga-me melhores notícias de vós.]

Entendemos com maior clareza a postura racionalista que Germaine adota em relação ao matrimônio. Não há algum sinal de entusiasmo, mas sim racionalização da escolha que, aos seus olhos, parecia acertada, embora o barão não despertasse algum interesse ou alegria em seu espírito. Contudo, apesar de haver muitos ruídos – o que resultou em divórcio poucos anos após o casamento – e o vínculo entre eles não ter sido baseado no amor conjugal, o respeito e o carinho mútuo permearam a relação entre Germaine e o barão de Stäel.

A análise das cartas escritas por Madame de Staël nos permite compreender que a escrita foi um espaço de diálogo entre ela e o marido, onde tinham liberdade para registrar seus pensamentos íntimos e desvelar suas emoções. Evidentemente, sempre balizada pelas regras da polidez e respeito mútuo. Visto que Madame de Staël estava sempre entretida com seus afazeres de *salonnière* e escritora, bem como ia periodicamente às residências da família fora de Paris, e o barão, por sua vez, por ocupar cargo de embaixador, viajava constantemente, o cassal passava muito tempo separado.

Assim, as missivas foram uma maneira para manter estreitos os laços que os uniam, dialogar sobre política, enviar notícias, além de servircomo via de expressão das suas emoções e reflexões mais profundas. Em missiva de 1787, após considerações sobre a política e o lugar de seu pai naquele cenário, ela finalizou sua carta da seguinte maneira:

> You see, my dear friend, that I like writing lettres, and mine are certainly not laconic. I assure you that only little is needed for me to think I ought to thank heaven for having married you, and even that little power, and I dare hope I

---

[131] Carta de Madame de Staël. La Rivière, Junho 1787 apud SOLOVIEFF, op. cit., p. 17.

> shall obtain it. Good bye my dear friend. Think of me, love me perfect happiness will come to us both.[132]
>
> [Você vê, meu querido amigo, que gosto de escrever cartas, e as minhas certamente não são lacônicas. Eu vos garanto que pouco me é necessário para pensar que devo agradecer aos céus por ter casado com você e mesmo neste pequeno poder, eu espero acreditar e devo obtê-lo. Pense em mim, me ame e virá até nós uma felicidade perfeita.]

Observamos que, nesta missiva escrita poucos meses após o enlace matrimonial, já haviam nascido alguns ruídos entre eles. Conforme demonstram Herold e Ferrer, aos poucos, embora não se posicionasse contra as atividades de Germaine, o barão de Staël passou a cobrar mais atenção de sua esposa. O que pode ser entendido pelo já citado estilo de vida de Madame de Staël e as expectativas sociais sobre mulheres casadas.

Lembramos que, naquele momento, ela estava iniciando sua carreira literária e há poucos meses havia aberto seu salão. Ademais, foi neste mesmo período que ela teria se envolvido com aquele que seria provavelmente seu primeiro amante, Talleyrand.[133] Ainda que estas fossem atitudes relativamente comuns e toleradas para uma mulher da elite, não deixava de causar algum mal-estar e tensões. A inserção das mulheres na vida pública ainda entrava em conflito com as obrigações conjugais e maternais, por mais que a flexibilização destas obrigações fosse bastante relativizada em cada grupo social.

Apesar da tensão crescente entre ela e o marido, ao analisarmos as cartas notamos que Madame de Staël parece não se intimidar com as críticas e pressões exercidas por ele. Observamos que em resposta às demandas do marido ou quando Madame de Staël estava descontente com alguma atitude do marido, ela usou a escrita para exteriorizar suas inseguranças e insatisfações, admoestando o marido por seus atos.

Na passagem acima, fica evidente que após uma possível repreensão do esposo pela pouca escassez e concisão das cartas, Madame de Staël o confronta de maneira direta. Cria um espaço narrativo como indivíduo autônomo e altivo,

---

[132] Carta de Madame de Staël. Paris? Outono de 1795, apud HEROLD, op. cit., p. 10.

[133] Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754 -1838) foi um bispo da Igreja Católica, político e diplomata francês. Chegou a ocupar por quatro vezes distintas o cargo de Ministro de Negócios Estrangeiros da França e também foi o Primeiro Ministro do país no governo de Luís XVIII. Talleyrand, foi amante de Madame de Staël durante alguns anos, relação que gerou muitos frutos. Além dos filhos, ele contou com o apoio político da baronesa para sua ascensão profissional.

depositando sobre o barão de Staël a responsabilidade sobre a harmonia do casal - ou, da falta dela. Para ela, como podemos observar nas frases finais, a união entre eles apenas seria bem-sucedida e entendida como uma escolha correta, quando o barão lhe desse motivos para isto. Ademais, Madame de Staël afirma que eles apenas seriam felizes caso ele estivesse disposto a compreendê-la, demonstrando que o casamento seria um acordo vantajoso se ela pudesse ser agente de si mesma e que o esposo a compreendesse e apoiasse.

Em várias outras epístolas, as críticas ao barão de Staël estão presentes. Em muitas, Madame de Staël elaborou pequenas queixas ao marido e depositou sobre elas a razão de seu afastamento e da falta de felicidade conjugal. Podemos observer isso em missiva de 1788, onde ela escreve: "Você me causa dor por seu jeito afetado de ficar longe de mim. Você causa dor agindo tão mal comigo. Resumindo, você me causa dor, forçando-me a parar de amá-lo" [You cause me pain through your affected way of keeping away from me. You cause pain by acting so badly towards me. I short, you cause me pain by forcing me to stop loving you"].[134]

Apesar destas admoestações frequentes, as cartas foram também espaço para expressão do afeto que Madame de Staël sentia pelo marido, bem como para reafirmar seus sentimentos e zelar por sua saúde. Em missiva de 1786, além de se esforçar para escrever em sueco, língua materna do seu esposo, assinou "com amor e ternura". Em outra, de 1790, após fazer uma breve reclamação do comportamento do barão, reafirma seu amor, seus sentimentos por ele, a quem alega ser um amigo que a conhece e a inspira.

Por sua vez, o barão de Staël lutou o quanto pôde pela segurança de Madame de Staël. No período em que estava exilada, por exemplo, mesmo após o divórcio, buscou abrir as portas dos salões e cortes pelos locais por onde ela passava, enviando cartas às pessoas ilustres como forma de apresentar a ex-esposa, explicando a situação em que ela se encontrava – istopara quem não estivesse a par das novidades advindas de Paris – recomendando sua companhia e elogiando seu caráter.[135]

Interessante notar que apesar de o casamento ter sido considerado fracassado no que diz respeito à realização amorosa ou sentimental – exigências que no século XIX passaram a ser cada vez mais entendidos como responsáveis pela existência dos

---

[134] HEROLD, op. cit., p. 17.
[135] BALAYÉ, op. cit.

enlaces conjugais –, Madame de Staël foi uma mulher que procurou viver de maneira plena suas relações amorosas, que para ela eram realizações e satisfações que estavam fora do casamento, em paixões intensas que fossem capaz de lhe proporcionar aventuras e despertassem admiração.

Todavia, conforme aponta Mona Ozouf, Madame de Staël considerava o amor e a paixão como "fogo de palha", sentimentos que inebriam a alma das mulheres. Seriam sentimentos que proporcionariam aventuras e sedução, mas que efêmeros e perigosos – diferente dos sentimentos que deveriam sustentar um casamento – e por isso, fonte de grande sofrimento e instabilidade emocional.[136] Assim, o casamento, para Madame de Staël, significava uma obrigação social feminina; um enlace necessário para a manutenção do *status* social e para a aquisição de liberdade em relação aos pais. Não era considerada uma união que teria a paixão como sustentáculo, conforme ela deixa explícito nos trechos das cartas citados. Foi nos braços dos seus diversos amantes que ela encontrou a paixão, que teve a oportunidade de estabelecer laços amorosos profundos e, podemos arriscar a afirmar, realizar-se sexualmente. Inclusive, alguns de seus filhos foram de homens com quem teve relacionamentos amorosos, portanto, fora do vínculo matrimonial.

Pouco se sabe sobre a relação da Madame de Staël com os filhos. Foram raras as vezes que ela se referiu a eles, mesmo nas cartas. Assim, há apenas fragmentos acerca destas informações o que as torna incertas e muitas vezes desencontradas. Contudo, embora em suas obras e cartas Madame de Staël não tenha se atido longamente sobre eles, seus biógrafos defendem que ela foi uma mãe que buscou estar próxima dos filhos e garantir-lhes uma educação sólida.

Segundo pesquisadores, os filhos de Staël foram: Gustavine Sofia Magdalena Staël von Holstein(1787 -1789), filha do barão Eric Magnus Staël Von Holsten; August Staël von Holstein – filho responsável pela compilação e publicação das obras póstumas de Staël - (1790-1827) e Albert Staël von Holstein, ambos registrados com o nome do barão, foram provavelmente filhos resultantes da relação de Madame de Staël com o conde Narbonne-Lara (1792 - 1813); Albertine Ida Gustavine Staël von Holstein (1797), que provavelmente foi filha de Madame de Staël com seu companheiro por mais de quinze anos, Benjamin Constant; e Théodore Gilles Louis

---

[136] OZOUF, op. cit.

Aphonse de Rocca (1812 - 1838), filho que teve com John Rocca - aquele que foi, nos últimos anos de sua vida, seu segundo marido.

Uma fonte importante sobre a relação de Madame de Staël com a maternidade é a pintura de Marguerite Gerard denominada *Madame de Staël et sa fille* [Madame de Staël e sua filha], executada por volta de 1805. Embora não tenha informação precisa a representação é de Madame de Staël provavelmente com sua filha Albertine Ida Gustavine Staël von Holstein, que tendo nascido em 1797 deveria estar com aproximadamente seis ou sete anos quando posou para a pintura – enquanto sua mãe deveria ter cerca de trinta e nove anos.

FIGURA 3 - MADAME DE STAËL ET SA FILLE[137]
[Madame de Staël e sua filha]



FONTE: Marguerite Gerard (aprox. 1805)

[137] Madame de Staël et sa fille (c. 1805). **Bibliothèque Nacionale de France**. Disponível em: www.gallica.bnf.fr Acesso 12 dez 2016.

Na imagem mãe e filha estão posicionadas juntas à natureza. Madame de Staël abraça a filha, enquanto Albertine, com a cabeça um pouco reclinada, repousa uma de suas pequeninas mãos em seu colo e a outra segura a sua mão. Suas feições serenas e gentis harmonizam-se à fluidez que, juntos, seus corpos parecem ter. Completando esta atmosfera idílica de cumplicidade entre mãe e filha as roupas e acessórios usado pelos duas: enquanto a pequena Albertine veste um vestido azul claro com detalhes brancos e usa uma tiara que deixa seus cachos pendendo sobre o rosto, Madame de Staël está vestida como era de costume à época, um vestido simples, à moda parisiense, com decote acentuado e mangas curtas. Na cabeça, tendo deixado algumas melenas caídas sobre a tez, leva o tradicional turbante e que tantas vezes foi citado nas descrições sobre sua aparência. Porém, desta vez, todos os itens usados por Madame de Staël são brancos - com exceção do xale sobre o qual se senta, que é de um vermelho vivo, tendo na mão esquerda um item que por estar sempre à mão, tornou-se uma de suas marcas, um pequeno ramo. Todos estes itens reunidos forjam um ambiente de serenidade que podemos interpretar como representação do amor e da intimidade entre mãe e filha, muito próximo do ideal de maternidade nascente no século das Luzes, fundado no amor materno.

Compreendemos que esta pintura é representativa do modelo de maternidade praticado por Madame de Staël, baseada numa maior intimidade, no afeto e cuidado das mães em relação aos filhos – embora, assim como sua mãe, ela tenha exercido este novo modelo de maternidade à sua maneira. Além de ter se negado a amamentar seus filhos, pois considerava que esta atividade roubaria o tempo dos seus afazeres pessoais, ela não abriu mão de sua individualidade e das atividades na esfera pública por conta da maternidade, ambas atitudes que estavam na contramão do modelo maternal nascente no século XVIII, conforme já apontado anteriormente.

Outra questão interessante a ser destacada sobre a maternidade exercida por Madame de Staël é que, conforme citamos acima, entre seus filhos havia os que eram frutos legítimos de seu casamento com o barão de Staël, mas também os bastardos. Após cumprir sua obrigação matrimonial de gerar um herdeiro legítimo, Madame de Staël afastou-se aos poucos do barão e viveu sua sexualidade fora do casamento, um comportamento que era reprovado por grande parte dos seus contemporâneos. Sua vida amorosa intensa não era discreta, ela não se preocupava em manter as aparências ou dissimular seus sentimentos. Isto foi fonte para críticas e difamações públicas por seus opositores políticos, que a acusavam de ser “lasciva”, “imoral” e

"sedutora insaciável".[138] Contudo, as críticas não foram barreiras que a impediram de viver como bem lhe convinha.

Em 1811, pouco tempo antes da sua morte, após anos separada do barão Eric Magnus Staël Von-Holstein, Madame de Staël se casou em segredo com o jovem oficial John Rocca,[139] de vinte e três anos – nesta época ela tinha quarenta e cinco. Com ele teve um filho que biógrafos apontam ter nascido com problemas mentais devido à idade avançada de Staël. Tanto o casamento quanto o filho foram considerados impróprios para uma dama e mais uma vez fonte de críticas a ela: tanto o envolvimento amoroso com um homem muito mais novo, como também a gestação em idade avançada para época foram vistos com maus olhos no início do século XIX.[140]

Outra questão que é importante destacar é que embora Germaine tivesse recebido uma educação primorosa e tenha desfrutado privilégios sociais que apenas os filhos – e com raras exceções, as filhas – das famílias mais ricas e prestigiadas poderiam ter, sua infância e juventude foi circunscrita às residências familiares (principalmente as de Paris, Saint Ouen e Coppet), ao salão de sua mãe – o *Hotel Le Blanc*, à Rue Clery – , e à participação nos círculos culturais de Paris (como a Ópera, por exemplo).

Endossamos as reflexões de Herold apresentadas anteriormente, de que apesar de possuir grande bagagem cultural e intelectual, Germaine havia experimentado pouco da vida. Não conhecia o mundo, pouco havia viajado, e tampouco tinha provado as emoções de grandes amizades. Como a análise das cartas de Staël (bastante jovem, é verdade) demonstrou, sua vida foi por muito tempo bastante restrita às relações e aos estudos com a mãe. Desta forma, o casamento representou – embora com certa dose de dor ou sentimento de culpa – a interrupção dos laços estreitos que a ligavam aos seus pais e a superação das barreiras que haviam limitado seus passos até então.

---

[138] FERRER, op. cit., não paginado.
[139] Albert Jean Michel Rocca - John Rocca. (1788 - 1818) nasceu em uma família nobre da República de Genebra e se tornou cidadão francês após a anexação desse território ao francês. Estudou na École Polytechnique em Paris antes de entrar no exército francês, no qual serviu em campanhas na Prússia e também durante a guerra civil espanhola, onde foi gravemente ferido. Ao voltar para Genebra em 1811, conhece Madame de Stael, já exilada, com quem se casa e no ano seguinte têm um filho: Louis-Alphonse Rocca. Morre de tuberculose, um ano após a morte de sua esposa.
[140] FERRER, op. cit., não paginado.

A partir daquele momento ela seria um pouco mais dona do próprio destino e iria traçar seu caminho segundo suas concepções. Longe do julgamento de Suzanne Necker, que tinha o dever e a religião calvinista como seus principais guias, Germaine forjou aqueles que seriam seus guias: "proud and noble passions (a recurring phase in her writings) were to be her supreme law"[141] ["orgulhosas e nobres paixões" (uma reiterada frase em seus escritos) eram sua lei suprema].

Ainda no ano de seu primeiro casamento, outro acontecimento marcou a vida de Madame de Staël. Poucas semanas após ter se casado, foi apresentada oficialmente à corte de Versalhes. Foi um momento bastante delicado para ela, que talvez não estivesse preparada para o ambiente hostil que iria encontrar. Segundo Xavier Roca-Ferrer,

> el vestido que llevaba no pudo ser más desafortunado ni criticado y, a lo que parece, se comporto con una torpeza increíble ante la pareja real. Desde aquel momento, se ganó la enemiga de la mayor parte de las mujeres de la sociedade que estaba condenada a frecuentar y que solo la conocía de oídas.[142]
>
> [O vestido que usava não podia ser mais inadequado nem criticado e, ao que parece, se comportou com uma torpeza incrível ante o casal real. Desde aquele momento, se tornou inimiga da maior parte das mulheres da sociedade que estava condenada a frequentar e que apenas conhecia de "boatos".]

Embora Madame de Staël estivesse acostumada aos espaços de sociabilidades de Paris e possuísse traquejo social, ao ser apresentada ao rei e a rainha num ambiente tão rigidamente controlado pelos rituais da etiqueta como Versalhes, sentiu-se deslocada. Mesmo que tivesse mandado fazer um vestido especial para ocasião, ela foi traída por seus modos. Ao sair de sua carruagem, pisou no vestido, o que afrouxou suas costuras e a fez tropeçar e cair ao fazer as tradicionais três reverências à rainha, situação que escandalizou todos à sua volta e pouco depois foi tema de fofocas na corte.[143]

Apesar do embaraço que tal situação causou e do olhar de desdém que atraiu, tudo indica que Germaine manteve uma relação bastante amigável com a rainha Maria Antonieta, que inclusive a ajudou naquela situação constrangedora. Levou-a ao seu

---

[141] HEROLD, op. cit., pp. 51-52.
[142] FERRER, op. cit., não paginado.
[143] HEROLD. op. cit., pp. 72-73.

boudoir para conversarem enquanto uma empregada consertava o vestido rasgado.[144] Madame de Staël, por sua vez, sempre se mostrou simpática à rainha, tanto que atuou publicamente em sua defesa quando foi condenada pelo tribunal revolucionário.

Podemos considerar que a oposição social a Madame de Staël teve como principal motivo a aversão que grande parte da corte tinha pela família Necker.[145] Afinal, além de estrangeiros e burgueses que ascenderam socialmente, Jacques fora nomeado ministro das finanças da França, cargo de grande prestígio social, considerado vital no Estado e que a nobreza acreditava que tinha que ser ocupado por um dos seus. O exercício de tal função por um estrangeiro era visto com maus olhos por muitos membros da nobreza que tinham pretensões políticas. Por conta disto, esteve no centro dos debates e maledicências da corte, pois

> el banqueiro suizo era visto por muchos como um peligroso espíritu revolucionário que pretendia echarlos a pontapés de suposicíon firmemente assentada por la mano de le bom Dieu em la cúpide de la pirâmide político-social de la Francia eterna de San Luis, Juana de Arco y Luis XIV.[146]

---

[144] Ibidem.

[145] É importante sublinhar que por mais de uma década Necker tenha participado ativamente dos negócios da Coroa. Ministro desde 1776, além de se dedicar à administração do reino, publicava obras de cunho econômico, que obtiveram sucesso de crítica e público, ao dissertar sobre a economia da França e ponderar sobre o que considerava os melhores rumos a serem seguidos. Com isto, apesar de ter criado muitas inimizades no governo e na Corte por conta de suas ideias ou mesmo por causa de rivalidades políticas, encontrou apoio em importantes homens de letras e negócios, como Voltaire, Diderot e até mesmo Maria Antonieta que declaravam publicamente seu apoio e admiração por ele. Apesar da oposição que Necker enfrentava dentro e fora do ministério, se manteve no poder por onze anos ininterruptos. Contudo, em abril de 1787, por decisão de Maurepas e Vergennes – primeiro ministro e ministro de assuntos estrangeiros, respectivamente - apesar da intervenção de Maria Antonieta, Luís XVI outorgou a demissão de Necker. Em maio ele abandonou sua residência oficial e dirigiu-se à Saint Ouen, o que, segundo Herold, causou grande consternação. Além da demissão sumária, Jacques Necker também teve que se submeter à ordem de exílio que chegou através de uma *lettre de cachet*. Nela, era ordenado que deixasse Paris nas próximas vinte e quatro horas em uma distância de no mínimo de quarenta léguas de Paris. Embora a ordem de exílio tenha sido revogada poucos meses depois, Germaine ficou extremamente ofendida com o que considerava um ultraje ao seu pai, que ela registrou na obra "*Considerações...*". Contudo, o afastamento de Necker da política francesa seria mais proveitoso do que ela poderia imaginar. No período em que esteve longe das decisões acerca dos negócios do Estado, a administração e a política estavam passando por uma grave crise. As finanças públicas estavam às mínguas, as províncias em tumulto, o recolhimento de impostos estava paralisado e o poder da monarquia se esfacelando. Era, conforme assenta Herold, uma época propícia aos milagres e naquele momento Necker representava a esperança para a superação dos problemas que assolavam a França. Seu segundo mandato durou de 1788-1789. Neste período, além de estar à frente dos Estados Gerais, para resolver a questão da fome que estava atingindo boa parte da população no rigoroso inverno ele mesmo emprestou vinte mil francos ao Estado para comprar trigo, dinheiro este que jamais foi reavido por ele ou sua filha, que foram considerados traidores da França por Napoleão Bonaparte. Necker contava com forte apoio popular. Contudo, apesar da adquirir popularidade, seu posicionamento favorável aos trabalhadores e seus esforços em assegurar vitórias ao Terceiro Estado, contribuíram para sua derrota política.

[146] FERRER, op. cit., não paginado.

> [o banqueiro suíço era visto por muitos como um perigoso espírito revolucionário que queria expulsa-los à ponta-pés de suas posições firmemente marcadas, pela mão do bom Deus, no topo da pirâmide política-social da França eterna de São Luís, Joana D'Arc e Luís XIV.]

Assim, Herold argumenta que a crueldade com que Madame de Staël foi recebida na Corte, especialmente pelas mulheres, se explica tanto por preconceito – por ela ser considerada "inadequada" aos olhos cortesãos por seus modos tidos poucos refinados e por ser filha de burgueses – como por motivos políticos.

Apesar de tal situação na Corte ter sido algo que lhe causou constrangimentos, tais dificuldades não representaram um problema para ela, pois, mesmo tendo frequentado Versalhes e as Tulherias,[147] Madame de Staël demonstrou inúmeras vezes não apenas respeito, mas também admiração pelo casal real. Ainda assim, a análise de seus escritos revela que Madame de Staël não se sentia parte daquele mundo. Sua identidade estava associada aos espaços das discussões letradas e políticas onde tinha a oportunidade de debater ideias, e, sobretudo, de brilhar com sua desenvoltura na arte da conversação que adquiriu ao longo do tempo. Identificava-se como membro da elite letrada parisiense, não com a nobreza. Sentia-se confortável em frequentar os espaços de sociabilidades da alta burguesia, quando desfrutava de um estilo de vida restrito apenas aos indivíduos mais endinheirados da Europa, mas não ambicionava fazer parte da aristocracia. Inclusive, conforme atesta Balayé, renunciou usar o título de nobreza que tinha adquirido após seu casamento.[148]

A recusa em identificar-se com a nobreza estava associada também às suas ideias políticas. Embora fosse defensora da monarquia constitucional, Madame de Staël foi muito crítica à aristocracia. Herdeira das ideias políticas de seu pai, ela afirmava que um dos problemas da França era que "a nação suportava o peso dos privilegiados".[149] Diferentemente da Inglaterra ou Alemanha, aonde os nobres acumulavam cargos no legislativo e se envolviam com negócios, os nobres franceses

---

[147] Residência da família real após 1789, quando os monarcas e sua família conduzidos ao palácio pela marcha das mulheres na noite de 06 de outubro, com o objetivo de terem os monarcas mais próximos do povo parisiense e assim, mais atento à realidade – o que não acontecia ao estarem reclusos num palácio tanto distante como era Versalhes. A partir daí, por oitenta anos foi a principal residência dos governantes franceses e cenário de muitos acontecimentos políticos. Apesar da sua opulência e importância histórica, o palácio foi destruído em um incêndio na segunda metade do século XIX e seus escombros demolidos. Atualmente, os jardins do palácio complementam a paisagem do Museu do Louvre, que até o século XVII também foi sede da residência real.

[148] BALAYÉ, op. cit.

[149] STAËL, Madame de. **Considérations sur la Révolution Française**. Paris: Delaunay librarie/Bossange et Masson, 1818., p. 111.

tinham perdido sua função social. Ao invés de contribuir para o Estado, geravam apenas despesas, afundando-se na arrogância de classe e corrupção dos costumes, e com isso impedindo o país de progredir.[150]

Crítica contundente e inflexível à nobreza foi elaborada na obra *Considérations sur la Révolution Française* [Considerações sobre a Revolução Francesa], publicada postumamente em 1821. Em várias passagens Madame de Staël fez admoestações aos privilégios da nobreza e embora não tenha utilizado diretamente a palavra "parasitas", deixa evidente que os considerava como tais. Por diversas vezes ela os definiu como indivíduos que estavam alheios às Luzes e ao cultivo do espírito, como podemos observar:

> La noblesse de province étoit plus intraitables encore que les grands seigneurs. Ceux-ci étoient toujours assurés de leur existence: les souvenirs de l'histoire la leur garantissoient; (...) Les priviléges ne sont sacrés que quand ils servent au bien de l'état; il faut done raisonner pour les maintenir, et ils ne peuvent étre vraiment solides que quand l'utilité publique les consacre. Mais la majorité de la noblesse se sortoit pas de ces trois mots: "c'étoit ainsi jadis". (...) il avoient une certaine fatuité aristocratique dont on ne peut avoir l'idée nulle part ailleurs qu'en France; une mélange de frivolité dans les manières et de pédanterie dans les opinions; et le tout réuni au plus complet dédain pour les lumières et pour l'esprit, à moins qu'il ne se fit bête, c'est-à-dire, qu'il ne s'employàt à faire rétrograder la raison.[151]
>
> [A nobreza das províncias era ainda mais intratável que os grandes senhores. Estes estavam sempre muito seguros de si: lembranças da história que sempre lhes ofereceu garantias. Os privilégios só podem ser válidos se estiverem a serviço do Estado; é necessário, pois, racionalizá-los para mantê-los, pois eles efetivamente são sólidos se validados por sua utilidade pública. Mas, a maioria da nobreza não se desprendia dessas três palavras: "antigamente era assim". Via-se uma arrogância aristocrática que não vemos em nenhum outro lugar a não ser na França; uma mistura de frivolidade de modos e pedantismo nas opiniões; e isso tudo reunido ao mais completo desdém pelas Luzes e pelo caráter, isso quando não se empenhavam em fazer retroceder a razão.]

Outra crítica bastante contundente de Madame de Staël à nobreza é em relação ao que ela denominava "artificialidade dos costumes". Segundo ela, as convenções sociais, regras de etiqueta e de comportamento, ao invés de tornarem os indivíduos melhores, na verdade os afastavam da espontaneidade e da verdadeira liberdade do espírito. Estas são ideias que ela desenvolveu com mais fôlego na novela *Adélaïde et*

---

[150] Ibidem.
[151] Ibidem, pp. 196 – 197.

Théodore [Adelaide e Teodoro] de 1795, no romance *Delphine* [Delfina], de 1802, e no tratado *De l'Allemagne* [A Alemanha], de 1821.

A análise de suas obras permite afirmar, ainda, que Madame de Staël não se sentia atraída pelas atividades "tipicamente femininas". Seu desejo era ir além das fronteiras do lugar social das mulheres "virtuosas" e "honestas". Por estas ideias foi considerada uma mulher exótica, com toda a perversidade do termo à época, e até mesmo extravagante aos olhos de muitos de seus contemporâneos. Personalidade que se completava pelo visual criado por ela, conforme podemos observar na imagem abaixo, pintada por Maria Éleonore Godefroid (sem data):

FIGURA 4 -MADAME DE STAËL[152]



FONTE: Maria Éleonore Godefroid (s/d)

[152] Artista: Maria Éleonore Godefroid (s/d). https://www.napoleon.org/histoire-des-2-empires/tableaux/portrait-de-germaine-necker-baronne-de-stael-holstein-dite-madame-de-stael-1766-1817/ Acesso 10 mai 2016.

Outra imagem bastante conhecida de Madame de Staël foi feita pela importante pintora setecentista, Madame Vigée-Lebrun:

FUGURA 5 – MADAME DE STAËL EN CORINNE AU CAP MISÈNE[153]
[Madame de Staël como Corinne no cabo Miseno]



FONTE: Madame Vigée-Lebrun (s/d)

Como podemos observar nas imagens acima, de cabelos negros enrolados e olhos grandes, ela se vestia de maneira simples para a sua classe social, com poucos adornos. Geralmente portava apenas um xale, um turbante ou lenço na cabeça e

[153] Madame de Staël en Corinne, por Madame Vigée-Lebrun. **Bibliothèque Nacionale de France**. Disponível em <www.gallica.bnf.fr> Acesso 12 dez 2016.

levava consigo um ramo ou flores. Seus braços roliços, geralmente estavam desnudos e seu colo poucas vezes coberto.

Pintada em 1809, a tela de Madame Vigée-Lebrun marcou a história das representações de Madame de Staël. Esta representação de Madame de Staël como sua personagem Corinne, foi amplamente utilizada na composição da memória da autora. Contudo, apesar da boa reputação e dos clientes famosos que Vigée-Lebrun retratava, Madame de Staël não aprovou a pintura. Não gostou dos olhos, que à moda da época foram retratados com uma tinta na cor branca, a qual considerou ter deixado a imagem desagradável. Desta maneira, pouco tempo depois, encomendou que o artista Firmin Massot fizesse outra pintura a partir da de Lebrun, consertando o que considerava desagradável, bem como suavizando suas formas.

FIGURA 6 – MADAME DE STAËL EN CORINNE [154]

[Madame de Staël como Corinne]



FONTE: Firmin Massot (1807[?])

[154] Madame de Staël en Corinne (s/d). **Bibliothèque Nacionale de France**. Disponível em: <www.gallica.bnf.fr> Acesso 12 dez 2016.

Notamos que entre as duas representações acima há certas continuidades: os braços e colo de fora, o cabelo negro preso com pequenos cachos caindo sobre a testa, bem como o lenço oriental que servia de acessório ao vestido simples à moda da época. No que se refere aos acessórios nas duas imagens, Madame de Staël, ao posar para a pintura, usava aquele acessório que, como já citado anteriormente, seria uma de suas marcas: o turbante. Em ambas as representações imagéticas trazà mão, como era seu costume, o ramo. Já na Figura 5, notamos que embora haja muitas semelhanças, há também diferenças em relação às outras duas anteriores. Afinal, nesta pintura, Madame de Staël porta apenas uma lira, instrumento musical tocado por sua personagem Corinne.

Consideramos que estas pinturas são de suma importância para a análise da personalidade da autora, visto que a elaboração desta estética pessoal, ao nosso entendimento, fazia parte do fazer-se de Madame de Staël, conjuntamente à prática da escrita e do exercício da reflexão sobre seus sentimentos. Como citado, ela não foi entusiasta de modismos, coqueterias e demais costumes que considerava futilidades. Tendo uma opinião bastante próxima de Rousseau que na obra *Émile* defende que estas são práticas que ao invés de valorizar as mulheres, servem para esconder as virtudes, impedem que o verdadeiro brilho do seu espírito seja exteriorizado. Acreditamos que a criação de uma estética própria, entre naturalista e romântica, era forma de Madame de Staël se despir do mundo, vestindo-se de si mesma, e marcando com isso sua singularidade.

2.3 INTERCÂMBIOS E COMPOSIÇÕES: ESCRITA, SOCIABILIDADES E AMIZADES

Completando esta imagem que intrigava muitos de seus contemporâneos – principalmente os mais conservadores – estava seu modo de agir e se inserir no mundo. Sua personalidade e desenvoltura, segundo as fontes do período, a faziam se destacar, o que não era esperado de uma mulher, especialmente após o Terror e o recrudescimento do conservadorismo contrarrevolucionário na Europa desde a última década do século XVIII. Madame de Staël, como já dito, tinha excelente desenvoltura na conversação. Bastante articulada, com gestos amplos e expansivos, era uma figura

que raramente passava despercebida, constantemente atraindo os olhares e suscitando opiniões.

Da mesma maneira que usava o nanquim para criar um discurso escrito sobre a folha em branco, suas roupas e seus gestos complementavam sua composição no agenciamento do corpo. Como uma aquarela que ganha novas colorações a pincelada, sua carne foi marcada com os elementos de sua alma. Assim, defendemos que ela criou sobre o corpo um espaço discursivo sobre si. Forjando a si mesma à maneira que desejava ser vista, criou um código visual para suas concepções expressas amplamente nos seus escritos. Tratava-se de um elemento importante na formação de sua subjetividade, o qual, conjugado à conversação – e demais atuações nos espaços políticos e de sociabilidades - e à produção escrita, compuseram sua *arte da existência*.

É na esteira de tais reflexões que defendemos que Madame de Staël não correspondia aos ideais de feminilidade no final do século XVIII que vinham ganhando força desde a época da publicação de obras como *Julie ou La nouvelle Heloïse* [Julia ou a nova Heloísa] e *Émile ou De la Education* [Emílio ou da educação] escritas por Jean-Jacques Rousseau. Madame de Staël subvertia a imagem da mulher frágil e obediente que estava sendo amplamente difundida, defendida como ideal e desejável. Também não se encaixava no modelo de dama aristocrática, que deveria ter seus modos calculados, forjados a partir da etiqueta e do refinamento.

Madame de Staël era uma mulher que, embora fosse muito cortês, conhecesse as regras da boa educação e tenha sido educada para a vida social, era muito espontânea. Permitia que seus atos fossem expressão de suas emoções controladas e da reflexão crítica, e não só resultado das convenções sociais. Por conta disto ela foi muito criticada por pessoas que a acusavam de usar trajes deselegantes e pouco adequados aos ambientes refinados e às damas: seus modos eram tidos como desairosos e pouco refinados, ou seja, pouco femininos.

Realmente, como atestam seus biógrafos, Madame de Staël era uma mulher bastante singular, com uma postura que desagradava as pessoas que defendiam ardorosamente as normas e convenções sociais, especialmente para as mulheres. Como ela mesma afirmou por diversas vezes, foi uma mulher ambiciosa e desejava a glória. Ousou desafiar as barreiras impostas, seja ao seu sexo, ao pensamento ou às ideias políticas. Embora tenha sido alvo de pesadas críticas direcionada à suas obras e aos seus ideais políticos, ela não recuou. Neste sentido Madame de Staël foi um

indivíduo moderno, que não titubeou na busca de sua realização pessoal. Procurou nos amantes os sentimentos e as experiências que não teve no casamento; na política defendeu a conquista da liberdade; e na atividade intelectual buscou nada menos do que a glória que acreditava merecer, sem falsa modéstia. Assim, foi a busca pela felicidade e realização pessoal que a moveram ao longo de sua vida. Ao se referir a ela, seu grande companheiro intelectual e amante, Benjamin Constant, chegou a afirmar que "se ela soubesse se governar, governaria a França".[155] Ou seja, ela foi vista por seus contemporâneos como uma mulher que não respeitava as barreiras impostas a ela.

Consideramos interessante destacar que, embora muitos dos seus contemporâneos vissem este traço altivo de sua personalidade como algo positivo, que lhe garantia personalidade ímpar e a tornava uma pessoa excepcional, há um recorte de gênero muito saliente sobre esta interpretação. Uma questão que podemos levantar é se Madame de Staël fosse um homem será que a marca da 'ousadia' e 'vivacidade' seria tão latente conforme atestam as fontes e seus biógrafos? E, neste caso, este traço subjetivo seria interpretado como quase falta de temperança ou mesmo inapropriado?

Não buscamos aqui responder estas questões talvez deveras especulativas, mas sim levar em conta tal exercício de imaginação histórica. Fazer estas perguntas provocativas com a finalidade de compreender as diferentes maneiras que homens e mulheres foram – e ainda são – julgados por suas escolhas e idiossincrasias nos parece ser relevante para entender os estereótipos construídos sobre Madame de Staël, e como avaliações e julgamentos de caráter e de comportamento são bastante variáveis segundo o gênero do indivíduo em questão.

A modéstia, a humildade e o pudor, que eram atributos valorizados como predicados femininos, não foram virtudes cultivadas por ela, muito pelo contrário. Como citado, ela ansiava uma virtude masculina: a glória. Sentia-se realizada ao brilhar ao lado dos grandes expoentes intelectuais do seu tempo, bem como se orgulhava da sua atuação pública. Estas atividades preenchiam não apenas o seu tempo, mas também alimentavam sua alma. Tanto que quando esteve afastada da França por conta do exílio, declarou o quanto sentia falta dos círculos de

---

[155] CONSTANT, Benjamin apud HEROLD, op. cit., p. 111.

sociabilidades, entre eles, especialmente o seu salão, que por mais de uma vez teve que fechar devido à perseguição política.[156]

Sendo um importante espaço de sociabilidades ao longo do século XVIII e também durante o período da Revolução Francesa, os salões estiveram associados por muito tempo à frivolidade, às anedotas superficiais e aos segredos de alcova. Foi apenas na década de 1970 que sua importância histórica foi reconhecida, quando historiadores e historiadoras começaram a refletir sobre a história social e cultural das elites parisienses e escritores da Ilustração. Atualmente, pensar estes espaços e sua importância na disseminação de ideias, bem como para a formação de novos modelos de sociabilidades letradas é fundamental para o estudo do espaço público, das sensibilidades e da literatura, por conta do reconhecimento dos pesquisadores e pesquisadoras na relevância que tiveram no "fazer-se" dos homens e mulheres de letras.[157]

Tendo sua origem relacionada à sociabilidade de Corte, o salão promovia reuniões sociais, onde pelo exercício da polidez e dos hábitos elegantes, homens e mulheres tiveram a oportunidade de, segundo Ana Paula Vosne Martins, interagir mais livremente, longe das amarras de gênero que estavam presentes em instituições mais formais. Nos salões foram promovidas novas formas de interação de gênero que criaram "novos e transgressores modos de representação de si e dos outros".[158] Os salões criaram um espaço cultural onde as distâncias de gênero foram diminuídas "em favor de uma sociabilidade marcada pela cultura, civilidade e principalmente pela amizade".[159]

O salão[160] era um centro cultural e de formulação da nascente opinião pública, onde ocorriam debates sobre assuntos políticos, econômicos, literatura, filosofia, entre

---

[156] BALAYÉ, op. cit.
[157] LILTI, 2005, op. cit.
[158] MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidade nos salões iluministas. **História: Questões & Debates**, n.46, 2007, p. 60.
[159] Ibidem, p. 51.
[160] Antes da Revolução, ao se referir a estes espaços de sociabilidade, segundo Lilti, eram utilizados os termos "círculo", e sobretudo, "sociedade". No *Dictionnaire Trevoux* de Francês, do ano de 1771, salão era definido como: "SALON.I.m. Grande sale élevée, & couverte en cintre, ordinairement enrichie dornements d'Architeture & peinture : grande pièce au milieu d'uncorps de logis, ou à tête d'une gallerie, ou d'un grand appartement, laquelle doit être de symétrie en toutes ses faces ; &comme sa hauteur comprend ordinairement deux étages, & a deux rangs de croisées, l'enfoncement de son plafond doit être cintré ainsi qu'on le pratique dans les Palais d'Italie. On reçoit d'órdinaire les ambassadeurs dans un salon. Il y a des salons carrés, comme celui Clagni ; d'octogones, comme celui de Marly, & d'autres figures. Daviler." [SALÃO.I.m. Uma grande sala elevada e de cobertura em forma de abóboda, geralmente enriquecida por ornamentos de arquitetura e pintura: uma grande sala no meio de várias

outros temas caros aos letrados da época. Entre os frequentadores dos salões no século XVIII estavam aristocratas, financistas, diplomatas, literatos e mulheres que, embora não tivessem formação ou desempenhassem atividades profissionais – exceções às que eram escritoras e/ou tradutoras – também eram participantes ativas daqueles ambientes.[161]

Os salões literários exerceram grande influência no universo letrado ao longo dos séculos XVII e XVIII, contribuindo para os debates filosóficos e trocas que foram muito caras também ao Iluminismo. Contudo, nos últimos anos do século das Luzes, com a efervescência da convocação dos Estados Gerais e o início da Revolução Francesa, os salões ganharam outros contornos e *status* social. Passaram a ser um lugar privilegiado para os debates políticos.

Foi um espaço de sociabilidade, lugar privilegiado para a formação e atuação de homens e mulheres, um "centro de cultura onde se cultivava a mistura intelectual e onde as mulheres entretinham os homens com seus gostos e sua maneira de ver o mundo. Mulheres e homens acabavam aí por se transformar".[162] Nos salões iluministas havia efervescência intelectual, debates e conversações, sempre visando o aprimoramento intelectual. Atividades importantes nos salões incluíam a divulgação de obras e ideias, bem como a discussão de livros recém-lançados ou inéditos, se configurando como um espaço de trocas mútuas e parcerias entre seus frequentadores, bem como de formação do público leitor. Assim, embora tenham tido uma origem conservadora, os salões inovaram. Aos poucos introduziram novas formas de sociabilidades não mais baseadas nos privilégios e nas diferenciações sociais – tais quais as cortes, aos quais eram tributários – mas no prazer da conversação, trocas culturais e cultivo da amizade.[163]

---

peças, ou na cabeceira de uma galeria, ou um grande apartamento, que deve ter aparência simétrica em todos as suas faces; e como geralmente compreende dois andares, e tem duas fileiras de vigas, a curvatura de seu teto deve a mesma que se encontramos Palácios da Itália. Geralmente, recebem-se embaixadores em um salão. Há quartos quadrados, como aquele de Clagni; octógonais, como o de Marly e também outras figuras. Daviler]. SALON. Dictionnaire **Universel françois et Latin, vulgairememt appelé dictionnaire de Trevoux** – Tome VII. Paris: Libraries Associès, 1771, p. 512.

[161] VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

[162] MARTINS, Ana Paula Vosne. **Os salões iluministas e a produção da escrita de mulheres**. Texto apresentado no evento "Sentimentos na História", promovido pela Linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História, do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, realizado em novembro de 2010. (Não publicado).

[163] Ibidem.

Ademais, frequentar os salões representou para as mulheres a oportunidade para adentrar nos debates ilustrados. Elisabeth Badinter aponta que esta foi a atividade mundana mais procurada pelas mulheres no século XVIII, por ser um espaço menos hierarquizado onde se realizavam reuniões periódicas com debates filosóficos e culturais. Nos salões elas tiveram a chance de aprender com seus pares, bem como de serem ouvidas e reconhecidas por suas ideias e pela escrita. Ademais, nos salões, os laços de amizade foram favorecidos, já que naqueles ambientes criava-se relações de confiança, companheirismo e ajuda mútua.[164]

Segundo Elisabeth Badinter, por não ser considerado um atributo pertinente às mulheres, a ambição feminina não era bem vista em uma cultura avessa ao cultivo dessas individualidades.[165] Assim, as mulheres que ambicionavam adentrar nos ambientes letrados ou mesmo atuar como *salonnières*, tiveram que contar com o apoio masculino.

Algumas tiveram o privilégio de contar com o apoio paterno, recebendo desde menina uma formação sólida para que tivessem a oportunidade de atuar nos salões. Outras contaram com o apoio dos maridos, que as incentivaram a abrir as portas de suas residências para encontros semanais. Contudo, não foi o caso daquelas que encontraram nas amizades mistas o estímulo e a ajuda para trilharem no caminho do esmero intelectual. Homens que as incentivavam, que eram seus parceiros intelectuais e ombro amigo nos momentos difíceis, contribuindo para a formação, intercâmbios intelectuais e estabelecimento de uma rede de acolhimento e apoio mútuo entre os indivíduos.[166]

Assim, favorecido pela frouxidão da hierarquia de gênero que imperava naqueles ambientes, o salão propiciou muitas amizades entre homens e mulheres, como por exemplo, Madame d'Épinay e o barão de Grimm, ou Madame du Châtelet e Voltaire, entre tantas outras. Por sua natureza mais igualitária, as amizades representaram um novo tipo de relação entre homens e mulheres, uma relação baseada na confiança, no respeito e na admiração mútua que tinha os afetos como seu fio condutor. Isto permitiu que amizades mistas começassem a ser entendidas

---

[164] BADINTER, 2003, op. cit.
[165] Ibidem.
[166] MARTINS, 2008, op. cit.

não apenas como possíveis, mas também como uma virtude que poderia ser estimada por homens e mulheres.

Martins defende que as amizades mistas foram muito importantes tanto para a transformação na auto-percepção que os indivíduos tinham de si, como também para a esfera pública, visto que, por conta deste vínculo "homens e mulheres modernos começaram a romper as distâncias culturais que os colocavam em mundo quase paralelos".[167] Sendo um importante agente de transformação individual e social, "foi pela amizade que as mulheres começaram a se desamarrar das alguns dos estreitos limites impostos pela ideologia de gênero, ensaiando novos papéis e se afirmando enquanto indivíduos autônomos na forma de agir e pensar".[168] Consolidou-se como um espaço para exercer o pensamento crítico, para partilhar opiniões acerca da sociedade, filosofia, literatura e política. Possuir um amigo naquele ambiente significava ter um parceiro intelectual, alguém a quem se podia confiar a leitura de suas obras e receber as primeiras críticas sobre elas.

De acordo com Lilti, Madame de Staël foi uma das primeiras pessoas a empregar regularmente o novo significado ao termo "salon" [salão]. Em 1793, em carta a seu caro amigo Ribbing ela se referiu a "os pequenos detalhes de meu salão" [les petites manières de mon salon], e em muitas de suas obras notamos que os salões são mencionados. Ademais, durante o período da Revolução Francesa e no período napoleônico, embora tenha tido que fechar as portas de seu salão por mais de uma vez por conta da instabilidade política, Madame de Staël se consolidou como uma influente *salonnière* que reunia em seu entorno homens e mulheres letrados, políticos e ativistas que se encontravam para refletir sobre os rumos da França.

Madame de Staël apresenta os primeiros anos da Revolução como "o apogeu da conversação francesa, onde o espírito e a polidez foram enfim cultivados por debates que não se limitavam à qualidade de uma boa palavra" [l'apogée de la conversation française où l'esprit et la politesse étaient enfin Fécondes par les débats qui ne se limitaient pas à la qualité d'un bom mot].[169]O salão configurava-se, neste contexto, como um espaço destinado a confabular sobre a Revolução, estabelecer coalizões e planejar conchavos que pudessem levar as transformações políticas para

---

[167] Ibidem, p. 53.
[168] Ibidem, p.52.
[169] STAËL, 1818, op. cit., v. 1, p. 123.

o rumo desejado. Reuniu-se, assim, elementos do Antigo Regime – como o gosto pela conversação, a valorização das amizades e das atitudes polidas e gentis – à ambição política.

Diante disso, o salão de Madame de Staël consolidou-se, de uma forma quase que natural, como importante espaço de sociabilidades e debates políticos, reunindo aqueles que seriam os elementos das antigas sociedades literárias às demandas revolucionárias.[170] Devido a isto, ela se cercou de importantes homens e mulheres – mais homens que mulheres, é verdade – e seu salão não tardou a ser compreendido como um espaço de importância ímpar aos debates na virada do século.

Em suas *Considérations sur la Révolution Française* [Consideração sobre a Revolução Francesa], Madame de Staël destaca a importância social dos salões. Defende que tendo à sua frente mulheres de influência nos costumes, foram mais que locais de sociabilidades mundanas. Foram espaços onde, através das conversações e do cultivo do espírito elegante, alianças puderam ser estabelecidas e os indivíduos tiveram a chance de estabelecer uma rede de influência:

> L'influence des femmes, l'ascendant de la bonne compagnie, ce qu'on appelait vulgairement les salons dorés semblaient très redoutables à ceux qui n'y étaient point admis, et dont on sé dui a sit les collègue sen les y invitant. L'onvoyait, les jours de décade, car les dimanches n'existaient plus, tous les éléments de l'ancien et du nouveau régime réunis dans les soirées, mais non réconciliés. Les elegantes manières des personnes bien élevées perçaient à travers l'humble costume qu'elles gardaient encore, comme au temps de la Terreur. Les hommes convertis du parti jacobin entraient pour la première fois dans la société du grand monde, et leur amour-propre était plus ombrageux encore sur tout ce qui lien tau bont on qu'ils voulaient imiter, que sur aucun autre sujet. Les femmes de l'ancien régime les entouraient pour em obtenir la rentrée de leurs frères, de leurs fils, de leurs époux, et la flatterie gracieuse dont eles savaient se servir venait frapper ces rudes oreilles, et disposait les factieux les plus acerbes à ce que nous avons vu depuis, c'est-à-dire à refaire une cour, à reprendre tous se salus, mais em ayant grand soin de se les appliquer à eux-mêmes.[171]
>
> [A influência das mulheres, a ascendência da boa companhia, o que era vulgarmente chamado de salões dourados, parecia ser muito formidável para aqueles que não eram admitidos nela, e cujos colegas eram seduzidos por convidá-los para isso. Os dias da década eram visíveis, pois os domingos não existiam mais, todos os elementos do antigo e do novo regime se uniam à noite, mas não se reconciliavam. As maneiras elegantes das pessoas bem-educadas perfuravam o traje humilde que ainda possuíam, como nos dias do Terror. Os homens convertidos do partido jacobino entraram pela primeira vez na sociedade do grande mundo, e sua auto-estima era ainda mais sinistra em tudo que se relacionava com o bom tom que eles desejavam imitar do que

[170] FERRER, op. cit., não paginado.
[171] STAËL, 1818, op. cit., v. 1, p. 112.

> em qualquer outro assunto. As mulheres do antigo regime em torno deles para obter o retorno de seus irmãos, seu filho, seus cônjuges, e o elogio graciosa eles sabiam como usar foi atingido estes ouvidos ásperas, e tinha a mais amarga entre facções esta que vimos desde então, isto é, refazer um tribunal, assumir todos os seus deveres, mas com grande cuidado para aplicá-los a eles mesmos.]

Neste trecho podemos observar o tom crítico de Staël à desconfiança para com os salões. Destaca que durante a Revolução Francesa, mais que local de futilidades, aquele foi, acima de tudo, o local de acertos políticos. Não importavam os trajes, mas sim a maneira elegante e gentil. Ademais, ela destaca que se tratava de um espaço de negociação política, já que propiciava a oportunidade das pessoas se aproximarem.

Na obra *De l'Allemagne* ela também aborda esta questão. Contudo, nesta obra, assim como nos seus romances *Corinne ou l'Italie* e *Delphine*, bem como na novela *Adelaïde et Théodore*, ela faz uma crítica bastante contundente aos modismos e coqueterias presentes nos ambientes dos salões. Assim como ela criticava as obrigações sociais que muitas vezes se sobrepunham às virtudes, ao espírito e aos sentimentos, estabelecia uma relação bastante crítica com seus pares:

> L'exactitude de la politesse, qui est à quelques égards une vertu, puisqu'elle exige solvente des sacrifices, a introduit dans Vienne les plus ennuyeux usages possibles. Toute la bonne compagnie se transporte en masse d'un salon à l'autre, trois ou quatre fois par semaine. On perd un certain temps pour la toilette nécessaire dans ces grandes réunions ; on en perd dans la rue, on en perd sur les escaliers, en attendant que le tour de sa voiture arrive, on en perd en restant trois heures à table ; et c'est impossible, dans ces assemblées nombreuses, de rien entendre qui sorte du cercle des phrases convenues. C'est une habile invention de la médiocrité pour annuler les facultés de l'esprit que cette exhibition journalière de tous les individus les uns aux autres. S'il étoit reconnu qu'il faut considérer la pensée comme une maladie contre laquelle un régime régulièr est nécessaire, on ne saurait rien imaginer de mieux qu'un genre de distraction à la fois étourdissant et insipide: une telle distraction ne permet de suivre aucune idée, et transforme le langage en un gazouillement qui peutêtre appris aux hommes comme à des oiseaux.[172]
>
> [A exatidão da polidez, que em alguns aspectos é uma virtude, porque exige, muitas vezes, sacrifícios, introduziu em Viena os costumes mais entediantes possíveis. Toda a boa companhia é transportada em massa de um salão para outro, três ou quatro vezes por semana. Perde-se algum tempo com a preparação necessária nessas grandes reuniões; perde-se tempo na rua, nas escadas, esperando a chegada do carro, perdem-se três horas à mesa; e é impossível, nessas numerosas assembleias, ouvir qualquer coisa que saia do círculo de frases acordadas. É uma invenção inteligente da mediocridade para cancelar as faculdades do espírito que decorre desta exposição diária

[172] STAËL, 1810[?], op. cit., pp. 76 – 77.

> de todos os indivíduos uns aos outros. Se reconhecêssemos que o pensamento é uma doença contra a qual uma dieta regular é necessária, nada melhor do que um tipo de distração que ensurdecedora e insípida: tal distração não segue nenhuma ideia e transforma a linguagem em um gorjeio que pode ser ensinado tanto aos homens quanto aos pássaros.]

Mesmo fazendo a defesa pública das capacidades femininas e com isso se afastando de Rousseau e seus pares, Staël não elabora um discurso de irmandade feminina. Sua defesa é do desenvolvimento do espírito, através das Luzes e das sensibilidades. Por conta disto, valorizava os salões e a conversação. Segundo ela, eram espaços adequados para os espíritos se expressarem livremente, daí sua crítica à frivolidade e artificialidade dos costumes que só afastavam os indivíduos do que ela considera como sua mais bela missão. Ademais, ali foi o ambiente onde teve a oportunidade de interagir com aqueles que seriam seus amigos próximos ou mesmo parceiros intelectuais e/ou políticos.

Provavelmente, a única fonte em que há uma representação imagética da atuação social e letrada de Madame de Staël seja a gravura *Conférence de Madame de Staël* [Conferência de Madame de Staël] atribuída à Philibert-Louis Debucourt (Figura 07).

Embora a data e local de produção sejam desconhecidos, Debucourt produziu uma gravura do que seria uma possível reunião com Madame de Staël como a figura central – tal qual o título da gravura indica –; talvez recebendo convidados para um encontro em que, conforme a imagem sugere, a conversação seria a atividade que envolveria todos os presentes. Assim, por mais que não se possa afirmar que esta tenha sido uma reunião de seu salão propriamente dito, o que é reforçado pelo ambiente idealizado de um jardim, consideramos que esta imagem representa um modelo de sociabilidade culta e refinada.

FIGURA 7 -CONFÉRENCE DE MADAME DE STAËL[173]

[Conferência de Madame de Staël]



FONTE: Philibert-Louis Debucourt? (s/d)

Ao analisarmos os pormenores da imagem notamos a presença de homens e mulheres que estavam em interação de uma maneira bastante informal. A representação de seus corpos e olhares demonstra que a conversação era praticada de maneira bastante distanciada dos rígidos protocolos de etiqueta tão caros às

[173] Conférence de Madame de Staël. **Bibliothèque Nacionale de France**. Disponível em <www.gallica.bnf.fr> Acesso 12 dez 2016.

instituições do Antigo Regime. Por fim, destacamos que no centro da representação há uma mulher sentada que parece atrair a atenção da grande parte dos presentes. Com vestido decotado e cabelos cacheados, é uma representação muito parecida com as das descrições dos seus contemporâneos e dos retratos de Madame de Staël acima analisadas (Figuras 3, 4 e 5).

Entendemos que a figura central da gravura é Madame de Staël, visto que, além dos traços característicos, boa parte dos convidados parece estar ao seu redor, dialogando com ela. Embora não se conheça os motivos da produção da gravura, não se pode afirmar se foi uma encomenda ou mesmo por quem foi produzida, se o artista era um amigo de Madame de Staël, admirador ou simplesmente alguém contratado para registrar o evento, ou se somente registrou uma cena que estava acontecendo ou se foi posada, entendemos que esta gravura é muito importante para a discussão aqui apresentada.

Como citado, é uma rara – possivelmente a única - representação de Madame de Staël participando de um círculo de sociabilidade – pois a maior parte de suas imagens são retratos. É uma representação destes novos modelos de amizade e interação social apresentados por Ana Paula Vosne Martins e Anne Vicent-Buffault, pelas quais homens e mulheres desfrutam de encontros nos quais reina a conversação menos hierarquizada, tendo a oportunidade de interagir de maneira mais informal e com isto, estabelecer vínculos afetivos como as amizades.

A amizade foi um sentimento bastante caro para Madame de Staël. Lendo as fontes podemos observar que suas obras literárias também registraram sua admiração por este sentimento. Nelas, os amigos eram figuras de amparo e confiança das personagens principais – principalmente de suas heroínas, responsáveis pelo suporte emocional ao longo de suas jornadas, zelando por seu bem-estar e saúde, bem como padecendo por suas dores.

Desde a Antiguidade a amizade tem sido objeto de inúmeros tratados que se preocupavam em conceituar e entender os pormenores deste vínculo considerado nobre e capaz de levar os indivíduos ao encontro da felicidade e da realização. Assim, embora tenha sido muito cara ao período moderno, sua valorização não foi uma

inovação desta época. Ao contrário, seu enaltecimento pelos modernos, partiu da consagração da cultura dos Antigos.[174]

Compreendido como excepcional no desenvolvimento civilizacional, artístico e filosófico, a cultura clássica passou a ser tomada como referência desde o Renascimento. Suas cidades e monumentos, entendidos como palco consagrado da história, fizeram com que viagens a cidades como Roma e Pompéia se tornassem populares. A cultura clássica tornou-se um produto de consumo das elites que, aliado ao estudo das obras antigas, eram importantes signos da erudição e da diferenciação social. Todo indivíduo que desejasse adentrar nas discussões letradas ou que almejasse apenas ganhar ares intelectuais, deveria demonstrar conhecimento sobre a Antiguidade.

Desde o humanismo renascentista, estudiosos e escritores faziam muitas referências a ela em seus escritos, seja como forma de legitimação ou como exemplo a ser seguido. Assim, sendo compreendida a partir da tradição Antiga, a amizade foi evidenciada e até mesmo reverenciada ao longo do século das Luzes. Foi objeto de muitos tratados e representada como uma relação capaz de aflorar virtudes e emoções mais belas nos seres humanos.[175]

Importante inovação trazida pelos séculos XVII e XVIII foi a concepção de que a amizade, mais que uma virtude, conforme apontava Aristóteles, ou um bem precioso, como assinalava Platão,[176] era um vínculo sentimental, que torna os corações sublimes e os espíritos sensíveis mais propícios a estabelecerem vínculos verdadeiros e duradouros.[177] Ademais, conforme coloca Anne Vincent-Buffault, muitos tratados, como por exemplo *Lettres sur la Sympathie* [Cartas sobre a Simpatia] (1798) de Sophie Grouchy, a marquesa de Condorcet, afirmavam que embora devesse ser temperada pela razão, a amizade não poderia ser um sentimento morno ou mesmo indiferente, visto que, desta forma, perderia o que tinha de mais vivo.[178]

Com isto, no século das Luzes, a amizade ganhou uma nova importância. A efusão de sentimentos passou a ser entendida como um alimento para o espírito e a comunicação expansiva, sem medidas. Pois, era entendido que "a confiança, a efusão

---

[174] BALDINI, Massimo (org). **Amizade & Filósofos**. Bauru: EDUSC, 2000.
[175] VINCENT-BUFFAULT, op. cit.
[176] BALDINI, op. cit.
[177] VINCENT-BUFFAULT, op. cit.
[178] Ibidem.

dos corações permite às almas enérgicas esquecer o tempo que passa e não fazer segredo de sentimentos".[179] Corroborando assim para que a intensificação das trocas fosse entendida como elemento fundamental para a amizade e passando, dessa forma, a ser associada à energia e exaltação, bem como relacionada aos sentimentos morais: "a sensibilidade, a generosidade, a capacidade de desfrutar da felicidade de outrem, que devem ser desenvolvidas desde a infância, permitem o acesso à verdadeira amizade".[180]

A obra *Notice sur le caractere et les écrits de Madame de Staël,* [Notícia sobre o caráter e escritos de Madame de Staël] escrita por sua prima e amiga, Madame Necker de Saussure e publicado em 1820, três anos após o falecimento de Staël, a pedido de seus filhos, que desejavam consolidar a memória da sua mãe como uma mulher notável e de espírito, é iniciada com as seguintes ponderações:

> Appéle par les enfants de Madame de Staël à écrire les observations qu'une longue intimité avec elle m'a mise à portée de faire, je cède à leur désir sans consulter mes forces comme sans prévoir la douleur que je vais reanimer en moi. Un sentiment supérieur à toute considération personnelle me détermine. Si l'amie, si la proche parente que Madame de Staël a honorée du titre de soeur, réussit à la peindre telle qu'elle l'a vue, elle entourera son nom de plus d'amour; et n'ayant jamais pu m'acquitter en vers elle, ayant dû souvent me reconnoître vaincu dans les témoignages extérieurs d'attachement , je payerai du moins um foible tribut à sa mémoire.[181]
>
> [Chamada pelos filhos de Madame de Stael para escrever as observações de que uma longa intimidade com ela me colocou ao alcance, cedo ao seu desejo sem consultar minhas forças, sem prever a dor que vou reviver em mim. Um sentimento superior a todas as considerações pessoais me determina. Se o amigo, se o parente próximo que Madame de Stael honrou com o título de irmã, conseguir pintá-la como a viu, ela cercará seu nome com mais amor; e nunca tendo podido absolver-me com ela, tendo-me encontrado muitas vezes conquistado em testemunhos externos de apego, pelo menos prestarei um débil tributo à sua memória.]

Notamos que, apesar da obra ser uma análise da trajetória e produção literária de Madame de Staël, o testemunho é o fio condutor da escrita. Madame Necker de Saussure não se esquiva em afirmar que este é um projeto familiar concebido pelos filhos de Madame de Staël e elaborado por ela, que assegura ter se vinculado à Madame de Staël por laços mais profundos que os de parentesco; foram amigas que

---

[179] Ibidem, p. 71.
[180] Ibidem, p. 81.
[181] SAUSSURE. Madame Necker de. **Noticesurle caractere et les écrits de Madame de Staël**. Paris: [s.n.] 1820, pp. 01-02.

partilhavam uma história baseada em uma "longa intimidade" [q'une longue amitié]. Com isto, afetividade e delicadeza dão o tom da abertura daquele que foi, conforme atestam vários pesquisadores, a primeira obra sobre a vida e a produção literário-intelectual de Madame de Staël.[182]

Interessante ressaltarmos que tal obra se insere em um contexto onde havia disputa sobre as representações e a memória de Madame de Staël. Enquanto seus amigos e admiradores procuravam enaltecer sua memória, destacando sua atuação no mundo das letras, influência no cenário político europeu e seu espírito e genialidade, Napoleão e seus demais rivais tinham como objetivo perpetuar sua imagem como a de uma mulher desequilibrada e traidora da nação. O que permite compreender a tentativa da família tomar para si o controle sobre a memória de Madame de Staël. Foi o que fez seu filho ao editar as primeiras obras póstumas da escritora, bem como na iniciativa da escrita e publicação de *Notice sur le caractere et les écrits de Madame de Staël.*

Madame Necker de Saussure inaugura sua obra, conforme o trecho acima demonstra, com a seguinte frase: "Chamada pelos filhos de Madame de Stael para escrever as observações de que uma longa intimidade com ela me colocou ao alcance" [appéle par les enfants de madame de Staël à écrire les observations qu'une longue intimité avc elle m'a mise à porte de faire].[183] Com isto, entendemos que a família – aqui representada por ela – se colocou como produtora legítima das narrativas sobre a vida e obra Madame de Staël; como aqueles que estariam habilitados a produzir discursos autênticos em contraposição aos discursos falaciosos e difamatórios que circulavam na França e outros países da Europa naquele momento.

Contudo, ao analisarmos o trecho acima, notamos que Madame Necker de Saussure fez este trabalho de uma maneira bastante interessante. Numa atitude diferente dos séculos XIX e XX, pautada pelo método científico e a objetividade, ela fundamenta sua memória escrita na intimidade e nos sentimentos entre ela e Staël. Eles garantiriam a autenticidade de seu discurso, bem como deram o tom da sua narrativa:

---

[182] Ibidem, p. 02.
[183] Ibidem, p. 03.

> On n'a pas enconre formé un ensemble des traits qui caractérisent Madame de Staël; on ne s'est pas complètement expliqué cette étonnant réunion, et le jour plus éclatant que vrai sous le quel elle s'est présentée, est loin, bien loin d'éclairer tout cequ'il y avoit de bon et d'intéressant en elle. Rien de ce qui est venu d'elle ne peut être comparé à elle-même. Supérieure par son esprit à ses écrits les plus renommés, comme par son coeur à ses actions les plus généreuses, ele avoit dans l'âme un foyer de chaleur et lumière dont les rayons épars n'offrent que de foibles émanations.[184]
>
> [Não compreendemos todas as características que caracterizam Madame de Stael; não se conhece completamente essa reunião surpreendente, e o dia mais claro do que o que foi apresentado está longe de esclarecer tudo o que era bom e interessante. nela. Nada do que veio dela pode ser comparado a ela mesma. Superior em espírito aos seus escritos mais célebres, bem como em seu coração aos seus atos mais generosos, ela tinha em sua alma um foco de calor e luz cujos raios dispersos oferecem apenas emanações fracas.]

Observamos que, embora tenha buscado enaltecer fatos e experiências de maneira verídica, foi sob a lente dos sentimentos e das emoções que a narrativa era construída. Fato enaltecido pela autora, já que entre seus objetivos parecia estar não apenas ressaltando o brilhantismo de Madame de Staël, mas também como foi uma pessoa de espírito elevado, que cativava todos à sua volta com sua presença única e sensibilidade. E que, ademais, era uma pessoa única, que trazia dentro de si uma potência criadora e predicados que não se esgotavam em suas expressões, por mais belos e sensíveis que tenham sido.

Mesmo após a morte de Madame de Staël, Madame Necker de Saussure continuou declarando sua admiração pela prima. Usou a escrita como uma maneira de exteriorizar seus sentimentos, bem como para prestar uma homenagem póstuma. A partir do momento em que a morte as afastou definitivamente, a escrita foi a maneira encontrada para continuar zelando pela memória de sua prima. Se não mais por sua saúde ou felicidade, ela prezava, naquele momento, por sua memória. Cuidava para que suas qualidades não fossem esquecidas por difamações e rivalidades, defendendo publicamente quem não poderia mais se defender. Assim, vê-se o quanto as ligações de amizade foram importantes sustentáculos dos indivíduos e essenciais para as sociabilidades letradas.

Defendemos que a sensibilidade que Madame Necker de Saussure demonstra por sua prima é representativa deste contexto onde amizade e sensibilidade se aproximaram. A própria Madame de Staël utilizou, por meio de suas cartas, a escrita como forma de demonstrar sentimentos arraigados por seus amigos, entre eles,

---

[184] Ibidem.

Madame de Récamier, uma amiga muito próxima com a qual manteve uma relação bastante afetuosa ao longo da vida.

Juliette Récamier foi uma dama da alta sociedade francesa que na virada entre os séculos XVIII e XIX fez muito sucesso por sua beleza e elegância, aliadas à sua capacidade crítica que atraía muitos amigos e admiradores ao seu salão no castelo de Clichy, na região de Paris. Ela foi apresentada à Madame de Staël no ano de 1800 e não tardou para que o afeto entre elas nascesse. Tornaram-se amigas íntimas, embora as coqueterias de Récaminer por vezes incomodassem Madame de Staël.[185] Mas, mesmo com as diferenças de personalidade, o volume das missivas trocadas entre elas nos dá mostra da dimensão que aquela relação – e os sentimentos despertados por ela – tomou para as duas amigas.

Em missiva enviada à cara amiga Juliette Récamier em 13 floreal[186] de 1801 ou 1802, Madame de Staël escreveu:

> Belle Juliette (...) Donnez-moi de vos nouvelles. J'éspere que vous avez perdu cette singulière timidité que vous éprouvez en m'écrivant. N'avez-vous pas bien vu que je vous aimais et que cet esprit dont vous m'accusiez ne servait qu'a mieux vous deviner et à trouver des nouvelles raisons pour vous être tendrement attachée? [187]
>
> [Bela Julieta (...) mande-me notícias suas. Espero que tenhas perdido a singular timidez que sentes ao me escrever. Não vistes que eu vos amei, e que o espírito do qual me acusas serviu apenas para melhor compreendê-la e para encontrar novos motivos vos ligar-me ternamente?]

Em outra carta, de dois de setembro de 1804, antes de sua partida para Itália, ela registrou:

---

[185] BALAYÉ, op. cit.

[186] O governo popular da Convenção Nacional (1972 - 1975) adotou o Calendário Republicano, que tinha seu início em 22 de setembro. Foi introduzido oficialmente em 1793 e era dividido em 12 meses de 30 dias. Os 5 dias restantes para completar 365 dias anuais eram feriados públicos – "dias dos sans-culottes". Os meses tinham seus nomes relacionados aos ciclos agrícolas e da natureza: Vindimário (do latim *vindemia* = *vindima*, colheita da uva): de 22/09 a 21/10; Brumário (do francês *brumas* = nevoeiro): de 22/10 a 20/11;Frimário (do francês *frimas* = geada): de 21/11 a 20/12; Nivoso (do latim *nivosus* = neve): de 21/12 a 19/01; Pluvioso (do latim *pluviosus* = chuvoso): de 20/01 a 18/02; Ventoso (do latim *ventosus* = vento): de 19/01 a 20/03; Germinal (do latim *germem* = germinação): de 21/03 a 19/04; Floreal (do latem *florens* = flores): de 20/04 a 19/05; Prairal (do francês *praire* = prado): de 20/05 a 18/06; Messidor (do latim *messis* = colheita): de 19/06 a 18/07; Termidor (do grego *therme* = calor): de 19/07 a 17/08; Frutidor (do latim *fructus* = fruto): de 18/08 a 16/09; Dias dos sans-culottes: de 17/09 a 21/09.

[187] Carta de Madame de Stäel, 17 de julho apud BEAU DE LOMÉNIE, Emmanuel (Org.). **Lettres de Madame de Stael a Madame de Recamier**. Editions Domat, Paris, 1952. p. 76.

> Adieu, chère Juliette, je vous embrasse, bonheur que n'aura point le comte Copertino; mais ce qui est bien sûr, c'est qu'il sera très amourex de vous. Je vous aime, moi, plus qu'aucune autre femme de France. Hélas! Quand vous reverrai-je?[188]
>
> [Adeus, querida Julieta, abraço-te, que felicidade o conde Copertino terá; mas é claro que ele vai gostar muito de você. Eu te amo mais do que qualquer outra mulher na França. Ai de mim! Quando vou te ver de novo?]

Ao analisarmos as fontes acima observamos que estas passagens dão bem mostras do lugar dos afetos na relação. Na primeira, após uma saudação carinhosa, "Bela Julieta" [Belle Juliette] Madame de Staël repreende a amiga por ser comedida em suas demonstrações de afeto e por ser moderada nas cartas que enviava a ela, dando a entender que Madame de Récamier não estava correspondendo às suas expectativas de doação e demonstração sentimental. Madame de Staël, como já citado, era uma mulher intensa e neste trecho deixa claro que esperava receber, na mesma intensidade, o que oferecia aos amigos – neste caso, à amiga Madame de Récamier.

Já na segunda carta, como de costume, Madame de Staël se dirige à amiga de forma bastante amorosa, como "Querida e bela Julieta" [Chère et belle juliette], usando em seguida palavras bastante carinhosas, bem como juras de amor e elogios, enaltecendo não apenas a amiga, mas a relação entre elas e os sentimentos profundo que as ligavam, muito semelhante a uma carta de amor.

Logo, entendemos que amizade entre elas era bastante intensa e balizada pela admiração e pelos afetos. Suas cartas podem ser lidas como espaço de exteriorização de si, de doação ao outro, enquanto registro material dos seus sentimentos, desejos e reflexões. Tratava-se, portanto, de uma amizade bastante representativa do período das Luzes, visto que a efusão dos sentimentos não era mais delineada com desconfiança ou como falta de racionalidade, mas como desvelamento da alma, modo de se presentear a quem se ama com os sentimentos mais genuínos de sua alma e, por conseguinte, as mais belas construções da língua.

Conforme Anadir dos Reis Miranda, a sensibilidade foi uma categoria central do século XVIII, e esteve relacionada à empatia, à suscetibilidade para as emoções e a capacidade dos indivíduos exibirem delicadeza. Também era "um sentimento

---

[188] Carta de Madame de Stäel, 17 de julho apud Ibidem, p.86.

estético, relacionado à contemplação dos trabalhos de arte – especialmente a poesia – e das belezas naturais. (...) Além disso, ela podia ser uma marca de civilidade, refinamento, polidez, gosto ou gênio. Ou ao contrário, indicar carência de autocontrole e julgamento".[189]

Segundo Miranda, a sensibilidade ainda podia ser entendida como um sentimento ativo que mobilizava os indivíduos a agirem em prol do próximo, ou passivo, fazendo com que se imobilizassem frente à dor de outrem. Quando combinada com a razão e os princípios morais, a sensibilidade era considerada admirável, mas lamentável se promovesse o descontrole das paixões. Com isto, "a sensibilidade e outras palavras congêneres como delicadeza, sentimento e sentimental tornaram-se termos decisivos na transformação dos padrões de civilidade e de comportamento corporal e, na transição do século XVIII, de fundamento da moral e da razão".[190] Esta qualidade que não estava necessariamente ligada ao feminino – embora geralmente estivesse associado aos estereótipos da já citada *natureza feminina* – visto que as Luzes também valorizavam os homens sensíveis, considerando-os espíritos nobres e virtuosos, ideias estas que encontraram na literatura um importante terreno para se difundir.[191]

Historicamente um objeto de reflexão teológica, no século das Luzesa sensibilidade foi amplamente representada nos romances, criando um "culto aos sentimentos". A importante obra *Julie, ou la nouvelle Heloïse* [Julia ou a nova Heloisa], publicada em 1761 por Jean-Jacques Rousseau, foi um marco no enaltecimento de um modelo de sensibilidade que altamente difundido no período. Ademais, foi pedra angular das artes e da literatura romântica do início do século XIX, como veremos no próximo capítulo.

Homens sensíveis também foram muito valorizados por Madame de Staël, que como já citado, considerava um dos mais belos predicados do espírito humano, qualidade que buscava encontrar em suas paixões e nos amigos. Reprovava as almas poucos aptas à sensibilidade, como também as que eram avessas a ela, visto que as entendia como estéreis e incapazes de despertar a admiração e as virtudes mais

---

[189] MIRANDA, Anadir dos Reis. **Proto-feministas na Inglaterra setecentista:** Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson: Sociabilidades, subjetividades e escrita de mulheres.253f. (tese de doutorado). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017, p. 148.
[190] Ibidem, p. 149.
[191] Ibidem.

sublimes do espírito humano. Estas ideias foram amplamente representadas em seus romances por meio de suas heroínas que intitularam os livros, como também em nos seus pares românticos.

Oswald, do romance *Corinne*, Léonce do *Delphine*, são personagens masculinos que têm como um dos seus principais atributos a sensibilidade. Como veremos de maneira mais aprofundada no terceiro capítulo, cada um destes personagens, a despeito de suas distinções, foi um homem admirável e capaz de cativar o coração de todos à sua volta, visto que seus gestos e palavras resplandeciam a qualidade de sua alma sensível.

A sensibilidade foi questão central também para o desenvolvimento das amizades em suas obras de ficção, e mesmo que em maior parte delas o enredo se desenrole em torno do desabrochar do amor, a amizade foi um valor presente. Suas protagonistas contam com pelo menos uma amiga ou um amigo que assim, como ela e seu amado, é sensível e cortês. Eles são os companheiros que aconselham e ouvem suas confidências, guardam seus segredos e são cúmplices em suas aventuras.

Amizades sinceras e profundas, que são o porto-seguro quando tempestades avassalam a vida, a dor toma conta da sua alma e corrói seu corpo. Isto demonstra que para Madame de Staël, enquanto o amor conjugal é considerado um sentimento nobre e arrebatador, os laços de amizade são sentimentos genuínos que ligam os indivíduos por toda a vida, tornando-os cúmplices em suas aventuras particulares, bem como sendo suporte para as horas de sofrimento.

Ao analisarmos sua escrita epistolar há um grande número de cartas enviadas por ela aos amigos e amigas, revelando a extensão de seu círculo de amizades e o modo como prezava pelos sentimentos e pela confiança em seus amigos e amigas. Nos momentos em que estavam afastados, era pela escrita que tinha a oportunidade de estreitar os vínculos afetivos, mandar notícias e fazer trocas intelectuais. Enfim, como Martins e Buffault defendem, as cartas davam continuidade às sociabilidades dos salões e às relações afetivas, como a amizade, sendo um registro material da dinâmica e afetos que as constituíam.

O poeta inglês George Gordon Byron (1788-1824) foi apresentado à Madame de Staël no ano de 1813 em Londres. Diferentemente de muitos homens e mulheres que apreciavam a célebre escritora francesa, Byron demonstrou descontentamento com sua presença e personalidade. Incomodava-lhe seu modo de conversar, chegando, segundo Fabiana Regina da Silva Soares, a confidenciar à sua amiga Lady

Melbourne que "em sociedade não vejo nada além de uma mulher muito simples forçando os outros a ouvi-la e a olhá-la com sua caneta atrás da orelha e com a boca cheia de tinta".[192]

Byron queixava-se também que ela se perdia em longos discursos e que falava sem parar.[193] Como muitos dos homens que desejavam humilhá-la, não deixou de criticar sua aparência:

> Embora o falar sem fim fosse o tópico central da aversão de Byron, ele também se sentia repelido pela ausência de beleza da mulher de meia-idade: em junho de 1814, ele escreveu a uma correspondente na Suíça dizendo esperar que ela não fosse parecida com Madame de Staël, já que esta era "assustadora como um precipício".[194]

Contudo, conforme Soares, aos poucos a postura de Byron começou a mudar e mesmo que ainda não se mostrasse simpático à autora, naquele mesmo ano reconheceu o valor de seus escritos:

> suas obras são meu encanto, assim como ela própria por meia hora. Eu não gosto de sua política — pelo menos não do fato dela tê-la modificado (...). Mas ela é uma mulher por si só e tem feito muito mais do que todas elas juntas, intelectualmente—ela devia ter sido homem.[195]

Já em outra passagem, parecendo contrariado ao ser compelido a reconhecer o talento de Madame de Staël para escrita, visto a qualidade dos seus trabalhos, ele afirmou: "Não amo Me. de Stael—mas acredite-me—ela arrasa todos os teus Nativos como Autora—em minha opinião—e eu não diria isso se pudesse evitar."[196]

Ao tratar desta situação, Fabiana Regina da Silva Soares afirma que a raiz desta aversão à Madame de Staël era ciúme profissional e discordância política, pois naquela época ela já havia se tornado uma escritora consagrada por toda a Europa, o que devia gerar certo sentimento de concorrência – e, muito provavelmente, inconformidade por ela ser mulher. Ademais, Byron acreditava que ela tinha se

---

[192] SOARES, Fabiana Regina da Silva. **Tradução Comentada das Cartas de Lord Byron para e sobre Madame de Staël**. 151f (Dissertação de Mestrado) Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 20.
[193] Ibidem, p. 21.
[194] Ibidem, p. 20.
[195] Ibidem, p. 21.
[196] Ibidem, p. 87.

tornado apoiadora dos *Tory*[197] e das forças religiosas conservadoras inglesas, sendo ele radicalmente contrário aos conservadores[198]. Assim, a competição levou Byron a colorir com tintas misóginas sua crítica à Staël, já que aparentava dificuldade em aceitar que obras de tanto valor haviam sido escritas por uma mulher, além do que ele considerava ser as diferenças políticas entre eles.

Contudo, em 1816, a antipatia de Lord Byron começou a se transformar em amizade. Naquele ano ele tinha se retirado da Inglaterra e teve Vila Diodati como um de seus destinos, às margens do Lago Léman, na Suiça. Mais precisamente, na margem oposta ao castelo de Coppet, onde Madame de Staël passava uma temporada.[199]

Madame de Staël, que até onde se tem conhecimento não havia dado mostras de ser antipática a Byron, embora o considerasse uma pessoa de personalidade difícil, o recebeu em sua casa. E, como de costume, mostrou-se uma anfitriã hospitaleira e gentil. Acolhendo-o num momento difícil de sua vida e mostrando-se bastante compreensiva, fez com que ele fosse tocado por suas qualidades e que ali fosse o início de uma amizade.

Assim, se aproximaram, tiveram a oportunidade de se conhecer mais profundamente, o que proporcionou que estabelecessem uma sólida amizade exercida também na troca epistolar. Em missiva, Lord Byron escreveu à Madame de Staël:

> Cara Madame—Era minha intenção escrever com alguma minúcia—mas meu tema tem pensamentos demais para palavras.— (...) A separação pode ter sido minha culpa— mas foi escolha dela.— —Tentei todos os meios para impedir—e faria igual & mais para terminá-la,—uma palavra o faria—mas não compete a mim pronunciá-la.— —Perguntaste se achava que Lady B[yron] era afeiçoada a mim—a isso só posso responder que a amo.—Estou completamente impossibilitado de adicionar uma palavra a mais ao assunto, e se fosse proferir mais dez mil—elas apenas levariam à mesma conclu- são—e seriam tãoinúteis quanto sinceras.—

---

[197] Partido de tendência conservadora do ReinoUnido, que reunia a aristocracia britânica. Surgem quando Carlos II, simpatizante do catolicismo por ter sido educado na corte de luis XIV, tenta reestabelecer o absolutismo na Inglaterra. Diante das pressões do monarca, o parlamento dividiu-se em dois partidos: os Whig, composto por burgueses liberais, adversário dos Stuart e partidários de um governo contorlado pelo Parlamento; e os Tory que eram conservadores, absolutistas, pró- Stuart e adeptos do anglicanismo.

[198] SOARES, op. cit., p. 21.

[199] Ibidem, p. 22.

> Não posso concluir sem agradecer-te uma vez mais por tua gentil disposição em relação a mim neste assunto—como em outras ocasiões— e rogar que me consideres sempre e fielmente teu agradecido e afeiçoado servo.[200]

Ao analisarmos as missivas trocadas entre eles, observamos que os assuntos abordados eram bastante diversificados. Tratavam da vida amorosa dele, mandavam notícias, bem como utilizavam as cartas como espaço para agenciamentos e debates letrados. Em carta enviada ao seu editor, ele não se roga ao divulgar a obra *Considérations sur la Révolution Française* e indicar sua publicação.[201]

Embora os registros das respostas de Madame de Staël sejam muito fragmentados, conforme apontam seus biógrafos e Soares, ela foi uma admiradora do trabalho de Byron. E embora ela o tenha considerado uma pessoa com temperamento difícil, sempre manteve uma postura elogiosa ao seu trabalho. Em carta enviada a Byron em 1813 ela escreveu:

> I do not know how to express to you, my lord, how honored I feel to be in a note to your poem, and in what poem! For the first time it seems to me that I am certain to be remembered by posterity, and you have placed at my disposal that realm of esteem which will be yours more and more every day. I would like to talk to you about that poem which everyone admires but, to be sure, I would be much too suspect if I praised it, and I do not hide the fact that praise from you has made that experience a feeling of pride and gratuite which would make me incapable of judging you; but happily, you are above judgement.[202]
>
> [Eu não sei como expressar para você, meu senhor, o quão honrada eu me sinto por estar e uma nota para o seu poema, e que poema! Pela primeira vez, me parece que estou certa que serei lembrada para a posteridade, você colocou a minha disposição aquele domínio de apreço que será seu mais e mais a cada dia. Eu gostaria de conversar com você sobre este poema que todos admiram, mas para ser clara, eu seria muito suspeita se eu o louvasse. Eu não escondo o fato que esse elogio seu fez dessa experiência um sentimento de orgulho e gratuidade que me faria incapaz de julgá-lo; mas felizmente, você está acima de julgamento.]

Notamos que, nesta missiva, Madame de Staël declara toda sua admiração por Byron, afirmando que, mais que honrada, sente que graças à citação a ela em seu poema, ela será lembrada pela posteridade. Com certeza uma forma de homenagear seu caro amigo, de alçá-lo a uma posição de superioridade intelectual. Um recurso retórico? Provavelmente, tendo em vista que nesta época Madame de Staël já era

---

[200] Ibidem, p. 105-106.
[201] Ibidem, p. 23.
[202] Carta de Madame de Staël. Argyle Street, novembro de 1813. apud SOLOVIEFF, op. cit., pp. 329.

considerada um expoente intelectual do seu tempo e já tinha se tornado uma celebridade por toda Europa. Mas, também consideramos que esta tenha sido uma maneira de valorizar as produções do seu amigo, enaltecê-lo, visto que também havia lhe prestado uma homenagem ao citá-la em sua poesia.[203]

Ao analisarmos de perto a relação entre eles, observamos que os laços de amizade que os uniam foram estabelecidos aos poucos, mas que foi permeada pela intimidade, admiração e apoio intelectual. Tanto que o registro desta relação rompeu as barreiras da escrita epistolar e se fez presente também na escrita literária.

Outro letrado que fez parte do círculo de convivência de Madame de Staël foi Benjamin Constant. Contudo, entre eles, a relação amistosa, após certa insistência dela, transformou-se em amor. Por cerca de quinze anos eles formaram um casal, que, inclusive, conforme apontam diversos pesquisadores, resultou numa filha. Como já citado, há fortes indícios que Albertine Ida Gustavine Staël von Holstein (1797), tenha sido filha de Madame de Staël com Constant.

Ao contrário de sua relação com Lord Byron, ao se conhecerem, tanto Madame de Staël, como Benjamin Constant, registraram a satisfação pelo encontro. Enquanto ela registrou "j'ai trouvé ici ce soir um homme de beaucoup d'esprit qui s'appelle Benjamin Constant" [Esta noite encontrei com um homem de espírito muito elevado que se chama Benjamin Constant], ele por sua vez afirmou "eu encontrei esta noite a pessoa mais célebre por seus escritos e conversação do nosso século. Eu jamais vi algo parecido no mundo. E eu me me apaxonei" [je recontrai la personne plus célèbre de notre siècle, par ses écrits et par as conversations. Je n'avais rien vu de pareil au monde. J'em devins passionnément amoreux].[204]

O relacionamento se iniciou em 1794 – quando tinham pouco menos de trinta anos de idade. Afastada da França devida à ameaça de morte e vivendo o luto recente pela perda da mãe, Madame de Staël passou uma temporada no castelo de Mézery naquele ano, próximo à Laussane, na casa de sua prima Constance Cazenove d'Arlens, onde se reuniam vários indivíduos que assim como ela, tiveram suas vidas ameaçadas por conta dos rumos tomados pela Revolução Francesa. Por conta disto,

---

[203] SOARES, op. cit., p.25.
[204] BURNARD, Léonard; GENAND, Stéphanie; SETH, Catriona. **Germaine de Staël et Benjamin Constant**: L'esprit de liberté. Géneve/Paris: Perrin/Fondation Martin Bodmer, 2017.

viviam sob a iminência do perigo e tinham o medo como companhia. Contudo, apesar dos infortúnios, ali conheceu seu grande companheiro.

Benjamin Constant (1767 – 1830) nasceu em uma rica família da nobreza genebrina. Apesar de ter vivido infância e juventude bastante conturbadas, desde menino recebeu uma educação bastante completa. Seu pai era um homem rico, que fez questão de entregar seu único filho legítimo a tutores para educá-lo pelos valores das Luzes. Assim, se tornou um letrado e um entusiasta dos debates revolucionários que estavam ocorrendo na França – para onde se dirigiu a fim de participar ativamente da Revolução. Um homem, que segundo Herold, era"complexo e contraditório, criatura original e desconcertante, hiper tenso e hiper nervoso" [complex and contraditory, original and disconcerting creature, hyper tense and hyper nervous],[205]mas que em contra partida, foi um político com muitas qualidades, alguém que ousou questionar Napoleão Bonaparte enquanto a nação francesa o conclamava herói da nação, o que provocou a ira do Primeiro Cônsul que o perseguiu sob o argumento de que Benjamin Constant, junto com Madame de Staël, eram conspiradores e traidores na nação.[206] Por conta disto, fizeram muitas viagens juntos, viveram tempos difíceis. Naquele momento, a escrita era consorte do casal, pois apesar das inseguranças e da instabilidade emocional que o período causou, suas obras foram muito prolíficas.

Segundo Nuria Cabello Andrés, a relação foi passada para o papel, mas não apenas em cartas ou no diário. Segundo a pesquisadora, cada um deles pinta o outro como o enxerga, através das emoções despertadas em seu espírito por meio de seus personagens nas obras *Corinne ou l'Italie* e *Adolphe.*

A relação entre eles durou quase quinze anos e, como apontam Ferrer e os demais biógrafos de Staël, foi bastante intensa e conflituosa. Entre eles havia muita admiração, paixão, apoio e trocas intelectuais, mas com o passar do tempo, com o mesmo vigor que Madame de Staël clamava por sua presença e seu amor, ele a repelia. Ela era uma amante que demandava atenção e juras de amor constantes. Transbordava em sentimentos e exigia que ele correspondesse à altura, que lhe oferecesse provas de amor e reafirmasse constantemente sua devoção, o que, para

---

[205] HEROLD, op. cit., p. 93.
[206] BALAYÉ, op. cit.

ela, não podiam ser apenas palavras jogadas ao vento. O registro material das paixões era mais uma de suas reivindicações:

> We promise to consecrate our lives the one to the other. We declare that we consider ourselves indissolubly linked, that our destiny, under all circumstances, is forever mutual, that we will never contract any other tie, and that we will tighten those which unite us, as soon we able.
>
> I declare that is from the botton of my heart that I contract this commitment. That I know nothing on earth as amiable as Madame de Staël, that I have been the greatest happiness of my life to be able to make her youth a happy one, to peacefully grow old with her and to come terms with the soul which understands me, and without which there would be no longer any interest for me on this earth.
>
> Benjamin Constant[207]
>
> [Prometemos consagrar nossa vida um ao outro, declamáramos que nos consideramos tão indissoluvelmente unidos a um e outro que nunca romperemos os laços e os fortaleceremos o quando nos seja possível.
>
> Declaro que aceito este compromisso com sincero coração, que não conheço nada na terra tão digno de amar como Madame de Staël , que tenho sido o mais feliz dos homens durante os quatro meses que tenho passado com ela e que considero a maior felicidade de minha vida fazê-la feliz em sua juventude, envelhecer pacificamente ao seu lado e alcançar meu fim junto a alma que me compreende e cuja sem a qual a vida não teria já interesses para mim.
>
> Benjamin Constant]

Apesar de ter sido assinado por Constant, por mais peculiar que nos pareça, esta jura de amor produzida por 1797 não foi um presente de Benjamin à sua amada. Em suas pesquisas, os biógrafos dela afirmam que na verdade este texto foi pensado como uma "nota promissória de amor", ditada por Staël para que Constant a colocasse no papel. Uma maneira de sacralizar simbolicamente, pela força da escrita, a união entre eles.

Nesta pesquisa não buscamos entender se os sentimentos de Benjamin Constant eram genuínos ou mesmo discutir a dominação que Madame de Staël, segundo seus biógrafos, parecia impor a ele. Buscamos refletir sobre este "contrato" como exteriorização do profundo desejo de amar e ser amada, delimitando quais seriam os meandros que este sentimento deveria percorrer. Para ela, não bastava apenas um amor sincero, pois acreditava que seu amado fosse seu devoto, que

---

[207] Bilhete de Beijamin Constant apud SOLOVIEFF, op. cit., p. 94.

devesse fazê-la feliz, que a glorificasse e a amasse sem limites, tornando-a seu objeto de felicidade e fidelidade. Ou seja, para Madame de Staël, assim como se vê nas suas obras literárias, o amor verdadeiro só nascia da completa doação de si.

O relacionamento foi bastante instável, marcado por altos e baixos, por momentos de verdadeira paixão, mas também de afastamentos. Apesar de por vezes a tensão ter agitado suas almas, a ternura, admiração, o companheirismo, o comprometimento com a causa política e a literatura marcaram a relação entre eles.

Embora haja um grande período de silêncio, mesmo após o rompimento há algumas missivas trocadas entre eles. Nesta, escrita em Viena em maio de 1808 ela escreveu:

> (...) I am returning with the same attachment for you, an attachment that no homage whatsoever has withered, and attachment which compares you to no one on this earth; my heart, my life, are all yours if you want them, think about that. I am convinced that no one will be able to replace Albertine and me at your side, and that you are fleeting from happiness and glory on this earth by thus agitating our relationship (…). This year I want to work day and night, perhaps that will do my soul good, but for me the real good for my soul in to be treated tenderly by you. I desire nothing but that (…).[208]
>
> [(...) Eu estou retornando com o mesmo apego a você, um apego que nenhuma referência tenha de forma alguma murchado, e um apego que não compara você a ninguém nessa Terra; meu coração, minha vida, são todos seus se você quiser, pense sobre isso. Eu estou convencida que ninguém será possível de substituir Albertine e eu ao seu lado, e que você está fugindo da felicidade e da glória na Terra ao agitar a nossa relação (...).Esse ano eu quero trabalhar dia e noite, talvez isso fará bem para a minha alma, mas para mim o verdadeiro bem para a minha alma é ser tratada de forma carinhosa por você. Eu não desejo nada mais do que isso (...).]

É evidente o desejo de Madame de Staël de se reaproximar de Benjamin Constant após sua volta de Viena, afirmando que "sua vida" e "coração" serão dele, caso ele "queira", dando a entender que embora ela ainda o amasse, talvez ele não sentisse o mesmo por ela. Recurso retórico utilizado para provocar declarações do seu amado? Talvez. Mas tudo indica que naquele momento eles estavam vivendo uma crise no relacionamento – que se encerrou de vez três anos depois. Além dos biógrafos afirmarem que diversas vezes ele manifestou desejo de afastar-se de Madame de Staël, em duas cartas enviadas a ela em abril do mesmo ano não registrou praticamente nada a respeito dos seus sentimentos por ela.[209]

---

[208] Carta de Madame de Stäel, Viena, 15 de maio 1808 apud Ibidem, p. 246.
[209] HEROLD, op. cit., p. 246.

Entre os anos de 1814 e 1815, em meio a assuntos sobre suas viagens, dificuldades e contexto político, as cartas de Madame de Staël são permeadas de informações sobre Albertine. Ela envia para Constant notícias sobre a menina, bem como o informa dos meandros do seu casamento, utilizando a escrita, como um meio de estreitar os laços entre ambos. Assim, suas missivas são também um modo de manter os laços familiares mais estreitos, canal de comunicação por onde Staël teve a oportunidade para aproximar pai e filha.

Madame de Staël desfrutou de muitas amizades ao longo de sua vida. Relacionou-se com homens e mulheres de maneira bastante similar. Relações que tendo os afetos, respeito, cumplicidade e a admiração mútua como laços que os ligavam, são bastante representativas da concepção de amizade da época já balizada neste trabalho pelas pesquisas de Martins e Buffault. Relações bastante horizontalizadas, distanciadas das normas de gênero da época, que possibilitaram o intercâmbio e apoio intelectual e político entre Madame de Staël e muitos dos homens e mulheres mais proeminentes do período.

Entre seus estimados amigos constavam, como apresentados aqui, Madame Necker de Saussure, Madame de Récamier, Lord Byron e Benjamin Constant. Contudo, a lista é muito mais longa. Entre eles estão também Joseph Bonaparte (irmão do seu arqui-inimigo), Goethe, Schiller, Don Pedro de Souza Holstein, Simone de Sismondi e Chateaubriand – para citar só alguns.

Defendemos que foi com seus amigos, pelos laços afetivos, bem como na rede de suporte e incentivo que ela encontrou forças para continuar sua trajetória durante o período em que esteve afastada da França. Foram os amigos que a inspiraram, que, com seus afetos e trocas intelectuais ajudaram a construir sua trajetória intelectual e individual. Cada um à sua maneira, deixando um pouco de si e levando um pouco dela, formando uma rede onde o *fazer-se* dependia das trocas.

3. A LIBERDADE É UMA QUIMERA E O DESTERRO UM HORIZONTE: ESCRITA, VIOLÊNCIA E AÇÃO POLÍTICA

> (...) et je pleurai, non la liberté, elle n'exista jamais en France, mais l'espoir de cette en same sans laquelle il n'y a pour ce pays que hont et malheur. Je me sentois dans cet instant une diffculté de respirer qui est devenue depuis, je crois, la maladie de tous ceux qui on vécu sous l'autorité de Bonaparte.[210]
>
> [(...) e eu chorava, não a liberdade, ela jamais existiu na França, mas a esperança desta liberdade sem a qual não se tem por este país nada além de vergonha e infelicidade. Eu sentia, naquele instante, uma dificuldade de respirar que se tornou desde então, creio, a doença de todos aqueles que viveram sob o autoritarismo de Bonaparte.]
>
> (Madame de Staël)

Conforme apontado no capítulo anterior, Madame de Staël foi uma mulher com uma trajetória bastante peculiar. De origem burguesa, sua família ascendeu social e financeiramente ao elaborar um projeto firmado na retidão moral e no desenvolvimento do espírito. Ademais, por partilharem de muitos dos ideais ilustrados, seus pais, Suzanne e Jacques Necker, defendiam a necessidade de uma educação sólida para o progresso individual. Na contramão do que pregavam muitos dos seus contemporâneos, garantiram à única filha uma educação primorosa e bastante completa. Colocaram à sua disposição todas as ferramentas disponíveis para que se tornasse uma mulher íntegra, tocada pelas luzes da razão, temente a Deus e admirada por seus pares.

Com poucas amigas da sua idade ou atividades fora das residências paternas, os papéis e tinteiros foram, durante muitos anos, seus grandes companheiros. Ela lia e escrevia diariamente e não tardou para que a prática da escrita fizesse parte de si mesma. Era nas páginas em branco que Germaine Necker dava asas à imaginação ao elaborar peças de teatro que entretinham sua família e os convidados durante jantares e encontros em suas residências.

A escrita era também maneira para estreitar contato com os pais, visto que lhes escrevia pequenos bilhetes e cartas com frequência. Era um espaço de reflexão, onde registrava suas ideias e elaborava observações sobre as obras que lia, um importante espaço para exteriorizar seus pensamentos e emoções, discorrer sobre seus

---

[210] STAËL,1818, op. cit, v. 2, p. 239.

sentimentos, angústias e alegrias. Assim, paulatinamente, a prática da escrita se tornou o método para a compreensão e construção de si mesma, um meio para se conhecer e se fazer conhecida. A atividade da escrita foi como uma companheira inseparável que esteve ao seu lado ao longo de toda sua vida.

Conforme crescia, adquiria mais conhecimentos e experiências, assim, sua escrita também se transformou. Paulatinamente, perdeu a ingenuidade da juventude e se tornou mais crítica. Seus escritos abrigaram a reflexão teórica e crítica, registros de alguém que não desejava ser apenas expectadora dos debates intelectuais e acontecimentos do seu tempo, mas que almejava participar ativamente do mundo e ser reconhecida por isso. Assim, ao passo que atuava nos salões e demais locais de debates políticos, ela também usava a escrita para se manifestar publicamente, expondo suas ideias a fim de contribuir para a transformação da sociedade.

Tal exercício de escrita voltado para a reflexão política e pública não quer dizer que ela tenha abandonado a escrita epistolar ou confessional, longe disso. Todavia, com a ambição de se tornar escritora, com maior atenção os ensaios, novelas e, posteriormente, os romances, todos estes foram gêneros literários escritos e publicados por ela. Além de demonstrar sua erudição, tal qual fazia nos salões, aperfeiçoava a eloquência para imprimir de maneira muito própria as suas opiniões e as suas ideias em cada escrito. Logo, o discurso – seja oral ou escrito – se tornou para Madame de Staël uma arma política, uma forma de ação. Foi por meio do escrito político que ela acreditava poder contribuir para a edificação de uma sociedade melhor e mais justa, ideais ilustrados.

Nesta direção, é compreensível que a Revolução Francesa tenha sido importante cenário para sua atuação e produção escrita. Quando foram declarados os Estados Gerais, Madame de Staël era uma jovem recém-casada iniciando sua carreira de escritora. Trilhando os caminhos que lhes foram abertos pela fortuna e popularidade dos seus pais junto à elite ilustrada e política, Germaine teve a oportunidade de estabelecer, ao seu modo, uma trajetória que seria tão ou mais prestigiosa do que seus pais haviam almejado para ela. Entusiasmada com os acontecimentos políticos e segura pela posição política do pai, ela procurou participar dos debates políticos e mesmo influenciar decisões.

Como herdeira das Luzes, Madame de Staël depositou todas as suas esperanças naquele que ela considerava ser um incontornável "movimento de marcha para o progresso". Tomando em conjunto a série de produções escritas e também as

considerações feitas por aqueles que a admiravam e que a desprezavam, é nítido que ela estabeleceu em seu salão um centro de conversação e efervescência política onde se encontravam diversos homens e mulheres que, assim como ela, acreditavam que a Revolução levaria a França à liberdade. Contudo, com o desenrolar dos acontecimentos, o alastramento da violência política e o despotismo desvirtuando aqueles que eram tidos como os portadores dos valores legítimos da Revolução, aos poucos Madame de Staël se desiludiu não apenas com os rumos revolucionários, mas com as motivações passionais da política.

A Napoleão Bonaparte ela passou a direcionar duras críticas após o Golpe do 18 Brumário, quando ele ascendeu ao poder em França. Madame de Staël não o considerava apenas um déspota, mas também o acusava de ser um homem vaidoso e inescrupuloso. Apesar de encontrar apoio entre vários de seus conterrâneos, Madame de Staël pagou um alto preço por esta sua ousadia e postura crítica, referentes aos caminhos da própria Revolução e, principalmente, quanto às palavras duras endereçadas a um homem tão poderoso como Napoleão Bonaparte.

A Revolução não poupou as mulheres que ousaram desafiar os valores patriarcais e o poder masculino, e Madame de Staël constatou isto na prática. Ela foi exilada a mando de Napoleão, que se tornou seu grande inimigo. Passou dez anos longe de Paris, cidade pela qual demonstrou por tantas vezes seu amor. Deixou para traz não só sua bela residência, mas também os amigos. No longo período em que esteve longe da França teve que abrir mão da vida que conhecia até então, uma vida pública de trocas intelectuais e de sociabilidades cultas e políticas.

Conforme ela mesma atesta em suas obras e cartas que analisamos neste capítulo, aquele foi um período no qual ela conheceu a humilhação pública. A família Necker, que desfrutara até então de tanto prestígio, reconhecimento e riqueza, foi alvo de muitas críticas e do próprio escárnio público. Os Necker tiveram seu nome "jogado na lama" e foram tidos como estrangeiros traidores da pátria, de acordo como o discurso xenófobo que acompanhou a radicalização revolucionária a partir de 1792. Tal cenário e a vergonha pública causaram muita dor à Madame de Staël, que apesar de ter pais suíços era uma parisiense que sempre declarou seu amor à França e à sua cultura.

Apesar das dificuldades causadas pelo exílio forçado, melhor detalhado mais adiante, defendemos que tal momento não foi marcado apenas pela dor e a solidão. Madame de Staël teve a oportunidade de viajar pela Europa, de participar de vários

outros círculos de sociabilidades letradas, conhecer e estabelecer interlocuções com os principais pensadores de sua época e aprimorar seus conhecimentos através de trocas culturais e intelectuais. Enfim, apesar das imensas dificuldades, foi um período que propiciou a ela adquirir experiências que foram, em nossa interpretação apresentada nesta tese, definitivas para a produção de sua escrita, que contribuíram para seu aprimoramento intelectual e amadurecimento pessoal, conforme se depreende da leitura de suas obras.

Assim, neste capítulo vamos analisar a participação de Madame de Staël na Revolução Francesa e o seu afastamento da França, refletindo sobre como a escrita se tornou espaço de automodelação,um lugar a partir do qual ela encontrou oportunidades não apenas para registrar fatos, opiniões, sentimentos, mas sobretudo, um lugar de criação literária e de si mesma. Pretendemos compreender como ela conseguiu, pela escrita, realizar o que lhe foi negado pelo arbítrio: fez de seus textos um lugar para a expressão de suas ideias e sentimentos por meio da elaboração de um discurso crítico, contestador e sofisticado.

Para tanto, num primeiro momento vamos nos deter sobre o período revolucionário, em especial a participação das mulheres e as violências das quais foram alvo. Assim, poderemos compreender a trajetória de Madame de Staël, o espaço de atuação e a crítica staëliana durante a Revolução, analisando, sobretudo, como a escrita foi a maneira encontrada por ela para a ação política e quais foram as consequências por ter desafiado a ordem patriarcal e política.

Na sequência tratamos do período que Madame de Staël teve que se exilar da França. Vamos analisar o material produzido em suas viagens, os intercâmbios culturais e intelectuais e como estes elementos se mesclaram para que ela construísse novas formas de existência no período em que foi vítima da perseguição política. Por fim analisaremos a formação do *Grupo de Coppet*, na Suíça, e sua relação com as formas de (re)existência de Madame de Staël ainda no exílio.

3.1 NAS FRONTEIRAS DA HISTÓRIA: A REVOLUÇÃO FRANCESA, VIOLÊNCIA E A BUSCA PELA LIBERDADE

> La révolution de France est une des grandes époques de l'odre social. Ceux qui la considèrent comme um evénement accidentel n'ont porté leurs regards ni dans le passé, ni dans l'avenir. Ils ont pris les acteurs pour la pièce; et, afin de satisfaire leurs passions, ils ont attribué aux hommes du moment ce que les siècles avoient préparé. Il suffisoit cependant de jeter un coup d'oeil sur les principales crises de l'histoire, pour se convaincre qu'elles ont été toutes inévitables, quand elles se rattachoient de quelque menière au développement des idées, et qu'après une lute et des malheurs plus ou moins prolongés, le triomphe des lumières a toujours été favorable à la grandeur et à l'amélioration de l'espèce humaine.[211]
>
> [A revolução da França é um dos grandes acontecimentos da ordem social. Aqueles que a consideram como um evento acidental, não estão vislumbrando nem o passado, nem o futuro. Eles não estão contextualizando os acontecimentos. E, afim de satisfazer suas vaidades, eles atribuíram aos homens do momento aquilo que havia sido preparado por séculos. Seria suficiente dar uma olhada nas principais crises da história, para se convencer de que elas foram todas inevitáveis, na medida em que se inscreveram, de alguma forma, no desenvolvimento das ideias, e que, após lutas e sofrimentos mais ou menos prolongados, o triunfo das luzes foi sempre favorável à grandeza e à evolução da espécie humana.]
>
> (Madame de Staël)

A citação acima é um extrato da obra *Considérations sur la Révolution Française* (1818) [Considerações sobre a Revolução Francesa], que, segundo Mona Ozouf, foi a primeira obra historiográfica do movimento que iria transformar não apenas a França, mas que provocaria mudanças em todo o Ocidente.[212] Tratou-se, afinal de um evento político e ideológico a partir do qual novos paradigmas foram erigidos, bem como solapados muitos dos valores do Antigo Regime. Naquele momento, conforme afirma o historiador Michel Vovelle, a sociedade francesa passou por uma intensa crise não apenas econômica, mas, sobretudo, das instituições e da ordem social.[213]

Aquele foi um período de baixa produtividade agrícola e alta da inflação. À época, tanto o Estado francês como a nobreza reagiram em defesa da manutenção de antigos privilégios, a despeito das reais condições dos súditos pobres de Luís XVI. Como medida para diminuir o déficit das contas públicas, a carga tributária estatal

---

[211] STAËL, 1818, op. cit., v.1 p. 01.
[212] OZOUF, op. cit.
[213] VOVELLE, 2012, op. cit.

aumentou. Paralelamente a isto, a aristocracia, que há tempos sentia que seus privilégios estavam se esvaindo e que seu poder financeiro e status social estavam ameaçados, organizou uma "reação nobiliárquica",[214] lutando para manter indivíduos das "classes inferiores", especialmente de extratos médios, das atividades que tradicionalmente eram reservadas à aristocracia, bem como passaram a cobrar antigos tributos e impostos sobre as terras que estavam em desuso desde o período medieval.[215] Com estas medidas, acreditavam que conseguiriam conservar seu *status*, bem como recuperar os ganhos perdidos pela grande crise que assolava a França.

Para a população mais pobre tais medidas converteram-se no agravamento da pobreza. A realidade que já era bastante precária para a maioria, com o aumento da carga tributária e a baixa produtividade nos campos, sofreu sensível piora. A miséria e a fome passaram a ser realidades enfrentadas cotidianamente. Em tal quadro, a luta pelos víveres passou a ser uma difícil prática cotidiana, colaborando para a progressiva insatisfação e crítica ao Estado francês, então personificado no Rei Luís XVI e na Rainha Maria Antonieta, uma austríaca. Ademais, neste cenário, não podemos deixar de considerar o peso dos ideais ilustrados – principalmente a igualdade, a liberdade e a "ideia admirável" dos ingleses, o governo representativo e a monarquia constitucional – na fomentação da crítica ao Antigo Regime, atuando como catalizadores do movimento de crítica direcionado à monarquia.[216]

Em 1788 aquele que seria, com a convocação dos Estados Gerais, o momento de reorganização do país, de colocar a economia nos prumos e conter a crise que se alastrava pela capital e províncias, acabou se tornando não apenas a oportunidade para debates reformistas, mas foi irrompido por uma série de acontecimentos que colocariam fim ao que foi denominado de "Antigo Regime".[217]

---

[214] Segundo o historiador Michel Vovelle a reação nobiliárquica foram uma série de medidas empreendidas por setores da nobreza que visaram proteger seus privilégios adquiridos ao longo do Antigo Regime. Ibidem.
[215] Ibidem.
[216] Ibidem.
[217] Segundo Perry Anderson, o Antigo Regime foi um conceito criado à *posteriori* pelos revolucionários que, ambicionavam marcar uma ruptura história. Inaugurar um novo "tempo" onde uma nova sociedade fosse erigida sobre aquele que foi sua sucessora. Logo, para o historiador, este foi um conceito cunhado à luz da consciência históricas dos indivíduos que final do XVIII. ANDERSON, perry. **linhagens do estado absolutista** (3. ed.). são paulo: brasiliense, 1995.

Apesar de sua importância histórica e de estar firmada sobre os ideais iluministas de *liberdade, igualdade* e *fraternidade*, a Revolução foi marcada pela violência, pelas perseguições políticas e por derramamento de sangue. Principalmente após 1792, sob o regime do Terror, as paixões revolucionárias despóticas solaparam o debate e abriram espaço para que a violência e as perseguições não apenas fossem utilizadas como armas políticas, mas, sobretudo, fossem decisivas para gerar o sentimento de insegurança que foi definitivo para a ascensão daquele que seria o maior inimigo de Staël, Napoleão Bonaparte.

Madame de Staël acreditava que não deveria ficar de fora daquele acontecimento: ela estava convicta de que possuía não apenas o direito de participar, mas, sobretudo, tinha o dever de contribuir para com a sociedade. Contudo, diferentemente de muitas mulheres que participaram ativamente das jornadas revolucionárias e também da violência, foi pela palavra que se deu sua ação política.

Ela defendia que o esclarecimento deveria ser o motor da Revolução, as ideias sua principal arma e o discurso o meio para que elas fossem propagadas e levadas ao público a partir da reflexão presente em seus escritos da época revolucionária. Para Madame de Staël, a ação política não deveria se dar pela violência ou perseguições, mas pela capacidade reflexiva e da racionalização da política. Somente desta maneira, segundo ela, haveria transformação da realidade social que levaria a França rumo ao progresso a que estava destinada. Por conta disto, tal qual já foi apresentado, a escrita foi determinante para sua ação política. Foi através dela que Madame de Staël agia, perpetuava suas ideias, fazia críticas e análises daquele processo, conforme podemos observar no trecho da obra "*Considérations...*" que inaugura esta seção.

Produzida nos últimos anos de vida de Madame de Staël a partir de suas notas de estudo e diários, o livro foi pensado como um tributo à memória de Jacques Necker. Fez um balanço dos feitos do pai e de suas contribuições para o Estado francês, mas ela não parou por aí e foi além. Escreveu uma importante obra sobre a História da Revolução Francesa, produziu um discurso histórico muito bem detalhado, fundamentado em suas leituras e estudos, visando analisar a história da Europa desde a Antiguidade, bem como de diversos reis franceses e seus feitos. No livro, ao abordar a questão da supressão e reconquista da liberdade dos países europeus, Madame de Staël demonstra seu vasto conhecimento sobre a organização política de países como a Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Polônia, Itália e Rússia.

Como escritora formada sob os padrões intelectuais das Luzes, Madame de Staël partilhou da concepção histórica dos filósofos ilustrados que no século XVIII elaboraram um pensamento específico da Modernidade, a *filosofia da história.* Nesta, a História foi definida a partir de uma "interpretação sistemática da história da humanidade universal, estabelecendo um princípio que procurava reunificar a sucessão dos acontecimentos em um sentido fundamental".[218] A razão seria o princípio unificador da humanidade e a história se tornaria a "marcha do espírito em busca da liberdade". Os *filósofos da história* recolocaram a questão do sentido histórico e da história universal em sua compreensão sobre o passado.

O historiador José Carlos Reis explica que a filosofia da história do século XVIII definia a história como o *devir* a partir da perspectiva evolutiva e progressista. Seria pela ação humana orientada pela razão que a salvação se daria, ou seja, o alcance da liberdade e do progresso.[219] Para Reis, na filosofia da história "a sua convicção inabalável, que se tornou uma obsessão, é de que a ação racional dos homens deve produzir uma aproximação acelerada do futuro com o presente".[220]

Condorcet, importante personagem dos círculos letrados e revolucionários de Paris, pensava a história como evolução. Na obra *Esboço para um quadro histórico dos progressos do Espírito Humano,* ao tratar da história assenta:

> A história, desde a época em que a escrita alfabética foi conhecida na Grécia até o estado atual da espécie humana nos países esclarecidos da Europa, é ligada por uma série ininterrupta de factos e observações; e que o quadro da marcha e dos progressos do espírito humano tornou-se verdadeiramente histórico. A filosofia nada tem mais a adivinhar nem mais combinações hipotéticas a fazer; basta-lhe reunir e ordenar os factos e mostrar as verdades úteis que nascem do seu encadeamento e do seu conjunto. (...) por que razão, apesar dos êxitos passageiros dos preconceitos e do apoio que recebem da corrupção dos governos e dos povos, somente a verdade deve obter um triunfo duradouro; e por que laços da natureza uniu indissoluvelmente os progressos das luzes e os da liberdade, da virtude do respeito pelos direitos naturais do homem, como únicos bens reais que possuímos (...).[221]

---

[218] REIS, José Carlos. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
[219] Ibidem.
[220] Ibidem, p. 31.
[221] CONDORCET. Antoine-Nicolas. "Esboço para um quadro histórico dos progressos do espírito humano. In: GARDNER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008, pp. 64 - 65.

Para Condorcet, assim como para os demais ilustrados e para Madame de Staël, apesar dos retrocessos ao longo dos séculos, a história da humanidade é a marcha em direção à liberdade. Ou, em outras palavras, o fim da história é a conquista da liberdade alcançada pela ação racional no presente. No pensamento filosófico e histórico daqueles homens e mulheres ilustrados havia o sincero desejo de libertação do passado, por não esclarecer sobre o futuro, por não oferecer lições sobre o que a razão poderia produzir. Nesta perspectiva, a história torna-se teleológica e sua importância está na capacidade de desvelar como os fatos se desenrolaram até chegar em seu fim.

A análise da obra "*Considérations...*" permite constatar que é este olhar que Madame de Staël lança ao passado para tratar da Revolução Francesa. Para ela, o presente seria o momento de conquista da liberdade, caso não tivesse sido deturpada pelo fanatismo e as paixões. No primeiro capítulo ela elabora as "considerações gerais acerca da marcha política da civilização europeia" [considérations générales sur la marche politique de la civilization européenne][222] analisando como, desde a Antiguidade, a organização política de cada sociedade tratou a questão da liberdade: "pouco a pouco, as classes têm se empenhado gradualmente em libertar-se do destino de vencidos. É sobre a ampliação deste círculo que se deve refletir" [depuis de ces temps diferentes classes ont commencé par degrés à s'affranchir de la destinée de veincus. C'est sur l'agrandissement graduel de ce cercle que la réflexion doit se porter].[223] Assim, ela assenta que o despotismo das classes dominantes e a subtração da liberdade estiveram presentes em várias civilizações que foram derrubadas, entre outros motivos, pelas lutas do povo guiadas pela razão contra a tirania de seus governantes.

Ao tratar da Antiguidade, por exemplo, embora declare que sua "literatura e história constituam hoje nosso grande tesouro intelectual" [littérature et l'histoire composent encore aujourd'hui notre principale fortune intellectuelle],[224] Madame de Staël afirma que o despotismo foi motivo da queda dos gregos e romanos. Para ela, tais civilizações foram derrotadas por conta da escravidão, componente bárbaro de suas instituições, elemento que reduzia a um pequeno número de cidadãos os direitos

---

[222] STAËL, 1818, op. cit., v. 1, p. 02.
[223] Ibidem, p. 03.
[224] Ibidem, p. 02.

que deveriam ser de toda a população. A análise de tal período histórico por Madame de Staël ocorre a partir de uma lógica de oposição e valorização relacional: opõe as Luzesà razão, a liberdade e o progresso aos atos despóticos que suprimiram as liberdades individuais:

> (...) Si l'on vouloi citer tous les noms qui se sont conservés dans l'histoire, on pourroit parier, à peu d'exceptions près, que là où il se trouve une âme honnête ou un esprit éclairé, dans quelque rang que ce puisse etre, il y a un ami des droits des nations, mais que l'autorité sans bornes n'a presque jamais été défendue, ni par um homme de génie, ni surtout par un homme vertueux.[225]
>
> [(...) Se fossem citados todos os nomes conservados pela história, poder-se-ia apostar, com pouquíssimas exceções, que ali onde se encontra uma alma honesta ou um espírito esclarecido, em qualquer nível que se possa estar, trata-se de um defensor dos direitos das nações, e que, por outro lado, a autoridade sem limites nunca foi algo defensável nem por um homem de caráter, e muito menos por um homem virtuoso.]

Nesta passagem, podemos observar como Madame de Staël vai elaborando seu discurso a partir do que considera como dicotomias irreconciliáveis, e a ideia do esclarecimento propiciado pelo uso da razão contrasta de forma absoluta com as trevas de sua ausência. É por conta disto que jamais serão conciliáveis "autoridades sem limites" (despotismo) - algo visto como extremamente maléfico à liberdade e ao progresso - com "espírito esclarecido", "alma honesta" ou "homem de bom caráter". Estas são virtudes ligadas ao desenvolvimento humano e social, qualidades morais que são indispensáveis às sociedades aperfeiçoadas as quais o despotismo é irremediavelmente oposto.

Outra questão é a relação da História com as virtudes do esclarecimento. Se, como citado, Madame de Staël partilha da concepção de seus contemporâneos de que a História é a marcha das sociedades rumo à liberdade e a razão o seu motor, a História apenas conservará – salvo raras exceções, como ela mesma coloca - em suas páginas aqueles que lutaram por ela. E quem seriam estes defensores da liberdade, para Madame de Staël? Apenas os indivíduos esclarecidos. Aqueles que se despem de suas vaidades, vícios e preconceitos e passam a cultivar as virtudes e os valores embasados no esclarecimento. Logo, a História é o lugar da consagração dos homens ilustres, da racionalidade e do esclarecimento. Nela, os homens encontram sua glória e imortalidade, o que nunca acontecerá com os déspotas e

---

[225] Ibidem, p. 146.

obtusos, que serão varridos pelo esquecimento. Assim, a história tem lugar ímpar na reflexão staëliana acerca da Revolução Francesa, pois ela é fonte de compreensão da realidade, que proporciona esclarecimentos frente aos tumultuosos acontecimentos presentes que se seguiram à convocação dos Estados Gerais.

Vemos que nesta obra, a autora apresenta ao leitor aqueles que ela considera os reais motivos que levaram à Revolução. Como a epígrafe que abre esta seção do capítulo anuncia, para Staël, "Quem a considera [a Revolução Francesa] uma obra do acaso, não dirige seu olhar nem ao passado nem ao futuro" [ceux qui la considèrent comme un événement accidentel n'ont porte leurs regards ni dans le passé, ni dans l'avenir].[226] Somente com uma análise da história da França seria possível compreender os reais motivos que levaram o povo a lutar por sua liberdade. Portanto, para ela, a Revolução seria inevitável para os defensores da liberdade.

Segundo o biógrafo Xavier Roca-Ferrer, Madame de Staël representa o último espírito enciclopédico da ilustração, de sua fé no progresso do homem e em sua razão. Todavia, ao mesmo tempo ela foi uma das críticas mais intransigentes às ideias ilustradas, de sua política revolucionária e das correntes filosóficas e literárias majoritárias.[227] A partir do estudo de seus escritos, podemos constatar que o pensamento de Madame de Staël é pluralista, não pode ser limitado a movimentos, doutrinas ou correntes de pensamento. Ela apresenta e pondera sobre elementos múltiplos que permitem aos seus leitores compreenderem o Iluminismo e o romantismo como formas de pensamento que não foram limitados e separados em definições pré-estabelecidas.

Madame de Staël sugere um "ponto de equilíbrio" na querela razão *versus* emoção, afirmando que não são qualidades díspares, mas sim complementares e indispensáveis para o desenvolvimento do espírito humano e do progresso social, desde que controlados os seus excessos. Afinal, em seus textos e nas suas reflexões, uma alma sem paixão não possui beleza, já as paixões desenfreadas cegam a razão.

Fazendo um exercício pontual de reflexão, se buscássemos classificar este livro por critérios atuais, ele poderia ser compreendido como um misto de história e testemunho, de observações acerca da economia francesa do século XVIII e depoimentos emocionados a respeito de fatos vividos por sua autora. Entretanto,

---

[226] Ibidem, p. 04.
[227] FERRER, op. cit.

acreditamos que seja impossível, indesejável e equivocado enquadrá-lo dentro de tais categorias bibliográficas, pois *"Considérations..."* é um texto bastante complexo e plural, que escapa de qualquer classificação apriorística que reduziria seu escopo e suas intenções. Ao descrever, por exemplo, a agonia e a espera por notícias durante os confrontos de 1789, ela coloca:

> Avant minuit, le 9 août, le quarante-huit tocsins de sections de Paris commencèrent à se faire entendre, et toute la nuit ce son monotone, lugubre et rapide ne cessa pas un instant: j'étois à ma fenêtre avec quelque-uns de mes amis, et, de quart d'heure des contitutionneles nous envoyoit des nouvelles. On nous disoit que les faubourgs s'avançoient, ayant à leur tête Santerre le brasseur, et Westermann, militaire, qui depuis s'est battu contre la Vendée. Personne ne pouvoit prévoir ce qui arriveroit le lendemain, et nul ne s'attendoit alors à vivre au'delà d'un jour. Il y eut néanmoins quelques momens d'espoir pendant cette nuit effoyable; on se flatta, je ne sais pouquoi, peut-être seulement parce qu'on avoit épiusé la crainte. Tout à coup (...), dans la premiere attaque, les gardes suisses furent vainquers. Le people fuyoit dans les rues aulant d'effroi qu'il avoit eu de fureur. Il faut le dire, le roi devoit alors mettre à la tête des troupes et combattre ses ennemis. La reine fut de cet avis, et le conseil courageux qu'elle donna dans cette circonstance à son épous l'honore et la recommande à la postérité[228].
>
> [Antes da meia-noite, em 9 de agosto, começava se escutar as quarenta e oito badaladas das seções de Paris, e durante toda a noite este som monótono, lúgubre e rápido não parou um só instante: eu estava em minha janela com alguns amigos e, a cada quinze minutos, constituintes nos enviavam notícias. Nos dizíam que as massas avançavam lideradas por Santerre, o cervejeiro, e por Westermann, militar que tinha lutado na Batalha da Vendeia. Ninguém poderia prever o que aconteceria nos dias seguintes e ninguém esperava sequer viver um dia a mais. Haviam, no entanto, alguns momentos de esperança durante esta noite assustadora; orgulhávamo-nos, não sei bem porquê, talvez somente por estarmos cansados de ter medo. De repente, (...) num primeiro ataque, a guarda suíça venceu. O povo, aterrorizado, saiu às ruas. Deve-se dizer que o rei precisou se colocar à frente das tropas para combater seus inimigos. A rainha apoiou essa atitude e o conselho corajoso que ela deu ao marido a tornaia honrada e a faria ser lembrada para a posteridade.]

Notamos que a formalidade do discurso histórico é apenas uma das faces de seu livro. A escrita da Madame de Staël é plena de impressões pessoais e emoções. Ao tratar do presente ela se coloca como personagem da história, deixando ao largo a imparcialidade narrativa, tratando literariamente a História. A testemunha ocular dá seu depoimento em um discurso detalhado dos acontecimentos e do impacto emocional que eles causaram. Suas descrições são intensas e contemplativas,

---

[228] STAËL, 1818, op. cit., v.3, p. 59.

levando seus leitores e leitoras a mergulhar no momento narrado e sentir-se "parte" da História.

A obra "*Considérations...*" foi gestada em um longo período, através de anotações feitas em meio ao calor dos acontecimentos revolucionários e viagens, inclusive, segundo a historiadora Bonnie Smith, sob o efeito de ópio.Assim, com um olhar atento, percebemos que a reflexão e as emoções se misturavam ao conhecimento elaborado a partir dos fatos. O racionalismo mesclava-se aos sentimentos, às suas paixões e também às amarguras causadas pela Revolução.

É importante frisar que, embora Madame de Staël tenha devotado grande parte de sua vida à política e construído uma trajetória pública, ao problematizarmos o contexto da Revolução Francesa é preciso atentar ao fato de que ela não foi a única mulher com tais ambições. Nesse sentido, ela não foi uma mulher "à frente do seu tempo". Como já comentado, as mulheres não estavam alheias aos debates públicos, ou às dificuldades enfrentadas pelos franceses em seu cotidiano. Imbuídas e dialogando com os ideais das Luzes, elas demonstraram esclarecimento e posicionamento crítico frente às dificuldades enfrentadas pelos franceses. Mesmo antes do movimento revolucionário iniciar, as mulheres já se inseriam nos debates acerca da reforma do Estado e muitas reclamavam o direito de serem ouvidas sobre a situação política, social e econômica que se mostrava cada vez mais limítrofe.

Ao analisar este contexto, Tania Machado Morin lembra que parte dos anseios da população foram registrados nos *Cahier de doléances* [Caderno de Queixas], instrumento que a coroa francesa dispunha para a consulta popular acerca de assuntos considerados importantes para a administração estatal. O clima de efervescência da convocação dos Estados Gerais[229] em maio de 1788 representava para muitos franceses a oportunidade de serem ouvidos pelo Rei, e assim contribuir para a reforma política e para um alento à situação econômica precária em que se encontravam.[230]

---

[229] Os Estados Gerais foram um órgão político e administrativo de caráter consultivo e deliberativo, onde os deputados eleitos nas Assembleias Provinciais eram, quando fosse considerado necessário, convocados pelo monarca. Este órgão administrativo da monarquia francesa, tinha o poder de sancionar, bem como alterar e suprimir impostos. Como maneira de equilibrar a representação popular, cada ordem tinha um voto e, portanto, o clero e a nobreza, somando dois votos, sempre derrotariam o terceiro estado. Assim, com a convocação dos Estados Gerais, a aristocracia e o clero esperavam manter as coisas sob seu controle. ANDERSON, op. cit.

[230] MORIN. Tânia Machado. **Virtuosas e Perigosas**: As mulheres na Revolução Francesa. São Paulo: Alameda, 2013

Embora o *Cahier de doléances* fosse uma prática comum da coroa, naquele momento foram apresentadas duas inovações. A primeira delas foi a ampliação da consulta a todos os setores da população. Se antes apenas o primeiro (o clero) e o segundo (nobreza) estados eram convocados a opinar, o terceiro (povo/plebeus) foi incluído em 1788, tendo assim a chance de participar do grande debate público que tal medida gerou. Ademais, conforme Morin, houve a participação indireta de mulheres que, embora não tenham sido chamadas a manifestar-se – pois era entendido que seus maridos e pais as representariam -, muitas escreveram ao rei.[231]Essas mulheres ousaram registrar suas opiniões sobre a educação, divórcio e assuntos políticos. Sobre as manifestações e anseios femininos registrados nestes documentos, Morin afirma que

> A maioria desejava mais esclarecimento, mais educação e igualdade perante a lei para os dois sexos. Outras reivindicavam a lei do divórcio e treinamento profissional para conquistar a independência financeira.[232]

Além das demandas apresentadas nas queixas, representativas da insatisfação das mulheres em relação à educação e seus direitos na vida privada, havia mulheres que defendiam a reforma social baseada na moral, evidenciando com isso uma leitura crítica de mundo bastante sofisticada. As mulheres desejavam, portanto, serem ouvidas e que suas opiniões fossem levadas em consideração na elaboração das reformas.

Logo, a pesquisa de Morin é importante para a compreensão histórica do envolvimento das mulheres nos debates reformistas e revolucionários, bem como para dar conta do âmbito da discussão e crítica à sociedade de seu tempo nos escritos de Madame de Staël. As mulheres não estiveram alheias aos debates públicos acerca do governo, ou às dificuldades enfrentadas pelos franceses em seu cotidiano. Muito pelo contrário, imbuídas e informadas pelos ideais progressistas das Luzes, muitas se revelaram esclarecidas e críticas às dificuldades enfrentadas pela sociedade francesa de então. Ademais, Morin ainda aponta para o fato de que não apenas mulheres da elite intelectual e econômica, como Madame de Staël, tiveram voz ativa e contundente

---

[231] Ibidem.
[232] Ibidem, p. 39.

à época. As mulheres pobres e trabalhadoras também participaram dos debates reformistas.[233]

O importante local que as mulheres pobres ocupavam no comércio é outro exemplo desta crescente marca da conscientização e da manifestação de tal consciência das mulheres nos assuntos públicos. Na venda de tecidos, flores e peixes, por exemplo, elas eram a maioria, uma atividade que garantia a elas circulação pública e experiência política: elas acompanhavam de perto negociações financeiras, organizavam as ruas de comércio, eram ótimas negociantes que estavam a par das flutuações dos preços e da alta dos impostos.

Ademais, sentiam diariamente o crescimento das dificuldades para alimentar seus filhos, já que eram também as responsáveis pelo orçamento doméstico. Assim, conforme atesta Morin, elas se tornaram autoridade moral nas ruas. A influência de algumas chegava a tal ponto que tinham acesso ao palácio e mesmo ao Rei.[234] Principalmente as vendedoras de peixe ocupavam posição política privilegiada entre as trabalhadoras de Paris, já que o peixe além de amplamente consumido pela população, era considerado um alimento importante dentro de uma lógica cultural cristã como a daquela sociedade.[235]

Desde o século XVI, as vendedoras de peixe foram aos poucos adquirindo tal proeminência real e simbólica na sociedade parisiense. Obtiveram o privilégio da coroa para o seu comércio, por tal poder simbólico que haviam adquirido nas ruas e por conta de sua postura e maneira peculiar de articular seu discurso. Exerciam um verdadeiro fascínio entre membros da elite que as consideravam figuras encantadoras e exóticas: seu jeito de falar e vocabulário, por exemplo, chegou a se tornar moda entre as damas da elite parisiense, bem como foram representadas em peças de teatro.[236]

Desde o início do período moderno elas recorriam ao rei, contavam com sua proteção e duas vezes por ano dirigiam-se ao palácio para encontrar-se com ele. No século XVIII, este ritual foi alterado e a ida destas vendedoras a Versalhes passou a

---

[233] Ibidem.
[234] Ibidem.
[235] Carla Hesse afirma que o consumo de peixe era uma necessidade diária dos Franceses, já que no calendário católico em 138 dias do ano o consumo de carne vermelha era proibido, o que tornava aquele alimento tão importante no cotidiano dos franceses. Ademais, era um alimento relativamente barato e presente na mesa da boa parte da população. HESSE, Carla. **The Other Enlightment:** How the French Women Became Modern. Princeton New Jersey: University Press, 2003.
[236] Ibidem.

ser através de uma procissão de mulheres. Por vezes tal ordem se invertia: era o Rei que ia visitá-las no mercado.

É por tais questões que a historiadora Carla Hesse afirma que " As vendedoras de peixe em Paris adquiriram uma forma de legitimidade política popular e um privilégio de fala política desfrutado por nenhum outro grupo da sociedade Francesa sob o antigo regime" [the fish women in Paris thus acquired a kind of popular political legitimacy and a privilegie to free political speech enjoyed by no other group in French society under the old regime"].[237] Nas últimas décadas dos setecentos, seu poder simbólico atingiu tal ponto que Hesse estabelece comparação entre as vendedoras de peixe e as *salonniéres* que estavam à frente dos salões revolucionários, como Madame de Staël.

Para Hesse, esses dois grupos de mulheres, ainda que em opostos sociais extremos, representavam novos lugares de poder. Eram espaços que as mulheres, através da sua postura, da sua forma de agir na esfera pública e proferir seus discursos, ocupavam pela conquista a legitimidade da fala, uma fala que demandava mudanças. Mesmo que isso não configure uma forma de ocupar lugar de poder dentro da hierarquia social, é evidente como muitas mulheres – e não só as da aristocracia, da nobreza e da alta burguesia – conquistaram relevância e prestígio social e foram personagens de suma importância no desenrolar da Revolução Francesa.

Não só Madame de Staël, rica e abastada, usava da escrita para expressar seus descontentamentos. As mulheres do povo também registraram suas ideias. A pesquisa de Morin mostra que no panfleto "Petição das mulheres do Terceiro Estado ao Rei", por exemplo, está presente a má qualidade da educação dada às meninas, e reivindica-se educação pública que possibilitasse uma formação que preparasse as mulheres para o mundo do trabalho, discorrendo também sobre as profissões adequadas aos homens e às mulheres.

Em outra carta intitulada "Do Destino atual das mulheres, aos bons espíritos",[238] Morin destaca que sua autora se mostrou insatisfeita com a nova constituição, com a*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* e o novo código penal, que possuíam, segundo ela, caráter discriminatório entre os sexos. Nesta carta, a autora

---

[237] Ibidem, p. 17.
[238] Ibidem, p. 36.

em questão chega a afirmar que homens e mulheres deveriam ter os mesmos direitos e deveres.

Morin demonstra que as mulheres buscaram se fazer ouvir, opinando sobre diversas questões. Desejavam maior acesso à educação de meninas, ensino de ofício para que pudessem trabalhar, os direitos das mulheres, o direito à propriedade, a ampliação das oportunidades de trabalho. Com tais demandas elas demonstravam estar a par dos debates públicos. Ademais, mesmo que boa parte destas cartas com demandas tenha sido enviada antes do início da Revolução Francesa, muitas já antecipavam algumas das pautas femininas no processo revolucionário.[239]

Outra maneira que as mulheres encontraram para participar dos debates dos Estados Gerais foi nas reuniões que aconteciam diariamente no palácio de Versalhes. Muitas iam às sessões diárias por entender, tal qual Madame de Staël e a revolucionária e combatente Théroigne de Méricourt, que aquele era um momento decisivo para a nação. Outras acreditavam que também tinham o direito de opinar e enviaram cartas onde registravam suas insatisfações e sugestões aos deputados e ao Rei.[240]Outras ainda, acompanhavam seus maridos ou mesmo não tinham maiores ambições políticas. Mas, mesmo assim, estiveram presentes naquele que, afinal, era um grande acontecimento nacional. Ocupando lugares de poder distintos e tendo diferentes motivações e opiniões, elas estiveram presentes nos espaços públicos e mesmo que não tivessem voz, já que a representação política era exclusiva dos homens, elas ocupavam as galerias que estavam destinadas ao público das assembleias.

Como citado, Madame de Staël se mostrou bastante animada com as possibilidades que se abriam com a convocação dos Estados Gerais e procurou frequentar tais sessões. Ademais, ela considerava que tinha posição importante naquele cenário. Seu pai fora ministro do rei e "estava atuando ao lado da justiça e da liberdade". Sobre este momento de esperança e excitação pública ela escreveu:

> La politique étoit alors un champ nouveau pour l'imagination des François; chacun se flattoit d'y jouer um rôle, chacun voyoit un but pour soi dans les chances multipliées qui s'annonçoient des touts parts; cent ans d'événemens

---

[239] Ibidem.
[240] MORIN, op. cit.

> et d'écrits divers avoient préparé les esprits aux biens sans nombre que l'on se croyoit prêt à saisir.[241]
>
> [A política era, então, um novo campo para a imaginação dos franceses; cada um alegrava-se de ter um papel, cada um enxergava um objetivo para si nas múltiplas oportunidades que se anunciavam por toda parte; cem anos de eventos e escritos diversos haviam preparado os espíritos às numerosas benesses que acreditavam estar próximas de acontecer.]

Logo, a abertura dos Estados Gerais representou para Madame de Staël um momento ímpar: não coincidia apenas com o progresso, como também representava a oportunidade para elaborar o projeto reformista que levaria as Luzes à toda nação. Era o momento para mudanças importantes, destacando, mais uma vez, a importância do esclarecimento para a instrução dos indivíduos atuarem naquela situação.

Aquele foi um momento de muito entusiasmo para Madame de Staël. A esperança e o orgulho preenchiam seu coração, que também era tocado pela felicidade encontrada ao se destacar como personalidade de grande estima nos debates políticos por sua postura altiva e combativa, participando ativamente, reunindo em torno de si muitos homens e mulheres envolvidos nos acontecimentos políticos e escrevendo de forma bastante crítica. Assim, seu salão se tornou um importante espaço de debates políticos.[242]

Contudo, apesar dos Estados Gerais serem convocados como uma promessa de progresso para a França e consagração social de Necker, os acontecimentos se desenrolaram de tal maneira que, em maio de 1788, era impossível prever suas consequências. Aquele que seria um momento para resolver a crise que se alastrara no reino, se converteu num período extremamente violento que perseguiu e executou milhares de franceses. Necker, que já havia conquistado o sucesso e respeito no cenário político, sofreu um revés em sua carreira. Acabou sofrendo muitas críticas, escárnio público e perseguição durante os anos que se seguiram. Tanto Madame de Staël, como Jacques Necker pagaram caro por suas posições políticas. Foram exilados, considerados traidores da França, além de padecerem ao ver o nome de sua família jogado na lama, como veremos. [243]

---

[241] STAËL,1818, op. cit., v.1, p. 209.
[242] RÉDEI, Anna Cabak. **An Inquiry into Cultural Semiotics:** Germaine de Staël's Autobiographical Travel Accounts.Discponível em: https://lucris.lub.lu.se/ws/files/5680981/1299331.pdf. Acesso 12 ago 2017.
[243] Tanto o pai como a filha, eram liberais, partidários da monarquia constitucional e parlamentar. Ambos, admiravam a Revolução Inglesa e a organização política que dela resultou, limitando o poder monárquico e garantindo a representação popular.

Antes de continuarmos, é preciso retomar uma discussão já levantada nesta tese. Apesar do interesse de muitas mulheres em participar dos debates como evidenciado até aqui por análise bibliográfica, a maioria dos pensadores ilustrados considerava haver esferas distintas para homens e mulheres estabelecidas pela Natureza e a Moral. Inspirados em pensadores como Rousseau, defendiam que as mulheres deveriam exercer seu patriotismo pela maternidade e dedicação à família. Segundo Morin, era entendido que a boa republicana era aquela que educaria os filhos para serem bons cidadãos:

> Indo além da simples função geradora, as mulheres eram fundamentais na formação moral do novo homem, pedra de toque na construção de uma nova sociedade mais virtuosa e feliz. As mães patriotas não apenas criavam prosaicamente os filhos, estavam num patamar mais elevado, pois ensinavam os princípios republicanos aos futuros cidadãos franceses. Na visão revolucionária da divisão sexual de tarefas, os homens faziam as leis e as mulheres faziam os costumes. Não era pouco. A mulher continuava subordinada ao homem, porém exaltada como mãe e educadora.[244]

Assim, não se tratava simplesmente de excluir as mulheres da cena política ao se exaltar a maternidade. Era uma preocupação dos pensadores e escritores daquele contexto formar um corpo de cidadãos que estivesse apto para atuar na república que estava nascendo. Ademais, como citado no capítulo anterior, a mulher ganhou um *status* privilegiado enquanto mãe, que passou a ser considerado um papel de suma importância para o nascimento do sentimento cívico nos cidadãos, colaborando de forma decisiva para a construção de uma oposição entre "homens/cidadãos políticos" e "mulheres /mães e esposas".[245] As mulheres que fugiam a este ideal foram duramente criticadas, sobretudo no período da República Jacobina e do Terror (1792 - 1795).

Este foi o caso, por exemplo, de Olympe de Gouges,[246] que em 1791 publicou a *Declaração* dos *Direitos da Mulher e da Cidadã* em resposta à *Declaração dos*

---

[244] MORIN, op. cit., p. 55.
[245] Ibidem, p. 55.
[246] Olympe de Gouges, embora não viesse de família rica como Madame de Staël, tinha ambição intelectual. Filha bastarda e de origem pobre, Olympe aprendeu a ler e escrever apenas quando já adulta. Mas isto não impediu que buscasse se afirmar como escritora. Além da *Declaração dos Direitos da Mulher*, escreveu peças de teatro, panfletos e cartazes em oposição aos abusos do regime absolutista e também do revolucionário. Sua trajetória é muito importante para refletirmos não apenas sobre a atuação de mulheres na Revolução Francesa, mas para compreender a maneira que muitas delas lidaram com a exclusão do sexo feminino dos direitos civis e políticos. Olympe, mesma não recebendo educação privilegiada, tendo que superar muitas barreiras sociais e tendo encontrado

Direitos do Homem e do Cidadão, estendendo às mulheres os mesmos direitos de cidadania. Olympe de Gouges desafiou duplamente a ideologia revolucionária: ousou questionar os valores mais caros à revolução e subverter as barreiras de gênero. Ousou tomar a palavra e exigir para as mulheres e os negros, os direitos que então eram entendidos como privilégios dos homens brancos. Por sua audácia, foi considerada perigosa pelos revolucionários que instauraram o Terror, sendo presa e condenada à guilhotina pelo tribunal revolucionário em 1793, quase um mês depois da execução da rainha Maria Antonieta.

Olympe de Gouges teve uma trajetória diferente de Madame de Staël. Ela foi uma representante das mulheres das camadas mais baixas da sociedade. Mas, foi uma escritora ativista que escancarou os paradoxos revolucionários. Assim como Olympe, muitas mulheres começaram a se organizar politicamente entre 1789 e 1791, com a desaprovação masculina, reunindo-se em clubes ou mesmo realizando marchas, dando exemplo da força das mulheres durante o período revolucionário. Elas foram, por exemplo, as protagonistas da marcha para Versalhes de 5 de outubro de 1789, bem como estiveram presentes na tomada da Bastilha no mesmo ano[247].

A gravura a seguir (Figura 08) foi produzida por Jean-François Janinet (1752 – 1814) e representa justamente o evento de 5 de outubro de 1789, quando cerca de cinco mil mulheres revoltadas com as condições miseráveis que a população estava exposta e com o afastamento do monarca da realidade do seu povo, seguiram em marcha para Versailles afim de levar o rei para Paris para que saísse do isolamento do palácio e ficasse mais perto dos súditos, da realidade da nação.[248] Este evento, segundo a historiografia especializada, foi considerado um dos principais momentos da Revolução e conforme representou Janinet, a ferocidade feminina foi amplamente destacada.

---

muitas dificuldades econômicas ao longo de sua vida, com sua sensibilidade e capacidade reflexiva erigiu importante crítica aos valores. Denunciou a exclusão das mulheres, apontando os paradoxos daquela que seria, pelo menos em teoria, a revolução da liberdade e igualdade. HESSE, op. cit.

[247] Ibidem.

[248] KORCHANE, Mehdi. **Les femmes de la Révolution.** Disponível em https://www.histoire-image.org/fr/comment/reply/5864 Acesso 18 dez. 2018.

FIGURA 08 - 4º ÉVÉNEMENT DU 5 8BRE 1789/ LES FEMMES PARISIENNES SÈGEANT À L'ASSEMBLÉE NATIONALE AU MILIEU DES DÉPUTÉS[249]

[4º evento de 5 de out. de 1789/ As mulheres parisienses adentrando na Assembleia Nacional em meio aos deputados]



FONTE: Jean-François Janinet (1790)

Esta imagem integra uma série de cinquenta e quatro gravuras produzidas por Jean-François Janinet entre os anos de 1789 e 1791, nas quais retratou aqueles que foram considerados os principais eventos de Revolução - entre eles, a marcha para

[249] **Les musées de la ville de Paris.** Disponível em: <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/4e-evenement-du-5-8bre-1789-les-femmes-parisiennes-siegeant-a-l-assemblee#infos-principales>. Acesso 08 nov 2017.

Versailles. A ênfase do autor nesta série foi a ação coletiva, o movimento das protagonistas e as emoções representadas. Ele registrou, segundo a historiadora da arte Mehdi Korchane, as manifestações populares, abordando-as de maneira coletiva. As personagens delineadas não são individualizadas, não possuem traços próprios ou feição e, seguindo o estilo da fonte acima,[250] compõem um grupo de desconhecidos que podem ser qualquer um e qualquer uma, formando uma coletividade.

Nesta gravura, como citado, Jean-François Janinet representa a chegada das mulheres a Versailles, o momento que elas invadiram o salão no qual foram realizadas as assembleias e instauraram um grande tumulto e desordem. Adentraram um espaço que lhes era vetado, a área que era destinada aos deputados – parte central do salão da assembleia, já que, como citado anteriormente, as mulheres poderiam ocupar apenas as galerias laterais destinadas ao público. Isto pode ser observado ao analisarmos as expressões corporais dos homens e mulheres, que aprecem estar discutindo de maneira pouco discreta. Os gestos são largos, os corpos estão direcionados para muitos lados, o que passa ao observador a sensação de uma grande desordem propiciada pelas mulheres.

Ocupando todo o salão, as mulheres parecem estar se inteirando – não sem algum alvoroço e arrebatamento - daquele ambiente. Uma delas, localizada no primeiro plano da gravura, por exemplo, levanta as mãos, enquanto as que estão ao seu lado se inclinam numa posição corporal que sugere que estão examinando o recinto. Já no segundo plano, estão representados homens ao redor de mesas de trabalho que parecem terem sido interrompidos em suas atividades. Neste mesmo plano há também algumas mulheres que parecem, por sua postura corporal, estar coagindo alguns homens e outras que remexem os materiais em cima das mesas. Tudo causa instabilidade e espanto nos presentes, o que é reforçado pela posição das duas cadeiras, que estão na iminência de irem ao chão, provavelmente pela perturbação que deve ter causado tal invasão.

Segundo Korchane, a gravura foi produzida a partir de relatos, Janinet não foi testemunha ocular do evento.[251] Contudo, aqui não nos importa averiguar a veracidade da cena. Nossa intenção em apresentar esta gravura é perceber a construção discursiva sobre as mulheres que ousaram participar ativamente da

---

[250] KORCHANE, op. cit.
[251] Ibidem.

Revolução Francesa. Tal narrativa enredada pelo artista é representante da imagem construída das Revolucionárias por seus contemporâneos: a de mulheres furiosas e violentas. Por desvirtuarem o modelo de feminilidade materna, cruzarem os limites de gênero que eram considerados adequados, as mulheres que tencionaram e transgrediram estas barreiras foram duramente criticadas ou mesmo ridicularizadas publicamente afim de desvalorizar ou diminuir suas ações e/ou suas obras. Seja por sua aparência, modos ou sexualidade, o gênero foi importante marcador nestas críticas políticas e sociais com as quais se relacionam todas as ridicularizações direcionadas às mulheres revolucionárias.

Durante a Revolução Francesa e o período que se seguiu, muitas mulheres foram duramente penalizadas por ousarem demandar, questionar, se manifestar, se organizar, escrever. Olympe de Gouges, foi condenada à morte como já citado. Théroigne de Méricourt, tida como louca, morreu num hospício. Madame de Staël, por sua vez, apesar de ter sido duramente perseguida, escapou com vida da Revolução. Contudo, segundo pesquisa de Antoine Lilti, em sua vida pública Madame de Staël descobriu muito cedo que o sucesso e a notoriedade podem ser acompanhados de ataques violentos,[252] "(...) atacavam por vez, seu papel oculto na política, suas pretensões literárias e sua vida privada, sem poupar seu físico. A imprensa jacobina por sua parte, a acusava de compromisso com os emigrados" [(...) attaquent à la fois son rolê politique oculte, ses prétentions littéraires est sa vie privée, sans épargner son physique. La presse Jacobine pour sa part, l'áccuse de compromis avec les émigrés].[253]

Uma maneira usada com bastante frequência para humilhá-la e diminuí-la, era insultá-la por sua aparência. Seus críticos e opositores destacavam que além de "gorducha" ou "roliça" era também "bastante feia"', que seus "olhos muito grandes" e sua pele "pouco alva" somados aos seus gestos "nada polidos" a tornavam uma "figura bastante desagradável aos olhos". Já outros tinham prazer em debochar de sua personalidade. Recriminavam-na por ser "muito expansiva", "falar pelos cotovelos" e "não suportar não ser o centro das atenções". Suas vestes simples, fugindo à moda da alta elite parisiense também foram destacadas, bem como o fato de

---

[252] LILTI, Antoine. Germaine de Staël et lacélébrité". In: BURNAND, Léonard; GENAND, Stéphanie; SETH, Catriona. **Germaine de Staël et Benjamin Constant:** L'esprit de liberté. PERIN. Fondation Martin Bodmer. Paris: Genène, 2017.
[253] Ibidem, p. 59.

constantemente ter os dedos e, por vezes, o rosto manchado com tinta, conforme já citado.

Madame de Staël, conforme atestam muitas fontes e biógrafos, não foi uma mulher submissa ou insegura frente às figuras masculinas. Muito ao contrário, ela era demasiadamente confiante e ambiciosa, o que entrava em choque com os predicados e submissão feminina que os homens – e a sociedade de maneira geral - esperavam das mulheres. Além dos comentários maldosos sobre seu corpo e sua aparência, muitas vezes a retratavam como "uma terrível mulher-homem monstruosa, arbitrária e pedante".[254]

Contudo, as críticas e vexações públicas não paravam por aí. Havia aqueles que se referiam à sua vida sexual. Acusavam-na de ser lasciva, "devoradora de homens", pois conforme abordado anteriormente, Madame de Staël ousou viver sua sexualidade de maneira bastante livre. Era algo que chocava muitos homens e mulheres e a moralidade burguesa, que igualmente repudiavam a nobreza e seus hábitos considerados corrompidos - entre eles o comportamento sexual libertino.

Seguindo esta linha, em 1791foi publicado anonimamente o panfleto intitulado *Les Intrigues de Madame de Staël..., Comédie em trois actes et en prose* [As intrigas de Madame de Staël..., comédia em três atos e em prosa], com o objetivo de difamá-la. Para tal seu autor a retratou como uma mulher intrigante, sedenta de poder e de paixão, o que muito a incomodava. Segundo o historiador Antoine Lilti, era comum que Madame de Staël vertesse algumas lágrimas ao ler o que era escrito sobre ela ou sobre seu pai nos jornais. Contudo, como destaca o historiador, ela nunca abandonou a defesa da liberdade de pensamento. [255]

Ao abordar tais questões, podemos questionar por que uma mulher que defendia uma reforma política moderada e liberal, que não exercia nenhum cargo político, e era contrária à violência, tenha sido alvo de tanta hostilidade. Uma possível resposta é apresentada por Lilti, que afirma:

> Sa modération politique, justement, em fasait un cible pour tous les partis, tandis que son role d'intermédiaire et salonnière encourageait les rumeurs. Son pouvoir apparaissait d'autant plus redoutable que'il était invisible. Mais c'est surtout sa liberté personalle qui sacandalisait ses adversaires. Germaine de Staël ne s'intedisait rien, ne dissimulait pas ses liasons, se mêlait de politique, de littérature et de philosophie. Aussi, au-delà des ataques

---

[254] Ibidem.
[255] Ibidem.

> proprement politiques, le ton general des critiques révèle l 'intesité de la misogynie dont elle fut victim.[256]
>
> [Sua moderação política, precisamente, a tornava alvo de todos os partidos??, enquanto seu papel como intermediária [nas relações políticas] e *salonnière* encorajava os rumores. Seu poder parecia ainda mais formidável porque era invisível. Mas é acima de tudo sua liberdade pessoal que escandalizava seus adversários. Germaine de Staël não colocava limitações a si mesma, não escondia seus relacionamentos, se envolvia em política, literatura e filosofia. Além dos ataques estritamente políticos, o tom geral dos críticos revela a intensidade da misoginia da qual ela foi vítima.]

Interessante ressaltarmos que, apesar de as críticas possuírem caráter misógino e buscarem dissuadir Madame de Staël, bem como as demais mulheres, da atuação pública, elas não se organizaram em um movimento político-ideológico unitário para lutar contra esta situação de exclusão e dominação. Pertencentes às diferentes classes sociais e expressando ideias e posicionamentos políticos bastante diversos, não se pode falar de uma unidade feminina ou mesmo de pautas unificadas – o vai acontecer somente no século XIX com o início das organizações pelos direitos das mulheres.

No final do século XVIII a luta das mulheres era muito pluralista e dispersa. De maneira geral, podemos dizer que estavam atreladas ao grupo social ao qual faziam parte, o que proporcionou a elas não apenas diferentes compreensões sobre aquele momento, mas, sobretudo, significou adoção de estratégias e objetivos distintos.

Algumas se deram por satisfeitas por acompanhar seus maridos nos círculos de debates políticos ou de acompanhar os debates dos Estados Gerais e, posteriormente, da Assembleia Constituinte. Outras acreditavam que sua opinião poderia ser útil, então ousaram proferir discursos, ou mesmo escrever sobre os acontecimentos, ponderando sobre eles e, por vezes, ousaram traçar aqueles que consideravam serem os melhores rumos a ser tomados. Por fim, houve aquelas que não estavam dispostas a esperar pacificamente pelas decisões masculinas, que arregaçaram as mangas e partiram para a ação. Enquanto as mulheres trabalhadoras estavam indo para as ruas e agindo até mesmo com violência, conforme já comentado, as das classes mais altas preferiam participar das assembleias e reuniões de cunho político.

---

[256] Ibidem, p. 63.

Simone de Balayé, autora de uma obra dedicada à Madame de Staël, afirma que naquele momento ela se colocou ao lado da nova aristocracia liberal, extraindo seu entusiasmo da filosofia das Luzes e da independência americana, que representava para ela a concretização dos valores liberais a partir da luta popular.[257] Como alguém muito crítica ao uso da violência, que para ela representava a supressão da racionalidade, Madame de Staël direcionou seu olhar crítico também aos jacobinos e ao seu radicalismo revolucionário que eram, segundo ela, outra forma de despotismo, uma postura política que desvirtuou a Revolução e mergulhou a França em um período de barbárie, agravando as mazelas que assolavam a nação.

Ao tratar, por exemplo, da tomada da Bastilha, Madame de Staël apresenta um ponto de vista bastante interessante. Ela defende que aquele foi um momento de suma importância para a Revolução e a França, já que aquele edifício era símbolo da tirania. Contudo, condenou veementemente o uso da violência e as paixões que levaram à corrosão das virtudes políticas. Ela diz:

> Cependant, quioque des assassinats sanguinaires eussent été commis par la populace, la journée du 14 juillet avoit de grandeur: le mouvement étoit national; aucune faction intérieure ni étrangère ne pouvoit exciter un tel enthousiame. (...) Les esprits étoient exaltés, mais il n'y avoit encore rien que de bon dans les âmes, et les vainqueurs n'avoient pas eu le temps de contracter les passions orgueilleuses, dont le parti du plus fort ne sait presque jamais se préserver en France.[258]
>
> [No entanto, embora assassinatos sanguinários tenham sido cometidos pela plebe, o dia 14 de julho teve sua grandeza: o movimento era nacional; nenhum outro grupo de dentro ou de fora poderia causar tanto entusiasmo. (...) os espíritos estavam exaltados, mas não havia nada além do bem dentro das almas, e os vencedores não tinham tido tempo de contrair sentimentos orgulhosos, os quais nunca haviam ficado de fora dos partidos mais fortes na França.]

Outra crítica bastante contundente de Madame de Staël ao uso da violência é sua narrativa sobre a já citada tomada do palácio de Versalhes nos dias 05 e 06 de outubro de 1789, quando a marcha de mulheres tomou o palácio no meio da noite. Neste trecho de "*Considérations...*" a análise histórica cede lugar a uma narrativa apaixonada em primeira pessoa, visto que ela estava no palácio quando dos

---

[257] BALAYÉ, op. cit.
[258] STAËL, 1818, op. cit., v.1, p. 241.

acontecimentos e de forma intensa os narrou, trazendo à tona os sentimentos aflorados numa situação de medo e tensão.

Madame de Staël defendia que a principal causa da Revolução estava na injustiça social gerada a partir do não cumprimento das leis que regiam a nação[259] e da inexistência de uma constituição, fatores que, segundo ela, levaram à desordem administrativa e à instituição do poder absoluto – que afirma ser "Les plus insuportable farde au qui puisse peses sur um peuple" [a carga mais pesada que pode pesar sobre um povo].[260] Isto porque, segundo ela:

> (...) il étoit difiicile qu'il otat de l'esprit des homens sérieux l'idée que des instituitions fixes devoient mettre la France à l'abri des hasards de l'hérédité du trône. Plus cette hérédité même est nécessaire au bien-être général, plus il faut que la stabilité des lois, sous un gouvernement représentatif, préserve une nation des chagemens dans le système politique, inséparables du caractère de chaque roi, et encore plus de celui de chaque ministre[261]
>
> [(...) era difícil subtrair da mente dos homens sérios, a ideia de que as instituições fixas deveriam proteger a França dos acasos da hereditariedade do trono. Quanto mais essa hereditariedade é necessária ao bem-estar geral, mais é fundamental que a estabilidade das leis, sob um governo representativo, preserve uma nação das mudanças no sistema político, que devem ser independentes das condutas do rei, e mais ainda, dos ministros.]

Também defendia a necessidade de uma constituição, visto que tal documento limitaria o poder do monarca e fortaleceria a representação política popular. Sobre isto, Staël afirma:

> Les états généraux ont été convoqués dixhuit fois seulement depuis 1302 jusqu'à 1789, c'est-à-dire cependant près de cinq siècles, et les états généraux cependant avoient seuls le droit de consentir les impots. Ainsi donc, ils auroient dû être rassemblés chaque fois qu'on renouveloit les taxes; mais les rois leur ont souvent disputé cette prérogative, et se sont passés d'eux arbitrairement. (...) La France a été gouvernée par des coutumes, souvent par des caprices, et jamais par des lois. (...) La révolution de 1789 n'a donc eu pour but que de régulariser les limites qui, de tout temps, ont existé en France (...) l'histoire de France, qui n'ont présenté qu'une succession presque continuelle de disputes relatives à l'étendue des pouvoirs, et d'actes arbitraires, commis tour à tour par les divers partis, prouvent assez que le temps étoit venu de mieux organiser l'instuition politique par laquelle la nation devoit être représentée.[262]
>
> [Os estados gerais haviam sido convocados somente dezoito vezes no período de 1302 a 1789, ou seja, durante quase cinco séculos, e estes

---

[259] Ibidem, p. 240 - 242.
[260] Ibidem, p. 17.
[261] Ibidem, p. 44 - 45.
[262] Ibidem, pp. 141-142; 145.

> estados gerais só tinham o direito de anuir impostos. Desta forma, eles teriam que ser convocados a cada vez que as taxas eram renovadas; os reis, todavia, frequentemente negligenciavam esta prerrogativa e lançavam mão deles de forma arbitrária. (...) A França era governada por tradições, frequentemente por caprichos, mas jamais pelas leis. (...) A revolução de 1789 teve então, como objetivo, regularizar os limites que sempre existiram na França (....) a história da França, que sempre fora nada além de uma sucessão quase que contínua de disputas pelo poder e de atos arbitrários cometidos cada vez por um partido diferente, prova que o tempo chegou para organizar melhor a instituição política através qual a nação deveria ser representada.]

Nesta passagem das "*Considérations...",* observamos as duras críticas que Madame de Staël fez ao absolutismo e à ambição dos governantes. Segundo ela, os problemas econômicos que assolavam a França eram apenas uma pequena parte das mazelas resultantes da monarquia absoluta, que havia cerceado liberdades, impedindo que o pensamento livre triunfasse e que os espíritos pudessem se desenvolver sem restrições, mergulhando o país na corrupção e o afastando de seu verdadeiro destino: "o progresso guiado pelas luzes da razão". É notório que, para Madame de Staël, o absolutismo não era uma forma de governo adequada e mesmo defendendo a monarquia, considerava que o poder não devia estar unificado numa só pessoa e o povo devia ter representação no poder legislativo.

Segundo Perry Anderson, o absolutismo nasceu na França com o paulatino abandono, por parte dos reis, das assembleias consultivas. Aos poucos, os Estados Gerais deixaram de ser consultados e os ministros deixaram de atuar junto ao rei, se subordinando a ele. Desta forma, para Anderson, embora não houvesse uma constituição vigente, havia normas que regiam a organização política do Estado francês; historicamente esta organização se fundamentava na distribuição de poderes e na consulta popular para aprovação dos impostos.[263] Logo, segundo Anderson, o absolutismo foi implantado por práticas que subverteram a ordem política vigente, uma crítica avaliação histórica que, como apresentada até aqui, também fora anunciada por Madame de Staël em "*Considérations...".*

Ainda no calor dos acontecimentos no final do século XVIII, ela destacou que os Estados Gerais, apesar de não terem sido convocados por muito tempo, tinham sido criados que 1302 por Felipe, o Belo, e que "tinham o direito (...) idêntico ao poder legislativo do Parlamento Inglês".[264] Contudo, ignorando a tradição

---

[263] ANDERSON, op. cit
[264] STAËL, 1818, op. cit., p. 145.

> Les parlamens sont intervenus par la suíte entre les rois et les états généraux; ils ne nioient pas le pouvoir absolu de la couronne, et cependant ils se disoient les gardiens de lois du royaume. Or, quelles lois y a-t-il dans um pays où l'autorité royale est sans bornes? Les parlemens faisoient des remontrances sur les édits qu'on leur envoyoit; le roi leur ordonnoit de les enregistrer et de se taire. S'ils n'avoient pas obéi, ils auroient été inconséquens (...). Ce cercle de prétendues oppositions se terminoit toujour par la servitude, et la trace funeste en est restée sur le front de la nation.[265]
>
> [Os parlamentares intervieram, em seguida, junto aos reis e os estados gerais; eles não possuíam o poder absoluto da coroa, no entanto, se diziam os guardiões das leis do reino. Ora, mas que leis são essas num país onde a autoridade real não tem limites? Os parlamentares censuravam os decretos que eram a eles enviados; o rei ordenava que eles os registrassem e se calassem. Se não obedecessem eram tidos como inconsequentes (...). Este círculo de pretensas oposições terminava sempre pela servidão, cujo traço funesto permaneceu à frente da nação.]

Observamos que a crítica de Madame de Staël se pautava na falta do cumprimento às leis e não à inexistências delas. Criticava a ação humana malconduzida, as práticas espúrias cometidas pelos governantes e os demais membros da burocracia estatal. Assim, nem mesmo os monarcas franceses mais imponentes escaparam à crítica *staëliana,* visto que ela elaborou, por exemplo, uma crítica bastante contundente sobre os governos de Luís XIV e Luís XV.

O primeiro foi muito criticado por seu autoritarismo, vícios e injustiças cometidas, pelos gastos públicos que levaram a França à crise política herdada por seus sucessores – Luís XV e Luís XVI. Atacando diretamente os hábitos do poderoso monarca, afirma:

> Ce roi, si scrupuleux sur les dogmes religieux, ne l'étoit guère sur les bonnes moeurs, et ce n'est qu'à l'époque de ses revers qu'il a développé de véritables vertus. On ne se sent pas avec lui la moindre sympathie jusqu'au moment où il fut malheureux; alors une grandeur native reparut dans son âme.[266]
>
> [Este rei, tão escrupuloso quando o assunto era dogmas religiosos, não o era nem um pouco com relação aos bons costumes, e foi tão somente na época em que sofreu seus revezes que ele pôde desenvolver virtudes verdadeiras. Não havia nenhuma empatia por ele, a não ser em seu momento de sofrimento: quando então uma grandeza nativa reaparece em sua alma.

Já Luís XV, além de ser autoritário, era tido como um homem frágil que não conseguiu lidar com as disputas nos parlamentos. Em seu reinado, segundo Madame

---

[265] Ibidem, pp. 141-142.
[266] Ibidem, p. 35.

de Staël, a França se tornou uma nação malgovernada, mergulhada em intrigas e dissipações. Por outro lado, ela destaca que o reino teve a chance de contar com exércitos e pensadores de qualidade na época de seu governo, elaborando verdadeiros diagnósticos sobre o mundo, como aqueles presentes em seus escritos históricos por meio das citações dos pensadores ilustrados.

Contudo, diferente do seu pai, que sempre se mostrou simpático à causa dos trabalhadores – o que foi motivo de animosidade entre ele e o membros da aristocracia – Madame de Staël não se mostrava entusiasmada na defesa dos direitos dos grupos mais despossuídos.[267] Assim como Jacques Necker, Madame de Staël era representante da elite liberal que defendia reformas moderadas, como uma monarquia com freios onde a liberdade individual fosse garantida por uma constituição. Assim como seu pai, ela enxergava na constituição a possibilidade de formalização deste sistema, bem como da criação de leis que pusessem fim à tirania e corrupção que tornava a França um país de déspotas e ignorantes.

Assim, ao analisarmos suas obras, percebemos que o período de escrita que se relaciona com a Revolução Francesa foi repleto de experiências transformadoras que marcaram a entrada de Madame de Staël na vida adulta e a consolidação da sua atuação na esfera pública. Ambicionando a autonomia, viver sob os próprios ideais, bem como participar ativamente dos debates, tornou-se, ao lado de seu pai, figura central naquele contexto. Viveu também algumas experiências que foram definitivas para a formação de seus ideais políticos e literários. Os últimos anos do século XVIII promoveram uma ampla transformação em sua vida e escrita. As perseguições com o desenrolar da Revolução e, principalmente, após a instituição da República Jacobina, deram o tom de diversos de seus escritos.

Por sua postura ativa na vida pública e em seus escritos, ousando adentrar em espaços e tomar a palavra, Madame de Staël conquistou muitas inimizades. Como já citado, criticava reis, tecia considerações sobre problemas do Estado e sobre os responsáveis por tais problemas. Direcionou suas críticas a muito de seus contemporâneos e grupos sociais importantes, como o clero, a nobreza, os jacobinos, os deputados da Assembleia Constituinte e dos Estados Gerais, e mesmo o poderoso

---

[267] FERRER, op. cit.

Napoleão Bonaparte, críticas que a levaram, por mais de uma vez, a cerrar as portas de seu famoso salão, se retirar de Paris e posteriormente da França.

Ela estava certa em partir. Aquele foi o momento que milhares de "inimigos da nação" foram levados à guilhotina. Contudo, mesmo estando afastada de Paris – jáque havia abandonado a cidade por medo de perseguições e refugiou-se na residência familiar em Coppet, na Suíça – se manteve atenta às atividades políticas por meio de notícias que eram recebidas com apreensão nas cartas enviadas por amigos. Assim, não tardou para que soubesse da triste notícia da execução do rei Luís XVI, a quem Germaine devotava grande consideração. Isto está registrado em sua obra "*Considérations...",* onde se lê alguns elogios ao seu reinado, à sua coragem no momento final, bem como deixou registradas algumas críticas à sua constituição moral e apontou os erros cometidos por ele – que considerava influenciável e quase indiferente a tudo desde o momento que perdeu o poder.[268]

Recolhida em sua residência, inconformada com os excessos do Comitê de Salvação Pública – personificado em Marat –, Madame de Staël empenhou sua pena na produção da obra *Réflexions sur le procès de la reine* [Reflexões sobre o processo da rainha] (1793).[269] Neste texto, ela se colocou numa posição bastante inusual e singular para uma mulher: fazer a defesa de Maria Antonieta, não como uma monarca ou figura pública, mas sim a partir da sua condição de mulher e mãe.

Publicado pela primeira vez anonimamente na Suíça, logo no início do texto a autora explica que aquele texto não buscava atacar nem proteger nenhum partido, mas defender Maria Antonieta, a qual, segundo ela, mesmo tendo deixado sua terra natal para dedicar-se à França e para cumprir seu dever, foi atacada pelos partidos que incitaram a população contra a rainha, sendo difamada publicamente por questões políticas e não por sua falta de caráter ou amor à França.

> Cependant, pour exciter la multitude, on n'a cessé de répéter que la reine étoit l'ennemie des Français, et l'on a donné à cette inculpation les formes les plus féroces. Je ne sais rien de plus coupable que de s'adresser au peuple avec des mouvements passionnés; on peut les pardonner à l'accusé, mais dans l'accusateur l'éloquence même est un assassinat. Cette classe de la société, qui n'a pas le tems d'opposer l'analyse à l'assertion, l'examen à l'émotion, gouvernera comme elle est entraînée, si en lui accordant un grand pouvoir, on ne fait pas un crime national de tous les genres d'altération à la vérité, la vraisemblance n'est rien pour l'homme qui n'a pas réfléchi d'avance; au

---

[268] STAËL, 1818, op. cit.
[269] STAËL, Madame de. **Réflexions sur le procès de la reine**. [s.l.:s.n.],1793.

> contraire même, plus il est étonné, plus il se plaît à croire. La reine auroit voulu le malheur de l'Empire où elle régnoit, de la Nation sur laquelle reposoit sa gloire, son bonheur et sa couronne! mais c'est assez la juger par son intérêt: elle mérite davantage, elle est bonne par sa nature, elle est bonne à ses propres périls.[270]
>
> [Entretanto, para excitar a multidão, foi repetida uma ou outra vez que a rainha era inimiga dos franceses e foi dada à essa culpa as mais ferozes formas. Não conheço nada mais condenável do que dirigir-se ao povo com atitudes exaltadas: isso se pode perdoar a um acusado, mas em um acusador a boa eloquência é um assassinato. Essa classe da sociedade, que não tem tempo para opor a análise às provas, o exame às emoções, governará tal como parece impelida a fazê-lo se, com o grande poder que tem, não faz de qualquer tipo de alteração da verdade um crime nacional. A verossimilhança não é nada para o homem que não raciocina de antemão, pelo contrário, quanto mais se assombra, mais se faz crer. Dissimulam que a rainha havia desejado a desgraça para o império que ela reinava, a para a nação em que residia a sua glória, sua felicidade e sua coroa! Chega de julgá-la por seus interesses: ela merece mais, é boa por sua natureza, é boa ainda que haja risco para sua própria pessoa.]

Assim, Madame de Staël responsabilizou as intrigas políticas, os boatos e a opinião pública, que permitiram a um governo também tirano condenar uma mãe, vítima fácil devido à fragilidade e impotência de uma mulher frente à calúnia e perseguição. Pela escrita, denunciou a perseguição que uma mulher como Maria Antonieta estava sendo submetida e também as formas de desonra que ela sofria. Dizia:

> (...) Elle cherche bassement à déjouer le respect, l'intérét que doit inspirer la Reine, par ce genre de calomnie dont il est si facile de flétrir toutes les femmes, par ce genre de calomnie dont l'injustice même peut avilir presqu'autant que la vérité; mais cependant la Reine est par sa destinée, au-dessus de ce sort commun des femmes, trop d'éclat environne son existence pour ne pas dissiper tous les mensonges, ceux qui l'ont entourée, les seuls vrais juges de as vie privée, savent qu'elle ne fut point indigne des vertus qui depuis quatre ans font admirer de l Europe entiére, l'ame s'affaibliroit en se dégradant; et celle qui par sa seule fierté s'est aggrandie dans l'infortune, s'est relevée en présence de l'outrage, ne s'étoit jamais abaissée à ses propres yeux. Vous essayerez en vain de l'humilier, vous l'appellerez de nom méprisans, vous la jetterez dans une prison infamante, vous la traiinerez à la barre de votre tribunal, mais par tout elle vous apparoîtra comme la fille de Marie-Thérèse.[271]
>
> [(...) Há quem pretende arruinar o respeito que deve inspirar uma rainha, com esse gênero de calúnia que tão fácil pode desonrar à qualquer mulher, com este tipo de calúnia de quem a injustiça pode aviltar quase tanto como a verdade; Entretanto, a rainha está em sua condição, acima da sorte comum das mulheres; demasiado brilho rodeia sua existência para não dissipar todas mentiras. Aqueles que a acompanharam, os únicos juízes verdadeiros de sua

---

[270] Ibidem, p. 15.
[271] Ibidem, p. 19.

> vida privada, sabem que praticou sempre as virtudes que desde os quatro anos provocam a admiração de toda a Europa. Qualquer alma se encolheria diante de tanta degradação, mas aquela que por seu próprio orgulho cresceu no infortúnio se levantou diante do ultraje e nunca baixou os próprios olhos. Em vão tentaram humilhá-la e chamá-la por nomes depreciativos. Em vão a atiraram em uma prisão infame e a arrastaram ao tablado de vosso tribunal: em todas as partes aparecerá como a filha de Maria Tereza.]

Todos estes acontecimentos contra Maria Antonieta e os próprios rumos violentos da Revolução abalaram muito Madame de Staël. A violência havia sobrepujado valores ilustrados que eram tão caros a ela, bem como havia permitido que o caos se instalasse, subvertendo os valores mais sagrados na nação e a própria opinião pública, corrompida pelas disputas dos partidos políticos. Para piorar a situação, não era apenas a França que estava entregue ao caos: Madame de Staël estava desterrada, vivendo momentos de instabilidade e insegurança.

Considerava-se uma mulher que, assim como Maria Antonieta, foi vítima da tirania jacobina. Naquele momento, como Staël ressalta, muitos indivíduos da aristocracia, membros do partido girondino ou mesmo aqueles que questionavam o governo estabelecido, eram considerados "inimigos da nação".[272] Eram presos, julgados sumariamente pelo tribunal revolucionário e a maioria condenada à morte, tornando a emigração a única possibilidade para quem desejasse se livrar do cadafalso.

Para Madame de Staël, a única opção naquele momento era sair da França, desterrar-se como maneira de livrar-se da morte.

> L'émigration, pendant le règne de la terreur, n'étoit plus une mesure politique. L'on se sauvaoit de France pour écbapper à l'échafaud, et l'on n'y pouvoit rester qu'en s'exposant à la mort pour éviter la ruine. Les amis de la liberté étoient plus détestés par les jacobins que les aristocrats eux-mêmes, parce qu'ils avoient lutté de près les uns contre les autres.[273]
>
> [A emigração, durante o reinado do Terror, já não era mais uma medida política. As pessoas que saíam da França para estar a salvo do cadafalso e aqueles que ficavam, expostos para morrer, faziam para evitar a ruína. Os jacobinos detestavam ainda mais os amigos da liberdade do que os aristocratas, porque haviam combatido de perto uns contra os outros.]

---

[272] Segundo Michel Vovelle, o tribunal revolucionário foi instituído em 1793 para julgar crimes de caráter político. Contudo, foi em 1794, com a aprovação da *lei prarial* do ano II (junho de 1794), que suprimia as garantias de defesa individuais, que a repressão cresceu. Após o guilhotinamento de Maria Antonieta, foi iniciada a grande onda de condenações que caracterizou o tribunal revolucionário. Segundo Vovelle, estima-se que mais de 500 mil pessoas foram detidas e mais de 10 mil foram executadas, número este que cresceu para 128 mil se forem consideradas as vítimas de repressão na guerra civil. VOLVELLE, 2012, op. cit., p. 47-48.

[273] STAËL,1818, op. cit., v. 2, p. 133.

Por conta disto, ela se dirigiu a Coppet e levou consigo muitos de seus amigos para os quais, assim como ela, ficar em território francês representava perigo de vida. Contudo, a partir do momento em que deixaram seu país, tornavam-se réus por mais uma sentença, pois a emigração era uma prática passível de julgamento pelo tribunal revolucionário.

No livro "*Considérations...",* Madame de Staël discorre sobre este momento, que para ela foi muito delicado, visto que era assombrada pelo medo e insegurança, pois além de conhecida pelos seus posicionamentos, escondia emigrados franceses em sua casa, o que era proibido, já que tinham entrado ilegalmente na Suíça:

> Je cachois chez moi, dans le pays de Vaud, quelques amis de la liberté, respectables à tous égards, et par leur rang et par leurs vertus; et comme on ne pouvoit obtenir, des autorités suisses d'alors, une permission en règle pour autoriser leur séjour, ils portoient de noms suédois que M de Staël leur attribuoit pour avoir le droit de les protéger.[274]
>
> [Eu escondia em minha casa, no país de Vaud, alguns amigos da liberdade, respeitados tanto por sua consideração quanto por sua virtude, e como não podiam obter das autoridades suíças de então permissões que autorizassem suas permanências, utilizaram os nomes suecos que lhes atribuiu M. de Stael.]

Notamos, no trecho citado acima, que apesar da distância, o Barão de Staël foi seu aliado neste projeto. Assim, ainda que não vivessem mais juntos, o contato entre eles era frequente e os laços de companheirismo estreitos. Ainda sobre este período, Staël coloca:

> Le découragement s'étoit emparé de nous; plus nous étions jeunes, moins nous avions de résignation: car dans la jeunesse surtout l'on s'attend au bonheur, l'on croit en avoir le droit, et l'on se revolte á idée de ne pas l 'obtenir. C'étoit pourtant dans ces momens même, lorsque nous regardions en vain le ciel et les fleurs, et que nous leur reprochions d'éclairer et de parfumer l'air en présence de tant de forfaits; c'étoit alors pourtant que se préparoit la dé livrance.Un jour, dont le nom nouveau déguisepeut-être la date aux étrangers, le 9 thermidor, porta dans le coeur des François un émotion de joie inexprimable. La pauvre nature humaine n'a jamais pu devoir une jouissance si vive qu'à la cessation de la douleur.[275]
>
> [A desesperança havia se apoderado de nós: quanto mais jovens éramos, menos resignação tínhamos, pois durante a juventude se espera a felicidade, a qual considera-se quase um direito, e a ideia de não obtê-la era

---

[274] Ibidem, p. 134.
[275] Ibidem, p. 138.

> insuportável. Era, portanto, naqueles momentos, ao contemplar em vão o céu e as flores, que nos censurávamos em iluminar e perfumar o ar diante de tantos crimes. Mas era precisamente neste tempo quando se estava preparando a liberação [para voltar à França]. Um dia, cujo novo nome pode confundir aos estrangeiros, o 9 do termidor, surgiu no coração dos franceses uma alegria indescritível, pois a pobre natureza humana não conhece alívio maior que o fim do sofrimento.]

Este é um dos trechos da obra "*Considérations...",* onde as análises políticas e históricas dividem espaço com a narrativa das experiências íntimas da autora. As emoções são inseparáveis da experiência política. Interessante notar que ao fazer colocações como "espera da felicidade", "nos censurávamos em iluminar e perfumar" e "a ideia de não tê-la [a felicidade] é insuportável", Madame de Staël transmite aos leitores o quanto era difícil aquele momento para ela e seus companheiros, mesmo nas ações pequenas e rotineiras, com as pequenas e as grandes violências perpetradas pelo despotismo revolucionário. Eles estavam numa espécie de "prisão domiciliar" onde não aguardavam apenas boas notícias, mas, sobretudo, esperavam não ser descobertos e detidos. Estavam em situação ilegal na Suíça e como ela mesma afirma, sabia que a casa estava sendo vigiada. O clima de tensão tinha atingido tal ponto que aproveitar os dias ou as noites desfrutando dos pequenos prazeres que ainda lhes era possível se fazia acompanhar da culpa.

Este contexto marcado pela instabilidade e violência, também foi de guerra. Desde 1792, a França enfrentava na linha de combate as forças militares de diversas nações europeias. Naquele momento, monarcas de países como Inglaterra, Áustria e Prússia, acreditavam que combater a Revolução era medida necessária para a manutenção da ordem política em seus territórios. Por representar a força dos valores e governos revolucionários frente às tradicionais monarquias europeias, a guerra foi um instrumento político do governo revolucionário, usando as vitórias do exército francês como legitimação das suas práticas políticas.[276]

Com isto, em um momento de fragilidade política – já que o Diretório estava politicamente fragmentado – um jovem comandante ganhou notoriedade, conforme veremos a seguir. Este comandante foi um dos homens que mais inflamaram a difamação pública da obra e da pessoa de Madame de Staël, seguindo como

---

[276] VOVELLE, 2012, op. cit.

estratégia política a linha da violência simbólica misógina contra sua imagem e comportamento enquanto mulher, escritora e pensadora.

3.2 A ESCRITA COMO (RE)EXISTÊNCIA: DESTERRO E A PRODUÇÃO DE SI

> Blanchot diz admiravelmente o seguinte: 'Que é esta fuga? A palavra é mal escolhida para agradar. Entretanto, a coragem está em aceitar fugir em vez de viver quieta e hipocritamente em falsos refúgios. Os valores, as morais, as pátrias, as religiões e essas certezas privadas que nossa vaidade e a nossa complacência para conosco generosamente nos outorgam, são outras tantas moradas enganadoras que o mundo arranja para aqueles que pensam manter-se firmes e em repouso entre as coisas estáveis. Eles nada sabem dessa imensa ruína para a qual vão indo, ignorantes de si mesmos, no monótono burburinho dos seus passos cada vez mais rápidos que os levam impessoalmente num grande movimento imóvel. Fuga perante a fuga. [Seja um desses homens] que, tendo tido a revelação da deriva misteriosa, já não suportam viver nessas falsas moradas. De início, ele tenta apoderar-se do movimento por sua própria conta. Pessoalmente, ele queria se afastar. Ele vive à margem... [mas] talvez a queda seja isso, que ela já não possa ser um destino pessoal, mas a sorte de cada um em todos
>
> (Deleuze e Guattari)[277]

> Não é para me desculpar pelo meu entusiasmo em relação à liberdade que explicito as circunstâncias pessoais que contribuíram para tornar mais caro para mim esse ideal. Creio que devo me orgulhar desse entusiasmo ao invés de me desculpar, pois disse desde o início que a grande queixa do imperador Napoleão contra mim, é o amor e o respeito que sempre tive pela verdadeira liberdade. [...] As cenas cruéis que desonraram a Revolução Francesa, que são tão somente tirania sob modalidade popular, não fizeram esmorecer em mim, creio, o culto à liberdade.[278]
>
> (Madame de Staël)

Madame de Staël foi, como demonstrado até aqui, uma escritora. A prática da escrita a acompanhou durante toda a vida e preencheu todos os seus dias. Ela foi igualmente uma leitora assídua, bem como escrevia diariamente. Trabalhava nas suas obras, compunha cartas e fazia muitas anotações. Durante o período em que esteve exilada, não foi diferente. Durante os anos que passou distante de Paris manteve um diário onde registrava suas ideias, acontecimentos, fazia análises políticas, das sociedades que conheceu e notas de leitura. Ademais, ela trocou milhares de cartas

---

[277] DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.
[278] STAËL, 1818, op. cit.

com amigos, parentes e parceiros intelectuais. Assim, além de ter publicado muitas obras em vida, ela deixou um tesouro manuscrito – só de cartas, naquele período, segundo Balayé, são mais de dez mil.[279]

No conjunto foram anotações que serviram de apoio para escrever muitas de suas obras, como por exemplo, as já citadas *Corinne ou l'Italie, De l'Allemagne, Dix années d'exil* e "*Considétations...*". Assim, embora este tenha sido um longo período de dor, foi também muito profícuo, lançando mão da escrita como sua arma política contra aquele que ela considerava ser um déspota, usurpador da liberdade: o imperador Napoleão Bonaparte. Foi também uma prática de existência, que proporcionou a ela que continuasse presente nos lugares de onde teve que fugir. Foi o elo entre o que ela tinha sido no passado e o que era presente e as esperanças pelo futuro de sua França. Forma de resistência, de tomar para si a narrativa sobre sua trajetória, de fazer-se ouvida enquanto desejavam silenciá-la. A escrito como modo de ação política e da elaboração de um espaço de possibilidades, de criação e experimentação sobre si.

O exílio é amplamente citado para se referir às experiências de indivíduos que, em circunstâncias variadas, foram privados de viver naquele que consideram "o seu lugar no mundo". A figura do exilado foi vastamente utilizada na literatura, por exemplo, quando o autor não apenas narra a experiência do desterro, mas, sobretudo, se propõe a divulgar trajetórias, expondo a opressão e violência, e a inspirar emoções. O significado do exílio aproxima os leitores das angústias e dos traumas vivenciados pelo protagonista que, apesar das provações enfrentadas, não sucumbiu às violências, nem mesmo desistiu de seus ideais. É aquele, ou aquela que, apesar do trauma, sobreviveu e se fez na têmpera da violência e do sofrimento.[280]

Contudo, segundo Edward Said, pensar que o "exílio é benéfico para literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que aflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo".[281] Assim, ao tratarmos desta experiência utilizando como fonte histórica a literatura, precisamos atentar para o fato de que a literatura de exílio não é apenas uma categoria literária. É registro de uma

---

[279] BALAYÉ, op. cit.
[280] MONTANÊZ, Amanda Pérez. **Vozes do exílio**: e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba. Londrina: EDUEL, 2013.
[281] SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.47.

experiência marcada pelo trauma, o que, segundo Amanda Pérez Montanēz, está agudamente presente na fratura da identidade, na dor e no estranhamento que compõem tais escritos:

> Todo exilado é um náufrago que luta por viver em um território estranho onde a desesperação, a aniquilação e o silêncio se fazem presentes. Existem muitas histórias em que o exílio é apresentado como uma condição heroica, gloriosa ou romântica, na qual se esquece, porém, da dor da orfandade oculta em seu interior.[282]

Ao abordar esta questão, Claudio Bolzman afirma que para compreendermos a experiência do exílio é necessário distinguir o exilado do emigrado, já que diferente da migração – que segundo ele ocorre geralmente por motivos econômicos e/ou sociais – o exílio é um fenômeno social caracterizado pela

> (...) obligación de dejar su Estado de origen como consequência de situaciones de violência política generalizada o dirigidas a grupos sociales específicos, e de buscar refúgio en otro Estado durante un período cuya duración es imprevisible. El exilio se termina cuando las condiciones políticas que dieron lugar a la partida dejan de existir.[283]
>
> [(...) obrigação de deixar seu Estado de origem como consequência de situações de violência política generalizada ou dirigidas à grupos sociais específicos, e de buscar refúgio em outro Estado durante um período, cuja duração é imprevisível. O exílio termina quando as condições políticas que causaram a partida, deixam de existir.]

Logo, o exílio é consequência da violência política exercida pelo Estado ou, em momentos em que ele perdeu o monopólio da violência, por situações que deixam profundas marcas nas sociedades em que o exilado ou a exilada vivia. Como resultado da violência e perseguição política, os traumas psicológicos afetam não apenas os exilados, mas "al conjunto de una sociedade y que provocan profundos transtornos en la vida cotidiana de una parte mas o menos importante de la población de esa sociedad" [o conjunto de uma sociedade e que provocam profundos transtornos na vida cotidiana de uma parte mais ou menos importante da população desta sociedade].[284]

---

[282] MONTANĒZ, op. cit., p. 14.
[283] BOLZMAN, Claudio. "Elementos para una aproximación teórica al exilio. Revista **Andaluza da Antropologia**. n. 3, 2012, p. 10.
[284] Ibidem, p. 10.

Colaborando para este debate, Silvina Jensen afirma que a problematização do exílio impõe muitos desafios porque, além de ser um objeto dinâmico em que os sujeitos não devem ser entendidos de maneira homogênea, mas pela diversidade, devem-se combinar níveis e escalas de análises múltiplas – relacionando local de origem com seus deslocamentos. Segundo Silvina, deve-se pensar conjuntamente o

> território que expulsa y produce 'victimas' de un viaje no desejado originado en la violência; con la sociedade de destino, o sea el territorio habitado por lossujetos exílicos devenidos 'extranjeros' y por aquellos que son construídos como 'nativos' por los recién llegados.[285]
>
> [território que expulsa e produz "vítimas" de uma viagem não desejada originada da violência; com a sociedade de destino, ou seja, o território habitado por sujeitos exilados, os estrangeiros, e por aqueles que são vistos como 'nativos' pelos recém-chegados.]

Neste processo, há uma ruptura forçada que leva o indivíduo a ter que se reinventar e também ao seu modo de vida, que necessariamente passará a ser caracterizado pelo desenraizamento. De forma mais ou menos intensa – isso depende do quanto irá se deslocar em seu período de exílio –, será marcado também por um trânsito; por um entre "aqui" e "lá". Experimentando novas experiências relacionadas às dualidades geográficas, políticas, existenciais e simbólicas, o sujeito será exposto às experiências e aos sentimentos que serão definitivos para a sua constituição subjetiva, já que, mesmo quando retorna ao seu país de origem, não consegue anular os efeitos do seu desenraizamento e dos traumas por ele causados.[286]

Ao se trabalhar com este tema, é necessário refletir também sobre a questão do asilo. Por caracterizar-se como forma de proteção aos indivíduos perseguidos, é a contrapartida possível aos exilados. Expostos ao desterro, os sujeitos buscam outros Estados para viver – para se asilar – onde encontrarão uma nova realidade social e a chance de se inserir. Desta forma, uma questão central para a maioria dos desterrados são suas opções de destino e acesso a elas, tendo em vista que com a imigração forçada, que na maioria dos casos ocorre sem qualquer tipo de organização prévia, é comum o exilado dispor de opções limitadas de destino. Assim, a distância, a facilidade de acesso, a limitação financeira e, muitas vezes, as próprias políticas de acolhimento ou ausência delas delimitam as possibilidades do seu destino.

---

[285] JENSEN, Silvina. **Los Exilados.** Buenos Aires: Sudamerica, 2010.
[286] Ibidem.

Ao abordarmos o exílio de Madame de Staël à luz destas reflexões, precisamos atentar para as singularidades do seu exílio. Embora Madame de Staël tenha sido rejeitada em certos ambientes da nobreza e tivesse sua atuação e circulação social limitadas pelas barreiras de gênero e disputas partidárias, ela era de uma das famílias mais respeitadas de Paris, além de ser casada com o embaixador da Suécia. Sendo assim, ela era uma mulher muitíssimo privilegiada no que diz respeito à inserção social, pois além de contar com uma rede de amizades bastante vasta e fiel, tinha uma inserção social que raríssimos franceses – ou mesmo europeus – podiamter.

É preciso relembrar ainda uma parte da discussão já tratada nesta tese que é fundamental para se pensar seu exílio. Desde menina, ela conviveu e manteve relações amistosas com os mais importantes homens e mulheres do seu tempo. Em seu círculo de convivência estavam nomes como Voltaire, d'Alembert, Diderot, Condorcet, importantes nomes da Corte como a própria rainha Maria Antonieta, Joseph Bonaparte e Benjamin Constant. Ademais, como filha de Necker ela obteve acesso desde muito nova aos espaços que eram vetados a outras mulheres e indivíduos – como, por exemplo, os locais e reuniões que compunham os bastidores administrativos do Estado, espaços de sociabilidades ilustradas e a Corte. Com certeza, esta trajetória pessoal devido ao seu status e posição social foram fatores decisivos nas suas experiências de exílio.

Outro privilégio que Madame de Staël pôde usufruir foi em relação à sua condição financeira, pois conseguiu viver cercada de conforto e luxo, mesmo nos momentos mais difíceis. Ao analisarmos as fontes, fica evidente que seu estilo de vida não era nada simples ou limitado. Tinha várias residências familiares (Paris, Saint Ouen e Coppet) onde pode desfrutar das diferentes estações do ano da melhor forma possível, e que fizeram toda a diferença quando esteve afastada da França.

Estar em lugares familiares que ela identificava como parte de sua história era muito mais reconfortante do que ficar hospedada em locais onde não tinha nenhum tipo de laço sentimental ou que não havia identificação – ainda mais em momentos de tensão e instabilidade emocional. Ademais, os Necker possuíam carruagens[287] e

---

[287] No período moderno carruagens eram objetos de luxo. Apenas pessoas com posses tinham a chance de possuir uma e as mais ricas mais de uma. Ademais, elas diferenciavam-se entre si pelo luxo que ostentavam. Os tecidos, puxadores e estofados variavam de acordo com a quantia que seu dono podia dispor para comprá-la. Seu funcionamento dependia de cavalos e um empregado que pudesse conduzi-la, ambos gastos latos que não eram acessíveis à boa parte da população, mas sim a Staël.

empregados à disposição da família dia e noite, o que não só facilitava o deslocamento de Madame de Staël, mas o que o tornava menos penoso. Podendo descansar em diligências e estalagens confortáveis, não tendo que se preocupar diretamente com o cuidado dos filhos e da casa, Madame de Staël dispunha de tempo livre para se dedicar às atividades que lhe davam prazer, como a escrita e a reflexão, ou mesmo repousar das longas viagens.

Outra questão importante a respeito do exílio de Madame de Staël é que embora se fale em "exílio" (no singular), foram três as ocasiões que teve que se afastar de Paris e da França, todas por motivos políticos. Mesmo que tivesse apoiado as reformas na França, como citado no capítulo anterior, a postura de Madame de Staël era bastante moderada e crítica aos radicalismos. Assim, além de ter sido alvo de pesadas críticas, ela entendeu que corria risco de vida caso permanecesse em Paris e percebeu que a situação estava indo em direção a barbárie.

Conforme narra em "*Considérations...",* já não tinha medo apenas pelo futuro de seu país, mas, temia por sua vida e pelas dos seus amigos. Ademais, ela sabia que seu salão, assim como seus passos, estava sendo vigiados.

No final de 1792, pouco antes do início do período do Terror, Madame de Staël fechou as portas do seu salão e se despediu de Paris, retornando apenas em 1795, quando iniciou o período do Diretório.[288] Foi neste mesmo ano que, após poucos meses ter reaberto seu salão, recebeu ordem policial para que se mantivesse a uma distância mínima de quarenta léguas de Paris por mais dois anos. Contudo, seu tempo em Paris estava contado. Logo teria que se afastar novamente da sua pátria.

Após ter obtido diversas vitórias, Bonaparte foi apresentado à França como o homem que organizaria a nação depois do período de instabilidade e violência, bem como levaria à vitória nas disputas internacionais. Visto como herói nacional, foi muito bem aceito por seus concidadãos. Inclusive, foi visto a princípio com muita simpatia por Madame de Staël. Mesmo após ser recebida sem entusiasmo por ele, tentou

---

[288] Após o período do terror (1793-1794) foi inaugurada a fase do Diretório, quando os Girondinos voltaram ao poder e iniciaram a perseguição os jacobinos. Neste momento ainda havia ainda instabilidade política e econômica e o clima de violência assombrava os cidadãos. Ao mesmo tempo em que o exército francês obtinha grandes vitórias, como por exemplo, na península italiana e no Egito, abrindo espaço para a ascensão de Napoleão Bonaparte, um jovem e vitorioso general. VOVELLE, 2012, op. cit.

arduamente se aproximar daquele que em 1797 era considerado por ela "o melhor republicano da França, o francês que mais ama a liberdade".[289]

Madame de Staël estava muito esperançosa com aquele homem que acreditava ser não apenas brilhante, mas alguém que tinha alma e intelecto comparados aos dela própria. Seu entusiasmo foi tanto que ela acreditava que partilhava os mesmos ideias que Napoleão, e que ele a aceitaria como sua mentora. Pouco tempo depois ela se desiludiu com o Primeiro Cônsul e mudou suas ideias sobre ele, mas naquele momento Madame de Staël confiava que juntos retomariam os legítimos ideais revolucionários que foram perdidos no desenrolar da Revolução Francesa. Contudo, seus planos e sonhos nunca foram realizados. Bonaparte jamais esteve disposto a tê-la ao seu lado.[290] Quanto mais ela insistia em estreitar laços com ele mais ele se afastava dela, o que se agravou com a quase invasão de Madame de Staël à casa de Napoleão antes de ser Cônsul e, posteriormente, a intromissão dela nos assuntos políticos.

Desejando estreitar laços com Bonaparte, em certa ocasião Madame de Staël dirigiu-se à casa do futuro cônsul da França. Desejava reunir-se com ele para que conversassem a respeito da política francesa. Contudo, ao chegar à residência, o mordomo informou que Bonaparte estava na banheira. De prontidão, demonstrando o quão liberal eram suas ideias, a baronesa afirmou que não tinha problema, pois "os gênios não têm sexo".[291] Evidentemente ela não conseguiu reunir-se com Bonaparte – ainda mais naquelas condições tão pouco usuais. Mas, tal atitude dá mostras da sua impetuosidade frente aos obstáculos.

No segundo caso, ao descobrir que Bonaparte pretendia libertar a Suíça,[292] Madame de Staël se empenhou em dissuadi-lo desta ideia. Intervindo pessoalmente, ela se reuniu com Bonaparte e tentou convencê-lo que a Suíça não necessitava de revolução, pois ali já estava presente a ideia de liberdade civil. Contudo, apesar dos

---

[289] FERRER, op. cit. Sem páginação
[290] HEROLD, op. cit.
[291] Ibidem.
[292] Até o século XVIII a Suíça era autônoma. Contudo, e apesar de haver importantes centros culturais e efervescência de ideias, ainda imperavam privilégios feudais. Assim, o projeto de Bonaparte visava garantir direitos políticos e extirpar os privilégios feudais que ainda estavam em vigência naquela região, o que afetava diretamente os Necker, porque recebiam impostos sobre a terra do Cantão de Vaud.

esforços da baronesa, Bonaparte não se deixou convencer e colocou em marcha a invasão.[293]

Mesmo tendo falhado em seu objetivo de influenciar as decisões políticas de Bonaparte, Madame de Staël não se intimidou. Em outras ocasiões, o interpelou acerca de questões que considerava importantes, como, por exemplo, intervir em nome dos emigrados e reivindicar a solicitação do pagamento do empréstimo que seu pai tinha feito ao Estado francês durante seu segundo ministério.

Em 1799, Madame de Staël passou boa parte dos anos em Paris escrevendo aquele que seria seu próximo sucesso literário *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales* (1800), na qual apresenta sua crítica literária "sociológica" e "comparativista", dando início ao que futuramente iria ser um campo de estudos sobre as relações entre sociedade, Estado e o *espírito* da literatura.[294] Este era um ensaio inovador no cenário literário francês, que introduziu na França muitos pontos no debate já presente em outros países europeus, como na Alemanha, por exemplo. Nele, Madame de Staël defendeu que para que uma obra literária tivesse valor, deveria estar em conformidade com os valores morais e a realidade histórica de seu país. E, por conta disto, apesar de haver diálogos e as literaturas nacionais valorizadas. O que a autora já defendia no discurso preliminar da obra:

> Je me suis proposé d'examiner quelle est l'influence de la religion, des moeurs et des loix sur da littérature, et quelle est l'influence de la littérature sur la religion, les moeurs et les loix. Il existe, dans da langue française, sur l'art d'écrire et sur les príncipes du goût, des traités qui ne laissent rien à desirer (les ouvrages de Voltaire, ceux de Marmontel et de La harpe); mais il me semble que l'on n'a pas suffisamment analysé les causes morales et politiques, qui modifient l'esprit de la littérature. Il me semble que l'on n'as pas encore considéré comment les facultés humaines se sont graduellement développées par les ouvrages illustres en tout genre, qui ont été composés depuis Homère jusq'à nos jours.[295]

---

[293] Em janeiro as tropas francesas invadiram a Suíça e Madame de Staël que até então sentia-se integralmente francesa, sentiu pela primeira vez que amava a Suíça. Contudo, seus esforços foram em vão. Genebra foi anexada à França e o restante do país foi proclamado República Helvética. "foi assim que Jacques e Germanie tornaram-se franceses, coisa que ambos desejaram por toda vida, mas que nunca imaginaram que iria acontecer daquele modo. Tal feito tornava o banqueiro um emigrado [já que estava na lista dos emigrados desde 1789]. E a perda dos direitos feudais foi recompensada, já que sua filha, agora francesa por direito, teria livre acesso ao seu país". Ademais, aquela perda financeira não representou muito para os Necker, já que desde 1795 Jacques vinha investido enormes somas nos Estados Unidos, o que resultou em ganhos exorbitantes em nome de Madame de Staël, que recebia através de um banco de Londres. FERRER, op. cit.

[294] STAËL, Madame de. **De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales.** Paris: L'Imprimerie de Crapelet, 1800.

[295] Ibidem, p. 27.

> [Eu me propus a examinar qual é a influência da religião, dos costumes e das leis sobre a literatura, e qual é a influência da literatura sobre a religião, os costumes e as leis. Há, na língua francesa, sobre a arte de escrever e sobre os princípios do gosto, tratados, que não deixam nada a desejar (As obras de Voltaire, as de Marmontel e Laharpe); mas a meu ver não foram suficientemente atualizadas as causas morais e políticas, que modificam o espírito da literatura. Parece-me que não consideramos como as faculdades humanas foram gradualmente desenvolvidas por obras ilustres de todos os gêneros, desde Homero até os nossos dias.]

Ademais, na seção *De la littérature et ses rapports avec la liberté* [A literatura em suas relações com a liberdade], coloca que:

> Les progrès de la littérature, c'est-à-dire, le perfectionnement de l'art de penser et de s'exprimer, sont nécessaires à l'établissement et à la conservation de la liberté. Il est évident que les lumières sont d'autant plus indispensables dans un pays, que tous les citoyens qui l'habient ont une part plus immédiate à l'action du gouvernement. Mais ce qui est également vrai, c'est que l'égalité politique, príncipe inhérent à toute constituition philosophique, ne peut subsister, que si vous classez les différences d'éducation, avec encore plus de soin que la féodalité n'en mettoit dans ses distinctions arbitraires. La pureté du langage, la noblesse des expressions, images de la fierté de l'ame, sont nécessaires sur-tout dans un état fondé sur les bases démocratiques. Ailleurs, de certaines barrières factices empêchent la confusion totale des diverses éducations; mais lorsque le pouvoir ne repose que sur la supposition de mérite personnel, quel intéret ne doit-on pas mettre à conserver à ce mérite tous ses caracteres extérieus![296]
>
> [O progresso da literatura, isto é, o aperfeiçoamento da arte de pensar e de se expressar, é necessário para o estabelecimento e a preservação da liberdade. É óbvio que o esclarecimento é ainda mais indispensável em um país, que todos os cidadãos que o habitam têm uma participação mais imediata na ação do governo. Mas o que é igualmente verdade é que a igualdade política, um princípio inerente a toda constituição filosófica, só pode subsistir, se classeificar as diferenças na educação com um cuidado ainda maior do que o feudalismo o faz em suas distinções arbitrárias. A pureza da linguagem, a nobreza das expressões, imagens da fúria da alma, são necessárias sobretudo num estado fundado em bases democráticas. Em outros lugares, certas barreiras artificiais impedem a total confusão das várias educações; mas quando o poder repousa apenas na suposição de mérito pessoal, que interesse não deve ser colocado em preservar todos os seus caracteres externos a esse mérito!]

Ao analisarmos estas passagens, podemos observar que, para Germaine, o desenvolvimento das Luzes e da literatura só podem ocorrer em sociedades onde as instituições sociais sejam fundadas na liberdade de ideias e no respeito à pluralidade, o que estava em desacordo com as idéias e práticas políticas de Napoleão, que defendia a unidade nacional para a edificação de um Império forte e conquistador,

---

[296] Ibidem, pp. 52 - 54.

vinculado à valorização do passado expresso pelo classicismo e ambição de domínio cultural da França sobre os demais países da Europa.

Ela acreditava que o livro iria agradar o general, aquele que ela considerava estar preparando as bases de um governo verdadeiramente democrático, mas acabou aumentando a ira de Napoleão, que após importantes vitórias se afastou do exército e tornou-se Cônsul da França pelo Golpe do 18 Brumário. Neste ínterim, as ideias de Madame de Staël – que estavam muito bem explicitadas neste livro – passaramcada vez mais a desagradar ao cônsul, o que contribuiu para que a tensão entre eles fosse paulatinamente crescendo e ficando cada vez mais incontornável.

Anos depois, refletindo sobre aquele momento em que acreditava que a França estava caminhando rumo à liberdade e retomando os rumos da Revolução, ela ponderou:

> Pouvoit-on imaginer alors que, de toutes les combinaisons que le sort offroit à la France, celle qui devoit la conduire à étre conquise et subjuguée étoit de prendre pour chef le plus habile des généraux? La tyrannie anéantit jusqu'aux forces militaires mêmes auxquelles elle a tout sacrifié. Ce n'étoient donc plus les revers de la france au dehors qui faisoient désirer Bonaparte em 1799; mais la peur que causoient les jacobins le servit puissamment. Ils n'avoint plus de moyens, et leur apparition n'étoit que celle d'un spectre qui vient remuer des cendres; mais c'en étoit assez pour reanimer la haine qu'ils inspiroient, et la nation se précipita dans les bras de Bonaparte em fuyant um fantôme.[297]
>
> [Cabia imaginar que naquele momento, todas as possibilidades que a sorte oferecia para a França, ela iria optar pelo caminho que a conduziria à conquista e subjugação pelo mais hábil dos generais? A tirania acaba por destruir, inclusive, as forças militares mesmo aquelas que a tudosacrificaram. Não foram os reveses do exército que levaram a França a desejar Bonaparte em 1799: foi o medo que havia sido despertado pelos jacobinos que abriu a porta do poder a Bonaparte. Mesmo que os medos estivessem adormecidos sua aparição era como de um espectro que vem recolher suas próprias cinzas, Bonaparte foi suficiente para ressuscitar o ódio que inspiravam [os jacobinos], então a nação se lançou aos braços de Bonaparte fugindo de um fantasma.]

Ademais, Staël assentou:

> Le sortilége le plus puissant dont Bonaparte se soit servi pour fonder son pouvoir, c'est comme nous l'avons dejà dit, la terreur qu'inspiroit le nom seul du jacobinisme, bien que tous les hommes capables de réflexion sachent parfaitement que ce fléau ne peut renaitre en France. On se donne volontiers l'air de craindre les partis battus, pour motiver des mesures générales de rigueur. Tous ceux qui veulent favoriser l'établissement du despotisme rapellent avec violence les forfaits commis par la démagogie. C'est une

---

[297] STAËL, 1818, op. cit., v. 2, p. 232.

> tactique très-facile; aussi Bonaparte paralysoit-il toute espèce de résistance à ses volontés par ces mots: "voulez-vous que je vous livre aux jacobins?". Et la France alors plioit devant lui, sans que des hommes énergiques osassent lui répondre: "nous saurons combattre les jacobins et vous". Enfin même alors on ne l'aimoit pas, mais on le préféroit; ils'est presque toujours offert en concurrence avec une autre crainte, afin de faire accepter sa puissance comme un moindre mal.[298]
>
> [O sortilégio mais potente que se serviu Bonaparte para legitimar seu poder é, como citado, o terror que inspirava as palavras 'jacobinismo', todos os homens informados sabem perfeitamente que este flagelo não pode renascer na França. Muitos fingem temer os partidos derrotados para justificar medidas gerais de rigor. Aqueles que querem favorecer a instauração de um despotismo se referem violentamente aos crimes cometidos por demagogia. O que resulta em uma tática bastante simples. Bonaparte parabeniza qualquer resistência à sua vontade com estas palavras: "O senhor deseja que eu os livre dos jacobinos?" E então a França se curvou diante dele sem que os homens enérgicos ousassem responde-lo: "sabemos combater os jacobinos e a vós". Contudo, mesmo que não o amassem, 'o preferiam'. Quase sempre se apresentou em concorrência com outro temor com o objetivo de fazer aceitar o domínio como um mal necessário.]

Observamos que Madame de Staël levanta algumas questões importantes a respeito da ascensão de Napoleão Bonaparte. Segundo ela, ainda que a subida ao poder não tenha se dado por suas qualidades enquanto político, ela admite que naquele momento não se poderia supor que Napoleão iria se mostrar um déspota que subjugaria toda a nação

Assim, para ela, mais que a qualificação ou virtudes individuais, foram as circunstâncias que colocaram Napoleão no poder. Com isto, entendemos que Madame de Staël buscou desconstruir a imagem de Napoleão como um herói, bom governante ou mesmo indivíduo escolhido por suas qualidades individuais. Para ela, foram as condições internas, o medo, a apreensão que pairavam sobre a França que fizeram com que ele fosse visto como portador das esperanças dos franceses.

Contudo, ao mesmo tempo em que a crítica staëliana a Bonaparte se avolumava, o desprezo que ele sentia em relação a ela também aumentava. Como anunciamos no final da seção anterior, ele a considerava cada vez mais inoportuna por sua autonomia intelectual e posição social distinta e temia que ela forjasse em torno de si um movimento de subversão política.[299] Tal formulação vaiao encontro com o que aponta a pesquisa de Simone Balayé, que defende que Bonaparte tinha uma

---

[298] Ibidem, p. 245.
[299] RÉDEI, Anna Cabak. **An Inquiry into Cultural Semiotics:** Germaine de Staël's Autobiographical Travel Accounts. Discponível em: https://lucris.lub.lu.se/ws/files/5680981/1299331.pdf. Acesso em 12 de agosto de 2017.

postura bastante conservadora no que diz respeito à participação das mulheres na esfera pública. Considerava as pretensões de Madame de Staël pouco adequadas ao seu sexo. Ademais, via com desconfiança os encontros que ela promovia em seu salão, frequentado por muitos dos homens e mulheres influentes no cenário político e letrado francês,os quais se reuniam ali para debater ideias que ele rejeitava.[300] Desta forma, Bonaparte concebia aquele espaço perigoso por criar um ânimo oposicionista a ele e ao seu projeto político– o que de fato aconteceu.

Bonaparte acreditava encontrar em Madame de Staël traços característicos presentes nos grupos de oposição e conspiração – no que ele tinha absoluta razão, aponta Balayé.[301] Por sua vez, Madame de Staël nutria ressentimentos e ideias subversivas em relação ao novo regime. Não demorou para que ela passasse a definir Bonaparte como um tirano vaidoso que não governava para o progresso e a liberdade da França e dos franceses, mas para alcançar a glória pessoal, por pura vaidade e para perceber que tudo aquilo que ela criticava desde antes do processo revolucionário estava encarnado no ambicioso general. Ao se referir ao governo de Bonaparte, Staël escreveu que

> Ce qui caractérise le gouvernement de Bonaparte, c'est un mépris profond pour toutes les richesses intelectuelles de la nature humaine: vertu, dignité de l'âme, religion, enthousiasme, (...). Il voudrait séduire l'homme à la force et à la ruse, et désigner tout le rest sous le nom de bêtise ou de folie.[302]
>
> [O governo de Bonaparte se caracterizava por um profundo desprezo por todas as riquezas intelectuais da natureza humana: virtude, dignidade da alma, religião, entusiasmo (...). ele desejava reduzir o homem pela força e trapaça e classificar os restantes como estúpidos ou loucos.]

Segundo Balayé, a oposição de Madame de Staël foi resultado de sua decepção com um regime político que também não se alinhava ao ideário racionalista das Luzes. Não tardou para que ela começasse a fazer críticas abertas ao regime napoleônico. Tanto nas reuniões de seu salão quanto em suas obras, passou a criticar o regime e a usurpação da liberdade, que para Staël estava ocorrendo mais uma vez na história da França. A tensão entre eles atingiu tal dimensão que Bonaparte mandou o seguinte recado para a baronesa: "Vos aconselho a não bloquear caminhos que eu esteja engajado, sejam eles quais forem, pois romperei suas barreiras, as

---

[300] Ibidem.
[301] BALAYÉ, op. cit.
[302] STAËL, Madame de. **Dix aneés d'exil.** Paris: Plon-Nourrit/Cie, 1904, p. 22.

derrubarei".[Conseillez-vous de ne pas prétendre à barrer le chemin quelqu'il soit, où il me plaira de m'engager; si non, je la romprai, je la briserai].[303] É uma forma bastante direta e militar de dizer "acautele-se, mulher" – com sua pena, palavra e seus atos – e de deixar bastante evidente que ela estava sob vigilância.

Isso desagradou profundamente Madame de Staël, que aos poucos percebeu que a liberdade que ela defendia estava sob ameaça com o poder do cônsul. Neste imbróglio, ao fazer uma viagem a Coppet,[304] a qual foi registrada em seu diário, ela justificou seu afastamento de Paris:

> Ja partis pour Coppet dans ces entrefaites; l'état affreux de la Santé de M. Staël m'obligeait à accompagner aux eaux. Une nouvelle attaque d'apoplexie le fit mourir en route; et j'arrivai chez mon père dans un état très pénible d'accablement qu'aprés mon départe le Premier Consul s'était exprimé très vivement contre mes rapports de societé avec le général Bernadotte. Tout annonçait qu'il était résolu à m'en punir; (...).[305]
>
> [Em meio a tudo isto, fui a Coppet, mas o estado debilitado de saúde de M. Staël me obrigou a acompanhá-lo. Contudo, um novo ataque de apoplexia fez que ele viesse a óbito; e cheguei na casa do meu pai em um estado de prostração e ansiedade. Através das cartas vindas de Paris soube que depois de minha partida o primeiro Cônsul havia manifestado seu desagrado por minhas relações com o general Bernadotte. Tudo parecia indicar que ele estava decidido a me castigar; (...).]

Porém, a luta que estabeleceu com Napoleão era bastante desigual. Enquanto ela tinha apenas seu salão e sua pena para denunciar a tirania e a perseguição que sofria, o primeiro cônsul usou a força do Estado contra ela. Tentou isolá-la em seu salão, usando da violência simbólica contra seus amigos e defensores; negou pagar a dívida que o Estado francês devia aos Necker desde os Estados Gerais.[306] Contudo, ela não se intimidou. Mesmo sabendo que pioraria sua situação, usou a palavra escrita como arma política, produzindo textos nos quais criticava o arbítrio de Napoleão.

Com isto, em cada obra, conseguia não apenas reacender sua crítica e reafirmar seu posicionamento político, mas também aumentar sua fama. Todos estes acontecimentos, conjugados às vivências e reflexões de suas viagens, foram importantes para a publicação do primeiro romance de Madame de Staël, *Delphine*

---

[303] Ibidem, p. 89.
[304] Nesta viagem Madame de Staël encontrou com seu ex-marido, o barão de Staël, que não se encontrava em bom estado de saúde e faleceu após o que hoje chamaríamos de "acidente vascular cerebral" no dia 09 de maio de 1802.
[305] STAÉL, 1821, op. cit., p 73-74.
[306] BALAYÉ, op. cit.

[Delfina] (1802), uma criação literária que é produto de suas memórias e reflexões políticas acerca da situação do seu país e que será analisada com mais fôlego no próximo capítulo desta tese.

Já na obra *Dix annés d'exil* [Dez anos de exílio] (1821),escrita nos seus últimos anos de vida e publicada postumamente, a partir das anotações que acumulou durante seu período de desterro, Madame de Staël apresenta as experiências e vivências nos diversos lugares que passou, expondo como pano de fundo os acontecimentos políticos da Europa:

> Je n'entrerai point dans le récit des faits qui ont précédé l'arrivée de Bonaparte sur la scène politique de l'Europe: si j'accomplis le dessein que j'ai formé d'écrire la vie de mon père, je dirai ce que j'ai vu des premiers jours de la Révolution dont l'influence a changé le sort de tout le monde. Je ne veux retracer maintenant que la part qui me concerne dans ce vaste tableau. Mais, en jetant de ce point de vue si borné quelques regards sur l'émsemble je me flatte de me faire souvent oublier en racontant ma prope histoire.[307]
>
> [Não relatarei os feitos que levaram Napoleão ascender à cena política europeia; se chegar cumprir o projeto de escrever a biografia de meu pai, contarei tudo que ocorreu desde os primeiros dias da Revolução, cuja influência foi tanta que transformou o destino de todos. Por ora, desejo apenas delinear a parte que me concerne neste vasto quadro. Mesmo sendo um ponto de vista bastante limitado, me sinto orgulhosa de passá-lo a segundo plano enquanto conto minha própria história.]

Como defendido e analisado até aqui, entendemos que a escrita de Staël é uma maneira de *fazer-se*, de quebrar os silêncios que lhe foram impostos em diferentes ocasiões, através da violência perpetrada pela humilhação, perseguição e exílio. A escrita foi uma possibilidade de existência; de permitir que suas ideias e eloquência permanecessem mesmo que estivesse fisicamente ausente. Ademais, "*Dix années...*" é uma exposição das mazelas e dificuldades vivenciadas no período de desterro: uma narrativa apaixonada de suas experiências e viagens através da edificação da autorepresentação como uma mulher injustiçada, a despeito de sua inteligência, ilustração e distinção.

Ao longo da obra, ela deixa muito evidente que toda a perseguição e injustiça que sofreu foi fruto da intolerância aos valores que ela defendia: amor à liberdade e o desenvolvimento do espírito, conforme, por exemplo, podemos ver nesta citação:

---

[307] STAËL, 1821, op. cit., p. 02.

> Je ne dissimule point que le séjour de Paris m'a toujours semblé le plus agréable de tous: j'y suis née, j'y ai passé mon enfance et ma première jeunesse; la génération qui a connu mon père, les amis qui ont traversé avec nous les périls de la révolution, c'est là seulement que je puis les retrouver. Cet amour de la patrie, qui a saisi les âmes les plus fortes, s'empare plus vivement encore de nous, quand les goûts de l'esprit se trouvent réunis aux affections du coeur et aux habitudes de l'imagination. La conversation française n'exite qu'à Paris, et la conversation a été, depuis mon enfance, mon plus grand plaisir. J'éprouvais une telle douleur à la crainte d'être privée de ce séjour, que ma raison ne pouvait rien contre elle. J'étais alor dans toute la vivacité de la vie; et c'est précisément le besoin de jouissances animées qui conduit les plus souvent au désespoir, car il rend la résignation bien difficile, et sans elle on ne peut supporter les vicissitudes de l'existence.[308]
>
> [Não esconderei que a vida em Paris sempre me pareceu a melhor de todas: ali nasci, ali passei minha infância e minha primeira juventude; a geração que conheceu meu pai e os amigos que viveram conosco os perigos da revolução, só ali poderei voltar a encontrá-los. Este amor pela pátria, que se apodera das almas temperadas, nos pega com maior força quando os prazeres do espírito se unem aos afetos do coração e aos hábitos da fantasia. A conversação francesa existe apenas em Paris, e a conversação tem sido, desde minha infância meu maior prazer. A possibilidade de ver-me privada de viver ali me inspirava tal terror, que meu coração nada podia contra ele. Me encontrava então na plenitude da vida; e precisamente, a necessidade dos prazeres animados muitas vezes levava ao desespero, o que é difícil aceitar, já que sem ela não é possível suportar as instabilidades da existência.][309]

Ao tratar desta questão já nos últimos anos de sua vida – o que presumimos por ser a narrativa do ano de 1812, quando tinha 36 anos[310] – em viagem para a Suécia, Madame de Staël escreveu:

> Depuis que j'ai été si cruellement persécutée par l'Empereur, j'ai perdu toute espèce de confiance dans le sort; je crois cependant davantage à la protection de la Providence, mais ce n'est pas sous la forme du bonheur sur cette terre. Il s'ensuit que toute résolution m'épouvante, et néanmoins l'exil oblige souvent à s'y déterminer.[311]
>
> [Desde que fui tão cruelmente perseguida pelo Imperador, perdi toda minha confiança na sorte do destino. Contudo, creio na proteção da Providência, ainda que não na forma de felicidade neste mundo. Dali provém determinantes que me assustam, embora o exílio muitas vezes, me obrigue a obedecê-las.]

Madame de Staël demonstra como foi difícil a perspectiva de viver longe de Paris, a cidade que amava, que era seu lar, que fazia parte de si, assim como ela fazia

---

[308] Ibidem, p. 80 - 81.
[309] Ibidem, p. 32.
[310] Lembramos que Madame de Staël faleceu em 1817, com quarenta e um anos.
[311] Ibidem, p. 376 - 377.

parte dela. Tudo que havia vivido ali, bem como tudo que conhecia e amava também estava naquela cidade. Para ela, o exílio significava ser arrancada de si mesma e caminhar para o desconhecido e o longínquo, algo que lhe causava "terror no coração".

Como maneira de justificar suas ações, se descreve como uma mulher guiada por seus ideais, alguém que luta pelo "progresso das Luzes" e que usa a criatividade e imaginação como instrumentos para superar as adversidades. Enfatizava também que, apesar da imensa perseguição que sofria, era na verdade apenas "uma mulher perseguida", uma injustiçada que não tinha instrumentos para lutar contra tão poderoso homem – o que tornava tal disputa mais desigual e tortuosa.

Entendemos que, mais uma vez com intensa consciência histórica, Madame de Staël toma para si também o registro histórico. Elabora sua versão dos episódios que acometeram a França no alvorecer do século XIX, relacionando-os com seu exílio. Assim, ela justifica a escrita da obra *Dix anées d'exil*: colocava-se na posição de legítima narradora, de paladina da liberdade e, nesse sentido, dos verdadeiros valores que deveriam organizar a sociedade; como indivíduo que, como muitos outros iguais a ela, foi vítima do despotismo daqueles que não haviam sido tocados pelas Luzes. Logo, a História para ela é a "marcha do espírito rumo à liberdade" e tem como função a interpretação histórica afim de que se compreenda como a liberdade e o progresso foram alcançados. Ela se coloca como importante agente histórico, enquanto mulher que, através do uso da razão, lutou mesmo que tenha sido sobrepujada, garantindo a si e à sua obra lugar de destaque não apenas em seu tempo, mas de memória que a História lhe conferiria.

Em 1803, a baronesa havia sido novamente informada pelo chefe de polícia que ela deveria deixar sua residência em Paris. Contudo, desta vez o período que ficou afastada foi muito mais longo que o anterior, apesar dos constantes apelos de seus amigos e de Auguste – seu filho mais velho – junto a Napoleão e ao chefe de Polícia de Paris a fim de revogar seu exílio. Foi só em 1812 que Madame de Staël teve a oportunidade de voltar a residir na cidade que tanto amava.

Embora tenha tido uma vida bastante privilegiada, até a chegada da vida adulta Madame de Staël quase não havia viajado pelo continente europeu. Além da França

e da Suíça, ela conhecia apenas a Inglaterra,[312] país para o qual viajou com os pais em 1776, quando tinha dez anos. Naquela ocasião, ela teve a oportunidade de conhecer vários homens importantes como historiador Gibbon – que havia sido o amor de juventude de sua mãe. Ademais, a viagem contribuiu para que a Inglaterra se enraizasse em sua imaginação como lugar da liberdade, onde a política tinha como maior objetivo o bem comum, não o benefício de determinadas classes ou pessoas específicas, tal qual na França. Após esta viagem, foi apenas em 1793, quando retornou à Inglaterra para visitar Narbonne e alguns amigos emigrados, que Madame de Staël voltou a sair do circuito França – Suíça.

É interessante destacar que, além de muito dispendiosos, os deslocamentos por grandes distâncias eram também na maioria das vezes muito penosos, até mesmo para as pessoas da elite, que viajavam em suas carruagens confortáveis. Contudo, as más condições das estradas – que eram em sua maioria de terra – e os terrenos acidentados faziam com que o chacoalhar fosse constante e que atolamentos e quebra dos veículos fossem comuns, contratempos que obrigavam todos os viajantes a descer do veículo até a resolução do problema. Ademais, havia trechos extremamente íngremes e estreitos, além de travessias que não podiam ser feitas em coches. Em muitas rotas, a comodidade oferecida, mesmo pelas mais luxuosas carruagens, era substituída por mulas ou mesmo por caminhadas, fatores que tornavam os deslocamentos cansativos e que expunham os viajantes ao clima – que poderia ser de um calor escaldante, chuva intensa ou mesmo de um frio congelante sob forte nevasca. Outro problema comum era que, além de precárias, as estradas estavam cheias de assaltantes e contrabandistas que deixava frequentemente os viajantes suscetíveis aos crimes e à violência ao longo de suas jornadas. Devido a estas dificuldades, a estadia em estalagens e o uso de guias eram comuns no século XVIII e visavam tornar os trajetos menos árduos.[313]

Foi apenas no século XIX, com a implantação das ferrovias e da navegação marítima à vapor que as distâncias diminuíram para os europeus, tornando as viagens

---

[312] Segundo o historiador Eric Hobsbawn, no século XVIII a Inglaterra e, sobretudo, sua capital era um lugar importante no imaginário europeu. Naquele período, mesmo que não fosse uma cidade limpa ou bem iluminada, Londres e outras cidades eram destino de muitos viajantes europeus, que se deslocavam até o país para conhecer aquela que consideravam umas das nações mais poderosas do mundo. HOBSBAWM, Eric J. ***A Era das Revoluções*** *1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

[313] SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História,** v.22, n.44, 2002.

mais rápidas e confortáveis, muito diferente do que acontecia no século anterior. Apesar das dificuldades, foi no período setecentista que, a partir do ideal das Luzes[314] e das transformações capitalistas, surgiram dois tipos de viajantes, que impregnados pelo ideal ilustrado, passaram a entender as viagens não apenas como obrigações ou conquista, mas como prática que poderia oferecer acúmulo de conhecimentos. Assim, guardadas suas diferenças, surge o desbravador e o viajante por lazer.

O Iluminismo tinha inaugurado uma nova maneira de olhar para as sociedades e para o outro. O mito do bom selvagem (defendido por religiosos e filósofos como Jean-Jacques Rousseau) e o enciclopedismo haviam transformado o olhar europeu sobre a humanidade. Ademais, o pensamento ilustrado, ao defender o saber enciclopédico, lançou as bases para a irrupção de um desejo de busca pelo conhecimento, atiçou a curiosidade, o desejo pelo saber dos europeus.[315] Conforme aponta Marie-Noële Bourgue, o espírito das Luzes promoveu uma nova maneira de compreender o globo, sua geografia, natureza e os seres humanos. Mais que ambição por posse vitoriosa de novas terras, este novo espírito ilustrado e investigativo tornou os homens dos setecentos em curiosos pelo mundo.[316]

O explorador setecentista, patrocinado geralmente por seu monarca, saía em viagens de desbravamento. Aventurava-se em terras ainda desconhecidas, sejam da África, América do Sul, América do Norte ou mesmo na Ásia ou Oceania; "leva a cabo a exploração dos oceanos, empreende nos continentes e estabelece para a Europa, com mapas, desenhos, herbários e coleções, a matéria de um saber enciclopédico sobre o mundo".[317] Assim, diferente dos seus antepassados ou de seus sucessores, sua exploração não é motivada pelo espírito do triunfo conquistador dos séculos XVI e XIX. Nela, o objetivo era desbravar o mundo numa perspectiva de acumulação do conhecimento, "uma ambição curiosa e uma confiança a utilidade do saber são característica de uma época que pretende unir comércio, a ciência e o progresso",[318] em que eram amalgamados conhecimento e poder. Ideais que tornaram tais expedições uma questão central na geopolítica europeia,[319] bem como estava

---

[314] Ibidem.
[315] BOURGUE, op. cit, p. 209.
[316] SALGUEIRO, op. cit.
[317] BOURGUET, op. cit., p. 209.
[318] Ibidem, p. 209
[319] A historiadora Bourguet defende que a articulação entre poder e conhecimento era muito clara ao longo do século XVIII e foi questão central para o incentivo das viagens de exploração e patrocínio que os monarcas garantiam aos homens que se ambicionavam desbravar os continentes. Visto que,

profundamente enraizado no significado das viagens que as elites passaram a empreender pelo continente europeu ainda naquele século.

Naquele momento surgiu na Europa, conforme atesta a historiadora Valéria Salgueiro, uma nova maneira de viajar, a viagem por prazer – prática que está nas raízes no turismo de lazer da contemporaneidade – o Gr*and Tourist.* Prática das elites, que partiam em busca de deleite, visando o aprimoramento pessoal e fundadas na apreciação estética.[320] De cunho aristocrático, o *Grand Tour* significava "viagens pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo".[321] Assim o *Grand Tourist* era aquele indivíduo que praticava o *Grand Tour*. Era

> o viajante amante da cultura dos antigos e seus monumentos, com gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes. Um viajante acima de tudo de recursos e tempo nas primeiras viagens registradas pela histografia da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura.[322]

Assim, como era no caso dos exploradores, entendemos que neste tipo de viagem empreendida pelas elites através do continente europeu, a busca pelo enriquecimento cultural estava relacionada com progresso e poder - evidentemente, não diretamente relacionados ao Estado, mas pessoal e de classe. Visto que eram

---

segundo ela "[...] no século XVIII os laços entre descoberta e domínio do mundo não se afiguram tão simples como nas épocas da conquista, como o século XIV e o XIX, o século das Luzes oferece um campo de investigação particularmente aberto. Não que a época seja parca de ambições ou apetites materiais. Por detrás das viagens deste século misturam-se interesses pessoais e nacionais, objetivos políticos, miras estratégicas e comerciais. " Ibidem, op. cit, p. 121.

[320] Segundo a historiadora este tipo de viagem como prática social não relacionada a um indivíduo excêntrico iniciou em meados do século XVII, principalmente após o tratado de paz de Utrecht (1715). E já naquele século começou a ser importante componente de todo jovem inglês que pertencia a uma família de elite. Contudo, a prática foi interrompida devido às instabilidades causadas pela Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763) e voltou a ser prática frequente apenas após o fim do conflito bélico. Neste período o Grand Tour passou a atrair muitos viajantes, que quanto mais faziam e divulgavam suas viagens – seja para amigos, através de conversas ou sociabilidades ou mesmo publicando obras sobre suas experiências -, despertavam interesse daqueles que nunca haviam viajado e assim, contribuíam para a divulgação do *Grand Tour*. Apesar de no século XVIII ter se difundido para outros países, este foi um fenômeno, conforme aponta Valéria Salgueiro, sobretudo, inglês. Visto que a Inglaterra ocupava naquele momento importante lugar na economia europeia por seu domínio no mercado industrial e agrícola ocidental, o que promoveu – mesmo que indiretamente – o enriquecimento de muitos indivíduos, que passaram a ter tempo livre e capital para desfrutar de tal atividade.

[321] SALGUEIRO, op. cit., p. 290.

[322] Ibidem, p. 291.

práticas que ao enriquecer culturalmente os viajantes, lhes garantia poder simbólico, "superioridade do espírito". Ademais, entendemos que era uma maneira de auto compreensão e diferenciação cultural em relação às camadas populares – que desprovidas de capital e tempo livre, não tinham a oportunidade de desfrutar destas atividades, a não ser como empregados/empregadas ou acompanhantes.

Conjugado a esta questão está a busca pelo prazer - que se inicialmente era um vislumbre apenas das elites, no final do século já tinha se difundido por outras camadas sociais. Visto que o deleite passou a ser valorizado e a busca pelo conhecimento e apreciação estética faziam, naquele contexto, parte do seu rol de possibilidades e passaram a atrair filósofos, letrados, artistas "cuja a proveniência era primordialmente a Inglaterra, a França e a Alemanha, seguidas por outras nacionalidades, em menor escala".[323] Entre os principais destinos estavam Londres, os Alpes, Paris, Lion, as cidade italianas como Veneza, Roma, Florença e Nápoles, Países Baixos, algumas das cidades alemãs como Hannover, Dresden e da Áustria, como Viena.

Assim, não foi por acaso que Madame de Staël escolheu seus destinos de viagem. No seu exílio, ela reuniu os ideais do *Grand Tour* com suas ambições políticas e literárias, entendendo aquele momento como uma oportunidade de conhecer diferentes sociedades com mais tempo, observando-as em suas particularidades cotidianas, bem como conhecendo e analisando suas instituições, arte, literatura e língua. Contudo, ela deu um passo além, utilizou-as como um "laboratório". Aproveitando tais experiências, leituras e conhecimentos adquiridos para compor suas obras, enriqueceu aquela que era sua maior arma política. Logo, Madame de Staël foi capaz de aglutinar tais elementos a partir da prática do *Grand Tourism* – que no seu caso foi proporcionado pelo exílio – usando-o como oportunidade para revigoramento si e de sua escrita.

A viagem aos estados germânicos (Figuras 08 e 09) em dezembro de 1803 foi a primeira parte de muitas viagens que a baronesa fez pela Europa no período que estava proibida de voltar a Paris. Naquela época, Madame de Staël não dominava o idioma alemão e seu conhecimento sobre a Alemanha era baseado em algumas leituras, comentários feitos por Benjamin Constant, bem como correspondências

---

[323] Ibidem, p. 291.

trocadas com o poeta Schiller.[324] Seu principal objetivo nesta primeira viagem foi conhecer a região, a língua e os costumes, que até então eram praticamente desconhecidos para ela. Acompanhada de Benjamin Constant e dois dos seus filhos – Albert e Albertine de Staël – aquelafoi uma viagem ao desconhecido. Estava se afastando de seu lar, cruzando fronteiras que jamais havia atravessado e se entregando a um futuro encoberto por névoas que não lhe permitia vislumbrar o futuro.

FIGURA 09 -GERMANY AND ITALY IN 1803[325]

[Alemanha e Itália em 1803]



FONTE: William R. Shepherd (1926)

---

[324] MISSIO, Edmir. “Apresentação”. In: STAËL, Madame de. **Da Alemanha**; Tradução Edmir Míssio. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

[325] Mapa da região dos Estados alemães no ano de 1803, ano que Madame de Staël partiu da França. Autor: William R. Shepherd (1926). **University of Texas Libraries.** Disponível em: <https://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/history_europe.html> Acesso 20 jan 2019

.

A vida como ela conhecia até então havia ficado para trás, e com ela toda segurança que sua posição social havia garantido. Segundo Balayé, aquela situação aflorou em sua alma sentimentos que para ela tinham um simbolismo de morte e que ficava mais intenso por conta dos dias lúgubres de inverno[326], o que levado para sua escrita:

> Voyager est, quoi qu'on en puisse dire, un des plus tristes plaisirs de la vie. Lorsque vous vous trouvez bien dans quelque ville étrangére, c'est que vous commencez à vous y faire une pratrie; mais traverser des pays inconnus, entendre parler un langage que vous comprenez à peine, voir les visages humains sans relation avec votre passé ni avec votre avenir. C'est de la solitude et de l'isolement sans repos et sans dignité; car cet empressement, cette hâte pour arriver là où personne ne vous attend, cette agitation dont la curiosité est la seule cause, vous inspire peu d'estime pour vous-même, jusqu'au moment où les objects nouveaux deviennent un peu anciens, et créent autour de vous quelques doux liens de sentiment et d'habitude.[327]
>
> [Apesar de tudo que se possa dizer, viajar é um dos mais tristes prazeres da vida. Quando alguém vive satisfeito em um país estranho é porque já começou a olhar este país como sua segunda pátria. Atravessar cidades desconhecidas, ouvir continuamente uma linguagem que apenas se compreende , ver a cada passo figuras humanas que nada tem a ver com o nosso passado ou com nosso futuro, isto que se chama estar só, sem repouso ou dignidade, porque esse desejo, essa pressa de chegar onde pessoa alguma nos espera, essa agitação que só tem a curiosidade como motivo, inspira-nos pouca estima por nós mesmos, até o momento que os objetos novos que nos rodeiam se tornam mais antigos pelo decurso do tempo e principiam a criar em torno de nós alguns doces laços de sentimentos e costumes.]

O trecho acima é um extrato do romance *Corinne*, no qual, ao se referir à viagem de Oswald – que está a caminho da Itália –, Madame de Staël coloca suas impressões sobre viver longe de sua pátria. Notamos que apesar de utilizar o termo "Voyager" [viajar], neste trecho ela não está se referindo a viagens de curta duração, feitas para o deleite, conforme citamos acima. Ela se refere àquela pessoa que deixa sua casa, sua pátria, e passa a morar em outro país. O que fica evidente nesta frase, por exemplo: "Lors que vous vous trouvez bien dans quelque ville étrangére", [Quando alguém vive satisfeito em um país estranho é porque já começou a olhar este país como sua segunda pátria]. Ela se remete a quem fixa residência, mesmo que não pelo restante de sua vida, em um país estrangeiro, a quem fica um longo tempo que chega

---

[326] BALAYÉ, op. cit.
[327] STAËL, 1807, op. cit., p. 09.

a "olhar este país como sua segunda pátria" [c'est que vous commencez à vous faire une patrie].

Acreditamos que aqui ela esteja se referindo à própria experiência e às emoções que nela afloraram. Este romance foi produzido após sua primeira viagem à Alemanha e à Itália, quando ela já tinha passado pelo impacto inicial da partida da França e se adaptado, até mesmo apreciado, sua estadia naqueles países. Por conta disto, apesar de deixar bastante evidente o desconforto por estar fora da sua pátria, também afirma que o tempo pode levar à adaptação que transformará o estranhamento inicial em vínculos emocionais. Segundo Balayé, foi exatamente este o percurso emocional percorrido por Madame de Staël em sua primeira viagem à Alemanha, conforme veremos a seguir.

Quando pisou em solo alemão, viu "L'Allemagne noire et blanche de l'hiver lui parait fermée, hostile" [A Alemanha preta e branca do inverno, para ela parecia fechada, hostil].[328] Estranhamento e desconforto que perduraram durante sua estadia em Frankfurt, onde ficou cerca de um mês por sua conta e pela filha estar doente. O descontentamento com a cultura local, narrou ao seu pai em carta de setembro de 1803:

> (...) As far as I can see I am being well tastes treated here, but as regards enlightenment, the town is lacking, and all material things in Germany are unbearable: beds, food, stoves, all impressions are painful and, among the Germans, everything that is not distinguished is not entirely of the humans species compared to our customs and tastes. I tremble at the thought of these four months to which I have committed myself; I do not think they have positive inconveniences. It seems that people are kindly disposed towards me, the newspaper have not said anything annoying about me, the curiosity I excite is lively, even here, but I could easily think I were in a prison when my friend has left me. Ah! It is impossible to live anywhere but in one's home country. (…) I would like to see you again only after I have conquered that terrible enemy of my repose, exile; but I entreat you, consider if you can come to my aid to triumph over it (…) I no longer trouble myself so much about those diamonds, do not risk them, dear friend. Who knows if I shall go to Belin; I am longing so much to return to France. (…) since the attraction of the mind means nothing here beyond curiosity, there is no uncertainly about anything. Oh, find a way for me to settle in France again (…).[329]
>
> [(…) Até aqui, posso concluir que estou sendo muito bem tratada aqui, mas no que se refere ao esclarecimento, a cidade está em falta e todas as coisas materiais na Alemanha são insuportáveis: camas, comida, estufas, todas as impressões são dolorosas e, entre os alemães, tudo que não é distinguível, não é totalmente humano se comparado com nossos costumes e gostos. Eu tremo ao pensar nesses 4 meses em que me comprometi; eu não acho que

---

[328] BALAYÉ, op. cit., p. 107.
[329] Carta de Madame de Stäel, Frankfurt, 19 de novembro de 1803 apud SOLOVIEFF, op. cit. p. 156.

> eles tenham alguma inconveniência. Parece-me que as pessoas têm uma boa disposição comigo, os jornais não disseram nada desagradável sobre mim, a curiosidade que eu provoco é vívida, até aqui, mas eu poderia facilmente pensar que estava em uma prisão assim que meu amigo me deixou. Ah! É impossível viver em qualquer lugar que em nossa terra natal. (...) Eu gostaria de vê-lo novamente apenas após derrotar aquele terrível inimigo que é meu desterro, exílio; mas eu lhe suplico, considere se você pode vir me ajudar a triunfar sobre isso (...) Eu não mais me atormento tanto sobre esses diamantes, não os arrisque, caro amigo. Quem sabe eu deva ir para Berlim; eu estou com muitas saudades de retornar a França. (...) Desde que a atração da mente significa nada aqui além de curiosidade, não há incerteza sobre nada. Oh, encontre-me um meio para eu me instalar na França de novo (...)].

Contudo, quando ela chegou a Weimar, aos poucos suas impressões começaram a mudar. Paulatinamente, a insegurança, a falta de interesse frente uma cultura a qual num primeiro momento não havia interessado, cederam lugar para a admiração daquele país e curiosidade pelos outros que conheceu ao longo do período que esteve afastada da França.

Lá, em carta enviada ao pai, mais uma vez Madame de Staël usou a escrita para exteriorizar seus sentimentos e observações sobre as experiências pelas quais estava passando:

> (...) I have been wonderfully treated here. The Duke of Saxony-Weimar says that he had spent some time at your home in 75 and is rendering with me compound interest all the politeness at the court, and the he received from you. The day after my arrival and the day following that I dined and had supper at the court, and the duke came himself to the hotel; he is going to have plays by Goethe e Schiller performed at his theatre in my honour; in short, more politeness and goodness is not possible. The same applies to the society of great men like Wieland, Schiller etc. but here and in all Saxony the lowest class of society have read *Delphine*, so that my self esteem cannot desire more. One must go to a foreign country to know the extent of one's reputation. Even Chateaubriand is hardly known here. O well, my dear friend, the result of all that is an absence of pain, but no pleasure; pleasure is love, Paris or power; one of those three things is needed to fill the heart, the mind and one's activities, all the rest is metaphysical joy, but real sorrow if they lacking. What do you say to this faithful portrayal of my intimate self? (…) Goethe and Schiller have their brains full of the most bizarre metaphysics you can imagine. And since they live in isolation and are admired, they invent by themselves and have no difficulty making themselves accept what they have invented. There is no such easy audience as the one in Germany and, with that in mind, you can disparage my success in it. Now, the public very easily pampers the talent of the authors (…). Today I am putting Auguste in a boarding-school here in Weimar so that, for a fortnight, he will hear nothing but German spoken, and I am moving into small lodgings and leaving the hotel, the food of which has made me anxious about Albertine. In a few days I shall be going to Iena which is four leagues away from here, to see Goethe and a few professors (…). Joseph did tell me several times that he did not want [in Paris] this winter because he would not be there. To my mind, he was definitely softened at the end of our discussion. It is bizarre to say softened when every morning he sent a policeman to me; but I still consider the word just. He once told his brother: "*I thought she would hide herself in Paris* ", And in tis on those

> words I am basing my return in spring. Bit I cannot fathom that man. He said. "*What can she have to politicize with Melzi in Italy about*", but he had no liking for Germany, for he never expressed that feeling (…). In this country there is less life than anywhere else. Here idealism, schismatics, aesthetiscs, move minds more than world affairs, but the women are remarkably cultivated (…).[330]
>
> [(…) Eu tenho sido tratada muito bem aqui. O Duque da Saxônia-Weimar diz que ele passou certo tempo na sua casa em 75 e está me transmitindo com juros compostos toda a polidez que ele recebeu de você. O dia após a minha chegada e o dia seguinte a esse jantei e fiz a ceia na corte, e o próprio Duque veio ao Hotel, ele vai ter peças de Goethe e Schiller realizadas no seu Teatro em minha honra, resumindo, mais polidez e bondade não é possível. O mesmo se aplica para a sociedade de grandes homens como Wieland, Schiller e etc. mas aqui e em toda a Saxônia as classes mais baixas das sociedades leram Delphine, ou seja, minha auto-estima não pode desejar mais. Alguém precisa ir a um país estrangeiro para conhecer a extensão da sua reputação. Até mesmo Chateaubriand é pouco conhecido aqui. Bem, meu querido amigo, o resultado de tudo isso é a ausência de dor, mas sem prazer; prazer é amor, Paris ou poder; uma dessas três coisas é necessária para preencher o coração, a mente e as suas atividades, todo o resto é alegria metafísica, mas um arrependimento real se tudo isso estiver faltando. O que você diz desse fiel retrato do meu mais íntimo eu? (…) Goethe e Schiller têm os seus cérebros cheios das mais bizarras metafísicas que você pode imaginar. E como eles vivem em isolamento e são admirados, eles inventam para si mesmos e não tem dificuldades em fazer a si mesmos aceitar o que inventaram. Não há audiência mais fácil do que a da Alemanha e, tendo isso em mente, você pode depreciar o meu sucesso aqui. Agora, o público facilmente mima o talento dos autores (...). Hoje eu estou colocando Auguste em um internato aqui em Weimar, assim em uma quinzena de dias ele estará ouvindo mais nada do que alemão e eu estou me mudando para pequenos alojamentos e deixando o hotel, a comida que me fez tão ansiosa por conta de Albertine. Em alguns dias eu devo ir para Iena que fica a 4 léguas daqui, para ver Goethe e alguns professores (...). Joseph me falou várias vezes que ele não me quer [em Paris] esse inverno porque ele não estaria lá. Em minha mente, ele estava mais ameno ao fim da nossa discussão; é bizarro dizer ameno quando em toda manhã ele enviava um policial para mim; mas eu ainda considero a palavra justa. Ele uma vez disse a seu irmão: "*Eu pensei que ela iria se esconder em Paris*". São nessas palavras que estou baseando a minha volta na primavera. Mas eu não posso entender aquele homem. Ele disse: "*O que ele tem para politicizar sobre Melzi na Itália*", mas ele não tinha nenhum gosto pela Alemanha, ele nunca expressou esse sentimento (...). Nesse país há menos vida do que em qualquer outro lugar. Aqui idealismo, esquemáticas, estética, movem mais mentes do que questões mundiais, mas as mulheres são notavelmente cultas (...)].

Conforme podemos observar, Madame de Staël começa a se sentir mais à vontade em Weimar. Além de ser muito bem recebida, começou a se identificar com a Alemanha. Além de ter sido recebida por alguém que conhecia sua família, as sociabilidades e círculos letrados que começou a frequentar despertaram seu interesse. Fez com que aquela sensação de estranhamento se dissipasse: uma

---

[330] Carta de Madame de Stäel, Weimar, 15 de dezembro 1803 apud Ibidem.

sociabilidade culta e letrada era algo mais próximo do que ela conhecia como um lar. Em Weimar, suas obras já eram conhecidas. Ademais, lá também conheceu Schiller, Goethe, Wieland, entre outros indivíduos que assim como ela tinham prazer na conversação e desenvolvimento do espírito. Eram pessoas esclarecidas, escritores em quem ela encontrou identificação e prazer na companhia – embora sua relação com Goethe, por exemplo, tenha sido um pouco conflituosa, ela o admirava.

Podemos perceber que, por ter sido reconhecida por aqueles que ela considerava seus pares, ser recebida como uma figura da elite letrada e fazer parte de um círculo de sociabilidades e cultura que passou admirar, além de muito lisonjeiro, contribuiu para que ela se sentisse integrada àquela sociedade. Ademais, através dos encontros e das conversações, a baronesa começou a aprender sobre a filosofia e literatura alemãs – embora para ela fosse muito difícil entender o estilo filosófico alemão. Em carta ele definiu o estilo de conversação de Madame de Staël como:

> Seu objetivo era múltiplo: ela queria aprender a conhecer a Weimar moral, social e literária, e instruir-se com toda exatidão; mas queria também ser conhecida e buscava em conseqüência tanto valer suas idéias quanto parecia desejosa de penetrar as nossas.[331]

Concepção também expressa por Schiller, em carta escrita em dezembro de 1803:

> Em tudo que chamamos filosofia, ou seja, em todas as instâncias últimas e mais elevadas, entra-se em conflito com ela e assim se permanece, apesar de todo discurso. Mas seu natural e sentimento são melhores do que a sua metafisica, e seu belo entendimento eleva-se a um tesouro genial. Ela quer explicar, entender, medir tudo, não registra nada de obscuro, inacessível, e onde não pode iluminar com sua tocha, então para ela aquilo não existe. Por isso tem uma terrível aversão à filosofia idealista, a qual, na sua opinião, leva ao misticismo e à superstição, e esse é o ar sufocante onde sucumbi (...). Dessas poucas palavras, o senhor vê que a clareza, firmeza e espirituosa vivacidade de sua natureza só podem ter efeito positivo; o único incômodo é o jeito muito pouco habitual com que utiliza sua língua; é preciso transformar-se num órgão auditivo por inteiro para poder segui-la.[332]

Apesar de haver muitas parcerias firmadas e mútuas admirações, houve estranhamento entre Madame de Staël e a cultura alemã. Seus hábitos eram tidos

---

[331] DIESBACH, Ghislain de. **Madame de Staël**. Paris, Libr. Académique Penin, 1983. p. 295.
[332] GOETHE, W. & SCHILLER, F.. **Companheiros de Viagem**. Nova Alexandria: São Paulo, 1993, p. 201.

como pouco convencionais, e as ideias forjadas pelo pensamento ilustrado francês provocaram certo desconforto nos alemães e sensação de estranhamento em Madame de Staël. Apesar dos seus esforços, ainda os via através das lentes francesas de concepção do mundo. Para ela, apesar de os alemães terem belíssimas inclinações para a especulação filosófica, valorização dos sentimentos e da imaginação, no quesito *conversação* eles deixavam muito a desejar. E que, ademais, não havia ali – como em nenhum outro lugar – sociedade em que a *conversação* fosse mais animada e inspirasse tanta admiração do gênio como entre os franceses. O que deixou registrado em *De l'Allemagne:*

> Il me semble reconnu que Paris est la ville du monde où l'esprit et le goût de la conversation sont le plus généralement répandus; et ce qu'on appelle le mal du pays, ce regret indéfinissable de la patrie, qui est indépendant des amis même qu'on y a laissés, s'applique particulièrement à ce plaisir de causer que les Français ne retrouvent nulle part au même degré que chez eux. (...) En France, on sent le besoin de causer: la parole n'y est pas seulement comme ailleus un moyen de se communiquer ses idées, ses sentiments et ses affaires, mais c'est un instrument dont on aime à jouer et qui ranime les esprits, comme la musique chez quelques peuples, et les liqueurs fortes chez quelques autres. Le genre de bien-être que fait éprouver une conversation animée, ne consiste pas précisément dans le sujet de cette conversation; les idées ni les connoissances qu'on peut y développer n'en sont pas le principal intérêt; c'est une certaine manière d'agir les uns sur les autres, de se faire plaisir rèciproquement et avec rapidité, de parler aussitôt qu'on pense, de jouir à l'instant de soi-même, d'être appaludi sans travail, de manifexter son esprit dans toutes les nuances par l'accent, le geste, le regard, enfin de produire à volonté comme une sorte d'electricité qui fait jaillir des étincelles, soulage les uns de l'excès même de leur vivacité, et réveille les autres d'une apathie pénible. (...) Les Allemands donnent à chaque chose le temps nécessaire, mais le nécessaire en fait de conversation c'est l'amusement; si l'on dépasse cette mesure l'on tombe dans la discussion, dans l'entretien sérieux, qui est plutôt une occupation utile qu'un art agréable. Il faut l'avouer aussi, le goût et l'enivrement de l'esprit de société rendent singulièrement incapable d'aplication et d'étude, et les qualités des Allemands tiennent peut-être sous quelques rapports à l'absence même de cet esprit. [333]

> [A meu ver, Paris é reconhecidamente a cidade do mundo onde o espírito e o gosto pela conversação encontram-se mais amplamente disseminados; e aquilo que se chama saudade, esse lamento indefinível pela pátria, que independente até mesmo dos amigos ali deixados, aplica-se particularmente ao prazer de conversar que os franceses não encontram em parte alguma com a mesma intensidade. (...) Na França, a necessidade de prosear é sentida em todas as classes: diferentemente de outros lugares, a palavra não é apenas um meio para comunicar ideias, sentimentos e ocorrências, mas sim um instrumento cujo uso é apreciado e que reanima os espírito, tal como a música entre os povos, e os licores fortes de alguns outros. O tipo de bem-estar proporcionado por uma conversação animada não consiste propriamente no assunto dessa conversação; nem as ideias nem os

[333] STAËL,1810[?], op. cit., pp. 94 – 96.

> conhecimentos que nela podem ser desenvolvidos são seu principal interesse; importa certa maneira de agir uns sobre os outros, de ter um prazer recíproco e rápido, de falar tão logo se pense, de comprazer-se imediatamente consigo mesmo, de ser aplaudido sem esforço de manifestar seu espírito em todas as nuanças pela entonação, pelo gesto, pelo olhar, enfim, de produzir à vontade uma espécie de eletricidade que solta faíscas, aliviando uns do próprio excesso de sua vivacidade, e despertando outros de uma dolorosa apatia. (...) Os alemães dão a cada coisa o tempo necessário, mas o necessário em matéria de conversação é a diversão; ultrapassada essa medida cai-se na discussão, no colóquio sério, que é mais uma ocupação útil do que uma arte agradável. É preciso também confessar que o gosto e a embriaguez do espírito de sociedade provocam uma singular incapacidade para a aplicação e o estudo, e as qualidades dos alemães talvezdevam, sob certos aspectos, à própria ausência dessa agudeza.][334]

Segundo ela, a dificuldade da conversação alemã estava na construção e no estilo linguístico do seu idioma.

> Le Français ayant été parlé plus qu'aucun autre dialecte européen, est à la fois poli par l'usage et acéré pour le but. Aucune langue n'est plus claire et plus rapide, n'indique plus légèrement et n'explique plus nettement ce qu'on veut dire. L'allemand se prête beaucoup moins à la précision et à la rapidité de la conversation. Par la nature même de sa construction grammaticale, le sens n'est ordinairement compris qu'à la fin de la frase. Ainsi, le plaisir d'interrompre, qui rend la discussion si animée en France, et force à dire si vite ce qu'il importe de faire entendre, ce plaisir ne peut exister em Allemagne, car les commencements de phrases ne signifient rien sans la fin, il faut laisser à chacun tout l'espace qu'il lui convient de prendre; c'est aussi plus civil, mais moins piquant.[335]

> [O francês, tendo sido mais falado do qualquer dialeto europeu, é ao mesmo tempo polido pelo uso e afiado para o fim a que se destina. Nenhuma língua é mais clara e mais rápida, indica mais prontamente e explica mais claramente aquilo que se quer dizer. O alemão presta-se muito menos à precisão e rapidez da conversação. Pela própria natureza de sua construção gramatical, o sentido não é comumente compreendido senão ao final da frase. Assim, o prazer de interromper, que torna a discussão tão animada na França, e força a dizer bem rapidamente aquilo que importa ao ouvido, esse prazer não pode existir na Alemanha, pois o começo das frases não significa nada sem o fim; é preciso deixar a cada um todo espaço que lhe convém ocupar; isso é melhor para chegar ao âmago das questões, é também mais civil, mas menos agudo.][336]

Após esta temporada em Weimar, Madame de Staël foi para Berlim, onde conheceu os irmãos[337] Friedrich e August Schlegel, este seria um importante amigo e

---

[334] Tradução: MÍSSIO, Edmir de STAËL, Madame de. **Da Alemanha**; Tradução Edmir Míssio. São Paulo: Editora UNESP, 2016, p. 65 – 66.
[335] STAËL, 1810 [?], op. cit., p, 114 – 115.
[336] Tradução: Míssimo, Edmir de STAËL, op. cit., pp. 75 – 76.
[337] Goethe havia indicado para Madame de Staël que algum dos irmãos Schlegel para ser preceptores dos seus filhos. Tal incumbência foi assumida por August Schlegel.

parceiro intelectual com quem partilhava debates e a redação das obras.[338] Apesar de ser bem recebida nos salões literários e festas, Berlim não a agradara tanto como Weimar, que conforme explica em *D'Allemagne*, para ela era o "melhor dos principados alemães"[339]

Assim, apesar de todas estas dificuldades iniciais e sofrimento causado pela sua condição de exilada, Madame de Staël conseguiu não apenas viajar por locais como Viena,Berlim, e Weimar (Figura 08), mas graças à notoriedade que tinha alcançado, bem como ao círculo de amizades que estabeleceu, teve a felicidade de ser muito bem recebida em todas as regiões por onde passou.

Foi pela estima de seus amigos e pelos laços estabelecidos nos Estados Alemães que Madame de Staël encontrou apoio quando teve que sair da França. Mesmo quando estavam distantes, mantinham laços estreitos pelas trocas epistolares. Ademais, foram os amigos que a ajudaram a ampliar sua rede de amizades nos países estrangeiros. Portas se abriram a ela em várias residências, nos círculos letrados e nas Cortes da Europa, graças às recomendações de seus amigos.

Desta forma, defendemos que, mesmo sofrendo as humilhações causadas pelo exílio, Madame de Staël teve a alegria de contar com a rede de proteção e suporte de seus amigos, parceiros intelectuais e amantes. Eles foram seus sustentáculos, dando-lhe forças para continuar sua jornada – sendo também o alento que ela precisava nas horas difíceis. Foram ainda caros parceiros intelectuais que não apenas incentivaram seu caminho pelo esmero intelectual, como ajudavam na divulgação de suas obras.

As diversas viagens pelo território alemão foram registradas em suas cartas e notas de viagem, que deram origem, sobretudo, a já citada obra *D'Allemagne*. Ao analisar, por exemplo, as características do Estado alemão, diferentemente da França, que tinha uma unidade nacional, a Alemanha não compunha um Estado unificado, com características muito distintas entre cada região. Contudo, apesar das diferenças regionais, que segundo ela incidiam diretamente sobre a literatura, política e religião, ela afirma que havia traços gerais presentes em toda nação:

> Quelques traits principaux peuvent seuls convenir également à tout ela nation allemande, car les diversités de ce pays sont telles, qu'on ne sair comment reunir sous un même point de vue des religions, des gouvernements, des

---

[338] No mesmo período que Madame de Staël compôs *Del'Allemagne* August Schlegel escreveu a obra *Curso de Literatura Dramática* (1813).
[339] STAËL, 1810[?], op. cit., p. 97.

> climats, des peuples même si différents. L'Allemagne du midi est, à beaucoup d'égards, toute autre que celle du nord; les villes de commerce ne ressemblent point aux villes célèbres par leurs universités; les petits États diffèrent sensiblement des deux grandes monarchies, la Prusse et l'Autriche. L'Allemagne étoit une fédération aristocratique; cet Empire n'avoit point un centre commun de lumières et d'esprit public, il ne formoit pas une nation compacte, si l'on peut s'exprimer ainsi, le lien manquoit au faisceau. Cette division de l'Allemagne, funeste à sa force politique, étoit cependant trés favorable aux essais de tout genre que pouvoient tenter le génie et l'imagination. Il y avoit une sorte d'anarchie douce et paisible, en fait d'opinions littéraires et métaphysiques, qui permettoit à chaque homme le développement entier de sa manière de voir individuelle. Comme il n' existe point de capitale oú se rassemble la bonne compagnie de toute l'Allemagne, l'esprit de société y exerce peu de pouvoir; l'empire du goût et l'arme du ridicule y sont sans influence. La plupart des écrivains et des penseurs travaillent dans la solitude, ou seulemente entourés d'un petit cercle qu'ils dominent. Ils se laissent aller, chacun séparément, à tout ce que leur inspire une imagination sans contrainte; et si l'on peut apercevoir quelques traces de l'ascendant de la mode en Allemagne, c'est par le désir que chacun éprouve de se montrer tou-à-fait différent des autres. En France, au contraire, chacun aspire à mériter ce que Montesquieu disoit de Voltaire: *Il a plus que personne l'esprit que tout le monde a*. Les écrivains allemands imiteroient plus volontiers encore les étrangers que leurs compatriotes. [340]
>
> [Apenas que uns poucos traços principais podem convir igualmente a toda a nação alemã, pois a diversidade desse país é tanta que não há como reunir sob um mesmo ponto de vista religiões, governos, climas e mesmo povos tão diferentes. A Alemanha do Sul, sob muitos aspectos, completamente diversa da do Norte; as cidades comerciais não se parecem em nada com as cidades célebres por suas universidades; os pequenos Estados diferem sensivelmente das duas monarquias, a Prússia e a Áustria. A Alemanha era uma federação aristocrática; esse Império não tinha um centro comum de luzes e de espírito público, não formava uma nação compacta, faltando amarra ao feixe. Essa divisão da Alemanha, funesta à sua formação política, era, entretanto, muito favorável a todo tipo de experimentações do gênio e da imaginação. Havia uma espécie de anarquia terna e pacífica, no que concerne às opiniões literárias e metafísicas, que permitia cada homem o completo desenvolvimento de sua maneira individual de ser. Uma vez que não existe uma capital onde a boa companhia de toda a Alemanha possa se reunir, o espírito de sociedade exerce pouco poder: o império do gosto e o império do ridículo não têm influência. A maioria dos escritores trabalha na solidão, ou somente cercados de um pequeno círculo em que reinam. Cada um dele em separado entrega-se a tudo o que a imaginação sem limites lhes inspira; e se é possível perceber uns poucos vestígios de ascendência da moda na Alemanha ocorre pelo desejo que cada um sente de mostrar-se totalmente diferente dos outros. Na França, ao contrário, cada qual aspira a merecer o que Montesquieu dizia de Voltaire "ele tem mais do que ninguém o espírito que todo mundano tem". Os alemães imitariam com mais gosto os estrangeiros do que seus compatriotas.][341]

Ao longo da obra *De l'Allemagne,* Madame de Staël lança um olhar muito cuidadoso e sensível.[342] Reflete sobre a sociedade, artes, cultura, idioma, questões

---

[340] Ibidem, pp. 15 – 17.
[341] Tradução: MÍSSIO, op. cit., p. 19 – 20.
[342] Apesar da Alemanha não ser ainda unificada – fato que vai acontecer apenas na segunda metade do século XIX - e ser ainda formada por unidades autônomas, aqui usamos o termo "nação" para nos

políticas, mesmo que em alguns momentos inconscientemente, a partir da comparação com demais países europeus e, principalmente a França. Assim, lançando muitos elogios e apontando o que possui de melhor em relação à França – como por exemplos a inclinação aos sentimentos, à criatividade e à valorização da pluralidade e liberdade de pensamento – é como uma francesa que o faz.

Entendemos que neste ponto mais uma vez Madame de Staël representa o "trânsito" entre o "aqui" e o "lá". Que rompe com muitos dos pressupostos ilustrados – criticando, por exemplo, a hegemonia da razão sobre a emoção e a imposição cultural – e aproxima-se do romantismo alemão – valorizandoos sentimentos, por exemplo. Mas, sem romper ou aderir totalmente a algum deles.

O trânsito sempre esteve presente em sua vida desde suas origens paternas. Afinal, nascida na capital francesa, mas filha de suíços e protestantes; em sua formação fora educada para ser uma pessoa letrada, mas era mulher em uma sociedade que estabelecia muitos obstáculos de gênero; e, apesar de ter convivido desde menina com a aristocracia e de ter se tornado uma nobre após seu casamento, estava mais uma vez em um "não lugar", pois mesmo que não se visse como "povo" também não se identificava como nobre.

Na análise da sua escrita e trajetória, podemos observar que o movimento e o lugar de "outro" que ele proporciona fez parte da sua vida. Desde menina, ela aprendeu a lidar com estas questões e utilizá-las a seu favor. Optou por integrar em si cada uma das experiências e conhecimentos que estes trânsitos lhe proporcionavam e através do ponto de vista bastante específico que esta situação lhe garantiu, aliou sua formação à sensibilidade o que lhe proporcionou um ângulo de observação único.

Contudo, mesmo que transgredisse muitos dos princípios do pensamento ilustrado, Madame de Staël não os abandonou. Sua trajetória pessoal e intelectual não é de exclusão ou separação, mas de agregação. Ela não se encontra nem lá, nem cá, mas no vão, no triz, nas possibilidades abertas a partir da intercessão. Afinal, cruza fronteiras sem deixar sua bagagem ou sua identidade para trás, e em cada movimento

---

referirmos à Alemanha, pois é assim que Madame de Staël se refere a ela em várias passagens de suas obras. Embora saibamos que ainda não existia a "Alemanha" enquanto unidade administrativa ou estatal, ao longo do nosso estudo optamos por utilizar estar termo ao nos referimos ao território alemão por também ser termo utilizado por ela – inclusive como título de uma de suas obras, D'Allemagne.

ela agrega elementos novos, adicionando-os à sua bagagem e transformando-se a partir disto.

Por conta das outras observações já realizadas nesta tese, defendemos que apesar das dificuldades e sentimentos com os quais teve que lidar durante o período que estava afastada da França, os deslocamentos não foram percebidos somente como fardo ou perda, mas como oportunidades, foram o "outro lado da moeda" daquela situação que estava vivendo. Assim, se por um lado foi vítima da perseguição e violência, por outro, teve oportunidade de expandir seus conhecimentos e construir a si mesma em suas viagens.

Após passar uma temporada na Alemanha e o luto do pela morte do pai em 1804, Madame de Staël partiu para Itália com o amigo Schlegel e seus filhos em 1806. Ela havia se inspirado para conhecer a península italiana em Weimar a partir dos contatos com Goethe, que alguns anos antes tinha feito uma viagem para a Itália. Foi nesta viagem que planejou a escrita de um romance.

Por conta disto, mais uma vez as notas de viagem, observações e análises serviram para a composição da obra. Assim, entendemos que a viagem para Itália foi um "laboratório" para a escrita do romance *Corinne ou l'Italie*, publicado em 1807. Além de projetar suas experiências nas personagens, transpôs-se para o papel, criou seu *alter ego* com a protagonista Corinne. Neste romance usou a escrita como um horizonte de possibilidades, para recriar a si mesma, ressaltando as qualidades que tinha e como desejava ser reconhecida, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Ela partiu de Coppet em dezembro de 1806, quando a neve encobria as estradas e tornava a viagem melancólica. Este sentimento ela transpôs em sua narrativa quando a personagem Oswald está voltando para a Itália para ir ao encontro de sua amada Corinne:

> La neige tombait en abondance sur la terre déjà couvert de neige: on eût dir qu'on. Entrait dans l'enfer de glace si bien décrit par Le Dante. Toutes les produtions de la terre n'offraient plus qu'un aspect monotone, depuis le fond des précipices jusqu'au sommet des montagens; une même couleur faisit disparaître toutes les variétés de la végétation.[343].
>
> [A neve caia com abundância sobre a terra, parecendo ser ali o inferno de gelo descrito por Dante. Todas as vegetações tinham a mesma cor monótona,

[343] STAËL,1807, op. cit., vol. 2, pp. 443.

os rios corriam junto aos montes, e os abetos, embranquecidos pela quantidade de neve que os cobria, refletiam-se na água como espectros de árvores.]

FIGURA 10 - ITALY IN 1799[344]

[Itália em 1803]



FONTE: William R. Shepherd (1926)

[344] Mapa da Itália em 1799. **University of Texas Libraries**. Disponível em: <https://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/history_europe.html> Acesso 20 jan 2019.

.

Em suas viagens pela Itália, Germaine visitou Milão, Parma, Bolonha, Ancona, Lorena, Roma, Florença, entre outras cidades. Em cada lugar que visitava, buscava observar a natureza, a cultura, a organização política e também, em muitos deles, visitar os monumentos históricos. Balayé afirma que "Como na Alemanha, Madame de Stael estuda na Itália não apenas questões literárias, mas problemas políticos e composições sociais; para isso, ele tem que procurar as pessoas que melhor possam explicar" [comme en Allemagne, Mme de Staël étudie em Italie non seulement les questions littéraires, mais lesproblems politiques et les compotaments sociaux; pour cela, il lui fautrec chercher le gens qui pouvant le mieux la ressigner].[345]

Mais uma vez, a escolha do destino de viagem não foi ao acaso, pois entendemos que Madame de Staël fez esta viagem como parte do seu *Grand Tour* no período do exílio. Conforme dito anteriormente, Madame de Staël foi bastante influenciada a conhecer a Itália durante sua estadia na Alemanha. Mas, para além disto, é preciso lembrar que naquele momento a Itália desempenhava importante lugar no imaginário e na formação da identidade europeia. Era um destino obrigatório desde o Renascimento que permaneceu no *Grand Tour* e para os viajantes que desejavam desfrutar de momentos em que o deleite caminhasse ao lado do enriquecimento do espírito:

> O objetivo do *Grand Tour* era ampliar o conhecimento sobre a história e a arte dos antigos, um hábito aristocrático. Altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem e, se possível, a ilustração dos monumentos observados. A escrita do diário e a ilustração faziam parte de um ritual metodológico que ia se impondo, cujo ponto alto era sua publicação, ao retorno do viajante, o que ampliava o conhecimento e despertava o interesse dos leitores para novos projetos de viagem e novos conhecimentos. A publicação também conferia bastante prestígio ao autor, que procurava referir-se a passagens históricas e a textos da literatura clássica para estabelecer relações com o que era visto no ato da viagem, pois isso denotava um saber em moda e compartilhado com o publico leitor.[346]

Assim, o clima quente das cidades costeiras e paisagens muito particulares atraíam milhares de turistas, os quais reuniam também o desejo de ver monumentos históricos e artísticos que faziam parte da história da Europa. Assim, as viagens foram muito importantes no reconhecimento, descrição e representação visual dos monumentos. Valéria Salgueiro afirma que "o culto ao antigo do século XVIII foi em

---

[345] BALAYÉ, op. cit., p. 109.
[346] SALGUEIRO, op. cit., p. 301.

boa parte alimentado com escavações e descobertas, sobretudo na Itália com suas ruínas e suas cidades Herculano e Pompéia, soterradas por tantos séculos pela erupção do vulcão Vesúvio de 79 d.C".[347] Viagens que eram uma maneira de olhar para trás, para um passado tido como glorioso, onde o indivíduo se percebia como herdeiro de uma civilização imponente. Uma construção histórica de autorepresentação e construção identitária que até hoje é muito cara não apenas aos europeus, mas aos ocidentais de maneira geral.

Partindo da Itália, Madame de Staël voltou aos Estados Germânicos para uma segunda visita. Contudo, aquela foi uma viagem bem menos expressiva do que a anterior. Naquela época, Goethe já tinha falecido e também não voltou a ver Schiller. Assim como na primeira viagem, seu destino ao sair da Alemanha foi Coppet, onde teve a oportunidade de reunir em volta de si intelectuais, artistas e ativistas políticos como Benjamin Constant, Talleyrand, August Schlegel, Zacharias Werner, Sismonde de Sismondi e Vicenzo Monti, os quais, assim como ela, eram amantes do saber. Ademais, o grupo tinha forte conotação política, tornando-se um espaço de crítica ao governo napoleônico.[348] Madame de Staël foi alçada símbolo da resistência napoleônica, o que desagradou ainda mais o imperador, que mesmo de longe, continuava mantendo os olhos em Madame de Staël.

Conhecido como *Grupo de Coppet,* aquele círculo foi mais um espaço onde a parceria intelectual e os laços afetivos tinham a oportunidade de se estreitar. Era mais uma maneira encontrada para existir que meio à turbulência que a Europa estava vivendo – adisputa política estava colocando umas nações contra as outras e o sonho de liberdade trazido pelo projeto ilustrado estava se esfarelando. Com isto, criou-se em Coppet uma república das letras, uma confraria onde homens e mulheres – como ocorrido outrora nos salões dos séculos XVII e XVIII – tiveram a oportunidade de interagir livremente, expor-se aos outros através das conversações e da escrita, criando uma espécie de oásis em que podiam experimentar formas de existência que não era possível em outros locais.

Interessante destacar que, mesmo que sua trajetória durante o exílio tenha sido bastante errante, foi em Coppet que Madame de Staël estabeleceu um refúgio, um porto seguro onde podia descansar entre suas viagens. Além de ser a residência que

---

[347] Ibidem.
[348] MISSIO, op. cit, p. XIII.

havia sido dos seus pais, um lugar de memória afetiva onde se sentia em casa, era perto de Paris, mas não o bastante para que o imperador exercesse sobre ela algum poder. Ademais, conforme aponta Balayé, Coppet ficava numa posição geográfica bastante estratégica, visto que se localizava numa intercessão entre vários países da Europa, entre o mundo latino e o germânico.[349]

IMAGEM 11: EUROPE CENTRAL IN 1803[350]

[Europa central em 1803]



Fonte: University of Texas Libraries

[349] BALAYÉ, op. cit., p. 111.

[350] Mapa da Europa Central em 1803, por William R. Shepherd (1926). **University of Texas Libraries.** Disponível em: <https://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/history_europe.html>. Acesso 20 jan 2019.

O lugar que num primeiro momento foi visto por ela como uma prisão, que a afastaria do seu país e a impedia de exercer as atividades que tanto gostava, bem como de estar em contato com aqueles que considerava as mentes mais ilustres do seu tempo, aos poucos foi ressignificado e entendido como um refúgio e um espaço que oferecia um horizonte de possibilidade para novas formas de ação política, de sociabilidades e de experimentações de si.

> Madame de Staël ouvre da maison à tous les courants d'idées, à toutes les intelligences, à toutes les nacionalités, mot inventé dans cet milieu. C'est à elle que le group doit d'exister, fluctuant au gré de ses sympathies, de ses positions politiques, de ses travaux littéraires. Le rôle de Madame de Staël dépasse infiniment celui la simple hospitalité. Créatrice de ce groupe, elle en est l'âme et la raison d'être. Ses amis en sont bien conscients.[351]
>
> [Madame de Stael abre a casa a todas as correntes de ideias, a todas as inteligências, a todas as nacionalidades, palavra inventada nesse período. É devido a ela que o grupo existia, flutuando de acordo com suas simpatias, suas posições políticas, suas obras literárias. O papel de Madame de Staël supera infinitamente o de mera anfitriã. Criadora deste grupo, ela é sua alma e a razão de ser. Seus amigos são conscientes disto.]

Uma das marcas do seu exílio são as viagens e o constante deslocamento, afinal ela não se exilou em um só lugar. Pelas viagens, ela teve a oportunidade de entrar em contato com o que denominava de "costumes dos povos", algo muito produtivo na elaboração de suas ideias cosmopolitas e tão de acordo com as Luzes e o que ela acreditava ser fundamental para uma compreensão ampla acerca dos países: "rapidamente ela adquire a convicção que não podemos falar de um país nem o que se passa em seu campo intelectual sem tê-lo visitado. Seus aspectos contribuem para que possamos compreendê-lo no seu modo de ser" [elle acquiert vite la conviction qu'on ne peut parler d'um pays, ni de ce qui s'y passe dans le domaine intellectual, sans l'avoir visité. Son aspectc on court à la comprehension de son être"].[352]

Observamos que, embora Staël tenha vivenciado momentos únicos, tido a oportunidade de viajar pela Europa e viver cercada por amigos e amantes, o exílio foi uma experiência que muito a marcou. Foi uma experiência do trauma, sentimento de perda e da ausência. Tendo que deixar Paris contra sua vontade, afastar-se de sua vida na cidade que amava, precisou não apenas se reinventar, mas encontrar e

---

[351] BALAYÉ, op. cit, p. 111.
[352] RÉDEI, op. cit.

construir novos espaços nos quais pudesse *fazer-se*, realizar-se, sentir-se viva. Assim, defendemos que além da escrita, estar em constantes viagens, quando teve a oportunidade de estudar, aprimorar seu conhecimento, adquirir bagagem cultural e estar em contato com pessoas que admirava, foi a maneira que Madame de Staël encontrou para lidar com suas dificuldades pessoais.

Em contrapartida, a expedição da ordem de afastamento de Paris foi a maneira encontrada por Bonaparte para silenciar uma mulher que ele considerava uma ameaça à ordem política e social. Contudo, esta não foi a única arma utilizada por ele contra sua opositora. Antes do exílio, Madame de Staël foi alvo do sarcasmo e escárnio de Bonaparte. Ele não apenas proferiu injúrias em relação à sua aparência física e aos seus modos pouco contidos, como também pelas várias insinuações de que ela tinha problemas mentais.[353] Foram formas bem usuais e conhecidas por Bonaparte e tantos outros não só naquela época, para humilhar e desqualificar mulheres como Madame de Staël.

Assim, enquanto Madame de Staël formulou sua crítica a Napoleão Bonaparte a partir de argumentos políticos e morais, Bonaparte a desqualificou por meio do escárnio. Bonaparte ridicularizou seus traços físicos como maneira de diminuí-la em sua feminilidade. Questionou sua sanidade mental como forma de invalidar suas ideias. Não tardou para que ele a forçasse ao exílio, fazendo-a viver mais de dez anos afastada de seu país que tanto amava.

Contudo, Bonaparte não contava que aquela que era para ser sua cartada final, que silenciaria sua oponente de uma vez por todas, foi na verdade – não embora sem sofrimento – o grande impulso ao reconhecimento internacional de Madame de Staël, bem como de produção e circulação da crítica ao seu projeto imperialista. Desta forma, embora tenha sido forçada a se despedir de seu país e tenha vivido infortúnios, o período de exílio foi, para Madame de Staël, bastante profícuo, como veremos adiante.

Não pretendemos com essa leitura minimizar a experiência do exílio de Madame de Staël, apenas como se fosse uma oportunidade para adquirir conhecimento cultural e/ou intelectual, ou mesmo de obtenção da tão almejada glória, como se o período de exílio fosse uma pré-condição necessária para chegar a uma

---

[353] HEROLD, op. cit.

condição mais elevada. Concordamos com a crítica de Edward Said de que esta é uma visão bastante simplista da experiência do exílio, que reduz todas as experiências e sentimentos aos ganhos futuros. Desconsidera os traumas, as violências físicas e simbólicas, os sofrimentos e momentos de insegurança que os exilados passaram no período que estiveram longe da sua terra. Esquece que "estar arraigado é talvez a mais importante e menos reconhecida necessidade da alma humana".[354]

Como comentado anteriormente, embora as obras "*Considérations...*" e "*Dix anées...*" tenham sido produzidas a partir de anotações e diários que Madame de Staël escreveu ao longo do período da Revolução Francesa e de seus exílios, foi somente na sua maturidade que ela reuniu estes rascunhos e escreveu as duas obras. Dessa maneira, defendemos que ambas as obras são gêneros literários híbridos. Enquanto "*Considérations...*" é uma obra histórica na qual a autora se coloca como testemunha ocular de vários momentos, "*Dix anées...*" é um caderno de memórias que tem como pano de fundo o período Napoleônico. Logo, consideramos que enquadrá-los em categorias estanques seria muito injusto. O que buscamos problematizar é como passado e presente, escrita de si e análises históricas e políticas se cruzaram para a produção das duas obras aqui comentadas.

Ademais, consideramos que a obra "*Dix anées...*" teve dupla função para Madame de Staël: a de reassumir um lugar de enunciação que lhe foi negado com o exílio, bem como obter a redenção para seu pai e aqueles que considerava os espíritos ilustrados injustiçados pelo despotismo que corrompeu a revolução. Foi a maneira encontrada por ela para produzir um balanço da história da França, assumindo para si, do alto de seu gênio, o lugar de juíza ao fazer justiça para com aqueles que como ela foram vítimas das paixões revolucionárias; condenando aqueles que desvirtuaram a liberdade que, para Madame de Staël, era o destino da França.

Como anuncia a epígrafe que abriu esta seção do capítulo, para Madame de Staël a Revolução Francesa não significou um acontecimento ao acaso, ela era "inevitável", estava destinada a acontecer, fazia parte da marcha do povo francês rumo à liberdade, este bem supremo para ela e para tantos de seus contemporâneos perseguidos pelo poder. Assim, a escrita passou a ser a maneira de retomar para si –

---

[354] MONTANÊS, op. cit., p. 14.

mesmo que de maneira simbólica – as rédeas de sua vida; de quebrar o silenciamento que lhe fora imposto por Napoleão quando a expulsou de Paris. Foi a maneira de (re)existir à exclusão que estava lhe sendo imposta. Enfim, a escrita foi a forma encontrada para (re)existência que lhe permitia continuar sendo ouvida/lida, mesmo quando estava distante fisicamente. Foi pela escrita se manteve ativa através do exercício do pensamento e da crítica, práticas presentes também na sua escrita ficcional, conforme veremos no próximo capítulo.

4. EXPERIMENTAÇÕES POSSÍVEIS: A FICÇÃO DA MADAME DE STAËL

> Criar não é comunicar, mas resistir. (...) Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras.
>
> (Deleuze)[355]

A vida de Madame de Staël foi marcada pelos acontecimentos políticos que abalaram a França nos últimos anos do século XVIII e no começo do século XIX. Com a convocação dos Estados Gerais e o posterior desenrolar da Revolução Francesa, Madame de Staël acreditava pertencer ao seleto círculo dos indivíduos que conduziriam as transformações políticas da nação. Por conta disso, buscou acompanhar as discussões políticas, estar a par dos debates sobre a Constituição, bem como participar dos salões, sempre ambicionando influenciar nas decisões que, segundo ela, conduziriam a França ao progresso e à liberdade.

Ademais, ela se dedicou à escrita ao elaborar críticas à socidade, à política e a fazer reflexões sobre suas expectativas acerca do futuro e de suas experiências pessoais, sempre dialogando com os letrados do seu tempo e demonstrando vasta erudição. Assim, sua escrita foi marcadamente política e mesmo quando escreveu obras de ficção, dissertou sobre literatura ou ressaltou a importância da imaginação, ela o fez sob esta ótica.

Madame de Staël reivindicava a expressão de suas ideias pela escrita literária, pois a entendia como um espaço para a interlocução e difusão de suas ideias – o que não era possível às mulheres pela ação política. Para dar forma ao seu pensamento, além dos tratados e ensaios, gêneros considerados elevados e racionais, Madame de Staël se dedicou também à ficção, já que, segundo ela, através da imaginação os autores poderiam proporcionar aos leitores uma experiência de deleite, ao mesmo em que podiam contribuir para sua formação moral.

Madame de Staël utilizou a criação literária para dar voz às suas ideias, fazer críticas à sociedade, aos indivíduos, à política, entre outros. Logo, por ser respaldada pela liberdade criativa que a ficção lhe garantia, a escrita ficcional de Madame de Staël é um terreno fértil para compreender mais de perto a sua subjetividade, para

---

[355] DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter PálPelbart. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2008, p.183.

mergulharmos a fundo nos seus desejos, ambições, mágoas e, sobretudo, analisarmos as representações que ela elaborou acerca dos gêneros, da razão, dos sentimentos e até mesmo, sobre si mesma. A partir disto, tomando como fio condutor a concepção staëliana de literatura e sua importância para a sociedade, neste capítulo vamos tratar da escrita ficcional de Madame de Staël.

Iniciaremos o capítulo com *Essai sur les fictions* [Ensaio sobre as ficções] publicado em 1795, no qual a autora defendea ficção como meio de difusão da filosofia e da moral. O objetivo é compreender como Madame de Staël elaborou sua crítica à exclusividade da razão, reivindicando a importância dos sentimentos e da imaginação para a formação moral e sentimental dos indivíduos, mas igualmente das sociedades.

A partir desta *metacrítica* ao pensamento ilustrado no que concerne à primazia da razão, trazemos à análise o romance *Julie ou la Nouvelle Heloïse* [Julia ou a nova Heloísa], de Jean Jacques Rousseau, publicado em 1761. Trata-se de um romance paradigmático, fundamental para a guinada sentimentale que exerceu profunda influência no pensamento de Madame de Staël – mas de maneira crítica, como será tratado.

A escolha de trazermos mais uma vez Jean-Jacques Rousseau ao nosso texto se deve pelo fato de o filósofo e a citada obra serem basilares para a concepção de literatura, bem como da crítica staëliana aos pressupostos ilustrados. Como veremos adiante, Madame de Staël partiu dos pressupostos rousseauístas ao deliberar sobre a importância das ficções e para erigir sua crítica ao império da razão e valorização da moral – ambas questões muito presentes em sua escrita ficcional. Desta forma, entendemos que é fundamental mais uma vez retornarmos ao filósofo genebrino e relacioná-lo com a produção de Madame de Staël para que assim possamos compreender sua concepção de ficção, bem como a sua escrita ficcional.

Após esta análise passamos à análise das personagens principais dos dois romances escritos por Madame de Staël: *Delphine* [Delfina] (1802) e *Corinne ou l'Italie* [Corina ou a Itália] (1807). Nestas duas obras a autora criou enredos com protagonistas mulheres que subvertem os padrões de gênero da sua época, que representam o espírito das Luzes, mas que, tragicamente padecem frente a uma sociedade preconceituosaincapaz de aceitá-las.

Para isto, num primeiro momento problematizaremos a literatura no século XVIII refletindo, sobretudo, sobre questões sociais e de gênero que permearam o surgimento, a crítica e a consolidação do romance como gênero literário e como tais

questões se fizeram presentes para a formação do cânone literário desde o século XVII.

Ressaltamos que nosso objetivo ao levantar tais debates relativos à prática literária nos séculos XVII e XVIII, é problematizar tanto as atividades relativas à escrita como também ao estabelecimento do cânone. Buscamos compreender como o gênero se constituiu como elemento central para a formação do universo literário e como foi importante na criação de parâmetros para a relação que os indivíduos estabeleceram com a cultura escrita.

Apesar de Madame de Staël ter sido muito importante no cenário político, letrado e das sociabilidades das elites na virada do século XVIIII para o XIX, ela não foi uma voz isolada, sequer excepcional. Ela é representativa de um debate que, conforme já apontado, envolvia muitos homens e mulheres da sociedade francesa. Assim, entendemos que sua singulariade reside na sensibilidade tão cultivada e defendida por ela, em estar atenta aos debates e reunir elementos, colocá-los em conexões, ressignificá-los e/ou encadeá-los criando um discurso próprio e e inovador. Com isso não advogamos um "lugar" de Staël no cânone, muito menos propor uma análise revanchista ou mesmo defini-la como um gênio injustiçado. O que se busca conhecer sua sua trajetória e escrita de maneira articulada, atentando como as questões sociais e de gênero foram fundamentais em sua inserção literária e para o reconhecimento de suas obras.

Defendemos que Madame de Staël partiu de suas experiências e concepções a respeito da sociedade de seu tempo para compor os romances *Delphine* [Delfina] (1802) e *Corinne ou l'Italie* [Corina ou a Itália] (1807). Nestes romances ela não apenas advoga em favor da autonomia feminina, mas também elabora uma crítica social ao que considerava ser as mazelas da sociedade que impediam que o desabrochar da liberdade, condenando os espíritos autênticos e virtuosos à miséria. Nestes livros, ela recorreu à ficção para expor suas opiniões políticas etransferiu para a escrita suas opiniões sobre a condição feminina, criando heroínas que que combinam todos os atributos que as mulheres deveriam ter.

Delphine e Corinne são mulheres livres e esclarecidas que reúnem em si as mais belas virtudes morais. Por mais que despertem admiração e paixão de homens e mulheres que as enxergam como seres perfeitos, elas padecem frente a uma sociedade marcada pelo despotismo e os preconceitos que penalizam as virtudes em nome de costumes pervertidos.

Entendemos que Madame de Staël compôs personagens que reúnem, cada uma à sua maneira, virtudes e traços subjetivos femininos que acreditava serem admiráveis. Ao esboçar as personagens destes textos, a escritora demonstrou o desejo de transgredir o modelo tradicional de feminilidade.Nas duas obras, Madame de Staël usa a escrita ficcional para criar novas possibilidades; delineia uma "criação do possível" pelo recurso da imaginação, capacidade humana que ela exalta como sendo o atributo mais importante dos seres humanos. Reunindo deleite ao compromisso com as Luzesna escrita de seus romances, Madame de Staël abriu a possibilidade para que – assim como ela – outras mulheres – suas leitoras - pudessem almejar romper com as barreiras que eram impostas ao seu sexo. Apesar de não reivindicar lugares institucionais para si e outras mulheres, Madame de Staël subverteu o ideal ilustrado de mulher; vislumbrou uma posição social que, diferentemente dos ideais feministas de suas sucessoras mais de um século depois, foi de suma importância para o debate acerca das capacidades femininas.

4.1 FICÇÃO E (DES)TERRITORIALIDADE: A IMAGINAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR

> In n'est point de faculté plus précieuse à l'homme que son imagination; la vie humaine semble si peu calculée pour le bonheur, que ce n'est qu'à l'aide de quelques créations, de quelques images, du choix heureux de nos souvenirs, qu'on peut rassembler des plaisirs épars sur la terre, et lutter, non par la force philosophique, mais par la puissance plus efficace des distractions, contre les peines de toutes le destinées.[356]
>
> Não há nenhuma faculdade mais preciosa para o homem do que sua imaginação. A vida humana parece tão pouco calculada para a felicidade, que é apenas com a ajuda de certas criações, de certas imagens, da escolha feliz de nossas lembranças, que podemos reunir alguns prazeres esparsos sobre a terra e lutar, não por meio da força filosófica, mas pelo poder mais eficaz das distrações, contra as penas de todos os destinos.[357]
>
> (Madame de Staël)

Segundo a pesquisadora Emília Mendes Lopes, a ficção literária é uma manifestação própria da prosa articulada pela narrativa que a organiza e permite que

---

[356] STAËL, Madame. "Essai sur les ficctions". In: STAËL, Madame. **Ouvres Posthumes** [s.l.: s.n.]. V. 01. [19--?], p. 63.
[357] Tradução: CAETANO, op. cit., p. 32.

seja transmitida ao interlocutor. Embora nem toda narrativa seja ficcional – pode ser também jornalística ou historiográfica,[358] por exemplo – a ficção é organizada numa estruruta narrativa na qual são encadeados elementos que lhe conferem sentido.[359]A ficção torna indissociável *ficção* e *narrativa,* embora não delimitando a maneira com que ela poderá ser expressa, visto que pode ser produzida em qualquer tipo de produção literária na qual o enredo seja elaborado pelo recurso à imaginação.

Historicamente o discurso ficcional tem sido elaborado a partir de diversos gêneros como novelas, contos, romances. Está presente nas culturas orais e foi fundamental para a criação do mercado literário e do público leitor.

A ficção fez - e ainda faz - parte da formação dos indivíduos, é sua companheira ao longo da vida, oferecendo infindas possibilidades ao misturar o dado real imediato ao imaginário. Ao manter-se afastada das polêmicas filosóficas e científicas sobre verdade e falsidade, sua principal distinção é estar entre estas duas referências éticas, é realizar um "tratamento específico do mundo". É um tipo de escrita que não se prende aos fatos reais, recorrendo à imaginação e à criação para experimentações com a escrita e com o real, para a elaboração de versões daquilo que *poderia* ser real.

Esta proximidade, segundo Lopes, fez com que os textos de ficção adquirissem estatuto literário, ao ponto de que litetatura e ficção tenham sido – e ainda sejam - entendidas como sinônimos, ou como "narrativas de eventos imaginários". Contudo, Lopes ainda destaca que apesar de próximas, ficção e literatura não são sinônimos. Embora haja certas aproximações ou mesmo sobreposições de significados, "a Ficção seria um tipo de discurso que poderá estar inserido no conjunto de textos pertencentes à instituição Literatura; esta última, por sua vez, seria um juízo que valor estético dissociado do discurso ficcional".[360]

Partindo destes pressupostos, nesta tese realidade e ficção não são dissociadas ou separadas, como também a literatura ficcional não é uma

---

[358] No século XX os debates acerca da relação entre verdade e história mobilizaram muitos historiadores ponderando sobre a relação que o historiador estabelece com seu objeto de pesquisa, atentando, sobretudo, para questões relativas à subjetividade. Mesmo após décadas de ponderações e teorizações de importantes historiadores como Carlos Ginzburg, Keith Jenkins e Adam Schaff não há consenso sobre tal questão. Talvez uma das opiniões mais polêmicas seja a do historiador Hayden White que defende que a historiográfica não passa de mais um gênero literário, já que os historiadores, segundo ele, discorrem mais sobre sua própria sociedade, sobre si mesmos, do que sobe o passado.

[359] LOPES, Emília Mendes. **Discurso ficcional:** uma tentativa de definição. 156f (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüisticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

[360] Ibidem.

representação da realidade, simulacro ou mímeses. Nossa compreensão literária segue um caminho diferente, aproximando-nos das reflexões propostas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, ou seja, a literatura é entendida nessa tese como mais um dos elementos que compõe o real.

Da mesma forma que a ciência e a filosofia, a literatura é uma forma de pensamento, uma criação sobre o real. É uma "dobra" sobre a realidade sensível; um esforço de criação, de produção de possibilidades que torna pensável o impensável, possível o impossível. Só que, ao contrário da filosofia, que pensa sobre o existente, a literatura tem o poder de irromper as fronteiras do pensamento, da *doxa,* ao propor novas maneira de ser, pensar e de usar a linguagem.[361] Mesmo que escritores produzam sem compromisso com a verdade dos fatos, "construindo um mundo real, é inagável que, através dos textos artísticos, a imaginação produz imagens, e o leitor, no momento em que, pelo ato de ler, recupera imagens, encontra uma outra forma de ler os acontecimentos constitutivos da realidade que motiva a arte literária".[362]

Embora a imaginação seja importante instrumento para a produção literária, oferecendo elementos que extrapolam as fronteiras do *vivido*, do *vivível* ou mesmo do *possível,* há em todo texto ficcional um lastro social, visto que ela é constituída por subsídios e demandas "reais". Ademais, participam da "realidade" não apenas por conta da materialidade da escrita - em livros, pergaminhos, panfletos, pranchas, telas, cadernos, entre outros - mas a compõe, porque além deste lastro social, é instrumento de transformações individuais e sociais. É este lastro que faz com que a escrita literária seja uma potência para experimentações dos possíveis, para a elaboração das*rotas de fuga* ou *linhas de desterritorialização*.[363]

Gilles Deleuze entende a literatura como um terreno fértil para a expressão do pensamento crítico, um espaço aberto ao exercício da liberdade. Defende que a escrita literária é uma potência para experimentações dos possíveis.[364] As *linhas de fuga* criadas pela arte são uma atitude de resistência através da criação, visto que,

---

[361] Ibidem
[362] MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de. "Osdesafios teóricos da História e a Literatura". In **CONTRA-PONTO:** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, V. 2. N. 1, agosto de 2013, p. 120.
[363] DELEUZE, 2008, op. cit.
[364] Idem. **Crítica e clínica**. 2.ed. Tradução Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

"criar não é comunicar, mas resistir. (...) Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras".[365]

Quando a arte produz *linhas de fuga* das situações de opressão, ou questiona os limites impostos, podemos dizer, como Deleuze, que "a literatura é uma saúde".[366] Em decorrência disto, "a arte é o que resiste: ela resiste à morte". Por conta disto, é uma atividade política, ética e estética.[367]Ademais, para Deleuze, a literatura – bem como todas as expressões artísticas – é vida, mas não no sentido de "recriação da vida" através da imaginação ou "representação do vivido", mas de invenção da própria vida, da criação de novas possibilidades existenciais através de uma abertura ao infinito. Se, por um lado, é produto das vivências, das observações individuais, das leituras e conhecimentos adquiridos que a partir da reflexão transformam os indivíduos[368] por outro lado, propicia um potencial transformador aos leitores que tem a oportunidade de repensar seus valores, práticas e crenças cotidianas a partir da reflexão propiciada pela leitura.

Desde menina, conforme já apontado anteriormente, Madame de Staël deu atenção à ficção. Além das leituras, ela escrevia textos ficcionais para explorar questões que lhe eram caras. Começou com peças dramáticas, *Sophie ou les sentiments secrets* e *Jane Gray* – publicadas em 1786. Em 1790 aventurou-se na escrita das tragédias não publicadas *Thamar, La Mort de Montmorency* e *Rosamunde*. Assim, antes de escrever textos de cunho político, ela adquiriu destreza na escrita a partir da produção de textos sem a marca tão profunda da especulação racional como o ensaio.[369]

Sobre esta questão no século XVIII as fronteiras entre os gêneros que estruturavam o campo da cultura literária não estavam totalmente demarcadas. Este foi um procedimento próprio do século seguinte, onde os estilos foram elencados, os limites entre eles definidos e as hierarquias estabelecidas – procedimentos que serviram como alicerces para a formação dos campos de especificidade e autoridade sobre cada um deles.[370]

---

[365] Idem, 2008, op. cit., p.182.
[366] Ibidem, p. 09.
[367] Ibidem.
[368] Ibidem.
[369] BALAYÉ, op. cit.
[370] ZECHLINSKI, op. cit.

Foi neste processo de especialização do campo literário que também foi criada a cisão entre história e literatura, visto que, a partir do século XIX a disciplina histórica almeja adquirir *status* de ciência, separando-se do campo das *belles lettres* [belas letras] – que era composto pela filosofia, política, história, literatura,– para se legitimar enquanto verdade científica. Contudo, mesmo que estas delimitações não estivessem tão demarcadas não se pode pensar que houvesse igualdadeentre os estilos e gêneros literários, bem como em relação ao acesso à escrita e leitura de cada um deles.

As relações de poder definiam aqueles indivídos que, pelo menos hipoteticamente teriam acesso a determinados tipos de leitura ou mesmo que estariam habilitados para escrever determinados estilos. O ensaio,[371] por exemplo, que era um estilo muito praticado no século das Luzes por seu racionalismo–era um *lócus* da escrita masculina. Mas, as mulheres também enveredaram por este gênero. Em sua tese de doutorado Anadir dos Reis Miranda faz uma análise muito interessante sobre esta questão. Ao problematizar a trajetória e escrita das escritoras inglesas do século XVIII, mostra como elas reuniram vários elementos na escrita de seus ensaios, rompendo barreiras tradicionais e invando o ensaio. Mary Wollstonecraft, por exemplo, segundo Miranda, aconselhava a leitura de ensaios às moças para que se instruíssem de maneira mais robusta, já que muitas novelas e romances não propiciavam tantos frutos intelectuais, visto que eram demasiadamente frívolos ou mesmo perniciosos.[372]

Seu olhar é crítico em relação à cultura das mulheres. Para ela, assim como para Madame de Staël, a frivolidade e superficialidade da cultura feminina tornavam as mulheres inferiorizadas no desenvolvimento racional e, em decorrência disto, além de se afastarem das virtudes morais, se tornavam despreparadas para agir socialmente. Neste sentido, a escrita de Wollstonecraft foi bastante diversificada. Ela escreveu romances, ensaios, tratados, novelas, sem contar a enorme quantidade de cartas e diários. Buscou, através dos mais variados estilos literários, expor suas ideias. O mesmo se pode dizer sobre Madame de Staël, que escreveu uma miscelânea de

---

[371] O ensaio é um gênero literário que foi criado no século XVI por Michel Montaigne. Seus*Ensaios* foram muito influentes em autores como, especialmente como Pascal, Voltaire e Montesquieu. Ademais, a obra foi um marco também em seu conteúdo, trazendo temas que não eram comuns na tradição literária como, por exemplo, a investigação de si mesmo atentando também para questões culturais e morais.

[372] MIRANDA, op. cit.

obras que, embora abordem questões aparentemente díspares, são partes do seu projeto de ação política através da cultura escrita.[373]

Embora tenha se dedicado ao escrito de ensaios políticos principalmente no período do calor revolucionário, ela jamais abandonou a ficção, seja pelas leituras, seja em sua escrita, visto que para ela o espaço ficcional era um importante meio para transformação individual.

Sobre as ficções, Madame de Staël afirma:

> Je vais donc, en parlant des fictions, les considérer, tout à la fois, sous le rapport de leur objet et de leur charme, parce que dans ce genre d'ouvrages, l'agrément peut exister dans l'utilité, mais jamais l'utilité sans l'agrément. Les fictions sont envoyées pour séduire; et plus le résultat auquel on voudrait qu'elles tendissent serait moral ou philosophique, plus il faudrait les parer de tout ce qui peut émouvoir, et conduire au but sans l'indiquer d'avance.[374]
>
> [Ao falar das ficções vou considerá-las a partir de seu objeto e do efeito que elas produzem, porque, nesse gênero de obras, o agradável pode ser útil, mas o útil não existe sem o agradável. As ficções existem para seduzir; e quanto mais o resultado ao qual gostaríamos que elas tendessem fosse moral ou filosófico, mais devemos enfeitá-las de tudo aquilo que possa emocionar e conduzir ao resultado sem indicá-lo antecipadamente.]

No *Essai sur les fictions* [Ensaio sobre as ficções Madame de Staël aborda algumas das questões que foram discutidas mais de um século depois pela teoria literária, como por exemplo, a importância do leitor em relação ao autor, bem como os efeitos sociais da leitura.[375] Ademais, sua obra é uma defesa da ficção como formadora da consciência crítica, uma vez que, segundo Madame de Staël, consegue atingir o foro íntimo dos indivíduos e contribuir para sua formação moral. E o romance, nesta dinâmica é seu gênero mais elevado. Visto que, é o mais útil de todos os gêneros literários por verem a vida tal como ela é, com fineza, eloquência, profundeza e moralidade.[376]

Naquela época, Madame de Staël tinha vinte e nove anos eestava vivendo as agitações do período revolucionário, impondo-se como uma figura política importante e, por conta disto, sofrendo pesados ataques e perseguições políticas. Mas, isto não

---

[373] Ibidem.
[374] STAËL, [19--?], op. cit., p. 63.
[375] BALAYÉ, op. cit.
[376] STAËL, [19--?], op. cit.

impediu que sua obra fosse um sucesso e que ainda em vida tenha visto a publicação do seu ensaio em Paris e Londres, além da tradução para o alemão.[377]

O *Essai sur les ficctions* foi publicado em maio de 1795 na Suíça, como parte da obra *Recueil de morceux détáches* [Reunião de pedaços avulsos], que também tinha em sua composição as *Trois Nouvelles* [três novelas] – compostas por *Mirza, ou Lettre d'un voyageur* [Mirza ou carta de um viajante], *Adélaïde et Théodore* [Adelaide e Teodoro] e *Histoire de Pauline* [História de Paulina] - e a narrativa em verso *Épître au malheur, ou Adèle et Édouard* [Epístola à infelicidade, ou Adele e Eduardo].

Interesante observarmos que se trata de quatro textos de ficção e um ensaio. Contudo, o texto não-ficcional não é parte da obra por acaso. Está em diálogo com os textos ficcionais porque a autora não os hierarquiza, legitimando a ficção como um estilo autêntico e útil à sociedade, da mesma forma que o ensaio.

Neste ponto, poderíamos nos perguntar do motivoda autora ter entendido sernecessário de ressaltar e defender a escrita ficcional se, conforme apontado no início deste capítulo, afirmamos que este é um estilo de escrita consagrado pela tradição literária ocidental. Embora a ficção tenha realmente feito parte da cultura ocidental, naquele momento, segundo Genand, ela era vista com muita desconfiança.

Em um período histórico onde o debate político tinha alcançado proeminência ímpar, que as especualções racionais e interesses sociais se voltava para as discussões políticas, a ficção não era considerada muito relevante. Muito pelo contrário, foi "acusada de fraqueza e indecência pelo contexto revolucionário, por seguinte, deveria apagar-se por detrás dos textos políticos".[378]Por conta disto, podemos supor que Madame de Staël considerava ser necessário defender a ficção – especialmente o romance. Contudo, entendemos que sua escolha pela literatura não foi ao acaso ou inovadora.

É preciso lembar que Madame de Staël foi educada a partir do pensamento das Luzes, que dava grande relevo à cultura escrita e à razão. Calcado na razão e na filosofia moral, o debate intelectual deveria contribuir para o desenvolvimento das

---

[377] Ainda no ano de sua primeira edição, seu futuro colega e comanheiro de debates intelectuais, Goethe, traduziu o Ensaio para que fosse publicado no periódico alemão dirigido por Schiller, *Die Horen*. Ainda sem se conhecerem pessoalmente, ambos demonstraram admiração pelas orbas daquele que futuramente viria ser sua companheira de debates e trocas intelectuais.
[378] MIRANDA, op.cit.

nações, bem como para o aprimoramento da liberdade reflexiva e o desenvolvimento individual das virtudes morais e predicados.[379]

Segundo Antoine Compagnon, os iluministas apostavam na literatura como meio de difusão de ideias e formação moral. Consideravam-na um "remédio" contra a submissão, uma cura para o "obscurantismo religioso". Contribuía, enfim, para a liberdade e autonomia dos indivíduos:

> Ela liberta o indivíduo de sua sujeitção às autoridades, pensavam os filósofos; ela o cura, em particular do obscurantismo. A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo, valores do Século das Luzes (...).[380]

Partilhando estes pressupostos, embora tenha se decepcionado com os rumos da Revolução e se mostrado uma ferrenha crítica da violência que assolou a França no período do Terror, ao analisar suas obras observamos que mesmo passando por vários infortúnios, Madame de Staël não desistiu do seu projeto político, nem do ideário das Luzes. Muito pelo contrário, ela considerou a literatura fundamental para o fomento de ideias e sentimentos que promoveriam o desenvolvimento humano. Ademais, por ser um espaço alheio à violência, seria propício para a interlocução; ocuparia o lugar que os salões tinham ocupado outrora, espaço para o exercício intelectual e da liberdade de opiniões.

Como vimos, para Madame de Staël os governos deviam se formar sobre uma base racional a fim de promover o progresso e o aperfeiçoamento do espírito humano. Ela era uma liberal e por conta disso elaborou contundente crítica à política absolutista e personalista, que através da censura impedia o desenvolvimento dos espíritos. Outra crítica de Madame de Staël foi direcionada à violência política pela perseguição e implantação do medo, instrumento que partidos e governantes usavam para impedir o debate livre de ideias e silenciar os indivíduos.

Segundo Maria Stella Bresciani, ao defender a liberdade individual Madame de Staël condenava o uso da violência como meio de "formação de caráter", já que compreendia que, assim como as paixões – que cegam os homens – a violência produzia apenas efeitos negativos: fonte da ignorância e da opressão do povo, afasta

---

[379] BALAYÉ, op. cit.
[380] COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?.** Belo Horinzonte: Editora UFMG, 2009, p. 34-35.

os homens da liberdade e da racionalidade fundamentais para o desenvolvimento social.[381]

Devido seu alto grau de abstração, a filosofia, segundo Madame de Staël, tem dificuldade paratocar o espírito dos indivíduos. Isto seria facilitado pela divulgação de ideias filosóficas nos enredos ficcionais, já que a imaginação tem o poder de fazê-las penetrar no coração humano através da sensibilidade e dos sentimentos despertados pela ficção. Assim, para Staël, é necessário que a ficção literária se valha de dois dos atributos humanos, a razão e a emoção, propiciando a reflexão a partir do despertar de sensibilidades como instrumento capaz de "seduzir o coração" dos indivíduos, a fim de tocá-los em seu íntimo, em sua alma.[382]

Segundo Madame de Staël, o foro íntimo dos indivíduos é "comme une sorte de tribunal intime et secret ou la cosncience serait un juge" [uma espécie de tribunal íntimo e secreto onde a consciência é o juiz].[383] É asilo da alma humana, onde mesmo as violências mais fortes não conseguem acessar. Ou seja, para Madame de Staël, a opressão e as coerções podem calar os indivíduos, mudar atitudes, mas de maneira alguma conseguem atingir a consciência individual: "(...) il peut, à l'inverse, devenir un espace ouvert à l'éducation et aux arguments de la raison"[384] [ao contrário, é um espaço aberto à educação e aos argumentos racionais]. Assim, sua proposta no "*Essai...*" foi pouco ortodoxa para os valores ilustrados, que entendiam a razão como meio para o aperfeiçoamento do espírito. Em sua análise, Madame de Staël reúne alguns elementos que não eram compreendidos como díspares, como veremos adiante.

O *Essai sur les fictions* [Ensaio sobre as ficções] é composto por três partes, onde a autora disserta sobre um tipo de texto ficcional, tendo como critério a verossimilhança, questão, segundo ela, central para despertar as paixões e atingir o leitor. Contudo, antes de se ater a cada uma delas, a autora elabora uma introdução na qual apresenta seu objeto de análise, as ficções, ressaltando sua potência como instrumento para transformação humana e o seu apelo às paixões.

---

[381] BRESCIANI, Maria Stella. "Pouvoir de l'imagination: du for intérieur aux moeurs publiques Germaine de Staël et les fictions littéraires". In: HAROCHE, Claudine (org.). **Le for intérieur.** Paris: PUF, 1995.
[382] STAËL, [19--?], op. cit.
[383] BRESCIANI, op. cit.
[384] STAËL, [19--?], op. cit., p. 63.

Começa pelas *ficções maravilhosas ou alegóricas* produzidas pelos Antigos. A epopéia e as tragédias que compõem este conjunto de textos, apesar de sua beleza, são os gêneros que mais se afastam da "verdade" – da verossimilhança. Por conta disto, segundo ela, não prendem por muito tempo a atenção do leitor, causando "um prazer que se esgota rapidamente".[385]

Para elaborar sua argumentação Madame de Staël cita Virgílio, Homero, Dante, Milton, Ariosto, sempre utilizando o critério da verossimilhança para tecer críticas ou elogios a cada um deles. Ao dissertar sobre Homero, por exemplo, Madame de Staël afirma:

> Sans doute les dieux ne prennent là que la place du sort; c'est le hasard personnifié: mais dans les fictions, il vaut mieux écarter son influence; tout ce qui est inventé doit être vraisemblable: il faut qu'on puisse explique tout ce qui étonne par un enchaînement de causes Morales.[386]
>
> [Sem dúvida, os deuses apenas tomam ali o lugar da fortuna - é o acaso personificado —, mas nas ficções, é melhor afastar sua influência. Tudo o que é inventado deve ser verossímilhante, é preciso que se possa explicar tudo o que impressiona por um encadeamento de causas morais.][387]

Em seguida, Madame de Staël disserta sobre as *ficções históricas*, analisando comédias alegorias e fábulas. Destaca autores como Molière, Fénelon, Voltaire, Spencer, La Fontaine, Butler, Corneille e Swift, os quais produziram obras que Madame de Staël afirma serem muito superiores às *ficções maravilhosas ou alegóricas* por serem "intervenções ligadas a um fundo de verdade".[388] Segundo ela, são obras que "misturam o gracejo às ideias filosóficas",[389] como as Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, e os "romances inseridos na história", como as narrativas dos feitos do rei da França, Filipe Augusto.[390]

Segundo ela, apesar da verossimilhança, em ambos os casos, as obras perdem valor por não se aterem à verdade ou enfatizarem a narrativa em detrimento da

---

[385] Ibidem.
[386] Ibidem, p. 64.
[387] Tradução: CAETANO, op. cit.
[388] STAËL, [19--?], op. cit., p. 67.
[389] Ibidem,
[390] Filipe Augusto (1165 – 1223), filho de Luís VII e Adélia de Champanhe, assumiu a coroa do reino francês em 1180 e reinou por cinquenta e três anos. Foi um importante rei do período medieval pelas vitórias mlitares, bem como pelo fortalecimento do poder real. Após a morte, seu filho Luís VIII (1187 – 1226) assumiu o trono da França.

filosofia. Por conta disto, não conseguem tocar verdadeiramente o leitor. Ao dissertar sobre Filipe Augusto, coloca:

> Mais il est une autre sorte de fictions historiques, dont je souhaiterais que le genre fût banni; ce sont les romans entés sur l'historie, tels que les Anecdotes de la cour de Philippe-Auguste, et plusieurs autres encore. L'on pourrait trouver ces romans jolis, en les séparant des noms propres; mais ces récits se placent entre l'histoire et vous, pour vous présenter des détails dont l'invention, par cela même qu'elle imite le cours ordinaire de la vie, se confond tellement avec le vrai qu'il devient très-difficile de l'en séparer.[391]
>
> [Mas há outro tipo de ficções históricas, cujo gênero eu gostaria que fosse banido: são os romances baseados na história, como as *Anedotas da corte de Filipe Augusto*e muitos outros. Seria possível achar esses romances belos, separando-os dos nomes próprios; mas essas narrativas se encontram entre a história e nós, para lhe apresentar-nos detalhes cuja invenção, pelo fato de imitaem o curso ordinário da vida, se confunde tanto com verdade, que é muito difícil separá-las.][392]

Assim, ao tratar de narrativas referentes aos feitos de reis e suas cortes, Madame de Staël defende que o desejo de engrandecer situações, reinos e/ou governantes deturpa a realidade e com isto, deixam de ter utilidade social.

Na terceira parte, Madame de Staël disserta sobre as *ficções naturais*, que segundo ela são aquelas "onde tudo é ao mesmo tempo intentado e imitado; onde nada é verdadeiro, mas tudo é verossímil".[393] Ali estão reunidos dramas, comédias e romances, já que "os dramas e as comédias apresentam no teatro, a mesma posição que os romances têm entre as obras de ficção". Contudo, Madame de Staël ainda estabelece uma hierarquia entre o teatro e o romance, pois diferentemente do romance que propicia uma reflexão privilegiada, o teatro, segundo ela, limita as reflexões por conta dos seus temas e personagens serem muitos em sua grande maioria e restritos às narrativas dedicadas à história dos reis e heróis.

Ao problematizar a relação entre os gêneros clássicos ou o romance moderno, Madame de Staël afirma que, por ter estrutura fixa e por enfatizar narrativas dos "sentimentos interiores", o romance torna-se o gênero literário mais adequado à verossimilhança, "uma das mais belas produções do espírito humano, uma das mais

---

[391] STAËL, [19--?], op. cit., p. 67.
[392] Tradução: CAETANO, op. cit., p. 44.
[393] STAËL, [19--?], op. cit., p. 67.

influentes sobre a moral dos indivíduos e, consequentemente, sobre os costumes públicos".[394]

Ao discorrer sobre a ficção, Madame de Staël alça a imaginação à "faculdade mais preciosa dos homens"[395] :

> (...) la vie humaine semble si peu calculée pour le bonheur, que c'est qu'à l'aide de quelques créations, de quelques images, du choix heureux de nos souvenirs, qu'on peut rassembler des plaisirs épars sur la terre, et lutter, non par la force philosophique, mais par la puissance plus efficace des distractions, contre le peines de toutes les destinées.[396]
>
> [(...) a vida humana parece tão pouco calculada para a felicidade, que é apenas com a ajuda de certas criações, de certas imagens, da escolha feliz de nossas lembranças, que podemos reunir alguns prazeres esparsos sobre a terra e lutar, não por meio da força filosófica, mas pelo poder mais eficaz das distrações, contra as penas de todos os destinos.][397]

Ela não apenas inverte a lógica ilustrada da supremacia da razão, mas também elabora uma crítica aos que advogam contra a imaginação. Sobre isto afirma:

> On a beaucoup parlé des danges de l'imagination, et il est inutile de rechercher ce que l'impuissance de la médiocrité, ou la sévérité de la raison, ont répété à cet égard: les hommes ne renonceront point à être interessés, et ceux qui possédent le talent d'émouvoir, renonceront encore moins au succès qu'il peut leur promettre. Le petit nombre des vérités nécessaires et évidentes ne suffira jamais à l'esprit ni au coeur de l'homme. La première gloire appartient, sans doute, à ceux qui découvrent de telles vérités: mais ils ont aussi travaillé utilement por le genre humain les auteurs de ces ouvrages qui produisent des émotions ou des illusions douces.[398]
>
> [Muito se falou dos perigos da imaginação, e é inútil tentar buscar o que da impotência da mediocridade ou a sereridade da razão repetiram a este respeito: os homens não renunciarão de forma alguma ao seu interesse por ela, e aquele que possuem o talento de emocionar renunciarão ainda menos ao sucesso que ele pode prometer-lhes. O pequeno número de verdades necessárias e evidentes não será jamais suficiente ao espírito nem ao coração do homem. A primeira glória pertence, sem dúvida, àqueles que descobrem a partir dessas verdades: mas também trabalharam utilmente para o gênero humano os autores das obras que produzem emoções ou ilusões doces.][399]

Ela defende o uso da imaginação, remetendo-se àqueles que não a consideravam uma capacidade humana profícua:

---

394 Ibidem.
395 Ibidem, p. 62.
396 Ibidem.
397 Tradução: CAETANO, op. cit., p. 32.
398 STAËL, [19--?], op. cit., p. 62.
399 Tradução CAETANO, op. cit., p. 32.

> Cependant, la seul avantage des ficcions n'est pas le plaisir qu'elles procurent. Quand elles ne parlent qu'aux yeux, elles ne peuvent qu'amuser: mais elles ont une grande influence sur toutes les idées morales, lorsqu'elles émeuveut le coeur; et ce talent est peut-être le moyen le plus puissant de diriger ou d'éclairer. Il n'y a dans l'homme que deux facultés distinctes, la raison et l'imagination; toutes les autres, le sentiment même, n'en sont que des dépendances ou des composés. L'empire des fictions, comme celui de l'imagination, est donc très-étendu; elles s'aident des passions, loin de les avoir pour obstacles; la puissance invisible qui dirige leurs effets: mais si elle se montrait la première, elle en détruirait le prestigie.[400]
>
> [Porém, a única vantagem das ficções não é o prazer que elas causam. Quando elas só falam aos olhos, não fazem mais que divertir: mas elas têm uma grande influência sobre todas as ideias morais quando emocionam o coração, e esse talento é talvez o meio mais poderoso de dirigir ou de esclarecer. Há no homem apenas duas faculdades distintas: a razão e a imaginação. Todas as outras, inclusive o próprio sentimento, são delas apenas dependentes ou derivadas. O império das ficções, como o da imaginação, é, portanto, muito amplo; elas se apoiam nas paixões, longe de tê-las por obstáculos. A filosofia deve ser o poder invisível que dirige seus efeitos, mas se ela se mostrasse primeiro, destruiria seu prestígio.]

É a partir de tal inquietação que ela inicia sua defesa da imaginação como uma potência criadora: "(...) *a*s ficções são enviadaspara seduzir, e quanto mais o resultado ao qual se quer que elas tendam for moral ou filosófico, mais será necessário muni-las de tudo o que pode emocionar e conduzir ao resultado sem indicá-lo previamente"[401] ["(...) les fictions sont envoyées pour séduire; et plus le résultat auquel on voudrait qu'elles tendissent serait moral ou philosophique, plus il faudrait les parer de tout ce qui peut émouvoir, et conduire au but sans l'indiquer d'avance"].[402]

Portanto, para Madame de Staël, a imaginação é meio de difusão das ideias racionais através do deleite literário. Seu poder de inspirar sentimentos e reflexões possibilita que a filosofia moral penetre no espírito dos leitores, pela possibilidade única de acesso ao coração humano e ao foro íntimo dos indivíduos. Sobre isto, ela escreve:

> Le don d'émouvoir est la grande puissance des fictions; on peut rendre sensibles presque toutes les vérités morales, en les mettant en action. La vertu a une telle influence sur le Bonheur ou le Malheur de l'homme, qu'on peut faire dépendre d'elle la plupart de situations de la vie. Il y a des philosophes austéres que condamnent toutes les émotions, et veulent que l'empire de la morale s'exerce par le seul énoncé de ses devoirs: mais rien n'est moins adapté à la nature de l'homme en general qu'une telle opinion; il faut animer la vertu pour qu'elle combatte avec avantage contre les passions;

---

[400] STAËL, [19--?], op. cit., pp 62 – 63.
[401] Tradução: CAETANO, op. cit., p. 33.
[402] STAËL, [19--?], op. cit., p. 63.

> il faut faire naître une sorte d'exaltation pour trouver du charme dans les sacrifices; il faut enfin parer le malheur pour qu'on le préfère à tous les prestiges des séductions coupables; et les fictions touchantes qui exercent l'âme à toutes les passions généreuses, lui en donnent l'habitude, et lui font prendre à son insu un engagement avec elle-même, qu'elle aurait honte de rétracter, si une situation semblable lui devenait personnelle.[403]
>
> [O dom de emocionar é o grande poder das ficções: pode-sefazer sensíveis quase todas as verdades morais, ao coloca-las em ação. A virtude tem tanta influência sobre a felicidade ou a infelicidade do homem, que podemos fazer depender dela a maior parte das situações da vida. Existem filósofos austeros que condenam todas as emoções e querem que o império da moral seja exercido pela mera enunciação de seus deveres, mas nada é menos adaptado à natureza do homem em geral que tal opinião.É necessário animar a virtude para que ela tenha vantagem contra às paixões; é preciso, enfim, amparar a infelicidade para que ela seja preferível a todos os prestígios das seduções culpáveis; e as ficções tocantes que exercitam a alma em todas as paixões generosas, lhe dãp este hábito e fazem-nacomprometer-se involuntariamente consigo mesma de tal forma, que ela teria vergonha de recuar, caso uma situação semelhante lhe acometesse pessoalmente.][404]

Questão interessante é que, por mais que muitos filósofos políticos tenham tido a ambição de separar a política dos sentimentos – ou da "não-razão" –, entendemos que não passou de um projeto teórico. A separação entre razão de um lado e sentimento de outro é uma criação, um esforço que ainda no século XVIII foi questionado por muitos indivíduos, entre eles Jean-Jacques Rousseau.

Rousseau foi alguém muito importante neste debate. Suas reflexões oferecem um contraponto ao ideal racionalista ilustrado ao defender que a reflexão racional não basta ao ser humano, pois precisa ser complementada pela sensibilidade, visto que apenas ela tem capacidade para fazer com que as leis penetrem no coração dos homens e estes, por sua vez, estão repletos da paixão que guiam seus desejos. Assim, a reunião da paixão/sentimentos com a razão leva os homens ao encontro de suas necessidades, a encontrar seu equilíbrio interior.

É apenas com o equilíbrio que segundo Rousseau, o homem tem a oportunidade de ser a mais perfeita versão de si mesmo, já que existir é sentir, a sensibilidade é incontestavelmente anterior à inteligência.Assim, para Rousseau, dando vazão à sensibilidade o homem teria a chance de reencontrar a si mesmo, perceber-se sem os artifícios da cultura e da sociedade que encobrem o que o homem tem de mais puro e genuíno. Daí advém sua crítica ao racionalismo e a ênfase que garante à sensibilidade e às emoções em sua filosofia, o que lhe garante um outro

---

[403] Ibidem, p. 70.
[404] Tradução CAETANO, op. cit., p. 51.

lugar dentro da crítica ilustrada, bem como se aproxima das demandas românticas das quais será um dos precursores.

Madame de Staël era uma idealista e sua formação ilustrada forneceu elementos para acreditar no progresso social e individual através do aperfeiçoamento propiciado pela razão. Segundo ela, a reflexão seria capaz de desenvolver os predicados morais nos homens e mulheres. Contudo, diferentemente dos filósofos ilustrados e seguindo Jean-Jacques Rousseau, Madame de Staël também fraturou a concepção de que a razão seria o maior dos predicados humanos, abolindo a hierarquia entre razão e emoção.

Madame de Staël questiona o pressuposto de que a imaginação é estéril, que não produz reflexões úteis para humanidade. Por extensão, também defende que a razão não basta, não é suficiente frente às demandas do espírito humano, pois, sozinha, conduz os homens à "mediocridade" e "severidade", e os afasta das emoções tão caras ao espírito humano.

Em muitos de seus escritos, Madame de Staël evidenciou que assim como a razão é instrumento indispensável, é impossível que haja aperfeiçoamenteo pleno sem a valorização e o desenvolvimento da sensibilidade. Estas seriam as duas facetas do espírito humano, dois caminhos que, se percorridos com prudência e sabedoria, cultivados com exímio e dedicação, seriam capazes de aflorar as mais belas virtudes.

Não bastaria escolher trilhar por apenas um caminho, cuidando diariamente de um, regando suas flores e arrancando as ervas daninhas, enquanto o outro é encoberto por musgo e galhos não podados dos arbustos que ocultam as pedras que marcam a estrada. Este tipo de escolha, para Madame de Staël, seria inadequada e não formaria um indivíduo completo.

Enfim, para darmos um exemplo, na perspectiva staëliana, não adianta uma determinada pessoa ter um conhecimento vasto sobre história, filosofia, ciências ou outros saberes, se não percebe o mundo também através da sensibilidade; não usa suas emoções para dar forma aos seus pensamentos ou ações. Torna suas atitudes muito endurecidas, sem beleza, leveza ou mesmo sensibilidade – qualidades determinantes, segundo Madame de Staël, para o estabelecimento das relações humanas e sociais, já que são centrais para que os corações sejam tocados.

No outro extremo, há pessoas que deixam as emoções tomarem conta de sua alma, que as cultivam em demasia e em detrimento da razão. Neste caso, a pessoa

se torna escrava de seus desejos, da cegueira que eles podem causar. Por conta disto, segundo Anadir dos Reis Miranda, a sensibilidade

> podia ser uma marca de civilidade, refinamento, polidez, gosto e gênio. Ou, pelo contrário, indicar carência de autocontrole e julgamento. A sensibilidade era considerada admirável quando combinada com a razão e princípios morais, mas deplorável se relacionada com o descontrole das paixões.[405]

As paixões, para Madame de Staël, são centrais para a felicidade humana e para a sociedade, pois são o motor das ações e criações, mas por outro lado, podem ser extremamente nocivas ao sufocarem a razão – como aconteceu na Revolução Francesa, quando as virtudes cívicas foram dominadas pelas paixões destruidoras e desviaram a França de seu destino para a liberdade. É a ponderação, a mediação entre razão e emoção que Madame de Staël defende, pois ao perder o equilíbrio, ao pender para um lado ou outro, o fim pode ser trágico. Entende-se que a escrita literária para ela seria um instrumento para a divulgação de valores elevados, para a educação do povo através da racionalização propiciada pela leitura os sentimentos e emoções poderiam ser tocados e vice-versa.

Interessante notar que, embora Madame de Staël defendesse que através da educação os homens pudessem desenvolver tanto o seu lado racional como também o emocional, na esteira de Jean-Jacques Rousseau, para a autora havia certos traços naturais em homens e mulheres. Ou seja, embora fosse avessa às ideias que defendiam que as mulheres deveriam ficar reclusas por conta de sua incapacidade de atuar na esfera pública, bem como não partilhassee da concepção de que as mulheres fossem racionalmente inferiores, Madame de Staël defendia que homens e mulheres tinham inclinações naturais distintas que deviam ser acionadas na vida social.

Interessante observar como Madame de Staël parte da matriz rousseauísta para tratar das mulheres, mas logo rompe com ele. Mesmo que acreditasse na existência de uma "natureza feminina", algo que marca o destino de todas as mulheres, que talha suas subjetividades, ela defendia que as mulheres tinham inclinação natural para cultivar os sentimentos, desenvolver o espírito e para o altruísmo; todas capacidades ausentes nos homens e por conta disto, as inclinações naturais femininas seriam indispensáveis na esfera pública, indo em direção oposta à

---

[405] MIRANDA, op. cit., p. 148.

interpretação de Rousseau. A autora garantia com isto lugar de proeminência social para as mulheres, visto que eram figuras fundamentais para o modelo de sociedade e de civilização que ela defendia.

Desta forma, Madame de Staël resignificou o lugar social das mulheres. Mesmo fazendo uma defesa pública da atuação das mulheres na esfera pública, da educação e da escrita femininas, ela não reivindicou um lugar institucional para as mulheres na sociedade. As mulheres podem e devem contribuir socialmente, mas devem atuar de maneira indireta. Precisam, por exemplo, ser figuras imponentes nos salões, nas assembleias, nas reuniões, inspirando indivíduos e influenciando decisões; reinar pelo exercício das virtudes morais que inspiram, pela autoridade que impõem.

Logo, por serem destinadasa desenvolver as virtudes e devotadas – ambas virtudes ausentes nos homens, como citado -, além de aptas, assim como seus companheiros, para agir através da ponderação racional, devem ter lugar privilegiado na organização e condução da sociedade. Neste sentido, Madame de Staël chegou a afirmar que "as mulheres valem mais que os homens":

> La nature et la société donnent aux femmes une grande habitude de souffrir, et l'on ne sauroit nier, ce me semble, que de nos jours elles valent, en général, mieux que les hommes. Dans une époque où le mal universel est l'égoïsme, les hommes, auxquels tous les intérêts positifs se rapportent, doivent avoir moins de générosité, moins de sensibilité que les femmes; elles ne tiennent à la vie que par les liens du coeur, et lorsqu'elles s'égarent, c'est encore par un sentiment qu'elles sont entraînées: leur personnalité est toujours à deux, tandis que celle de l'homme n'a que lui-même pour but. On leur rend hommage par les affections qu'elles inspirent, mais celles qu'elles accordent sont presque toujours des sacrifices. La plus belle des vertus, le dévouement, est leur jouis-sance et leur destinée; nul bonheur ne peut exister pour elles que par le reflet de la gloire et des prospérités d'un autre; enfin, vivre hors de soi-même, soit sur-sout par les vertus, donne à l'ame un sentiment habituel d'élévation.[406]
>
> [A natureza e a sociedade fazem com que as mulheres se acostumem com o sofrimento, e parece-me que não seria possível negar que em nossos dias elas valham mais que os homens. Em uma época na qual o mal universal é o egoísmo, os homens, aos quais concernem todos os interesses positivos, devem necessariamente ter menos generosidade, menos sensibilidade que as mulheres; elas se conduzem na vida apenas pelos laços do coração, e quando se perdem, isso ainda se deve a um sentimento que as arrebatou: sua personalidade é sempre voltada a dois objetos, ao passo que a do homem visa apenas a si próprio como objetivo. Elas são homenageadas pelas feições que inspiram, mas as que concedem são quase sempre sacrifícios. A mais bela das virtudes, o devamento, é seu gozo e seu destino; apenas atingem a felicidade pelo reflexo da glória e da prosperidade de outrem; enfim, viver fora de si mesmo, seja pelas ideias, seja pelos

[406] STAËL, 1810[?], op. cit., pp. 55 – 56.

> sentimentos, seja sobretudo pelas virtudes, proporciona à alma um sentimento habitual de elevação.][407]

Ao comparar as inclinações de homens e mulheres, ela completa:

> Lorsque les hommes ne savent pas, ou ne peuvent pas employer dignement et noblement leur vie, la nature se venge sur eux des dons même qu'ils en ont reçus; l'activité du corps ne sert plus qu'à la paresse de l'esprit; la force de l'ame devient de la rudesse; et le jour se passe dans des exercices et des amusements vulgaires, les chevaux, la chasse, les festins qui conviendroient comme délassement, mais qui abrutissent comme ocupations. Pendant ce temps les femmes cultivent leur esprit, et le sentment et la rêverie conservent dans leur ame l'image de tout ce qui est noble et beau.[408]
>
> [Quando os homens não sabem, ou não podem empregar digna ou nobremente sua vida, a natureza se vinga pelos mesmos dons que receberam dela; a atividade do corpo não serve mais senão à indolência do espírito; a força da alma torna-se rudeza; e o dia passa-se com exercícios e diversões vulgares, os cavalos, a caça, os banquetes que conviriam como distração, mas que embrutecem como ocupações. Durante esse tempo, as mulhres cultivam o espírito, e o sentimento e o devaneio conservam-lhe na alma a imagem de tudo que é nobre e belo.][409]

A partir destas citações é interessante observar como Madame de Staël reúne elementos bastante heterogêneos que rompem as fronteiras do pensamento ilustrado. Numa época em que o racionalismo era exaltado por filósofos e escritores, Madame de Staël enfatiza a imaginação como uma das capacidades humanas que pode levar homens e mulheres à felicidade. Não apenas relativiza o legado ilustrado acerca da racionalidade, mas também questiona a primazia da filosofia – área do conhecimento racional por excelência – frente aos outros gêneros literários. Assim, seus escritos não ultrapassam apenas as fronteiras dos partidos políticos e das barreiras de gênero, pois ela rompeu também com as demarcações do movimento ilustrado ao garantir à sensibilidade e às emoções lugar importante para o desenvolvimento individual e das nações.

Mesmo fazendo parte dos círculos ilustrados, por ser uma mulher em ambiente predominantemente masculino, ela não foi considerada uma igual. Sendoda elite parisiense – financeira e intelectual –, aceita e reconhecida por muitos de seus pares como intelectualmente capaz, Madame de Staël, assim como muitas de suas

---

[407] Tradução: MÍSSIO, op. cit., p. 29.
[408] STAËL, 1810[?], op. cit., pp. 56 - 57.
[409] Tradução MISSIO, op. cit., 30 – 31.

contemporâneas, ainda era uma "estranha no ninho" e por conta disso estava suscetível aos preconceitos e exclusões.

Como amiga e crítica estava "dentro", mas por ser mulher, estava "fora" do projeto ilustrado. Suas ponderações, segundo Françoise Massardier-Kenney, eram do "do ponto de vista de alguém que está na margem do *mainstream* cultural e da vida pública" [view of one who is on the margin of mainstream culture and public life],[410] o que possibilitou a construção de um lugar próprio e singular para a elaboração de sua crítica. Consideramos que esta situação peculiar e paradoxal alavancou a reelaboração da sua reflexão crítica. Como indivíduos à margem dos ideais modernos e revolucionários – a igualdade e liberdade –, as mulheres que escreviam denunciavam os limites e paradoxos de um sistema filosófico que defendia a unidade humana, mas mantinha as iniqüidades e as exclusões.

> O gênero foi um dos alicerces epistemológicos nos quais suas teorias foram erigidas. Embora tenham se empenhado em naturalizar as atividades e subjetividades femininas, estas delimitações começaram a ser questionadas. Indivíduos que se sentiam pouco confortáveis dentro daqueles rígidos modelos de feminilidade e masculinidade; que vivenciavam o sentimento de inconformidade frente a tais delimitações sociais, estavam dispostos a questionar os paradigmas sociais.[411]

As formulações sobre a racionalidade e a atuação política e filosófica não abrigavam as mulheres. Mesmo que tivessem liberdade para atuar em alguns espaços, como os salões, estavam excluídas de muitos outros, como as academias e universidades. O ideal de natureza defendido por muitos filósofos, entre eles Rousseau, era muito restritivo às mulheres e não origem da liberdade e da igualdade, como era para os homens. Enquanto o mundo natural e a cultura garantiram aos homens a possibilidade de autonomia, a mesma Natureza parecia ter definido a dependência e a subalternidade como a condição das mulheres.

No que concerne à valorização da razão, como também à natureza feminina, Madame de Staël elaborou uma perspectiva bastante específica sobre questões que eram tão caras ao pensamento ilustrado. Contudo, consideramos que esta situação ambígua foi muito inspiradora para a produção escrita de Madame de Staël.Seu lugar

---

[410] KANNEY. Françoise Massardier. **Madame de Staël, translation and Race.**Disponível em http://slavery.uga.edu/texts/criticalessays/Madame de Staël.pdf acessado em 20 de março de 2015.
[411] ARAUJO, 2014, op. cit., p. 142.

"feminino" garantiu-lhe uma perspectiva incomum para a observação e reflexão acerca dos ideais iluministas. Contribuiu para que, através do equilíbrio entre razão e sensibilidade, ela apreendesse as limitações e os paradoxos do pensamento ilustrado e enfrentasse os valores tradicionais, bem como as teorias e reflexões ilustradas. Françoise Massardier-Kenney assenta:

> (...) She is that "voice from the other side" who throughout her life and works forced her audience to become aware of their own culture through an appeal to the culture of others (...). Her subtle but unrelenting questioning of the values of French culture through a discourse describing different discourses present in other cultures makes her an "exemplary intellectual" as Pierre Barbéris has called her.[412]
>
> [(...) Ela é aquela "voz do outro lado" que por toda a sua vida e seus trabalhos forçou sua audiência a tornar-se consciente de sua própria cultura pelo apelo a outras culturas. Seu sutil, mas implacável questionamento dos valores da cultura francesa através de um discurso que descreve diferentes discursos presentes em outras culturas, faz dela uma "intelectual exemplar", como Pierre Barberis a nomeou.]

Ao abordar a dimensão sensível nos escritos de Madame de Staël, Simone Balayé defende que a profundidade sentimental foi questão muito cara para ela; acreditava que as palavras proferidas – escrita ou oralmente –, as condutas individuais e os hábitos cotidianos fossem expressões das virtudes e sensibilidades do espírito. Assim, ao valorizar a sensibilidade como expressão dos espíritos virtuosos, ela buscava capturar o "espírito" das pessoas ao seu redor.

Mais que perceber o outro na superfície e na sua aparência, buscou analisá-lo no que tem de mais profundo, a sua alma. Este é traço central em sua avaliação sobre os indivíduos, questão fundamental para sua apreciação ou reprovação das condutas individuais.

Em seus escritos são muitos os exemplos desta valorização. Por exemplo, ao falar dos modos de seu marido, o Barão de Staël, ela afirma que ele possuía modos cavalheirescos, era muito educado e de trato gentil.[413] Contudo, afirma que, por mais que seus modos fossem polidos e muito agradáveis, não eram sensíveis ou expressões de seu espírito. Ao falar das virtudes do pai, ressalta que sua sensibilidade e a profundidade dos seus atos são parte de suas virtudes como ser humano[414]. De

---

[412] KANNEY, op. cit.
[413] BALAYÉ, op.cit.
[414] Ibidem.

forma semelhante, ao se referir a Napoleão Bonaparte, afirma que seus gestos, por mais que fossem bastante polidos, expressavam uma alma vazia, na qual a vaidade e o orgulho tomaram o espaço da sensibilidade.[415]

No "Essai...", Madame de Staël ultrapassa os limites do pensamento ilustrado ao colocar a imaginação ao lado da razão como faculdades humanas importantes para o desenvolvimento do espírito. Para ela, o escritor devia reunir o plano estético e político, o que não o tornava apenas um poeta, romancista ou dramaturgo, mas também um autor de escritos políticos e filosóficos. Assim, para Madame de Staël

> L'écrivain est un penseur, qui juge non seulement la société mais les gouvernements; c'est là son utilité et sa grandeur. Cela ne va pas sans une discipline personnelle. Il est individualiste à condition de ne pas nuire au bien de l'humanité, libre autant qu'il respecte la liberté des autres; sa raison doit prévaloir sur son imagination.[416].
>
> [O escritor é um pensador que julga não apenas a sociedade, mas os governos; esta é sua utilidade e sua grandeza. Isto não ocorre sem disciplina pessoal. Ele é individualista, desde que não prejudique o bem da humanidade, livre tanto quanto respeite a liberdade dos outros. Sua razão deve prevalecer sobre sua imaginação.]

Cabe lembrar que este texto foi escrito quando Madame de Staël, vivendo sob a insegurança gerada pela perseguição jacobina, estava desiludida com os rumos da revolução. Logo, naquele momento de agruras, o prazer da imaginação era um conforto em meio às dificuldades. Assim, a felicidade e o deleite passaram a ser bastante valorizados por ela, que via na literatura um alento, mas ao mesmo tempo um estilo de ação.

Madame de Staël foi uma mulher que, ao longo de sua vida, buscou seguir a própria cartilha, guiar-se por suas paixões, seguir sua consciência e fazer uso público de suas ideias. Com isto, conquistou muitos simpatizantes que não elogiavam apenas sua postura, mas também admiravam sua capacidade crítica e reflexiva.

Contudo, ela também despertou inimizades e foi alvo de muitas críticas por transgredir os limites impostos ao pensamento e à política. Mas, ao que nos parece, as críticas recebidas e imposições de silenciamento não foram considerados por ela

---

[415] STAËL, 1818, op. cit.
[416] BALAYÉ, Simone. "Comment peut-on être Madame de Staël? Une femme dans l'institution littéraire" In **Romantisme**: Revue du dix-neuvième siècle. nº 77, 1992, p. 17.

como limitações, mas sintomas do despotismo e fanatismo que ela tanto condenava e que, por conta disto, aguçavam seu pensamento e sua escrita. Assim, seus escritos trazem uma leitura da política e da sociedade francesa – e europeia – ao final do século XVIII e início do XIX. Foram registros das concepções e leituras críticas de alguém que acreditava na transformação da sociedade e do ser humano e que apostava no aperfeiçoamento do espírito através do uso da razão e da sensibilidade.

Por conta destas movimentações entre estilos, gêneros e matrizes de pensamento, o *Essai sur les fictions* [Ensaio sobre as ficções] é entendido por muitos críticos como uma obra "pré-romântica", uma forma de inseri-la nos critérios do cânone literário. Contudo, concordamos com Simone de Balayé, quando afirma que apesar deste período ser considerado por muitos teóricos da literatura e historiadores uma lacuna "entre o apogeu das Luzes e o Romantismo", reduzir este momento e a sua produção ao rótulo de "pré-romântico", além de muito limitador, é também uma maneira de simplificar a singularidade do pensamento e da escrita no "pré-lugar" canônico. É como se suas obras só ganhassem sentido se entendidas em um encadeamento com suas sucessoras.

Assim, ao fazermos uma reflexão sobre a escrita ficcional de Madame de Staël, a problematizamos àluz das suas experiência individuais, estéticas e sociais. , Procuramos, sobretudo, entender como a escrita ficcional abriu possibilidades para a experimentações existenciais – através da elaboração de "saídas possíveis" para a realidade através da ficção – e da realização do "eu", tendo em vista que suas heroínas são versões de si mesma – elas representam a liberdade, o esclarecimento e a emancipação individual frente a uma sociedade que ela considerava doente, que punia indidíduos virtuosos por meio dos preconceitos e da tirania.

Na sequência, passamos à análise das personagen principais dos dois romances publicados por Madame de Staël, como lugar ficcional do registro da imaginação e das reflexões. Pelos romances, ela e outros escritores tiveram a oportunidade de deixar registrados seus sentimentos e ambições; de criar possibilidades para novas expressões subjetivas e práticas culturais. Assim, ofereceram aos leitores a oportunidade de vislumbrar possibilidades, experimentar novas sensações e aflorar sentimentos nunca antes experimentados, e que por conta disto, podiam se tornar importantes pontos de partida para o pensamento e a transformação individual.

4.2 *DELPHINE* E *CORINNE* E AS POÉTICAS DA EXISTÊNCIA

Segundo o historiador e crítico literário Ian Watt, o surgimento do romance no século XVII esteve relacionado às transformações no público leitor, bem como à experiência social e moral do período moderno. Esta nova forma literária buscava retratar, através da ficção, a experiência humana em sua particularidade.[417]

Estaé a questão epistemológica do romance, segundo Watt, característica que denomina "realismo formal do gênero" e que parte do desejo de ver a experiência humana retratada de maneira inteiramente original. Este gênero propõe correspondência entre obra literária e a realidade no qual o romancista busca por seus sentidos e sua sensibilidade, utilizar instrumentos lingüísticos e estéticos para discorrer sobre o mundo ao retratá-lo de forma autêntica. Desta forma, ao propor uma reflexão ficcional que busca amalgamar à imaginação elementos do cotidiano, das observações e vivências particulares, "o romance é o vínculo literário lógico de uma cultura que, nos últimos séculos, conferiu um valor sem precedentes à originalidade, à novidade".[418]

Segundo Watt, o romance fixou-se como uma

> forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. (...) O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual – a qual é sempre única e, portanto, nova.[419]

Watt esclarece que a verossimilhança e o efeito de "realidade" marcaram o novo gênero, já que "o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente".[420]

Ao ponderar sobre tal questão, Beatriz Zechlinski, coloca que sua emergência também esteve relacionada às transformações no campo literário e na educação. Em um período onde as taxas de alfabetização eram muito altas e que a educação era

---

[417] WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
[418] Ibidem, p 14.
[419] Ibidem, p. 14-15
[420] Ibidem, p. 19.

signo de privilégio e da posição social, questões concernentes à produção, acesso e conteúdo, passaram a despertar o interesse de membros da elite letrada. Logo, para além dos debates literários, o romance pode ser entendido como um produto cultural articulado a muitas questões de cunho social na modernidade chegando, inclusive, a ser considerado uma ameaça à organização social de gênero.[421]

O romance era acessível a um público não erudito e hipoteticamente qualquer pessoa que dominasse a escrita poderia se tornar escritor ou escritora. Assim, mais que uma demanda estética, a discussão literária acerca do romance durante os séculos XVII e XVIII envolvia questões referentes ao seu valor e difusão social; o seu status na hierarquia literária e os debates acerca da participação das mulheres no universo letrado acirravam ainda mais os debates culturais à época. Estas "inovações" eram vistas com desconfiança por muitos homens da elite cultural que defendiam que, tanto a participação feminina, bem como a ascensão do romance representavam a decadência do gosto e da civilização francesa.[422]

Segundo Joan DeJean, travou-se uma guerra cultural que no século XVII representava umaversão moderna da *Querelle des Femmes,* quando grupos antagônicos, os Antigos e Modernos, se opunham acerca da manutenção da autoridade e hierarquização literária. Levantavam igualmente questões acerca da inserção das mulheres no universo letrado, atentando não apenas para sua participação enquanto leitoras, mas, sobretudo, como escritoras e críticas literárias, tendo em vista que desde o final do século XVII a disseminação do romance e ampliação da alfabetização ajudaram a criar um público leitor com potencial ímpar para a formação da opinião pública. Assim, embora não se reduzissem a isto, as tensões presentes no universo literário se referiam às questões acerca da popularização da literatura, tanto em relação aos setores menos elitizados, quanto às mulheres - já que elas não eram apenas o público leitor deste gênero literário, mas assumiram a posição de escritoras, mesmo que isto provocasse a ira dos indivíduos mais conservadores, que as consideravam inaptas para o pensamento racional e a escrita literária.[423]

---

[421] ZECHLINSKI, op. cit.
[422] Ibidem. p. 20.
[423] DEJEAN, op. cit.

Conforme atenta DeJean, além das questões técnicas ou estéticas, as circunstâncias sociais também foram centrais para a formação do cânone e para a edificação dos critérios e hierarquizações literárias que balizam a compreensão do campo. Entre eles, o gênero foi importante critério e esteve no centro dos debates e ansiedades culturais na França ao final do século XVII. Assim, não é por acaso que também desta época as formações das primeiras academias de letras na França.[424]

Ao analisar a relação entre cultura escrita e gênero no século XVII, Zechlinski afirma que assim como a prática da escrita e os padrões educacionais, a formação do campo literário e das academias foi forjada a partir da reafirmação do conhecimento enquanto um espaço masculinizado e diferenciado em relação aos demais ambientes letrados.Edificou-se uma auto-representação de superioridade e autoridade literária em contraposição ao ambiente misto e informal dos salões, estabelecendo uma tensão que, através da hierarquização, tinha com projeto político a deslegimatação dos debates e da crítica literária produzida naqueles ambientes. Produziu-se uma dicotomização hierárquica entre as academias e os salões, numa tentativa de garantir a autoridade do saber para o espaço exclusivamente masculino.[425]

Neste sentido, segundo Zechlinski, a incorporação das academias como espaços chancelados pelo Estado monárquico foi central para esta luta simbólica entre academias e salões visto que ela

> (...) veio coroar essa queda de braço com os salões, numa tentativa de garantir a autoridade do saber para o espaço exclusivamente masculino. Isso delimitou as diferenças de gênero dos dois ambientes e, no final do século XVII, academias e salões (denominados no período de círculos ou de encontros) não foram mais confundidos.[426]

Ao atentarmos para este debate, não podemos esquecer que nos séculos XVII e XVIII muitas mulheres da elite tiveram acesso à educação. Muitas delas foram ávidas leitoras, já outras arriscavam-se na escrita, ousaram criar suas próprias obras. De uma maneira ou de outra, nutriam gosto pelas letras, preenchiam seus dias com papeis e tinta e com isto adquiriam bagagem cultural que algumas delas usaram em debates com os homens cultos.

---

[424] Ibidem.
[425] ZECHLINSKI, op. cit., p. 115.
[426] Ibidem, p. 49.

> A eclosão do romance como gênero literário, ocorrida no século XVII, e o fato das mulheres terem sido não só as grandes produtoras desse gênero, mas também a maioria do público leitor dessas obras, é um indício de que as transformações sociais ocorridas pela experiência de uma elite social e intelectual tinham eco no restante da sociedade. Foi justamente esse eco que provocou uma reação hostil por parte de alguns letrados que não viam com bons olhos todas essas mudanças e as pretensões igualitárias entre homens e mulheres.[427]

À luz destas questões, DeJean aponta que a exclusão das mulheres aconteceu na desvinculação dos salões com o cânone estabelecido pela autoridade erudita das academias, pois eram considerados espaços de exercício das sociabilidades superficiais e dos debates informais, sem a mesma capacidade para tratar da seriedade da literatura. Assim, se por um lado, os salões foram deslegitimados como espaço literário, por outro o cânone e sua autoridade passaram a ser vinculados aos espaços formais, como as universidades eas academias.[428]

Apesar dos esforços dos Antigos e daqueles que condenavam a leitura e valorização do romance, este gênero passou a ser paulatinamente valorizado e amplamente difundido. Conforme afirma Colas Duflo, uma de suas características modernas – e que nos é muito cara nesta tese – é que no século XVIII o romance e a filosofia não foram entendidos como gênero separados de escrita.

A narrativa literária foi compreendida como uma nova maneira para se abordar temas filosóficos. Através dela, autores abordavam questões sérias com o intuito de proporcionar novas experiências aos indivíduos. Embora muitos autores tenham defendido o romance, mesmo fora dos círculos letrados e do grupo dos Antigos havia importantes críticas ao romance, visto ser considerado inferiorpor seus temas fúteis ou mesmo vis para a formação dos leitores. Descolado dos debates filosóficos, estas obras foram entendidas como entretenimento vazio ou mesmo frívolo; prática de leitura inferior frente à tradição literária tradicional. Um deleite que poderia ser até mesmo pernicioso, ao propagar entre os mais jovens o ideal da cultura dos salões, bem como de sentimentos e demais posturas e subjetividades dissonantes.[429]

Apesar das críticas, havia aqueles que poderavam sobre as questões filosóficas e morais, transformando o romance em obras ficcionais admiradas e consagradas.

---

[427] Ibidem, p. 63.
[428] DEJEAN, op. cit.
[429] DUFLO, Colas. **Les Aventures de Sophie**: La philosofie dans le roman au XVIIIeme siècle. Paris: CNRS éditions, 2013.

Em muitos romances do século XVIII as discussões filosóficas estiveram presentes por meio das personagens que elaboravam reflexões ou mesmo nos longos trechos onde o autor/narrador elaborava longas reflexões em primeira pessoa.[430]

Este foi o caso, por exemplo, de Voltaire em *Candide* [Cândido] (1759), de Jean-Jacques Rousseau em *Julie ou La nouvelle Heloïse* [Julia ou a nova Heloisa] (1760), de Bernardin de Saint-Pierre em *Paul et Virginie* [Paulo e Virgínia] (1787). Assim, não foi raro que escritores e filósofos apostassem no romance como meio para a propagação de questões filosóficas, como foi também o caso de Madame de Staël.

Em *Julie ou la Nouvelle Heloïse*, [Julia ou a Nova Heloísa] (1761), Jean-Jacques Rousseau compôs uma obra onde amalgamou à ficção discussões filosóficas ao problematizar determinadas questões que estavam negligenciadas por uma sociedade mergulhada na corrupção dos valores no que concerne à organização social dos gêneros, a exploração humana e a degradação da educação.

Neste livro Rousseau se mostra cético em relação ao pensamento racional e à ciência. Sua desconfiança se deve à importância do sentimento frente ao entendimento humano. Nesta obra defende que o romance como a melhor forma de falar ao coração, o que vai exercer profunda influência tanto em Madame de Staël, como também no movimento romântico da segunda metade do século XVIII.

Sua obra alcançou rápida e enorme notoriedade – o que poucos anos depois seria repetido com a publicação de *Émile*. Foi um *best-seller,* um sucesso de vendas, traduzido para muitos idiomas, além de se tornar manual comportamental de jovens que desejavam pautar sua vida nos ideais sentimentais. Rousseau elaborou uma crítica à nobreza e aos valores que ela representava (ociosidade, vaidade, sociabilidades fúteis, jogos, entre outras) e à racionalidade; bem como também se dedicou à defesa da moral, à ênfase da sensibilidade como potência humana, valorização do campo em detrimento da cidade, da reflexão individual eo culto à solidão. Ou seja, Rousseau utilizou a literatura como instrumento para a transformação humana ao apostar na união entre razão e emoção para a lapidação das virtudes morais individuais.

A personagem Julie é um arquétipo das virtudes femininas e, por conta disto, foi pensada como um modelo a ser seguido pelas donzelas e senhoras da sociedade.

---

[430] Ibidem.

Assim, há vários pontos em comum entre esta obra e *Émile ou de l'Éducation*, publicada poucos anos depois. Em ambas, Rousseau utiliza a escrita como instrumento para a transformação dos indivíduos, por conta disto, aposta na construção de modelos que deveriam servir de guia de comportamento para que homens e mulheres tivessem a oportunidade de se reaproximar de suas verdadeiras inclinações naturais. Ademais, tanto em *Émile*, como também em *Julie*, Rousseau amalgama filosofia e literatura, para divulgar valores e sentimentos morais pelo deleite da leitura.[431]

Julie ou la Nouvelle Heloïse é um romance epistolar que narra a história do amor impossível entre Julie, uma donzela aristocrata, e o jovem filósofo Saint-Preux. Dividivo em seis partes, o romance é construído por meio das cartas trocadas pelos amantes. Ou seja, não há um narrador onisciente que expõe os fatos de maneira objetiva, que descreva lugares ou mesmo apresente as personagens. Todo o enredo é construído a partir das missivas escritas pelas personagens. Assim, a história é desenrolada a partir da manifestação do olhar, das reflexões e dos sentimentos das personagens. Logo, mesmo quando são abordadas questões éticas como odever e as virtudes, Rousseau não cria dicotomias entre a reflexão e os sentimentos, pois são tratadas a partir das demandas e reflexões de cada personagem, com suas contradições e sofrimentos.[432]

Na primeira parte do romance, Julie e Saint-Preux têm a oportunidade de viver seu amor. Ela, forjada para as virtudes e com um coração preparado para o amor, se apaixona por ele.Saint-Preux por sua vez, é um homem jovem instruído, cujas ações seguem o princípio inabalável da retidão moral e da mesma forma, se apaixona por aquela que acreditava ser a mais perfeita das criaturas. Contudo, eles são separados pelo pai de Julie, que se opunha ao casamento entre pessoas de classes sociais distintas. Impedida de se casarcom Saint-Preux, Julie se resigna à vontade do pai e se casa com o fidalgo De Wolmar.

Interessante é que Julie não se casa por obrigação. Ela cede ao pai por acreditar que acima de tudo precisa cumprir com seus deveres morais de filha. Já o pai, por outro lado, não toma suas decisões por egoísmo, mas por acreditar que é seu dever encaminhar a filha para um casamento adequado - por conta disto escolhe para

---

[431] ROUSSEAU, J. J. **Júlia ou a Nova Heloísa.** Campinas: Hucitec, 1994.
[432] Ibidem.

a filha um homem que poderia lhe oferecer conforto material, posição social adequada, mas que também reunia em seu espírito a honra e retidão moral para ser um bom marido.[433] Logo, o que Rousseau coloca em relvo é a relação entre responsabilidade e virtudes morais, como também a importância do amor e do cuidado com o próximo. Rousseau defendo que não há felicidade genuína quando os caprichos e desejos superficiais são priorizados em detrimento dos valores morais e virtudes que devem permear todas as escolhas e práticas individuais.[434]

Conforme já citado anteriormente, embora não tenha sido o primeiro, Rousseau foi um importante crítico da sociedade e da cultura. Em suas obras *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1750) e *Discurso sobre a Origem de Desigualdade entre os Homens* (1755), entre outros, ele se voltapara a história numa tentativa de explicar a situação na qual se encontrava a sociedade e seus costumes.

Entre suas críticas destacava o apego às aparências em detrimento aos valores morais e ao desenvolvimento das virtudes do espírito:

> Que cortejos de vícios não acompanha essa incerteza! Não mais amizades sinceras e estima real; não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às Luzes de nosso século. Não mais se profanará com juramentos o nome do senhor do universo, mas será ele insultado com blasfêmias, sem que nossos ouvidos suscetíveis se ofendam com isso. Não se enaltecerá o próprio mérito, mas se rebaixará o de outrem. De modo algum se ultrajará grosseiramente o inimigo, mas jeitosamente o caluniaremos. Extiguir-se-ão os ódios nacionais, mas com eles irá o amor à pátria. A ignorância desprezada será substituída por um pirronismo perigoso. Haverá excessos proscritos, vícios desonrados, mas outros serão honrados com o nome de virtudes: impor-se-á tê-los ou afetar tê-los. Elogiará, quem desejar, a sobriedade dos sábios de hoje, quanto a mim, não vejo nisso senão um rebuscamento da intemperança, tão indigno do meu elogio quanto a simplicidade artificiosa de tais sábios.[435]

Rousseau lança uma crítica ao artificialismo do Antigo Regime, aos hábitos demasiadamente afetados que dissimulavam as virtudes; às sociabilidades onde a aparência guiava os atos e as práticas de sociabilidades e polidez. Rousseau defendia o desenvolvimento das virtudes essenciais de homens e mulheres contra a cultura da ostentação, dos jogos e vícios; hábitos nefastos embasados em valores viciosos que levavam à infelicidade. Para Rousseau, a beleza consistia em deixar transparecer as

---

[433] Ibidem.
[434] Ibidem.
[435] Ibidem, pp. 336-337

perfeições da alma através da simplicidade das ações e adornos corporais; não estava nos salões e nem nas atividades da corte, mas nas atividades simples, na vida no campo e no deleite junto à natureza que propiciariam não só beleza, mas a felicidade genuína e resplandecente.

Neste romance também podemos observar que há importante valorização da experiência sensível. Ela, conforme já debatido no primeiro capítulo desta tese, estava sendo cada vez mais enfatizada enquanto componente fundamental ao estabelecimento dos laços amistosos e amorosos, bem como capacidade ímpar para a produção artística. Assim, entendemos que possa ser pensada a partir de dois eixos em sua relação com o romance no período moderno. O primeiro é a sensibilidade enquanto base para observação, reflexão e escrita literária, atributo indispensável aos artistas e escritores, pois poderiam captar aquilo que os olhares menos atentos deixavam escapar. O segundo é a abordagem da sensibilidade pelo autor como objeto de reflexão literária, visto que a construção da sensibilidade como um atributo humano admirável - apesar de ser mais latente e admirável nas mulheres por excelência – passa ser questão muito presente na sociedade.

Os romances sentimentais alcançaram enorme popularidade em meados do século XVIII e ao difundirem modelos de virtude contribuíram também para uma revolução nos costumes. As heroínas virtuosas apresentadas aos leitores, os relacionamentos baseados no amor e nas relações de decência moral contribuíam para a formação do imaginário feminino acerca do amor e das relações conjugais ideais. Forjaram um retrato ideal do matrimônio vinculado ao amor romântico, à maternidade e à família burguesa.[436] Neste sentido, muitos romances reproduziam os termos dos debates filosóficos e médicos acerca da natureza dos sexos e da organização cultural.

Os romances ocuparam lugar privilegiado nesse cenário já que, apesar das críticas à leitura feminina, os temores em relação ao seu potencial trangressor – o que não era ilegítimo dentro de uma lógica de controle das subjetividades e dos corpos -, ele foi um instrumento de suma importância para a conformação social. Já no fim do século XVIII, o que muitas das mulheres ansiavam era um amor verdadeiro numa vida conjugal bem-aventurada.[437]

---

[436] MIRANDA, op. cit.
[437] ARAUJO, 2014, op. cit.

A escrita ficcional de Jean-Jacques Rousseau foi um marco para Madame de Staël. Sem se prender aos apontamentos daquele filósofo que tanto admirava, a baronesa teve a sagacidade de partir das propostas do filósofo para elaborar sua teoria filosófica e política; criar seus próprios conceitos e, a partir disto, elaborar paradigmas de sua escrita. Assim, muitas das obras de Rousseau fizeram parte do cabedal reflexivo e conceitual da escritora.[438]

Nota-se esta influência pela ênfase aos sentimentos em detrimento da desconstrução do primado da razão. Não é nosso objetivo aqui listar e analisar cada uma dessas aproximações – este, por si só, já seria trabalho para outra pesquisa -, o que desejamos é problematizar a importância da obra *Julie* para sua escrita ficcional e, em decorrência disto, como ela aborda e ressignifica algumas questões elaboradas por Rousseau em seus dois romances, *Delphine* (1802) e *Corinne ou l'Italie* (1807).

A entrada das mulheres no campo literário, bem como a adesão às novas formas de pensar a literatura, provocaram transformações nos temas e nas sensibilidades literárias; proporcionaram modificações semânticas. Segundo Zechlinski, estas mudanças na linguagem ocorreram devido à adaptação da língua para o mundo feminino.[439]

Ao adentrar num campo masculino, estruturado por um domínio da linguagem, as mulheres tiveram que inovar. Buscaram aporte para uma produção original com novas interpretações do mundo. Assim, a linguagem teve que ser adaptada aos temas femininos e às suas necessidades.

Entendemos que a aproximação das mulheres ao romance foi muito facilitada por esta característica, já que a prática literária feminina esteve muito ligada à sua experiência individual. A partir disso, se pode compreender os motivos deos romances marcadamente femininos terem feito – a ainda fazem – muito mais sucesso entre as leitoras. Temas "femininos" representando sua realidade, anseios e ambições, têm significado diferente para as mulheres, pois há correspondência entre eles e as referências das leitoras – o que não acontece com os homens, já que a formação de suas subjetividades ocorria a partir de outras significações sócio-culturais e de gênero.

Romances escritos por mulheres transformaram o campo literário, visto que, além de deslocarem os temas tradicionais, inseriam novas sensibilidades e

---

[438] Ibidem
[439] ZECHLINSKI, op. cit.

perspectivas, bem como propuseram novos usos da língua. Com isto, os enredos tradicionais, centrados na atuação dos heróis, reis e personagens masculinos das cortes, paulatinamente cederam espaço aos temas ligados às angústias femininas e tramas voltadas ao ambiente doméstico.

Muitas mulheres demonstravam interesse na escrita de romances, pois entendiam que aquele estilo era marcado por complexidades que demandavam do escritor habilidades técnicas e analíticas para sua composição. E que, ademais, o romance poderia cumprir um importante papel social com a disseminação de valores considerados elevados, contribuindo para o aperfeiçoamento dos indivíduos e, por consequência, da nação. Esta defesa foi feitapor Madame de Staël, que considerava que o romance era meio ideal para tal procedimento por sua capacidade de tocar no foro íntimo dos indivíduos e a partir disto, transformar suas vidas e práticas cotidianas.

O romance abriga, para Madame de Staël, "os movimentos do coração humano" e/ou "os quadros das paixões" que despertam emoções mais profundas dos seus leitores. Assim, o bom romance, segundo ela, é aquele que cria representações genuínas ao coração humano e que cativam os leitores; os emociona e "diz a verdade" sem necessidade de cobri-la sob o véu da alegoria. São aqueles que através de suas narrativas ficcionais, seduzem os corações, despertam-lhes sentimentos, tornando-se muito mais atraentes e, por conta disto, cativam muito mais que as obras que discorrem de maneira direta sobre algum tema filosófico:

> Le romans ont le droit d'offrir la morale la plus austère sans que le coeur en soit révolté; ils ont captivé ce qui seul plaide avec succès pour l'indulgence, le sentiment; et tandis que les livres de morale, dans leurs maximes rigoureuses, sont souvente combattus victorieusement par la pitié pour le malheur, ou l'interêt pour la passion, les bons romans ont l'art de mettre cette émotion même de leur parti, et de la faire servir à leur but.[440]

> [Os romances têm o direito de oferecer a moral mais austera sem revoltar o coração. Eles cativam, o que por si só advoga com sucesso pela indulgência e pelo sentimento, e enquanto os livros de moral, em suas máximas rigorosas, são frequentemente vencidos pela piedade com o infortúnio ou pelo interesse da paixão, os bons romances possuem a arte de usar essa emoção mesma a seu favor, fazendo-a servir a seu fim.][441]

---

[440] STAËL [19--?], op. cit., p. 71.
[441] Tradução: CAETANO, op. cit., p. 54.

Ainda sobre os romances, ela assenta:

> Les romans, au contraire, peuvent peindre les caractères et les sentiments avec tant de force et de détails, qu'il n'est point de lecture qui doive produire une impression aussi profonde de haine pour le vice, et d'amour pour la vertu. La moralité des romans tient plus au développement des mouvements intérieurs de l'âme qu'aux événements qu'on y raconte: ce n'est pas la circonstance arbitraire que l'auteur invente pour punir le crime, dont on peut tirer une utile leçon; mais c'est de la vérité des tableaux, de la gradation ou de l'enchaînement de fautes, de l'enthousiasme pour les sacrifices, de l'interêt pour le malheur, qu'il reste des traces ineffaçables.Tout est si vraisemblable dans de tels romans, qu'on se persuade aisément que tout peut arriver ainsi; ce n'est pas l'histoire du passé, mais on dirait solvent que c'est celle de l'avenir.[442]

> [Os romances, ao contrário, podem pintar os caracteres e os sentimentos com tanta força e detalhe, que não há nenhuma outra leitura que produza uma impressão tão profunda de ódio pelo vício e de amor pela virtude. A moralidade dos romances está mais ligada ao desenvolvimento dos movimentos interiores da alma do que aos acontecimentos que ele conta. Não é da circunstância arbitrária que o autor inventa para punir o crime que podemos tirar uma lição útil: é a verdade dos quadros, a gradação ou o encadeamento dos erros, o entusiasmo pelo sacrifício e o interesse pela infelicidade que deixam traços inapagáveis. Tudo é tão verossimilhante em tais romances, que podemos nos persuadir facilmente de que tudo pode acontecer assim: não se trata da história do passado, diríamos, mas muito mais daquela do futuro.][443]

Deste modo, através de enredos bem elaborados e que buscam despertar as emoções em seus leitores Staël pondera sobre muitos dos valores que lhes eram caros - como o uso da razão, a sensibilidade e a liberdade das mulheres, elaborando críticas à política e aos costumes da sociedade francesa e de outros países europeus – chegando a fazer por diversas vezes paralelos entre nações europeias -, enfatizando com isto, a importância da erudição e das virtudes.

Seu primeiro romance, *Delphine* (1802), retrata o modo de viver, a moral e as concepções de dois mundos que coexistiam ao final do século XVIII na França: o do Antigo Regime e mundo liberal do Iluminismo. Para dar vida a estes valores, Madame de Staël representa as Luzes e a liberdade em sua heroína Delphineem contraposição ao tradicionalismo comseu par romântico, Leonce.

Por conta das reflexões críticas elaboradas, Madame de Staël e sua obra foram violentamente atacadas pela imprensa e pelo Primeiro Consul - embora tais críticas

---

[442] STAËL [19--?], op. cit.
[443] Tradução: CAETANO, op. cit., p. 50.

não tenham impedido que ele se transformasse em um grande sucesso de vendas e de público.[444] Entendemos que Staël dá curso na ficção às questões políticas e sociais de seu tempo e tratando de temas muito controvertidos como a defesa do protestantismo sobre o catolicismo, o divórcio e a condição social das mulheres.

Ambientado na França, o enredo se passa na década de 1790, o que lhe deu oportunidade para admoestar o fanatismo revolucionário, o governo jacobino, defendendo o liberalismo político como forma de governo ideal para o exercício da liberdade e, por conseguinte, da felicidade. Contudo, diferentemente de outras obras, os eventos políticos não são abordados de maneira direta, eles aparecem através de debates transversais.

Por meio da correspondência epistolar as personagens narram suas histórias, confessam seus anseios, demonstram seus sentimentos e narram os acontecimentos a terceiros e com isto, não esclarecem questões apenas aos destinatários, mas também aos leitores, que passam a compreender a história a partir destas trocas de informações e confidências. Assim, a narrativa se desloca entre o passado e o presente diversas vezes ao longo dos três volumes que compõem a obra.[445]

A história de Delphine e Léonce é a história de um amor sublime, verdadeiro, mas impedido de florescer devido aos entraves sociais e morais. Assim como o romance de Rousseau, os romances de Madame de Staël tem fins trágicos. A história de amor é brutalmente encerrada, resultando no fim amargo de cada uma das personagens.

Delphine é uma mulher de espírito livre e bastante emancipada das convenções sociais que considera inadequadas por afastar os indivíduos da felicidade e das virtudes. Possui um coração generoso. Por conta disto, procura sempre agir pelo bem, sem jamais prejudicar quem quer que seja. Muito pelo contrário, por sua alma virtuosa coloca a felicidade das pessoas amadas na frente da sua, como também é incapaz de ter uma ação que não seja guiada por valores morais.[446] Ademais, ela é uma mulher esclarecida, que foi educada sob os preceitos das Luzes. Por sua capacidade reflexiva, ideias inovadoras e pela gentileza de suas palavras e atos, representa o progresso e o espírito dos salões ilustrados.

---

[444] BALAYÉ, op. cit.
[445] STAËL, Madame de. **Delphine.** Londres: Chez Dulau/H.Reclan, 1807.
[446] Ibidem.

Léonce, o objeto da sua devoção e seu amor, a descreve como:

> Ah! Que vous aviez raison de me parler de Mad. d'Albémar, comme de la plus charmante personne du monde! Vous m'avez vanté le charme de son entretien, la noblesse et la bonté de son caractere; mais vous n'urez peindre peindre la gràce enchanteresse de sa figure, cette taille svelte, souple, élégante; ces cheveux blonds, qui couvrent à moitié des yeux si doux et em même tems si animés; cette physionomie mobile, et cet air d'abandon, plus pur, plus modeste, plus innocent enconre que'une réserve austère. (...) Oui, mon amie, chacune des grâces de cette figure indique une qualité de l'âme. (...) ses regards qui peignent une intelligence supérieure, et cepedant un catactère timide, (...).[447]
>
> [Ah! Que você estava certo em me contar sobre Mad. Albemar, como a pessoa mais charmosa do mundo! Você me alertou sobre o charme de sua conversa, da nobreza e bondade de sua figura, da graça encantada de seu rosto, daquela figura magra, flexível e elegante, daquele cabelo claro que cobre metade dos olhos que tão doces e ao mesmo tempo tão amados; essa fisionomia volúvel, este ar de abandono mais imodesto, mais que uma reserva austera (...) sim, minha amiga, cada uma das graças desta figura indicam uma qualidade da alma. (...) Pintam uma figura de inteligência superior, contudo, um caráter tímido (...).]

Apesar de ser admirada por muitos à sua volta, sua postura é considerada pouco convencional e motivo de muitas críticas. Delphine é viúva, e por conta disto adquiriu autonomia para frequentar os ambientes cultos e se tornou conhecida por sua personalidade, opiniões e atitudes. Contudo, apesar de todos seus predicados, Delphine não é nobre ou rica por nascimento. Foi alçada à sua posição social por conta do casamento com seu tutor – maneira encontrada por ele para continuar zelando por ela mesmo após a sua morte.

No começo do romance, ela é admoestada por sua prima, demonstrando o tom da crítica que as mulheres mais conservadoras dirigiam a ela:

> Vous êtes charmante, on vous le répète sans cesse; (...) Vous êtes jeune, vous aurez sans doute le desir de vous remarier; pensez-vous quúm homme sera bien aise de s'unir à une personne qui voit tout par ses propes lumières, soumet sa conduite à ses propes idées, et dédaigne solvente les maximes reçues? (...) Ma cousine, où em serions-nous, si toutes les femmes prenoient ainsi pour guide ce qu'elles appelleroient leurs lumières? Croyez-moi, ce n'est pas seulement par les fidèles qu'une telle indépendance est blâmée; les hommes qui sont plus affranchis des vérités traitées des préjugés dans la langue actuelle, veulent que leurs femmes ne se dégagent d'aucun lien, ils sont bien aises qu'elles soient dévotes, et se croient plus sûr ainsi qu'elles respecteront et leurs devoirs, et juqu'aux moindres nuances de ces devoirs. (...) Pourquoi n'êtes-vous pas heureuse? Vous êtes jeune, riche, jolie; vous avez um esprit dont le charme et la superiorité ne sont pas contestés'vous

[447] Ibidem, pp. 150 – 151.

> êtes bonne et généreuse: savez-vous ce qui vous afflige? C'est l'incertitude de votre croyance; et, s'il faut tout vous dire, c'est que vous sentez aussi que cette indépendance d'opinion et de conduite qui donne à votre conversation peut-être plus grâce et de piquant, dejá commence à faire dire du mal de vous, et nuira sûrement tôt ou tard à votre existence dans le monde.[448]
>
> [Você é chamosa nós vos repetimos sem cessar; (...) você é joem, provavelmente vai querer se casar novamente; você acga que um homem ficará feliz em se unir a uma pessoa que vê tudo por sua própria luz, se submete a suas próprias ideia e despreza as máximas recebidas? (...) Minha prima, onde estaríamos, se todas as mulheres levassem como seus guias o que elas chamam de suas Luzes? Acredite em mim, não é só pelos fiéis que tal independência é culpada; os homens que são libertos das verdades dos preconceitos na língua atual, querem que suas esposas estejam livres de qualquer conexão, que sejam bem devotos e que se julguem mais seguros, como eles o respeitarão. e seus deveres, e até mesmo as mais leves nuances desses deveres. (...) Por que você não é feliz? Você é jovem, rica e bonita; você tem um espírito cujo charme e superioridade não são contestados. Você é boa e generosa, conhece sua crença? e, se é necessário dizer-lhe tudo, é porque você também sente que essa independência de opinião e conduta que dá à sua conversa talvez mais graça e agudeza, já começa a fazer com que a palavra seja ruim, e certamente irá prejudicar mais cedo ou mais tarde a sua existência no mundo.]

Então, ao receber estas admoestações em formato de conselho, Delphine responde à prima:

> J'ai de la peine à contenir, ma cousine, le sentiment que votre lettre me fait éprouver; je devrois ne pas y céder puisque j'attends de vous une marque précieuse d'amitié; mais il m'est impossible de ne pas m'expliquer une fois frenchement avec vous; je veux mettre un terme aux insinuations continuelles que vous me faites sur mes opinions et sur mes goûtes, (...) Maintenant passons aux reproches ou aux conseils que vous croyez nécessaires de m'adresser. Je n'ai pas les mêmes opinions que vous; mais je ne pense pas, je vous l'avoue, que ma consideration en souffre le moins du monde. Si je songeois à me remarier, l' ose crise que mon coeur est un assez noble présent pour n'être pas dédaigné par celi qui m'em paroîtroit digne; vous avez cru, dites-vous, démêler d la tristesse dans ma lettre, vous vous êtes trompée; je n'ai dans ce moment aucu sujet de peine: mais de bonheur même des ames sensibles n'est jamais sans quelque ménage de mélancolie; (...) Qu'ai-je à redouter du monde? Je n'y porte que des sentiments doux e bienveillans; si j'avois été dépurvue de toute espèce d'agrémens, peut-être n'aurois-je pu me défendre d'un peu d'aigreur contre les femmes assez heureuses pour plaire; mais je n'entends retenir autour de moi que des paroles flatteuses; ma position me permet de rendre quelquer services, et ne m'oblige jamais à en demander; je n'ai que des rapports de choix avec les personnes qui m'entourent; je ne recherche que celles que j'aime; je ne dis aucun mal des autres: pourquoi donc voudroit-on affliger une créature aussi *inoffensive* que moi, et dont l'esprit, s'il est vrai que l'éducation que j'ai recue, dis-je, n'a d'autre mobile que le desir d'être agréable à ceux que je vois? Vous m'accusez de n'être pas aussi bonne catholique que vous, et de n'avoir pas assez de soumission pour les convenances arbitraires de la société. D'abord, loin de blâmer votre dévotion, me chère cousine, je n'en ai-je pas tou jours parlé avec respect; je sais quelle est sincere, et quoiquelle n'ait pas encore entièrement adouci ce que vous avez peut-être de trop apre dans le caractère,

---

[448] Ibidem, pp. 12 – 13.

> je crois qu'elle conribue à vorte boneur, et je ne me permettrois jamais de l`attaquer, ni par des raisonnemens, ni par des plaisanteries; mais j'ai reçu une éducation tout-à-fait différent de la vôtre. Mon respectable époux, en revenant de la guerre d'Amérique, s'étoit retiré dans la solitude, et s'y livroit à l'examen de toutes les questions morales, que la réflexion peut aprofondir. (...) J'entre dans le monde avec um caractère bon et vrai, de l'esprit, de la jeunesse et de fortune, pourquoi ces dons de la Providence ne me redroient-ils pas heseuse? Pourquoi me tourmenterois-je des opinions que je n'ai pas, des convenances que j'ignore? La morale et la religion du coeur ont servi d'appui à des hommes qui avoient à parcourir une carrière bien plus difficile que la mienne: ces guides me suffiront.[449]
>
> [Eu mal posso conter, minha prima, a sensação de que sua carta me faz sentir; Não devo ceder porque espero de você uma marca preciosa de amizade; mas é impossível para mim não me explicar uma vez com você; Quero pôr um fim às insinuações contínuas que você faz em minhas opiniões e em meus gostos, (...) Agora passemos às reprovações ou aos conselhos que vocês acham necessários para se dirigirem a mim: não tenho as mesmas opiniões que você; mas não creio, confesso, que minhas considerações são as menores do mundo. Quando estou pronto para me casar novamente, o desafio é uma crise que meu coração é um presente nobre o suficiente para não ser desprezado por aquilo que me faria digno; você pensou, você diz, para desvendar a tristeza em minha carta, você está enganado; Neste momento não tenho motivo para dor, mas mesmo de felicidade, mesmo almas sensíveis, nunca está sem um lar melancólico; (...) O que eu tenho que temer do mundo? Lamento apenas por sentimentos e bondade; se eu tivesse sido privado de todas as espécies de amenidades, talvez eu não pudesse ter sido capaz de me defender da amargura contra as mulheres que eram felizes o suficiente para me agradar, mas eu não ouço nada além de palavras tolas de mim. ; minha posição me permite prestar serviços e nunca me deixa desconfortável; Eu só tenho relações de escolha com as pessoas que me cercam; Eu procuro somente aqueles que amo; Eu não digo a um dos outros: quantos presentes alguém quereria infligir uma criatura tão inofensiva quanto eu, e vestir o espírito, se é verdade que a educação que recebi outro motivo que o desejo de ser agradável ao que vejo? Você me acusa de não ser tão bom católico quanto você, e de não ter submissão suficiente para a propriedade arbitrária da sociedade. A princípio, longe de culpar sua devoção, minha querida prima, nem sempre falo com você com respeito; Eu sei o que é sincero, e embora ainda não tenha suavizado completamente o que você pode ter em muito caráter, acredito que isso contribuirá para sua boa sorte, e eu nunca me permitirei atacar, nem por raciocínio ou por brincadeiras. Mas eu recebi uma educação bem diferente da sua. Meu respeitável marido, ao retornar da guerra da América, se conteve na solidão e se empenhou no exame de todas as questões morais, cuja reflexão pode aprofundar-se. (...) eu entro no mundo com um caráter nascido e verdadeiro, de esperança, de juventude e fortuna, por que esses dons da Providência não me deprimem? Por que me atormentar com opiniões que não tenho, propriedades que não conheço? A moralidade e a religião do coração serviram de apoio aos homens que tiveram que passar por uma carreira muito mais difícil do que a minha: aqueles que me bastam.]

Todos estes fatores citados faziam com que ela não fosse bem vista pelas damas da aristocracia representadas pela mãe de Léonde, e sua prima, Mme. Vénon, que a consideravam uma mulher excêntrica e com ideias desajustadas às normas

---

[449] Ibidem, pp. 14-22.

sociais aristocráticas. Era, conforme Maria Stella Bresciani, "uma presa fácil de uma sociedade aristocrática assentada sobre as regras do Antigo Regime, honra, hierarquia, dissimulação, hipocrisia".[450] Por diversas vezes, ao longo do romance, ela é humilhada publicamente e vítima de mexericos maldosos. Apesar de tudo, nasce o amor entre eles, conforme confessam por várias vezes em suas epístolas, é genuíno e intenso. Contudo, a relação amorosa é marcada por vários problemas e, sobretudo, desencontros.

Delphine ama Leónce, sem saber que ele estava com casamento arranjado com sua protegida, Matilde. Mas, apesar das crises morais causadas por tal situação, o casal opta pela verdade, por seguir pelo caminho do seu amor. Contudo, novos empecilhos surgem, pois ao proteger uma amiga da humilhação e desonra, quem acaba sendo jogada nesta situação é Delphine. Enquanto se dedicava a encobrir os segredos e a infidelidade da amigaela foi acusada de cometer faltas morais. Seu sofrimento ganha uma dimensão ainda maior ao ser abandonada pelo seu amado que, enciumado, se casa com Matilde, a donzela que sua mãe – uma mulher mesquinha e maldosa que representa a frivolidade e os vícios da cultura aristocrática - havia escolhido para ser sua esposa.

O fim da história dos apaixonados é trágico. Abandonada, Delphine faz votos religiosos e retira-se em um convento. Já Léonce, preso e condenado à morte pelos jacobinos revolucionários, aguarda seu destino na cadeia. Ambos sucumbem frente às adversidades criadas por uma sociedade retradada como degenerada por convenções sociais perversas e uma política fanática, que não era guiada pelo bem nacional, mas sim pelas vaidades e interesses particulares. Após um último encontro, ambos morrem. Sucumbem frente à impossibilidade de viver em desacordo com seus e sentimentos.

Assim como *Delphine, Corinne* foi um grande sucesso de público e crítica. Contudo, por ter sido escrito no período em que estava exilada, por ter uma experiência cultural muito cosmopolita devido suas constantes viagens e participação

---

[450] BRESCIANI, Maria Estella. "Entre o amor-próprio e a humilhação. Delphine e Corinne: metáforas da virtude em Germaine de Stael" In: MARZON, Izabel e NAXARA, Márcia (org). **Sobre a Humilhação**: sentimentos, gestos e palavras. Qual a cidade da editora? EDUFU, 2005.

em diferentes cortes e demais espaços de sociabilidades europeias, *Corinne* suplantou o sucesso das demais obras de Madame de Staël.[451]

Redigido no formato de romance moderno, onde há um narrador onisciente que apresenta ao leitor as personagens e todos os detalhes da trama, assim como em *Delphine*, o enredo desta obra gira em torno de Corinne e Oswald, um jovem casal que se ama, mas que representa mundos diferentes. Contudo, as proximidades entre os dois romances não param por aí. Eles representam mundos opostos, e seu amor uma traição aos seus valores.

Publicado em 1807, após uma viagem de meses pelos Estados italianos, tanto a viagem que a originou, como a própria ambientação da obra são compatíveis com o imaginário europeu sobre a Itália como berço da civilização.[452]

Oswald é um jovem militar inglês que há anos havia cortado relações com sua terra natal por conta de problemas com o pai – que não aceitava que o filho rompesse compromisso de casamento firmado e se unisse a uma mulher considerada inadequada. Ele é um homem honesto, com uma índole ilibada, mas muito conservador no que se refere aos costumes.

> À vingt-cinq ans, il était découragé de la vie, son esprit jugeait tout d'avance, et sa sensibilité blessée ne goûtait plus les illusions du cœur. Personne ne se montrait plus que lui complaisant et dévoué pour ses amis quand il pouvait leur rendre service; mais rien ne lui causait un sentiment de plaisir, pas même le bien qu'il faisait (...) les indifférens jouissaient de ce caractère, et le trouvaient plein de grâce et de charmes; mais quand on l'aimait, on sentait qu'il s'occupait du bonheur des autres comme un homme qui n'en espérait pas pour lui- même; (…).[453]
>
> [Aos vinte e cinco anos, ele estava desencorajado da vida, sua mente julgada de antemão, e sua sensibilidade ferida não provava mais as ilusões do coração. Ninguém se mostrava mais do que ele complacente e dedicado aos amigos quando ele poderia servi-los; mas nada lhe causava sensação de prazer, nem mesmo o bem que fazia. (...) os indiferentes desfrutavam desse caráter, o achavam cheio de graça e encantos; mas quando alguém o amava,

---

[451] Segundo Narcelli Piucco, *Corinne ou l´Italie foi* muito lido e comentado nos jornais, sendo traduzido para seus respectivos idiomas em países como Inglaterra, Itália, Alemanha e França. Devido ao grande sucesso, entre os anos de 1807 e 1810 o livro foi editado catorze vezes. PIUCCO, op. cit.

[452] Conforme já citado, Madame de Staël faz uma densa pesquisa para a composição do romance. Compondo uma obra que, conforme aponta Beatrice Didier, é composta por três eixos literários: guia de viagem, tratado sobre a Itália e romance. Ressaltamos que infelizmente não temos como abordar cada um destes eixos ou mesmo atentar para a obra de forma mais aprofundada nesta tese. Mas entendemos que para uma análise mais robusta é necessário que atentar para tal questão, visto que apenas desta maneira sua riqueza e valor literário poderão ser compreendidos. Para mais informações da obra: ARAUJO, 2014, op. cit.

[453] STAËL, 1807, op. cit., p. 02.

> sentia que se importava com a felicidade dos outros mais do que esperava para si mesmo.]

Corinne – tal qual Delphine – representa a liberdade. É uma mulher livre, independente, que tem virtudes e predicados admiráveis, o que a torna digna de veneração de todos aqueles que a conhecem de perto. Madame de Staël é muito enfática ao ressaltar os predicados de sua heroína, uma *salonnière* que é a união do gênio artístico e criador. Uma mulher que encanta a todos com sua beleza física e espiritual, que possui dons quase divinos e que o sofrimento é levado às últimas consequências por sua capacidade de amar:

> L´un disait que sa voix était la plus touchante d´Italie ; l´autre que personne ne jouait la tragédie comme elle ; l´autre, q´elle dansait comme une nynphe, et qu'elle dessinait avec autant de grâce que d´invention : tous disaient qu´on n´avait jamais écrit ni improvisé d´aussi beaux vers, et que, dans la conversation habiuelle, elle avait tour à tour une grâce et une éloquence qui charmaient tous les esprits.[454]
>
> [Um dizia que sua voz era a mais tocante da Itália, outro, que ela dançava como uma ninfa e que desenhava com tanta graça quanto com imaginação: todos diziam que jamais se escreveu ou se improvisou tão belos versos, e que, na conversa habitual, ela tinha, de modo alternado, uma graça e uma eloquência que encantavam o espírito.]

Assim que Oswald a vê, no momento em que é homenageada, fica fascinado. Já havia visto muitos homens colherem os louros por suas vitórias, serem venerados quase como deuses, mas nunca ouvira falar de qualquer mulher em uma situação parecida. Ele não deixou de se admirar com a situação, os elogios e gentilezas que eram a ela destinados, o que produzia um misto de estranhamento e arrebatamento:

> (...) Les quatre chevaux blancs qui traînaient le char de Corinne se firent place au milieu de la foule. Corinne était assise sur ce car construit à l´antique, et des jeunes files, vêtues blanc, marchaient à côte d´elle. Partout ouù elle passait, l´on jetait en abondance des parfums dans les airs; chacun mettait aux fenêtres pour la voir, et ses fenêtres étaient parées en dehors par des pots de fleurs (...). Elle était vêtue comme une Sybille du Dominiquin, un schall des Indes tourné autour de sa tête, et ses cheveux, de plus beau noir, entremêlés avec ce schall; sa robe était blanche, une draperie bleue se rattachait au-dessous de son sein, et son costume était très-pittoresque, sans s´écarter cependant assez des usages reçus, pour que l´on put y trouver de l´affection. Son attitude sur le char était noble et modeste: on apercevait bien qu'elle était contente d´être admirée ; mais un sentiment de timidité se mêlait à sa joie, et semlait demander grâce pour son triomphe; l´expression de sa physionomie, de ses yeux, son sourire, intéresait pour elle (...) Ses bras étaient d´une éclatante beauté; sa taille grande, mais um peu forte, à la

---

[454] Ibidem, p. 39.

> manière des statues grecques, caractérisait énergiquement la jeunesse et le bonheur, son regard avait quelque chose d´inspiré. L'on voyait dans sa manière de saluer, et de remercier pour les applausemens qu´lle recevait, une sorte de naturel qui relevait l'éclat de la situation extraordinaire dans laquelle elle se trouvait; elle donnait à la fois l´idée d´une prêtesse d´Apollon, qui s´avançait vers le temple du Soleil, et d´une femme parfaitement simple dans les rapports habituels de la vie, enfin tous ses mouvemens avaient un charme qui excitait l´intérêt et la curiosité, l´étonnement et l´affection.[455]

> [(...) os quatro cavalos que puxavam a charrete de Corinne se colocaram no meio da multidão. Corinne estava sentada na charrete, construída à moda antiga, e jovens meninas, vestidas de branco, andavam ao seu lado. Por onde ela passava, lançava-se, abundantemente, perfumes no ar; todos iam para as janelas para vê-la e estas janelas eram decoradas, pelo lado de fora, com potes de flor (...) Ela estava vestida como uma Sibila de Dominiquin: um xale da Índia envolto na cabeça, e seus cabelos, do mais belo negro, entremeados a esse xale; seu vestido era branco, tecidos azuis estavam presos abaixo de seus seios, e sua roupa era muito pitoresca, não se afastando muito, contudo, dos costumes habituais a ponto de ser-lhe atribuída afetação. Sua atitude na charrete era nobre e modesta: percebi-se que ela estava contente de ser admirada, mas um sentimento de timidez misturava-se à sua satisfação e parecia pedir perdão por seu triunfo; a expressão de sua fisionomia, de seus olhos, de seu sorriso, cativavam (...) Seus braços eram de uma beleza estonteante; alta, mas um pouco forte, à maneira das estátuas gregas, caracterizando energicamente a juventude e a felicidade; seu olhar tinha algo de inspirador. Via-se, na sua maneira de saudar e de agradecer os aplausos que recebia, algo de natural que provinha do brilho da situação extraordinária na qual ele se encontrava; ela dava, ao mesmo tempo, a ideia de uma sacerdotisa de Apolo, avançando em direção ao templo do Sol, e de uma mulher perfeitamente simples nas relações habituais da vida; enfim, todos os movimentos tinham um charme que excitava o interesse e a curiosidade, a surpresa e a afeição.]

Assim, naquele momento, tomou conta de sua alma uma profusão de sentimentos. Então, não tardou para arranjar um encontro com aquela dama de espírito mais gracioso que até então conhecera. Corinne dedicava-se à arte e às sociabilidades, era uma anfitrã admirada por todos à sua volta, que não cansavam de elogiar seu gênio artístico.

Ela amava a arte, buscava a felicidade e a realização pessoal; acreditava que a imaginação, reunida às virtudes do espírito, à sensibilidade e erudição, são os mais belos predicados que podem ser encontrados nos indivíduos. Ademais, uma questão bastante peculiar é que Corinne não carregava consigo seu nome de família, não demonstrava ter vínculos familiares ou responder a algum responsável. Ela era livre, simplesmente "Corinne". Figura sedutora e enigmática, que exercia em Oswald uma atracão sem precedentes. Apesar das diferenças, o amor entre eles nasceu.

---

[455] Ibidem, p. 41.

> On se disputait pour savoir quelle ville d´Italie lui avait donnée la naissance; mais les Romains soutenaient vivement qu´il fallait être né à Rome pour parler l´italien avec cette pureté. Son nom de famille était ignoré. Son premier ouvrage avait paru cinq ans auparavant, et portait seulement le nom de Corinne. Personne ne savait oú elle avait vécu, n ice que'elle avait été avant cette époque; elle avait maintenant à peu près vingt-six ans. Ce mystère et cette publicité tout à la fois, cette femme dont tout le monde parlait, et dont on ne connaissait pas le véritale nom, parurent à lord Nelvil l´une des merveilles du singulier pays qu´il venait voir. Il aurait jugé très-sévèrement uns telle femme en Angleterre, mai il n´appliquait à l´Italie aucune des convenances sociales, et le couronnement de Corinne lui inspirait d'avance l'intérêt que ferait naître une aventure de l´Arioste.[456]
>
> [Discutia-se para saber em qual cidade da Itália nascera; mas os Romanos sustentavam enfaticamente que era preciso ter nascido em Roma para falar italiano com aquela correção. Seu sobrenome era ignorado. Sua primeira obra aparecera cinco anos antes, e trazia apenas o nome de Corinne. Ninguém sabia onde ela vivera, nem o que fora antes dessa época, tendo agora aproximadamente vinte e seis anos. Este mistério e esta publicidade ao mesmo tempo, esta mulher de quem todo mundo falava e cujo verdadeiro nome ninguém conhecia, pareceram ser, para lord Nelvil, uma das maravilhas do país singular que ele viera conhecer. Na Inglaterra ele teria julgado com muita severidade tal mulher, mas não aplicava à Itália nenhuma das conveniências sociais, e a coroação de Corinne inspirava-lhe, sobretudo, um interesse que poderia fazer nascer uma aventura de Ariosto.]

Já Oswald, por sua educação limitada e tradicional, apesar de desejar se desprender das tradições e obrigações sociais para estar ao lado de sua amada, não consegue abandonar seus valores para que possam viver seu amor. Assim, nos dois romances, o amor genuíno acaba em tragédia. As personagens femininas sucubem frente ao poder coercitivo das antigas tradições – no enredo, representado pelo abandono de seus amados.

Como citado, o dever moral e o compromisso às tradições eram os guias de suas escolhas. Então, ao se apaixonar e estebelecer uma relação amorosa com Corinne, a culpa mais uma vez passou a assombrar seus dias e noites. Apesar de admirá-la e amá-la verdadeiramente, entendia que ela não poderia ser a mulher certa para ele já que não era adequada segundo os preceitos paternos ou a tradição familiar.

O amor entre eles é fulminante, parte da admiração mútua, mas as diferenças ideológicas e de entendimento da vida somadas às dificuldades práticas que encontram, acabam afastando definitivamente o casal. O clímax da trama é quando Corinne envia uma carta ao seu amado afim de contar-lhe a verdade sobre si e, para isto, narra todos os detalhes de seu passado. O que Oswald não sabia é que ao

---

[456] Ibidem, p. 39.

conhecer a história de Corinne, saberia um pouco mais sobre o seu próprio passado. Então a dor que levava em sua alma ganha novas dimensões quando descobre que por uma infeliz coincidência, ela havia sido cogitada para ser sua esposa, mas seu pai se negou a aceitá-la devido ao seu espírito transgressor

Em sua missiva, Corinne afirma ser meia-irmã de Lucile, donzela que Lord Nelvil havia escolhido para casar com o filho após negar que ele se casasse com Corinne. Ela conta que havia descoberto que seu pai e o de Oswald tinham sido amigos de longa data e que, antes de sua morte, seu pai havia sugerido que as famílias se unissem com o casamento dos jovens Oswald e Corinne. Contudo, a sugestão foi negada. Lord Nelvil, não considerava a primogênita uma moça de hábitos adequados; então fez uma contraproposta e sugeriu que a caçula, Lucile, desposasse seu único fiho. Embora insatisfeito, o pai de Corinne aceitou o arranjo. Entretanto, o casamento só poderia se realizar quando Lucile alcançasse a idade adequada para se casar.

No que diz respeito a Corinne, seu pai concordou que fosse morar na Itália, país da sua falecida mãe, pois entendia que apenas lá ela poderia ser feliz. A notícia era trágica tanto para Corinne, como também para Oswald – que acreditava estar mais uma vez traindo seu pai. Então, Oswald se casou com Lucile sendo observado ao longe por Corinne, que morre poucos instantes depois de tristeza.

Corinne é dotada com as mesmas qualidades que a sua criadora, Mme de Staël. Seu gênio em um país como a Itália é reconhecido e levado em triunfo, sendo considerada quase como uma deusa – o que não ocorreria em outras partes da Europa onde, por conta dos costumes austeros e artificiais, seria vítima do preconceito e da injuria. O fato é que Corinne tinha tudo o que Germaine admirava e desejava e, principalmente, tudo o que ela afirmava como mulher.[457]

Interessante que em ambos os romances, Madame de Staël não apenas usa a ficção para dar voz aos seus ideais sobre política e sociedade, mas também usa a sua escrita e imaginação como um portal que se abre a “novos possíveis”. Assim, entendemos que através da crítica, Madame de Staël esboça novas poéticas da existência numa perspectiva de abertura às novas formas de ser, viver - e, por que não, de amar e se relacionar sexualmente.

---

[457] BRESCIANI, op. cit.; BALAYË, op. cit.

Ao abordar o tema do amor para Staël, Ozouf ainda aponta que mesmo vendo no amor uma das formas de existência feminina, Madame de Staël não tem uma visão idealizada deste sentimento.Apesar de enaltecer o amor e garantir a ele lugar ímpar para a existência das mulheres, ele também pode ser um veneno que após inebriar, cega e, aos poucos, pode definhar a mais forte das mulheres.

Para Madame de Staël a capacidade de amar é um talismã que todas as mulheres desejam; inspiração sublime que as tira da solidão e que lhes garante não apenas momentos de felicidade, mas algo muito mais importante: é um catalizador que promove a transformação da alma e que reverbera o ser.[458] Contudo, a baronesa ainda destaca que fazer com que o amor se fixe, crie raízes, não é uma tarefa fácil porque o homem não é um ser estável e busca sempre por mudanças. Madame de Staël entende que o medo de ser abandonada é uma ansiedade da mulher, já que o romprimento é símbolo da morte. Então, apesar de discorrer sobre a força e importância do amor como vetor para a existência feminina, Staël busca percebê-lo naquilo que também traz de ameaçador. Faz apontamentos sobre o que seria "o outro lado da moeda", pois, segundo ela, o momento de êxtase amoroso é passageiro. O que era o elixir da vida se tornaum venenoque, quando menos se espera, vai corroer a alma.[459]

A impossibilidade de conjugar o amor e a glória é um *topos* staeliano ilustrado pelas personagens dos romances *Delphine* e *Corinne,* que ela delineia como representações dela mesma, dotadas de beleza, olhos encantadores e de fisionomias animadas, cheias de talento e coração generoso, o que as tornam criaturas maravilhosas.[460]

Ao mesmo tempo em que representa uma possibilidade de realização individual para as mulheres, o amor pode ser fatal. Como um veneno, pode sugar-lhes a vida. Elas ficam presas às amarras do tempo – que rapidamente leva seus anos de juventude e com isto não apenas o viço, mas também o interesse masculino, que estará sempre em busca de novas aventuras – pode ser uma armadilha. Após o momento da sedução e do encontro dos amantes, a felicidade não durará para sempre. Por terem uma vida muito circunscrita, diferente dos homens que encontram

---

[458] OZOUF, op. cit.
[459] Ibidem.
[460] Ibidem.

várias distrações e atividades na sociedade, as mulheres precisam se prender às amizades, à força moral e às lembranças dos tempos felizes para que consigam passar pela solidão.

Interessante que Madame de Staël, não rompe com o ideal de natureza feminina. Para ela, há sim uma essência que distingue homens e mulheres. Contudo, o que demarca a diferença racional é o acesso à educação e as possibilidades encontradas para a lapidação das capacidades individuais. A natureza não é limitadora, mas um âmbito específico que homens e mulheres podem – e devem – desenvolver para se aperfeioarem.

É interessante observarmos que há muitas proximidades entre as personages *Corinne* e *Delphine* com Madame de Staël. Como mostram seus biógrafos e pesquisadores que se dedicam a analisar suas obras, não se trata de obra do acaso ou produto do inconsciente.

Elas são como espelhos da autora. São mulheres emancipadas, tocadas pelas Luzes da razão, virtuosas e admiradas, tudo que Madame de Staël acreditava ser. Assim, na esteira das pesquisas já realizadas sobre esta quesão, defendemos queMadame de Staëlconstrói seu alter-ego com as duas personagens, tendo em vista que suas subjetividades, trajetórias pessoaise qualidades são correspondentes aos dela.Ademais, no que concerna à aparência física, principalmente Corinne, e estilo de se vestir e adornar, eram os mesmos de Madame de Staël. São mulheres que, por sua capacidade individual ímpar, por sua trajetória, encontraram a fama, receberam reconhecimento eque, devido aos preconceitos, ao fanatismo das paixões e de valores deturpados, tiveram sua luz apagada por uma sociedade que não soube lidar com suas ideias liberais.

A trajetória de Corinne é semelhante à de Madame de Staël, que lutou com todas suas forças pelo que acreditava. Buscou exercer sua liberdade quebrando muitas das barreiras, inclusive as de gênero, e devido a isto acabou gerando muitas inimizades e atraindo comentários negativos sobre si. Mas, em contrapartida, além da satisfação pessoal, conquistou a admiração de muitos homens e mulheres que, assim como ela, eram inconformistas, ousavam sonhar com mudanças sociais, mesmo que a princípio ficassem mais restritas ao universo ficcional.

Por sua atuação como ativista política, salonière e escritora, Madame de Staël obteve reconhecimento dos seus pares ainda em vida. Embora no século XIX ela ainda tenha sido muito criticada, hoje é reconhecida como uma importante pensadora,

cuja produção abrange diferentes áreas. Assim como em *Corinne ou l'Italie*, suas ponderações são muito atuais e dizem muito de sua época, mas também nos fazem refletir acerca da historicidade de muitos conceitos e instituições contemporâneas.

Estas são questões que foram muito importantes e que nos ajudaram a compreender porque os seus romances precisam ser analisados ao lado das demais fontes que foram trabalhadas nesta pesquisa. Acreditamos que esta aproximação é muito rica, pois oferece outras dimensões da escrita de Madame de Staël. Se nas demais obras analisadas nos capítulos anteriores tivemos a oportunidade de ponderar a respeito de suas relações amistosas e familiares, defesa política, formas de (re)existência, sua escrita ficcional permite adentrar por outros meandros de sua subjetividade por meio da análise da imaginação e do pensamento desiderativo, já que neste tipo de escrita ela teve maior liberdade para registrar seus sonhos e anseios, edificar críticas que, por vezes, por serem, em sua maioria, marcadamente de cunho cultural - e por conta disto parecerem superficiais frente a assuntos considerados superiores - não cabiam nos debates políticos ou literários em outras obras. Entendemos que ao analisarmos os romances a partir da concepção que a própria autora tinha de literatura, estamos completando nosso percurso analítico, não nos afastando dele.

Por conta disto, em nossa análise acreditamos ser de suma importância levar em consideração a concepção staëliana de literatura e empreender um esforço de analisar as fontes a partir dela, pois acreditamos que apenas desta maneira se pode compreender o real significado destas obras dentro da produção escrita de Madame de Staël, sem incorrer em anacronismos. Assim, neste capítulo buscamos um duplo movimento. Compreender o que era e quais as características da escrita ficcional de Madame de Staël, bem como atentar para a função da literatura para a escritora, problematizando como ela se apropriou da escrita ficcional e instrumentalizou seus romances em prol da transformação social. Ela fez da criação literária mais uma forma de ação política e de propagação de suas ideias

Há linhas teóricas e metodológicas que indicam que tal análise "empobrece" a problematização, que é maneira simplista ou mesmo procedimento que limita a compreensão da literatura - ou mesmo a empobrece. Contudo, não pensamos desta maneira. À luz dos debates anteriores sobre a questão e após anos de pesquisa sobre a trajetória e produção escrita de Madame de Staël, entendemos que este procedimento é parte do seu projeto literário e político. Isto porque, em primeiro lugar,

como já ressaltado inúmeras vezes nesta tese, sua produção escrita parte do seu projeto político de difundir suas ideias, de corroborar para o desenvolvimento social através do debate intelectual. Em segundo lugar, defendemos que esta foi sua maneira de agir em favor da autonomia e liberdade para as mulheres, uma forma de ação política em prol da ampliação das possibilidades de existência para as mulheres.

Seus romances ofereceram instrumentos para aquelas que, assim como ela, desejavam ser mais que do que mães e esposas; que elas tivessem a oportunidade de vislumbrar que era possível ir além destas atividades, ser independente, admirada e livre sem que com isso fossem marcadas pela infâmia , muito pelo contrário. Para Staël, estas eram atitudes que não afastavam as mulheres da honestidade ou dignidade. Ademais, defendemos que a escrita foi a maneira encontrada por Madame de Staël para divulgar aquilo que ela acreditava ser um dos maiores baluartes de sua sociedade e seu tempo, ou seja, ela mesma. Em momentos em que a perseguição política impunha entraves ela esboçou a si mesma pela escrita ganhando visibilidade – mesmo que por meio de outros nomes e outras histórias. Em um jogo de revelação/dissimulação, Madame de Staël utilizou a arte da escrita para recriar a si mesma no que acreditava que tinha de mais precioso.

Conforme afirmam vários biógrafos e como podemos observar nas fontes, Madame de Staël não era nada modesta. Acreditava ser um gênio injustiçado por uma sociedade injusta e vil. Acreditava ser uma mulher ímpar, que havia sido educada e adquirindo virtudes e conhecimentos que não puderam ser aproveitados devido à ignorância e ao fanatismo que se instalou no seu país. Devido a isto, conforme tivemos a chance de debater em nosa dissertação de mestrado, usou a literatura como espaço para esboçar aquele que acreditava ser um modelo feminino admirável e que pudesse servir para outras mulheres.

Como tratamos na dissertação de mestrado, ao pensar a literatura como instrumento para difusão de um modelo feminino, tal qual fez Rousseau, Madame de Staël rompeu com o filósofo que a inspirou, mas também com a proposta ilustrada do modelo feminino de "anjo do lar". Conforme podemos observar na leitura das fontes, Madame de Staël rompeu radicalmente com este modelo ao elaborar personagens que são o oposto da ideologia da domesticidade. Sem negar a importância do casamento ou o exercício da maternidade, Madame de Staël desejava resignificar a sua existência, ultrapassar os limites impostos às mulheres. Para Madame de Staël, os lugares reservados às mulheres não garantiam felicidade ou realização. Para ela,

assim como muitas outras de suas contemporâneas, apesar dos apelos, a vida não se limitava aos cuidados domésticos, à maternidade, à caridade ou mesmo à submissão. O lar era demasiadamente pequeno para o tamanho de suas ambições. Ela desejou mais e conforme observamos ao longo desta tese, ela conseguiu se tornar seu próprio gênio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa problematizamos a produção escrita de Madame de Staël. A partir da leitura e análise das fontes primárias e bibliográficas observamosque a escrita a acompanhou ao longo da vida e se tornou espaço para a reflexão sobre si, para o registro de suas ideias, anseios e sentimentos; uma prática ímpar para o seu *fazer-se.*

Ao irromper o silêncio e escrever, como muitas de suas contemporâneas, Madame de Staël passou a ser criadora. Delineou um espaço de criação de si que estava aberto às várias dimensões *dos possíveis,* com a oportunidade de esboçar a si mesma, registrar seus sentimentos e reflexões – muitas vezes produzindo duras críticas à cultura e sociedade – imprimindo marcas de sua subjetividade e, com isto, subvertendo a ordem patriarcal que impunha silêncio e modéstia às mulheres.

Como observamos, desde menina Madame de Staël foi íntima dos papéis e tinteiros. Seus pais, Suzanne e Jacques Necker, embora não pertencessem à elite por seu nascimento, mas ascenderam por seu esforço pessoal, garantiram educação primorosaà sua única filha. Não pouparam esforços, nem investimentos, para que ela se tornasse – à sua imagem e semelhança – um dos expoentes intelectuais do seu tempo a brilhar nos espaços ilustres da sociedade e com isto, zelar pelo maior legado da família, o sobrenome Necker.

Ao longo desta tese ressaltamos como Madame de Staël foi, ao longo de sua vida, se relacionando com a escrita. Para isto tivemos como objetivo analisar seus escritos desde a infância, até aquelas deixadas inacabadas. Assim, embora tenhamos que fazer escolhas devido a enorme quantidade não apenas de epístolas trocadas ao longo da vida, mas também da quantia impressionante de obras publicadas, nos propusemos a explorar o maior número de obras possíveis para perceber como ela construiu em cada uma delas um espaço para registro de si, esboçando versões de si mesma em cada uma delas.

No primeiro capítulo tivemos a oportunidade de problematizar a concepção de infância e família no século XVIII,atentando para como o projeto ilustrado de organização social teve o gênero como um dos principais alicerces e de como não apenas delimitou os espaços de atuação social de homens e mulheres, mas foi também central para direcionar qual tipo de educação que poderiam ter.

Mesmo que não fosse comum, como citado, Madame de Staël recebeu educação primorosa e desde muito cedo a escrita foi sua companheira. Na infância, além de oportunizar contato com os pais, era um espaço de reflexão, onde registrava suas ideias e elaborava observações sobre as obras que lia, um importante espaço para exteriorizar seus pensamentos e emoções, discorrer sobre seus sentimentos, angústias e alegrias. A partir destas questões, defendemos que é incorreto pensar Madame de Staël como uma mulher genial ou mesmo alguém "a frente do seu tempo". Na contramão do pensamento essencialista, problematizamos como seu lugar de nascimento não apenas garantiu que desfrutasse dos privilégios que lhe garantiram formação ímpar, mas também permitiram que cruzasse algumas fronteiras que pareciam intransponíveis a outros indivíduos.

Entre estas fronteiras, nos dedicamos a refletir sobre as de classe e gênero por entender que tanto em suas práticas e vivências da infância, nas liberdades que adquiriu no seio familiar, nas vantagens que desfrutou ao receber uma educação bem cuidada , na autonomia alcançada pelo casamento e atuação no mundo das letras, com certeza foram vivências mais facilitadas por ser uma *mulher* da *elite*.

Neste sentido, frisamos que Madame de Staël foi uma figura peculiar em vários sentidos e assim entendemos que precisávamos entendê-la em sua individualidade. Foi alguém que, além de seus privilégios de nascimento após seu casamento tornou-se membro da nobreza e por conta disso adquiriu ainda maior mobilidade. Teve a chance de alargar suas possibilidades no que se refere ao *ser* e ao *fazer*. Assim, não apenas pôde ser uma *salonnière* inserida nos debates políticos, mas teve a chance de escrever, publicar suas obras e ainda obter reconhecimento por elas.

Neste sentido, foi importante também analisarmos as possibilidades abertas para as mulheres que ambicionavam participar do universo literário e letrado. Por mais que no século XVIII elas tenham tido a oportunidade de atuar mais livremente na esfera pública, aquela sociedade via com muitas desconfianças uma mulher letrada - e, principalmente aquelas que ambicionavam se tornar escritoras. Ao escreverem, as mulheres tomavam para si a palavra, externavam seus sentimentos e desejos; se faziam agentes de si mesmas. Escrever também significava ter um tempo para si, deixando os afazeres com os filhos, a casa e os outros, criando um mundo de intimidade entre si e o papel.

Contudo, como procuramos demonstrar ao longo da tese, mesmo com as facilidades e os privilégios, sua obstinação em ser escritora foi fundamental para o

seu *fazer-se* no universo letrado. Mesmo quando foi alvo de críticas e escárnios públicos, quando foi violentamente perseguida por suas ideias e histórico familiar, Madame de Staël buscou continuar trilhando aquele que considerava seu caminho, se manteve firme em sua realização pessoal. Mesmo quando lhe diziam para fazer ao contrário, ela continuou escrevendo, publicando suas obras e se fazendo ser ouvida.

Assim, entendemos que apesar do carinho e admiração pelos pais, foi a partir da sua entrada na vida adulta que desabrocharam seus talentos ainda adormecidos, tendo a oportunidade de ousar, de se guiar por suas paixões e sensibilidades, traçando assim, uma carreira literária frutífera e trilhando também pelo perigoso terreno da política. Mesmo enfrentando inúmeras batalhas e muitos obstáculos, Madame de Staël conseguiu obter reconhecimento, demonstrando que nem sempre as mulheres foram obedientes e passivas. Muitas, como ela, ousaram e puderam ser mais do que as normas sociais prescreviam, produzindo suas próprias ideias ao se posicionarem publicamente acerca das injustiças.

Após estes debates, abordarmos o período da Revolução Francesa e do exílio, tivemos a oportunidade de observar tais questões. Madame de Staël se posicionou criticamente sobre o processo revolucionário e percebeu que a escrita poderia ser, naquele momento, uma importante arma política. Com isso, sua escrita ganhou novas dimensões e os textos ensaísticos sobre política e a reflexão sobre a própria literatura ganharam espaço. Mais do que nunca, a escrita e a publicação faziam parte de sua ação política, pois através da promoção da reflexão crítica e do pensamento ilustrado ela buscou contribuir para o fim do fanatismo e inserir novamente a França no rumo do progresso.

A Revolução não poupou as mulheres que ousaram desafiar os valores patriarcais e o poder masculino e Madame de Staël constatou isto na prática. Ela foi exilada a mando de Napoleão, que se tornou seu grande inimigo. Deixou para trás não apenas sua residência, mas também pessoas queridas. No longo período em que esteve afastada da França teve que abrir mão da vida que conhecia, uma vida pública de trocas intelectuais e de sociabilidades cultas e políticas. Assim, ao analisarmos os percursos intelectuais e de sociabilidades da sua vida adulta, além da política e dos círculos letrados, também ressaltamos a importância das sociabilidades e das amizades, visto que foram fundamentais para sua formação, sentimentos de pertença e para sua escrita.

Os vínculos afetivos entre ela, seus amigos e amantes foram marcados pelo respeito, cumplicidade e a admiração mútua, configurando uma rede de suporte e incentivo que ofereceu a ela forças para continuar sua trajetória durante o período em que esteve afastada da França. Foram os amigos que a inspiraram e que, com seus afetos e trocas intelectuais, ajudaram a construir sua trajetória intelectual e individual. Cada um à sua maneira, deixando um pouco de si e levando um pouco dela, formando uma rede onde o *fazer-se* dependia das trocas.

Através da análise das fontes compreendemos que apesar das dificuldades causadas pelo exílio forçado, tal momento não foi marcado apenas pela dor e a solidão. Compreendemos que aquele momento foi importante para Madame de Staël, que teve a oportunidade de viajar pela Europa, de participar de vários outros círculos de sociabilidades letradas, conhecer e estabelecer interlocuções com os principais pensadores de sua época e aprimorar seus conhecimentos através de trocas culturais e intelectuais, o que foi amplamente materializado em sua escrita epistolar, confessional e na produção literária

A escrita se tornou espaço de automodelação, um lugar a partir do qual Madame de Staël atentou ser propício não apenas para registrar fatos, opiniões, sentimentos, mas sobretudo, para a criação literária e de si mesma. A partir desta prática ela conseguiu, pela escrita, realizar o que lhe foi negado pelo arbítrio: fez de seus textos um lugar para a expressão de suas ideias e sentimentos por meio da elaboração de um discurso crítico, contestador e sofisticado. Enfim, apesar das imensas dificuldades, foi um período que propiciou a ela adquirir experiências que foram, em nossa interpretação apresentada nesta tese, definitivas para a produção de sua escrita, que contribuíram para seu aprimoramento intelectual e amadurecimento pessoal, conforme se depreende da leitura de suas obras.

Por fim, no terceito e último capítulo analisamos a compreensão e a relevância da escrita ficcional para Madame de Staël. Buscamos compreender como estruturou as personagens principais de seus dois romances e quais eram os conceitos sobre razão e sentimento que ancoravam suas ideias.

Num primeiro momento problematizamos a literatura no século XVIII refletindo, sobretudo, sobre questões sociais e de gênero que permearam o surgimento, a crítica e a consolidação do romance como gênero literário e como tais questões se fizeram presentes para a formação do cânone literário ao século XVII.

Ressaltamos que nosso objetivo ao levantar tais debates relativos à prática literária nos séculos XVII e XVIII foi problematizar tanto as atividades relativas à escrita, quanto o estabelecimento do cânone. Com isto, buscamos compreender como o gênero se constituiu como elemento central para a formação do universo literário e como estabeleceu parâmetros para a relação que os indivíduos estabeleceram com a cultura escrita. Procuramos demonstrar que estes não são valores naturais ou apolíticos, mas construções que partem de determinados ideais sociais, que forjam, inclusive, as noções de gênio e alta literatura que são transmitidas pelas instituições culturais e escolares.

À luz desta questão, neste capítulo compreendemos que Madame de Staël elaborou sua crítica à primazia da razão, ao defender que os sentimentos e imaginação são esferas tão – ou até mais – importantes, tanto para a formação individual, como também para as sociedades. Ela fez uma *metacrítica* ao pensamento ilustrado, bem como garantiu ao romance lugar privilegiado para divulgar ideias ligadas à filosofia moral, já que este seria o gênero literário mais propício à tocar as emoções dos leitores.

Em seguida, analisamos os dois romances escritos por Madame de Staël, obras onde a autora elaborou enredos com protagonistas mulheres que subvertem os padrões de gênero da sua época, que representam o progresso e o espírito das Luzes, mas que padecem frente a uma sociedade doente calcada em preconceitos.

Entendemos que sua importância reside em sua sensibilidade, em estar atenta aos debates que circulavam em sua sociedade e reunir elementos, colocá-los em conexões, ressignificá-los e/ou encadeá-los de uma maneira que criasse um discurso bastante inovador.

Defendemos que Madame de Staël partiu de suas experiências e concepções sobre a sociedade para compor os romances. São obras onde não apenas advoga em prol da autonomia feminina, mas também elabora uma crítica social ao apresentar aquelas que considera serem as mazelas da sociedade que impediam que a liberdade desabrochasse e que condenavam os espíritos autênticos e virtuosos à miséria. Nelas, a baronesa utilizou a ficção como espaço para expor suas opiniões políticas, transferiu para a escrita suas opiniões sobre a condição feminina, criando heroínas que que combinam todos os atributos que acreditava que as mulheres deveriam ter.

Após uma análise pormenorizada entendemos que Madame de Staël utilizou a imaginação para compor personagens que reúnem, cada uma à sua maneira, virtudes

e traços subjetivos femininos que acreditava serem admiráveis. Ao esboçar as personagens destes textos, a escritora demonstrava o desejo de transgredir o modelo tradicional de feminilidade.

Defendemos que, em ambas as obras, Madame de Staël utiliza a escrita ficcional para criar novas possibilidades; delineia uma "criação do possível" através do uso da imaginação, capacidade humana que exalta como sendo o atributo mais importante dos Homens. Através de histórias que narram não exatamente o *vivido*, mas aquilo que pode ser o *vivível,* ela busca não apenas criar um alter-ego, mas apresentar novas possibilidades às mulheres que, assim como ela, não se satisfaziam com as limitações sociais. Com isto, legitimou sua subjetividade e trajetória diante da perseguição da qual foi vítima, bem como contribuiu para criação de novas poéticas da existência para as mulheres

Para finalizar, destacamos que "fazer-se" foi historicamente muito mais facilitado aos homens. Embora existam limitações ligadas a questões de classe e raça, defendemos que a sociedade impõe menos obstáculos a eles. Já as mulheres encontram mais dificuldades tanto para conseguirem adentrar em certos ambientes, como também para praticar certas atividades como, por exemplo, a escrita literária.

Ao analisarmos a trajetória de mulheres no universo literário, aqui representadas por Madame de Staël, temos a oportunidade de observar que para além do ato de escrever, historicamente a escrita foi uma possibilidade de existência, de ação e criação. Logo, durante a Modernidade, a escrita fez parte do processo de fazer-se para as mulheres. Se hoje elas não estão nas páginas dos livros didáticos, programas de disciplinas dos cursos de Letras e História, não foi por sua ausência ou pela baixa qualidade de suas obras, mas sim por redes de poder que as excluíram dos espaços formais e círculos literários.

Assim, os estudos feministas ocupam hoje um importante lugar dentro da academia e sociedade, pela problematização das obras e trajetórias de mulheres, demonstrando que a produção dos saberes e da cultura se estabelece a partir das relações de poder. Por não serem fruto de uma ordem natural pré-existente, podem – e devem – ser problematizados afim de incluir nos livros de história, literatura, arte e demais áreas do conhecimento, os indivíduos que historicamente foram marginalizados e silenciados.

Por fim, lembramos que o gênero foi um dos alicerces epistemológicos no qual a organização social, bem como os conceitos e práticas que a estruturaram, foram

erigidas. Elas partem de uma base ideológica muito bem estruturada – o que mulheres com capacidade crítica e sensibilidade aguçada, já denunciavam no final do século das Luzes.

Esta foi uma questão importante para nossa pesquisa, pois tivemos a oportunidade de desnaturalizar os discursos setecentistas e perceber que apesar dos esforços e da aparente homogeneidade dos discursos e práticas, as formas de ser e viver nunca foram limitadas pelos discursos. Com um olhar mais atento e cuidadoso, podemos observar os movimentos através das pequenas rechaduras que causaram nas estruturas discursivas e perceber que cada um desdes pequenos vãos permitem que novas possibilidades aflorem, revelando a pluralidade de colorações existênciais, de poéticas da existência.

Com tal movimento, com cuidado e sensibilidade em ir além dos discursos, ao perceber os indivíduos em suas particularidades, temos possibilidade de perceber que estabilidade e limitação de ser homem ou mulher tão apregoada pelos discursos moral, filosófico e religioso, não estão – e nunca estiveram - tão garantidos como seus teóricos gostariam e, historicamente, afirmam estar.

Desta forma, as questões levantadas nesta pesquisa nos permitiram compreender os feminismos, bem como os demais movimentos que lutam pelas liberdades individuais, em sua historicidade. Como também demonstrar que o que se entende por "essência feminina" ou "masculina" não passa de uma construção e que por isto podem e devem ser repensadas afim de que os sujeitos possam viver suas vidas plenamente; que tenham a oportunidade de exercer suas capacidades como lhes parecer melhor Em suma, com as questões colocadas à tanto tempo por Madame de Staël desejamos contribuir para o que a Judith Butler coloca, "para que todas a vidas possam ser vivíveis" sem violência.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS:

Fonte consultadas na Bibliothèque Nacionale de France – François Mitterrand: e disponíveis no Gallica, Bibliothèque Numérique

STAËL, Madame de. **Considérations sur les événements de la Révolution Française**, Paris: Delaunay librarie/Bossange et Masson, 1818.

_____. **De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales,** Paris: L'Imprimerie de Crapelet, 1800.

_____. ***De l'Allemagne*** [S.l.: s.n.], 1810[?].

_____. **Corinne ou l'Italie.** Paris: La Librarie Séréotipe, 1807.

_____. **Delphine.** Londres*:* Chez Dulau/H. Reclan, 1807.

_____. **Dix aneés d'exil.** Paris: Plon-Nourrit/Cie, 1904.

_____. **Réflexions sur le procès de la reine***.* [s.l.:s.n.],1793.

Obras publicadas em livros:

STAËL, Madame. "Essai sur les ficctions". In: STAËL, Madame. **Ouvres Posthumes**. [s.l.:s.n.], V. 01. s/d

Cartas citadas em:

SOLOVIEFF, Georges. **Madame de Staël:** Selected Correspondence. Kluwer Academic Publishers: Dordrecht, 2000.

Beijamin Constant. *Apud* SOLOVIEFF, op. cit.p. 94.

Madame de Staël. Saint Ouen, começo de 1778/1779.\

_____. Saint Ouen, primavera ou verão de 1778/1779.

_____. Paris? Outono de 1795.

_____, Weimar, 15 de sezembro 1803.

_____, Frankfurt, 19 de novembro de 1803.

_____. La Rivière, junho 1787.

_____. Viena, 15 de maio 1808.

_____. Argyle Street, novembro de 1813.

Suzanne Necker. Paris, maio de 1779.

_____. Paris, janeiro de 1786.

Cartas citadas em:

BEAU DE LOMÉNIE, Emmanuel (org). Lettres de Madame de Stael a Madame de Recamier (Org.). Editions Domat, Paris, 1952.

_____, À Juliette. Coppet 02 de setembro, 1805.

_____, À Juliette. Frankfurt, 17 de Julho, [?].

Fontes auxiliares:

CONDORCET. Antoine-Nicolas. “Esboço para um quadro histórico dos progressos do espírito humano. In: GARDNER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

Dictionnaire **Universel françois et Latin, vulgairememt appelé dictionnaire de Trevoux** – Tome VII. Paris: Libraries Associès, 1771.

SAUSSURE. Madame Necker de. **Notice sur le caractere et les écrits de Madame de Staël**. Paris: [s.n.] 1820

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio***:* ou da educação. Tradução Sérgio Millliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

_____. **Júlia ou a Nova Heloísa.** Campinas: Hucitec, 1994.

Imagens:

CARMONELLE, Louis C. **Germanine Necker à l'âge de quatorze ans**, 1780. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/blog/28122017/madame-de-stael-1766-1817 Acesso 10 out 2018.

DEBUCOURT, Philibert-Louis. **Conférence de Madame de Staël,** s/d. Conférence de Madame de Staël. Bibliothèque Nacionale de France. Disponível em <www.gallica.bnf.fr> - Acesso 12 dez 2016.

GREARD, Marguerite. **Madame e Staël et sa fille**, 1805[?]. Disponível em: www.gallica.bnf.fr Acesso 12 dez 2016.

GODEFROID, Marie Éleonore. **Madame de Staël**. s/d. Disponível em https://www.napoleon.org/histoire-des-2-empires/tableaux/portrait-de-germaine-necker-baronne-de-stael-holstein-dite-madame-de-stael-1766-1817/ Acesso 10 set 2016.

JANINET, Jean-François, **4º événement du 5 8bre 1789**/ les femmes parisiennes sègeant à l'assemblée nationale au milieu des députés, 1790. Disponível em: <http://parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/4e-evenement-du-5-8bre-1789-les-femmes-parisiennes-siegeant-a-l-assemblee#infos-principales>. Acesso 08 nov 2017.

MISSOT. Firmin. **Madame de Staël em Corinne**, 1807[?]. Bibliothèque Nacionale de France. Disponível em: <www.gallica.bnf.fr> - Acesso em 12 dez 2016.

VIGÉE-LEBRUN, Madame. **Madame de Staël au Cap Misène**, s/d. Bibliothèque Nacionale de France. Disponível em <www.gallica.bnf.fr> Acesso 12 dez 2016.

Mapas:

BLEAU, Willen J. **Antique Map of Geneva,** 1635. Disponível em Vintage Maps. Disponível em: <https://www.vintage-maps.com/en/antique-maps/europe/switzerland:::20?p=2> Acesso em 20 de jan. de 2019.

SHEPHERD, William R.. **Germany And Italy en 1803**, 1926. University of Texas Libraries.Disponível em: <https://legacy.lib.utexas.edu/maps/historical/history_europe.html> Acesso em 20 de jan de 2019

BIBLIOGRAFIA:

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta**: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

ALMEIDA. Leonardo Pinto de. **Literatura e subjetividade: reflexões sobre a linguagem e o exercício de liberdade.** Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14418.pdf Acesso 12 out 2018.

ANDLAU, B. d'. **Madame de Staël.** Coppet: Slatkine, 2008.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista** (3. ed.). são paulo: brasiliense, 1995.

ARAÚJO, Flora Morena M. M. **Entre mãe e filha: Memórias e experiências da maternidade na escrita epistolar de Suzanne Necker e Madame de Staël**. 96 f. Trabalho de Graduação (Licenciatura e Bacharelado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

_____. **Para além de Sophie: A construção do modelo feminino nas obras Les Conversations d'Emilie, de Madame d'Épinay, e Corinne, de Madame d'Épinay, e Corinne, de Madame de Staël**. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ARCHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. RJ: EdUERJ, 2010.

ARIÈS, Phillippe. "Para uma história da vida privada". In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (Orgs.). **História da vida privada** (vol. 3). Lisboa: Afrontamento, 1990.

BADINTER, Elisabeth. Um Amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. (org). **O que é uma mulher?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. **Émilie, Émilie:** a ambição feminina no século XVIII. São Paulo: Duna Dueto, 2003.

BALAYÉ, Simone. "Comment peut-on être Madame de Staël? Une femme dans l'institution littéraire" In **Romantisme**: Revue du dix-neuvième siècle. nº 77, 1992.

_____. **Madame de Staël Lumières et liberté**. Paris: Klincksieck, 1979.

BALDINI, Massimo (org). **Amizade & Filósofos.** Bauru: EDUSC, 2000.

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. Círculo do Livro, s.d.

BEAUVOIR, Simone. **Segundo sexo.** São Paulo: Difusão Europeia. 1970.

BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismos como crítica da modernidade:** releitura dos pensamentos contemporâneos do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos, 1987.

BORGES, Vany Pacheco. "Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). **Cadernos Pagu** (19), p.113-143, 2002.

BOLZMAN, Claudio. "Elementos para una aproximación teórica al exilio". **Revista Andaluza da Antropologia**. Número 03, 2012. Disponível em: http://www.revistaandaluzadeantropologia.org/index.php?page=referencia Acessado em 5 jan 2018.

BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos Nómades.** Corporización y diferencia sexual em la teoria feminista contemporânea. Buenos Aires, Barcelon, México: Paidós, 2000.

BRESCIANI, Maria Estella. "Entre o amor-próprio e a humilhação. Delphine e Corinne: metáforas da virtude em Germaine de Stael" In: MARZON, Izabel e NAXARA, Márcia (org). **Sobre a Humilhação**: sentimentos, gestos e palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005

_____. **Londres e Paris no século XIX.** *O espetáculo da pobreza.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. "Pouvoir de l'imagination: du for intérieur aux moeurs publiques Germaine de Staël et les fictions littéraires". In: HAROCHE, Claudine (org.). **Le for intérieur.** Paris: PUF, 1995.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; revisãotécnica: Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

BURNARD, Léonard; GENAND, Stéphanie; SETH, Catriona. Germaine de Staël et Benjamin Constant: L'esprit de liberté. Géneve/Paris:Perrin/Fondation Martin Bodmer, 2017.

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CAETANO, Luísa Duarte. **A ficção entre duas épocas:** tradução comentada do *Essai sur les fictions* e das *Trois Nouvelles* de Madame de Staël. 245f (Dissertação de Mestrado), Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2018. Disponível http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/142/browse?value=Luiza+Duarte+Caetano&type=author Acesso 12 mar 2019

CLARK, T. J. As condições da criação artística. In: ___ **Modernismos:** ensaios sobre política, história e teoria da arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CARDOSO Jr., Hélio Rebello. “Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo”. **Psicologia:** Reflexão e Crítica. vol. 18, núm. 3, setembro-dezembro, 2005.

CASBANET, Michèle Crampe-. “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII”. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1999.

CASSIRER, Ernst. **A questão Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: UNESP, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Revista Patrimônio e Memória**, v.3, n.1, p. 45-62, 2007. Disponível em: http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455, acesso 15 out 2015.

CHARTIER, Roger. “A história cultural: entre práticas e representações: In CHARTIER, R. **A beira da falésia.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. “As práticas da escrita” in ARIÉS, Philippe (org.). **História da vida privada** - da Renascença ao século das luzes. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo, Ed. UNESP,
2003.
_____. “O homem de letras”. In: VOLVELLE, Michel (Org). **O Homem Do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

_____. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?.** Belo Horinzonte: UFMG, 2009.

CORVISIER, André. **História Moderna**. São Paulo: Difel, 1976.

DARNTON, robert. ***Boemia literária e revolução****: o sub-mundo das letras no antigo regime.* são paulo, companhia das letras, 1979.

_____. **Os dentes falsos de George Washington:** um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter PálPelbart. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **Crítica e clínica**. 2.ed. Tradução Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma.** Trad. João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989.

DIDIER, Béatrice. **Corinne ou l’Italie de Madame de Staël**. Coletion Folio, Gallimard, 1999.

DIAS, S. Partir, evadir-se, traçar uma linha: Deleuze e a literatura. **Educação,** Porto Alegre, ano XXX, n. 2, 62, maio/ago, 2007.

DUBEAU, Catherine. **La lettre et la mère:** roman familial et écriture de la passion chez Suzanne Necker (1737-1794) et Germaine de Staël *(1766-1817).* Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2013.

DUCHET, Michèle. **Anthropologie et histoire au des Lumiéres**. Paris; Albin Michel, 1995.

DULONG, Claude. "Da conversação à criação" In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs.). **A História das mulheres no Ocidente:** Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

DUFLO, Colas. **Les aventures de Sophie:** La philosophie dans de romana au XVIIIeme siècle. Paris: CNRS Éditions, 2013.

DUMOUCHEL, Suzanne. Le **Journal Litteraire au XVIIIeme Siècle**: Une nouvelle Culture des textes et de la lecture (1714-1777). Disponível em https://hal.inria.fr/file/index/docid/914819/filename/2012PA030134.pdf Acesso 12 jun 2017.

ECOSTEGUY, Ana Carolina D. "Uma introdução aos Estudos Culturais". In Revista **FAMECOS**, nº 06. Porto Alegre. 1998.

FARGE, Arlette, DAVIS, Natalie Zemon. "Introdução" In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs.). **A História das mulheres no Ocidente:** Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

FELSKI, Rita. **The Gender of Modernity.** Paperback, 1995

FERRER, Xavier Roca-. **La Baroneza de la liberdad***.* Madrid: Berenice, 2015.

FLAX, Jane. **Psicoanalisis y feminismo: pensamientos fragmentários.** Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. ***A ordem do discurso.*** São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **História da Sexualidade.** Vol1; A Vontade de Saber. Ed. Graal. São Paulo, 2010.

_____. **História da sexualidade**. VOll. 2 ; O uso dos prazeres. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

GOETHE, W. & SCHILLER, F., **Companheiros de Viagem**, Nova Alexandria: São Paulo, 1993, p. .201.

GODINEAU, Dominique. "A Mulher". In: VOLVELLE, Michel (Org). **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

_____. **Les femmes dans la société francaise(XVIème-XVIIIème siècle).**Paris: Armand Colin, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso filosófico da Modernidade***: (*Doze Lições). Martins Fontes: São Paulo, 2002.

GUINSBURG. (org). **O Romantismo.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

HALL, Catherine. Sweet Home. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida Privada:** da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & realidade, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de janeiro: DP&A, 2000.

HEROLD, J. Christopher. **Mistress to an age**: a life of Madame de Staël. New York: Grove Press, 2002.

HESSE, Carla. **The Other Enlightment:** How the French Women Became Modern. Princeton New Jersey: University Press, 2003.

HITA, Maria Gabriela. Igualdade, identidade e diferença (s): feminismo na reinvenção de sujeitos. In: DE ALMEIDA, Heloisa Buarque; COSTA Rosely Gomes; RAMIREZ, Martha Célia; SOUZA Érica Renata de. (org). **Gênero em matizes.** Bragança Paulista: CDAPH/Universidade São Francisco, 2002., p. 331 1958.

HOBSBAWM, Eric J. ***A Era das Revoluções*** *1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____ (Org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro; Bazar do Tempo, 2019.

_____. **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

IM HOF, Ulrich. **A Europa no século das Luzes.** Lisboa: Editorial Presença, 1995.

.

JENSEN, Silvina. **Los Exilados**. Buenos Aires: Sudamerica, 2010.

KANNEY. Françoise Massardier. **Madame de Staël, translation and Race.**Disponível em http://slavery.uga.edu/texts/criticalessays/Madame de Staël.pdf Acesso 20 de mar 2015.

KANT, E. "**Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?** (aufklärung). in: *textos seletos.* petrópolis: vozes, 1980.

KOSELLECK, r. **Crítica e Crise**. rio de janeiro: eduerj/contraponto, 1999.

LAURETIS, Teresa. de. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Eloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. **Cadernos Pagu**, 1997, pp. 99-1l4. Disponível em: http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1879/2000 Acesso 15 abr 2016.

LILTI, Antoine. Germaine de Staël et lacélébrité". In: BURNAND, Léonard; GENAND, Stéphanie; SETH, Catriona. **Germaine de Staël et Benjamin Constant:** L'esprit de liberté. PERIN. Fondation Martin Bodmer. Paris: Genène, 2017.

_____. **Le monde des salons:** Sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIeme siècle. Paris: Fayard, 2005.

LIMA, Luiz Costa. **Melancolia:** literatura. São Paulo; Editora UNESP, 2017.

LOTTERIE, Florence: **Une revanche de la «femme-auteur» ? Madame de Staël disciple de Rousseau**. http://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_2003_num_33_122_1218 Acesso 28 jul 2017.

LEFEBVRE, Catherine beaudet-. **Les fondements de la théorie staëlienne de l'engagement en littérature.** Disponível em http://depot-e.uqtr.ca/7573/1/030884515.pdf Acesso:28 ago 2017.

LOPES, Emília Mendes. **Discurso ficcional:** uma tentativa de definição. 156f (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüisticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

LOTTERIE, Florence. **Une revanche de la «femme-auteur**» ? Madame de Staël disciple de Rousseau. http://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_2003_num_33_122_1218 Acesso 28 ago 2017.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias. **Em diálogo**: estudos literários e lingüísticos. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Da amizade entre homens e mulheres: Culturas e sociabilidades nos salões iluministas**. História. *Questões e Debates*, v. 46, 2008.

_____. Vosne. **O caso Naná**: representações de gênero no encontro entre texto e imagem no século XIX. História: Questões & Debates, v. 34, n. 1, 2001.

_____ **Os salões iluministas e a produção da escrita demulheres**. Texto apresentado no evento "Sentimentos na História", promovido pela Linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História, do Programa de Pós- Graduação em História da UFPR, realizado em novembro de 2010. (Não publicado)

_____ **Veredas insuspeitadas para o feminismo**: das relaçõesentre o humanismo liberal, o reformismo social e o feminismo no século XIX. Texto nãopublicado e apresentado no I Colóquio Nacional de Gênero e História da UNICENTRO em Guarapuava em junho de 2013.

_____. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de. "Osdesafios teóricos da História e a Literatura". In **CONTRA-PONTO:** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, V. 2. N. 1, Ago de 2013.

MIRANDA, Anadir dos Reis. **Proto-feministas na Inglaterra setecentista:** Mary Wollstonecraft, Mary Hays e Mary Robinson: Sociabilidades, subjetividades e escrita de mulheres (tese de doutorado). UFPR: Curitiba, 2017,

MISSIO, Edmir. "Apresentação". In: STAËL, Madame de. **Da Alemanha**; Tradução Edmir Míssio. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

MOI, Toril. Teoria Literária Feminista. Madri: Cátedra, 1988

MORIN. Tânia Machado. **Virtuosas e Perigosas:** As mulheres na Revolução Francesa. São Paulo: Alameda, 2013

_____. **Práticas e representações das mulheres na revolução francesa** – 1789-1795. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-01022010-165929/pt-br.php Acesso 16 fev 2018.

MOTA. Carlos Guilherme. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Ática, 1989.

MONTANĒZ, Amanda Pérez. **Vozes do exílio***:* e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba. Londrina: EDUEL, 2013.

ONFRAY, Michel. **La force du sexe faible**. Contre-histoire de la revolution française. Autrement, 2016.

OZOUF, Mona. *L***es Mots des Femmes***.* France: Gallimard: 1999.

_____. **Procès des formes et proces de la Révolution**. Disponível em https://www.cairn.info/revue-commentaire-2010-4-page-921.htm Acesso 15 out 2017.

POLLOCK, Griselda. "A modernidade e os espaços de feminilidade" In: MACEDO, Ana Gabriela e RAYNER, Francesca (ORG). **Gênero, cultura visual e performance**: Antologia Crítica, 2011.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. "Maneiras de Morar". In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida Privada*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
_____. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, no. 18, p. 9-18, São Paulo: ANPUH, 1989.

RAGO, Margareth L. "Adeus ao feminismo. Feminismo e (pós)modernidade no Brasil". **Cadernos AEL**, n. 3/4, p. 1-33, 1995/1996, p. 15. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf. Acesso mai 2017.

_____. A Aventura de Contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

_____. **A "mulher cordial":** feminismo e subjetividade. In: Verve, n. 6, p. 279-296, 2004.

_____. **Da insubmissão feminista na atualidade**. Entrevista concedida ao programa Café Filosófico CPFL. Disponível em: http://www.institutocpfl.org.br/play/da-insubmissao-feminista-na-atualidade-com-margareth-rago-versao-completa/ Acesso12 mai 2019.

_____. **Epistemologia feminista, gênero e História.** Disponível em http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Epistemologia_Feminista.pdf . Acesso 18 jun 2013.

_____. **Feminismo e Subjetividades em Tempos Pós Modernos.** In: COSTA, Cláudia de Lima e SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e Políticas Feministas.* Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

RAGO, Luzia Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Para uma vida não-fascista.** Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2015.

RÉDEI, Anna Cabak. **An Inquiry into Cultural Semiotics:** Germaine de Staël's Autobiographical Travel Accounts.Discponível em: https://lucris.lub.lu.se/ws/files/5680981/1299331.pdf. Acesso 12 ago 2017.

.

REIS, José Carlos. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Cartografias do Desejo.** Editora Vozes, Petrópolis.

RUDINESCO, ELISABETH. **Théroigne de Méricourt:** uma mulher melancólica durante a Revolução. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História,** v.22, n.44, 2002.

SALVADORE, Évelyne Berriot. "O discurso da medicina e da ciência". In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs) **História das mulheres no Ocidente.** Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

SCHULTE, Regina; TIPPELSKIRCH, Xenia Von. "**Reading, interpreting and historicizing: Letters as historical sources".**

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p.3-21, 1997.

SCOTT, Joan. **A Cidadã Paradoxal:** As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.

_____. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Dísponível em http://www.archive.org/details/scott_gender. Acesso 25 jan 2011.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História***:* homens, mulheres e a prática histórica. Bauru: Edusc, 2003.

SHOWALTER, Elaine. "A crítica feminista em território selvagem". In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOARES, Fabiana Regina da Silva. **Tradução Comentada das Cartas de Lord Byron para e sobre Madame de Staël**. 151f (Dissertação de Mestrado) Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOIHET, Rachel "História das Mulheres". In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SONNET, Martine. “Uma filha para educar”. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs) **História das mulheres no Ocidente.** Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

TELLES, Norma. “Estrelas na areia”. In MARGARETH, Rago, (org). **Revista Aulas da Unicamp,** nº 7 – Dossiê “Estéticas da existência”, 2010. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Revista_Aulas_Dossie_06_Foucault_e_as_esteticas_da_existencia.pdf Acesso 07 out 2018.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa (1789-1799***).* São Paulo: UNESP, 2012.

_____. “Introdução”. In: VOLVELLE, Michel (Org). **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Presença, 1997.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-Chave**: Um Vocabulário de Cultura e Sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Cultura e Sociedade:** de Cambridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 55.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 4 ed. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001

WOLLSTONECRAFT, Mary. Vindicación de los derechos de la mujer. Valência: Edicones Cátedra, 2000.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu***.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ZECHLINSKI, Beatriz P., **Três autoras francesas e a cultura escrita no século XVII:** Gênero e Sociabilidades. 229 f. Tese (Doutorado em História) -Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/BEATRIZZECHLINSKI.pdf Acesso 10 ago 2013.

Sites:

Bibliothèque Nacionale de France. Disponível em: www.gallica.bnf.fr

Vintage Maps. Disponível em: https://www.vintage-maps.com/en/antique-maps/europe/switzerland:::20?p=2

University of Texas em: https://legacy.lib.utexas.edu/

Fontation Napoleon em: www.napoleon.org

ANEXOS

	MADAME DE STAËL E SUA FAMÍLIA	CULTURA ESCRITA	ACONTECIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS
1759		Publicação de Cândico ou o Otimismo de Voltaire	
1760			
1761		Publicação *Julia ou a nova Heloísa* de J. J. Rousseau	
1762		Publicação de *Emilio ou da educação* e *Do contrato social*, ambas de J. J. Rousseau	
1763			
1664	Casamento de Suzanne Curchod e Jacques Necker	Publicação de *Dicionário filosófico* de Voltaire	
1665		Conclusão dda *Enciclopédia* em seus volumes iniciais	
1766	Nascimento de Anne-Louise Germaine Necker, a futura Mme. De Staël		
1761			
1762			
1774		- publicação a *obra Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe	-Falecimento do rei Luís XV - Início do reinado de Luís XVI

.

1775		- Publicação Sistema físico e moral da mulher Pierre Russel	
1776		- Publicação da obra A riqueza das nações de Adan Smith	- Início do primeiro ministério de Necker junto ao reinado francês. cargo ocupado “Diretor do tesouro real.
1777			
1778	Devido a uma estafa mental, Germaine se afasta de Paris por ordens médicas e passa um tempo no campo para se recuperar		
1779			
1780			
1781		- Publicação da obra *Crítica à Razão Pura* de Kant	Fim do primeiro ministério de Necker. Que se vê obrigado a deixar Paris após receber uma *Lettre de Cachet*
1782			
1783			
1784	- Necker compra o castelo Coppet, às margens do lago Léman, na Suiça		
1785			
1786	- - Casamento com o barão Magnus Erick de Staël-Hosltein		
1787	- Nascimento da sua primogênita Édwige-Gustavine (1787 -		

.

	1789), filha do seu marido o barão de Staël, mas que faleceu poucos meses depois.		
1788	Publicação de *Lettres sur les ouvrages* et le caractere de J.-J. Rousseau.	- Publicação de Paulo e Virgínia por Saint-Pierre de Bernardin	- Início do segundo ministério de Necker junto ao reinado francês - Convocação dos Estados Gerais - Caderno de queixas disponibilizado para a população
1789	Início provável do seu romance com Louis de Narbonne (Ministro de Luís XVI)		- Afastamento de Necker do ministério - Tomada da Bastilha (marco do início da Revolução Francesa) - Após pressão popular Necker volta ao cargo - Marcha das Mulheres sobre Versalhes - Publicação dos diretos universais do homem e do cidadão - Olympe de Gouges vai à tribuna ler O direito universal da mulher e da cidadã
1790	Nascimento de seu filho Auguste (filho provável da sua relação com Nabonne Lara) August Staël von Holstein - filho responsável pela compilação e publicação das obras póstumas de Staël - (1790-1827)		- Abolição dos direitos senhoriais - Supressão das *Lettres de Cachet* - Festa da federação
1791			- Proclamada a constituição

1792	- Nascimento do seu filho Albert (também provável fruto de sua relação com N. Lara) Afastamento de Paris devido à perseguição política. Segue para Coppet, na Suiça.	- Pública a obra Reinvidicação pelos direitos da mulher de Mary Wollstonecraft	- França declara guerra aos reis da Hungria e Bohêmia - Início da Primeira Guerra da Coalisão (que dura até 1797) - Invasão popular ao palácio das Tulherias - Rei e família real transferidos para prisão do Templo - Votação para convenção
1793	- Viagem à Inglaterra - Publicação Reflexões sobre o processo da rainha		- Julgamento, condenação e execução do rei no Campo de Marte - Criação do tribunal revolucionário - Julgamento e guilhotinamento de Maria Antonieta - Charlotte Corday Assassina Marat
1794	- Início de seu relacionamento amoroso com Benjamin Constant que durou cerca de 14 anos. - Morte de Suzanne Necker		- Fim da escravidão nas colônias - Início do período do terror
1795	- Publicação de Recueil de Morceaux datachés - Exilada pelo comitê da saúde pública	- Publicado cladestinamente o livro Filosofia da Alvoca de Marquês de Sace	- Adoção de uma nova Constituição - Eleições para o diretório -
1796			- Comandante chefe de exército na Itália
1797	- Divórcio amigável do barão de Staël - Nascimento de sua filha Albertine (fruto de sua relação com B. Constant		

1798	- Passa o ano na residência da família em Saint Ouen. E em outubro segue para Coppet.		- Embarque de Bonaparte para o Egito - Segundo guerra da coalsã
1799	Se dirige para Paris para o 18 brumário		- Golpe 18 brumário
1800	- Publicação De la Littérature		
1801			
1802	Publicação do romance *Delphine*		Napoleão proclamado Cônsul Vitalício
1803	Em outubro recebe nova ordem de exilada da França então parte para França por Constant		
1804	- Viagem à Itália com Schlegel - Morre Jacques Necker		
1805			- Napoleão se autoproblema Imperador
1806			- Imposição do bloqueio Continental
1807	Publicação do Romance *Corinne ou l'Italie* - Madame de Satël vai a Viena com Schlegel		
1808			
1809	- Conhece seu futuro marido John Rocca	Publicada a obra Afinidades eletivas de Goethe	
1810	Publicação do tratado *De l'Alemagne*		

.

1811			
1812	- Nasce seu filho com seu segundo marido, Louis-Aphonse - Viaja rumo Viena, São Petesburgo, e Estocolmo	Publicada a obra orgulho e preconceito de Jane Austen	
1813	Publicação de Reflexões sobre o suicídio - Viagem a Londres		
1814	Volta à Paris		
1815		- Publicada a obra Emma de Jane Austen	- Napoleão chega à Moscou, mas pouco tempo se retorna. Perde a Batalha de Waterloo.
1816	- Publcação Do espírito das traduções		
1817	Morte Madame de Staël (no ano seguinte seu marido també falece) - Publicação póstuma da obra Reflexões sobre a Revolução Francesa, sob organização do seu filho auguste.	- Publicada a obra Persuasão de Jane Austen	